



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

**A TRADUÇÃO LITERÁRIA COMO TRANSCRIÇÃO E REFLEXÃO
INTERCULTURAL EM CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES**

Maria Claudia Bontempi Pizzi

SÃO CARLOS
2015



Universidade Federal de São Carlos



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística



A TRADUÇÃO LITERÁRIA COMO TRANSCRIÇÃO E REFLEXÃO INTERCULTURAL EM CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

MARIA CLAUDIA BONTEMPI PIZZI
Bolsista: CAPES/Doutorado

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Ensino/aprendizagem de Línguas

Orientadora: Profª. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

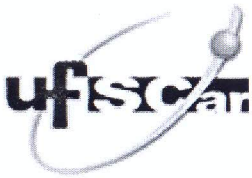
São Carlos – São Paulo, Brasil
2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P695t Pizzi, Maria Claudia Bontempi
A tradução literária como transcrição e reflexão
intercultural em cursos de formação continuada de
professores / Maria Claudia Bontempi Pizzi. -- São
Carlos : UFSCar, 2016.
285 p.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2015.

1. Ensino/aprendizagem de línguas. 2. Tradução
literária. 3. Transcrição. 4. Reflexão
intercultural. 5. Formação continuada de professores.
I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Maria Claudia Bontempi Pizzi, realizada em 20/03/2015:

Profa. Dra. Maria Silvia Cintra Martins
UFSCar

Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras
UNICAMP

Prof. Dr. John Milton
USP

Prof. Dr. Nelson Viana
UFSCar

Profa. Dra. Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula
UFSCar

Dedico este trabalho aos meus pais, por tudo o que me ensinaram. Se cheguei até aqui, foi graças aos valores que me passaram e às oportunidades que me proporcionaram.

À minha orientadora, por acreditar em mim e por ser um exemplo de responsabilidade e versatilidade acadêmica.

Aos professores que tive, por acreditarem em seus alunos e por não desistirem do ensino.

E, finalmente, a todas as pessoas de bem que fizeram parte da minha vida. Carrego um pouquinho de cada uma comigo, em minhas tentativas de ser uma pessoa sempre melhor.

AGRADECIMENTOS

Em minha dissertação de mestrado, agradeço a muitas pessoas que não posso deixar de citar novamente, pois ainda fazem parte de todas as minhas conquistas. Outros nomes se juntaram à primeira lista durante os últimos anos. Vamos a eles:

Agradeço aos meus bisavós, cidadãos italianos e espanhóis, por serem um exemplo de esperança e, principalmente, de coragem. Atravessaram um oceano e vieram para o Brasil em uma época em que as viagens demoravam meses e não se sabia ao certo o que poderiam encontrar no chamado Novo Mundo. Chegaram aqui sem posses e sem dinheiro, e trabalharam duro para construir uma vida melhor para filhos, netos e bisnetos.

Aos meus avós, que mesmo vindo de origens rurais e operárias, sempre souberam valorizar os estudos e batalharam a vida toda para que todos os filhos conseguissem um diploma de ensino superior. Laura, Angelino, Clorinda e Carlos: vocês todos vivem a partir das minhas memórias.

À minha mãe, Malu, por me contar histórias e me apresentar aos livros, pelo exemplo de profissionalismo, pela vontade infundável de aprender coisas novas.

Ao meu pai, Carlos, por ser íntegro e honesto e por saber de tudo um pouco ou muito de tudo.

Aos meus irmãos, Marcia e Marcello, pela oportunidade de conviver com as diferenças e por me lembrarem de que todos temos algo a ensinar e algo a aprender.

Aos meus tios Célio e Iza, por terem me acolhido tão bem nos momentos atribulados de finalização da tese e início de um novo emprego em uma nova cidade.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins, por ter abraçado a minha ideia, por ter acreditado em meu trabalho, pelas oportunidades práticas que me proporcionou e por me mostrar o quão polissêmico um pesquisador pode ser.

À Profa. Dra. Cibele Cecilio de Faria Rozenfeld, por ter me ajudado na configuração do meu curso no Moodle e por ter aberto as portas do seu próprio curso virtual para a minha coleta de dados.

À equipe do Portal dos Professores, por ter dado todo o suporte para o nosso segundo curso de formação oferecido na modalidade EaD.

Aos membros do grupo de pesquisa LEETRA, pelo companheirismo em todos os projetos de que participamos.

Aos professores do PPGL que tão bem me receberam em suas disciplinas e em seus projetos: Profa. Dra. Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula, Profa. Dra. Rosa Yokota, Profa. Dra. Eliane Hércules Augusto Navarro, Profa. Dra. Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes, Profa. Dra. Camila Höfling e Prof. Dr. Nelson Viana. Agradeço também à Profa. Lúcia Maria de Assunção Barbosa, agora docente da UnB, e à Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras, que muito gentilmente me aceitou como sua aluna especial na UNICAMP. Todos contribuíram de alguma forma para o meu crescimento como pesquisadora.

Aos professores que participaram do meu exame de qualificação e da minha defesa, por dedicarem seu precioso tempo à leitura do meu trabalho e por me ajudarem a complementá-lo e aprimorá-lo.

Aos meus colegas, graduandos do DL, mestrandos e doutorandos do PPGL, pelas experiências que compartilhamos.

À Profa. Dra. Maria das Graças Gomes Villa da Silva, por me orientar nas primeiras etapas da minha vida acadêmica.

À UFSCar e à CAPES por me acolherem como aluna e por me oferecerem apoio.

Aos autores cuja bibliografia foi de importância enorme para o meu trabalho.

Aos professores em formação e em serviço que são os sujeitos desta pesquisa. Sem a participação de vocês, este trabalho não teria se tornado realidade.

Aos inúmeros estudantes, das mais variadas faixas etárias e níveis de escolaridade, dos quais tive a honra de ser professora. Da mesma forma que espero ter-lhes ensinado lições valiosas, registro que aprendi muito com cada um de vocês.

Aos meus colegas e amigos de trabalho do passado e do presente. São muitos os nomes, mas sintam-se citados e abraçados como agradecimento por todas as ideias, sugestões e experiências que trocamos.

Às minhas amigas que me acompanham desde o colégio (Ariane, Belenice, Olívia e Miriam), às amigas sinceras que fiz durante a faculdade (Ana Márcia, Sabrina e Tania) e às pessoas que me foram simpáticas sempre que precisei.

A Deus, em todas as suas formas.



Figura 1. Torre de Babel¹

¹ Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetismo/07.076/4782>. Acesso em: 17 fev. 2015.

O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente./ E os que leem o que escreve,/ Na dor lida sentem bem,/ Não as duas que ele teve,/ Mas só a que eles não têm./ E assim nas calhas de roda/ Gira, a entreter a razão,/ Esse comboio de corda/ Que se chama coração. (PESSOA, 1995²).

(...) pode-se comprovar não ser possível existir uma tradução, caso ela, em sua essência última, ambicione alcançar alguma semelhança com o original. Pois na continuação de sua vida (que não mereceria tal nome, se não se constituísse em transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica (BENJAMIN, 2008, p. 70).

O ouvido afiado que escuta e “escreve” denuncia o parentesco indissolúvel entre a voz e a escritura, entre a audição e a leitura, todas unidas pelo fio da interpretação que impõe ao outro a tarefa essencial do jogo tradutório: a transformação da língua “estrangeira” em língua “materna”, do desconhecido em conhecido, da leitura em escritura, e de qualquer pretensão ao universal numa perspectiva marcada e localizada na tribo em que nasce. (ARROJO, 1993, p.68).

² PESSOA, F. Autopsicografia. In: _____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1995.

RESUMO

A presente tese alinha-se com a concepção de que o processo de ensino/aprendizagem de línguas está intrinsecamente ligado a questões culturais, e de que tanto o aluno quanto o professor devem refletir sobre essa relação durante um processo intercultural de aprendizagem. Cultura é uma questão de alteridade: colocar-se no lugar do outro e, ao mesmo tempo, assumir-se como indivíduo, como parte de um contexto sociocultural diferente – é um exercício de traduzir e traduzir-se. Dessa forma, partimos do pressuposto de que a tradução de canções e textos literários no ensino/aprendizagem de língua inglesa, por exemplo, poderia oferecer aos alunos a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas da língua estrangeira e portuguesa, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo e introduzindo-os no trabalho criativo, além de possibilitar o contato com questões culturais dos países de língua inglesa a partir do estudo das letras de música e da literatura, ricas fontes de informação sobre questões socioculturais e históricas. Buscou-se, portanto, em um primeiro momento, investigar e discutir as representações (MOSCOVICI, 1997, 2013; JODELET, 1997) que alunos e professores (em formação e em serviço) carregam sobre o ato tradutório, promovendo exercícios e cursos de conscientização e reflexão, teórica ou prática, sobre o tema. Após esse estudo, como recorte para aprofundamento da pesquisa e análise de dados, foram escolhidos como sujeitos os professores em serviço que participaram de um dos cursos oferecidos com a finalidade de promover a reflexão interdisciplinar sobre a língua/cultura estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua/cultura materna dos cursistas a partir do pressuposto de que traduzir pode significar interpretar, e que ao tradutor cabe um papel de segundo autor que, ao colocar-se no lugar do autor do texto original, resgata significados e transporta-os para o outro lado, ligando os dois planos em um exercício de alteridade cultural (PAZ, 1976, 1990; DERRIDA, 1998; CAMPOS, 1992, 2013a, 2013b, 2013c; ARROJO, 1992, 1993, 2002; OTTONI, 1997, 1998; etc.). Por fim, de um modo geral, além dos objetivos descritos, a intenção foi contribuir para disseminação das práticas de leitura de vários gêneros textuais, para valorização do trabalho de tradução e do tradutor, para o processo formativo reflexivo de professores em serviço e para que a área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e língua materna se expanda ainda mais, buscando melhores panoramas para o ensino/aprendizagem de línguas no Brasil.

Palavras-chave: Ensino/aprendizagem de línguas. Tradução literária. Transcrição. Reflexão intercultural. Formação continuada de professores.

ABSTRACT

This thesis aligns with the idea that language teaching and learning is intrinsically linked to cultural issues, and that both the student and the teacher should think about this relationship during an intercultural learning process. Culture is a question of otherness: putting yourself in someone else's place and, at the same time, assuming yourself as individual, as part of a different socio-cultural context in an exercise of translation and self-translation. Thus, we believe that the translation of songs and literary texts in English learning and teaching, for instance, could offer students the possibility of thinking, during the act of translation, about the lexicon and structures of the foreign language and the mother tongue, contributing to the enhancement of the training process and introducing them to creative work, as well as enabling contact with cultural issues of English-speaking countries from the study of lyrics and literature, rich sources of information on socio-cultural and historical topics. Therefore, at first the researcher aimed at investigating and discussing the representations (MOSCOVICI, 1997, 2013; JODELET, 1997) that students and teachers (in training and in service) carry on the act of translation, presenting exercises and courses in order to promote theoretical and practical awareness on the subject. After this preliminary study, in-service teachers who participated in one of the courses were chosen as subjects for further research and data analysis on the role of literary translation exercises in classroom in order to promote interdisciplinary reflection on the foreign language/culture and, at the same time, on the student's own maternal language/culture following the concept that translating can mean interpreting, and that the translator plays a crucial role of second author who rescues meaning and transports them to the other side, connecting the two plans in a cultural otherness exercise (PAZ, 1976, 1990; DERRIDA, 1998; CAMPOS, 1992, 2013a, 2013b, 2013c; ARROJO, 1992, 1993, 2002; OTTONI, 1997, 1998; etc.). Finally, in general, in addition to the commented objectives, the intention was to contribute to the spread of the reading practices of various genres, to the appreciation of translation and the translator, to the reflective learning process of in-service teachers and for further expansion of the area of foreign and first language teaching and learning, seeking the best future for the area in Brazil.

Keywords: Language learning and teaching. Literary translation. Transcreation. Intercultural reflection. Teacher's continuing education.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1. Torre de Babel	iv
Figura 2. ESCHER, M. C. Mãos desenhando-se	1
Figura 3. <i>La belle dame sans merci</i> , por Arthur Hugues	78
Figura 4. <i>La belle dame sans merci</i> , por Henry Meynell Rheam	78
Figura 5. <i>La belle dame sans merci</i> , por Frank Dicksee	79
Figura 6. <i>La belle dame sans merci</i> , por Frank Cadogan Cowper	79
Figura 7. Haikai de Bashô	80
Figura 8. Mapa conceitual – Impressões sobre tradução literária em sala de aula	96
Figura 9. Página inicial de acesso ao Moodle Institucional – 2012	105
Figura 10. Página inicial do AVA da atividade de extensão – 2012	116
Figura 11. Ícones disponíveis no Módulo Introdutório – 2012	117
Figura 12. Apresentação docente aos alunos – 2012	117
Figura 13. Ícones disponíveis no Módulo 1 – 2012	118
Figura 14. Atividade 2 – Módulo 1 – 2012	118
Figura 15. Ícones disponíveis no Módulo 2 – 2012	119
Figura 16. Trecho do enunciado da Atividade 4 – Módulo 2 – 2012	119
Figura 17. Ícones disponíveis no Módulo 3 – 2012	120
Figura 18. Atividade 5 – Módulo 3 – 2012	120
Figura 19. Ícones disponíveis no Módulo 4 – 2012	121
Figura 20. Trecho do enunciado da Atividade 10 – Módulo 4 – 2012	121
Figura 21. Ícones disponíveis no Módulo 5 – 2012	122
Figura 22. Trecho do enunciado da Atividade 12 – Módulo 5 – 2012	122
Figura 23. Ícones disponíveis no Módulo 6 – 2012	123
Figura 24. Trecho do enunciado da Atividade 14 – Módulo 6 – 2012	123
Figura 25. Ícones disponíveis no Módulo 7 – 2012	124
Figura 26. Trecho do enunciado da Atividade 16 – Módulo 7 – 2012	124
Figura 27. Ícones disponíveis no Módulo 8 – 2012	125
Figura 28. Página principal do Portal dos Professores – 2014	126
Figura 29. Página inicial para acesso ao Moodle do Portal dos Professores – 2014	128
Figura 30. Divulgação do curso no site do grupo LEETRA – 2014	129
Figura 31. Termo de Consentimento Informado – 2014	131

Figura 32. Página inicial do AVA da atividade de extensão – 2014	141
Figura 33. Ícones disponíveis no Módulo Introdutório – 2014	142
Figura 34. Ícones disponíveis no Módulo 1 – 2014	142
Figura 35. Ícones disponíveis no Módulo 2 – 2014	143
Figura 36. Ícones disponíveis no Módulo 3 – 2014	143
Figura 37. Ícones disponíveis no Módulo 4 – 2014	144
Figura 38. Ícones disponíveis no Módulo 5 – 2014	144
Figura 39. Ícones disponíveis no Módulo 6 – 2014	145
Figura 40. Ícones disponíveis no Módulo 7 – 2014	145
Figura 41. Ícones disponíveis no Módulo 8 – 2014	146
Figura 42. Página inicial do Módulo 5 com indicação de novo fórum – 2014	147
Figura 43. Parte do enunciado da novo fórum (Módulo 5) – 2014	148
Figura 44. Exemplo de questionário – Atividade 2: Reflexões Iniciais – 2012	149
Figura 45. Nuvem de palavras – expectativas quanto ao curso – 2014	159
Figura 46. Nuvem de palavras – o que levamos do curso para a vida profissional?	180
Gráfico 1. Gênero dos cursistas – 2012	109
Gráfico 2. Estado de residência dos cursistas – 2012	109
Gráfico 3. Faixa etária dos cursistas – 2012	110
Gráfico 4. Escolaridade dos cursistas – 2012	110
Gráfico 5. Cursos de graduação – 2012	111
Gráfico 6. Cursistas por número de cursos de graduação – 2012	111
Gráfico 7. Natureza da instituição de graduação – 2012	112
Gráfico 8. Grau de atuação no magistério – 2012	112
Gráfico 9. Disciplina que leciona – 2012	113
Gráfico 10. Proficiência em Língua Inglesa – 2012	113
Gráfico 11. Gênero dos cursistas – 2014	132
Gráfico 12. Estado de residência dos cursistas – 2014	132
Gráfico 13. Faixa etária dos cursistas – 2014	133
Gráfico 14. Escolaridade dos cursistas – 2014	134
Gráfico 15. Cursos de graduação – 2014	134
Gráfico 16. Cursistas por número de cursos de graduação – 2014	135
Gráfico 17. Natureza da instituição de graduação – 2014	135
Gráfico 18. Tempo de formação na graduação – 2014	136

Gráfico 19. Grau de atuação no magistério – 2014	137
Gráfico 20. Disciplina que leciona – 2014	137
Gráfico 21. Natureza da instituição de atuação – 2014	138
Gráfico 22. Tempo de experiência docente – 2014	138
Gráfico 23. Proficiência em Língua Inglesa – 2014	139
Gráfico 24. Leituras mais relevantes de acordo com cursistas – 2014	173

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Definições sobre tradução elaboradas por alunos do Ensino Fundamental	91
Quadro 2. Mapa de atividades do curso “Estudos em Tradução Literária” – 2012	105
Quadro 3. Dados complementares do perfil dos cursistas – 2012	115
Quadro 4. Dados complementares do perfil dos cursistas – 2014	140
Quadro 5. Interesse pelo curso – categorias e citações – 2014	151
Quadro 6. Experiências prévias dos cursistas em relação ao ato tradutório – 2014	155
Quadro 7. Respostas usadas para montagem da nuvem de palavras	159
Quadro 8. Categoria A de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos) .	162
Quadro 9. Categoria B de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos) .	163
Quadro 10. Categoria C de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)	164
Quadro 11. Categoria D de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)	165
Quadro 12. Categoria E de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)	167
Quadro 13. Categoria F de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)	167
Quadro 14. Categoria A de representações e respectivas falas dos cursistas no final do curso (grifos nossos)	168
Quadro 15. Categoria B de representações e respectivas falas dos cursistas no final do curso (grifos nossos)	169
Quadro 16. Categoria C de representações e respectivas falas dos cursistas no final do curso (grifos nossos)	171
Quadro 17. Falas não categorizadas dos cursistas no final do curso	172
Quadro 18. Pontos válidos citados pelos cursistas para o trabalho com tradução em sala ...	174

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: Histórico da pesquisa(dora)	1
1 INTRODUÇÃO	4
1.1 Alguns projetos relacionados e diferencial da pesquisa	15
2 A TRADUÇÃO LITERÁRIA COMO TRANSCRIÇÃO E REFLEXÃO INTERCULTURAL NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS	20
2.1 Algumas considerações sobre o ato tradutório	20
2.2 A tarefa de Benjamin, a desconstrução de Derrida e a transcrição de Campos	28
2.3 Cultura e alteridade: tradução literária e exemplos de reflexão intercultural em notas de tradutores	34
2.3.1 As escolhas tradutórias de Ana Cristina Cesar na tradução comentada de <i>Bliss</i> , de Katherine Mansfield	39
2.3.2 Tradução comentada de contos da escritora canadense Alice Munro	43
2.4 Identidade, competências e representações do professor de línguas	47
2.4.1 Identidade e competência tradutória	47
2.4.2 Abordagem docente e representações sociais.....	51
2.4.2.1 Abordagens e competências: o professor reflexivo	51
2.4.2.2 As representações sociais de Moscovici e Jodelet	57
3 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS	62
3.1 Considerações sobre a metodologia	62
3.2 Objetivos e justificativa	71
3.3 A coleta de dados	72
3.3.1 Estágio supervisionado de capacitação docente em Linguística: grupo de estudos tradutórios	75
3.3.1.1 ACIEPE "Letramentos múltiplos" oferecida em 01/2011.....	75
3.3.1.2 ACIEPE "Letramentos múltiplos" oferecida em 02/2011	85
3.3.2 A atividade de extensão a distância "Estudos em tradução literária": reflexões sobre o ensino/aprendizagem de línguas propostas a licenciandos e professores da rede pública em exercício	90
3.3.2.1 Experiências durante a coleta de dados e o insight sobre o enfoque da análise	90
3.3.2.2 Atividade de extensão "Estudos em tradução literária: reflexões sobre o ato tradutório e o papel do tradutor": oferta 01/2012	104
3.3.2.2.1 Planejamento, hospedagem, divulgação e conteúdo programático	104
3.3.2.2.2 Perfil dos cursistas	109
3.3.2.2.3 Atividades e avaliação	116
3.3.2.3 Atividade de extensão "Estudos em tradução literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas": oferta 02/2014	126
3.3.2.3.1 Planejamento, hospedagem, divulgação e conteúdo programático	126
3.3.2.3.2 Perfil dos cursistas	130
3.3.2.3.3 Atividades e avaliação	141
4 ANÁLISE DE DADOS	149

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
6 REFERÊNCIAS	188
APÊNDICES E ANEXOS	197
Apêndice 1 – ACIEPE: Termo de consentimento	198
Apêndice 2 – ACIEPE: Questionário – Reflexões Iniciais	199
Apêndice 3 – ACIEPE: Avaliação Parcial	200
Apêndice 4 – ACIEPE: Avaliação Final	202
Apêndice 5 – MOODLE_2012: Inscrição	204
Apêndice 6 – MOODLE_2012: Cartaz de divulgação	206
Apêndice 7 – MOODLE_2012: Mapa de atividades	207
Apêndice 8 – MOODLE_2012: Reflexões iniciais (questionário)	210
Apêndice 9 – MOODLE_2012: Reflexões finais (diário)	211
Apêndice 10 – MOODLE_2012: Avaliação final	212
Apêndice 11 – MOODLE_2014: Inscrição	216
Apêndice 12 – MOODLE_2014: Divulgação	218
Apêndice 13 – MOODLE_2014: Avaliação final	219
Apêndice 14 - Tradução comentada de trechos do livro <i>Meu Vô Apolinário</i> , de Daniel Munduruku: reflexões sobre o ato tradutório e a literatura ameríndia	221
Anexo 1 – Reprodução do parecer final do Comitê de Ética	226
Anexo 2 – Levantamento de trabalhos acadêmicos que possuem algum elemento em comum com a presente tese	227
Anexo 3 – MOODLE_2012: fórum de apresentação	237
Anexo 4 – MOODLE_2014: fórum de apresentação	245
Anexo 5 – MOODLE_2014: questões iniciais da avaliação final	258
Anexo 6 – MOODLE_2014: atividades elaboradas por cursistas	271

APRESENTAÇÃO: Histórico da pesquisa(dora)



Figura 2. ESCHER, M. C. Mãos desenhando-se³.

O trecho inicial da presente tese tem como objetivo delinear o caminho traçado pela pesquisadora nas veredas do meio acadêmico, buscando, assim, justificar o presente projeto a partir de um histórico de seus antecedentes (pessoa, pesquisa e texto são, de certa forma, a mesma coisa, visto que um existe a partir da existência do outro: daí a junção entre os termos pesquisa e pesquisadora no título deste prefácio e a imagem metalinguística do artista gráfico holandês M. C. Escher).

Por sua natureza que remete à memória e às lembranças, o texto poderá ter o tom poético da nostalgia enquanto a pesquisadora pede licença para narrar o caminho por ela percorrido, desde a graduação até o doutorado, nos estudos sobre literatura, língua e tradução.

O ponto inicial deste percurso é o carinho que a autora da pesquisa sempre nutriu pelas palavras, desde a época em que se sentava nas cadeiras escolares e seus pés mal tocavam o chão. O tempo fez com que ela também procurasse conhecer os textos em uma língua diferente da dela e, quando pré-adolescente, iniciou suas aulas de inglês. Todos os anos seguintes contribuíram para que escolhesse, como graduação e futura profissão, o caminho que leva à docência.

Durante seus anos de licenciatura e bacharelado em Letras (Português/Inglês), de 2001 a 2004, cultural e intelectualmente enriquecedores, a pesquisadora participou de um grupo de estudos tradutórios e de um projeto de Iniciação Científica a partir desta experiência que tanto a interessou. O projeto em questão, realizado através do programa PIBIC/CNPq,

³ In: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/escher/quadros/Quadro%20-%20Desenhando-se.jpg>. Acesso em: 17 fev. 2015.

teve como meta a tradução comentada dos contos *Heirs of the Living Body*⁴ e *How I Met My Husband*⁵, da escritora canadense Alice Munro (que, nos alegramos em mencionar, veio a ganhar o prêmio Nobel de Literatura de 2013), cujo trabalho criativo é marcado pela paisagem rural de Ontário e por histórias aparentemente fragmentadas, em forma de contos que, algumas vezes, mantêm relações de continuidade pela presença de uma personagem comum.

Outro objetivo do projeto foi introduzir os alunos-tradutores no domínio da metodologia científica e da pesquisa e nos estudos teóricos relacionados ao ato tradutório, fornecendo a oportunidade, a partir da bibliografia indicada pela orientadora, de conhecerem os principais estudiosos da tradução e construir sua própria opinião, o que favoreceu não só o aperfeiçoamento da formação linguística como acadêmica dos discentes. A pesquisadora percebeu, durante esse processo de reflexão sobre a obra de Munro e sobre os textos que se propôs a traduzir, que as escolhas tradutórias e suas justificativas (eram, como mencionado anteriormente, traduções comentadas) faziam com que aprofundasse o seu conhecimento de vocabulário e estruturas da língua inglesa e, por consequência da produção do texto de chegada, da própria língua portuguesa. Foi um dos períodos em que seu conhecimento de inglês deu um salto maior. Passou a entender, também, que a tradução não é um processo mecânico e que seus resultados dependem muito do trabalho do tradutor como pesquisador, como leitor, como crítico e como autor.

Tal trabalho de Iniciação Científica se expandiu e levou a um projeto de mestrado em Estudos Literários. Os objetivos eram o estudo da questão do conto como gênero literário e o papel que o mesmo desempenha em *Lives of girls and women* (2001), de Munro. Tal obra é constituída de oito contos. A fragmentação, ao mesmo tempo que mantém a independência de cada narrativa, não descarta a unidade total do livro, fazendo com que ele possa ser considerado um romance, devido à presença de uma personagem comum à todas as histórias: Del Jordan (cf. PIZZI, 2007)⁶.

Os contos fundem a história local com a história da família da protagonista, que vive na mesma área desde a sua fundação, permitindo que ecos de outras vozes se mesquem à narrativa de Del, um labirinto de vozes que é também responsável pelo efeito de unidade em meio ao fragmentário. Há exemplos de intertextualidade nos contos que criam um ciclo, destacando a literatura como um corpo vivente, algo que se renova a cada dia,

⁴ In: MUNRO, Alice. *Lives of Girls and Women*. London: Penguin Books, 1982.

⁵ In: MUNRO, Alice. *Something I've Been Meaning To Tell You*. London: Penguin Books, 1985.

⁶ Durante o texto que se segue, várias obras de autores de língua estrangeira serão citadas. Levando em consideração que nem todas as publicações já foram traduzidas para o português, estabeleceu-se que: os títulos sem tradução conhecida serão reproduzidos em sua língua de origem, os títulos cuja tradução já se tornou popular serão utilizados em português.

revertendo sempre ao que já foi escrito para que algo novo seja criado. É inevitável construir uma analogia com a concepção de tradução que construí: o texto traduzido, além de carregar ecos presentes e decorrentes do original, ganha outras vozes a partir da intervenção do tradutor.

Após receber o título de mestre, em 2007, a pesquisadora passou três anos trabalhando como professora de língua inglesa para diversos níveis e faixas etárias, em escolas de idiomas, escolas particulares e semipúblicas de educação fundamental e instituições de ensino superior. Gostou muito de dar aulas, mas sentiu falta do mundo acadêmico, de estudar, de ser aluna. Pensou, então, em unir as duas realidades: trabalhar com ensino/aprendizagem de línguas, já que era a sua área de atuação, mas também não deixar de lado a literatura e a tradução, suas paixões de momentos anteriores. Lembrou-se do quanto a tradução literária contribuiu para o seu crescimento linguístico e cultural em ambas as línguas e pensou que atividades com esse foco poderiam, em aulas de inglês ou em trabalhos interdisciplinares (inglês, português, produção de texto), ajudar outras pessoas a desenvolver a língua estrangeira e, ao mesmo tempo, trabalhar a língua materna e a criatividade, além de trazer reflexões interculturais para dinamizar as aulas. Então, depois de cursar um ano como aluna especial, prestou o processo seletivo para o doutorado.

Por fim, nesse momento em que se aproxima da conclusão de mais esta etapa em sua vida, a pesquisadora gostaria de mencionar o que considera a maior riqueza do seu doutorado: as experiências práticas que teve. Em seu mestrado nos estudos da literatura, eram ela e os livros de Alice Munro, seus “sujeitos” de pesquisa. Foi uma experiência válida que a fez compreender como a análise literária funciona e divulgar o primoroso trabalho desta autora canadense. No doutorado, porém, pôde conviver com estudantes, com professores em exercício e em formação e aprofundar seus conhecimentos sobre o ensino/aprendizagem de línguas.

Foi assim, então, que a pesquisadora chegou até este momento, onde conta sua história (sua e de tantas outras pessoas que participaram dessa caminhada de mais de dez anos) com o intuito de ilustrar o contexto no qual esse trabalho foi concebido.

1 INTRODUÇÃO

A lógica é a seguinte: se nós concordarmos com Halliday de que a “língua enquanto prática social” situa-se no centro da maneira como ela é percebida e representada na realidade, temos que reconhecer que a realidade cultural é tão heterogênea quanto a própria língua (KRAMSCH, 2009, p. 127).

Consideramos que a interação humana, desde os primórdios da história, antes da escrita, das representações pictográficas e das figuras rupestres, baseia-se na ação leitura/interpretação. Se deixarmos de lado, por exemplo, o texto escrito e as artes plásticas, ainda podemos dizer que se leem, no céu e no meio-ambiente, as alterações climáticas, ao mesmo tempo em que se leem, nos rostos, as expressões faciais e, no tom de voz, o estado de espírito. Então, a leitura de tais signos faz com que de cada indivíduo origine uma interpretação que pode ser similar em menor ou maior grau às demais, mas que é invariavelmente distinta porque os seres humanos também o são.

Portanto, aprende-se desde cedo na escola que a humanidade, como grupo de sujeitos sociais, tende a manifestar seus sentimentos, pensamentos e experiências através dos gestos, das palavras, das figuras, da música e da oralidade, sejam esses meios descritivos, objetivos ou subjetivos. Por isso, um romance, um poema, uma pintura e uma composição musical podem, mesmo em meio às características distintas de forma e de estilo, representar o modo de vida de um determinado grupo inserido em um contexto histórico.

No período em que os ideais do Romantismo, por exemplo, influenciavam a política, a filosofia e a arte da Europa (e, posteriormente, de boa parte do mundo), artistas como Goya, escritores como Keats e Byron e compositores como Beethoven interpretavam, cada qual ao seu modo, o sentimento de seu tempo, de forma que hoje é possível citar várias características de tais trabalhos que comprovam essa influência (como subjetivismo, idealização, sentimentalismo exacerbado, etc.). Pode-se dizer, portanto, que tais autores foram tradutores de uma atmosfera geopolítica de mudanças de fronteiras, liberalismo e repúdio às regras na Europa.

Perante tais ponderações, é possível dizer que acreditamos que leitura e interpretação podem ser consideradas, a partir do referencial que aqui estamos construindo, o mesmo conceito (daí a barra em leitura/interpretação) e que ambos os termos poderiam ser denominados também como tradução, visto que, a partir do original, há a possibilidade de se

chegar a inúmeros textos distintos de acordo com leituras feitas em momentos diversos e/ou por pessoas diversas. Abrindo ainda mais o leque conceitual, então, a partir das reflexões teóricas que este trabalho visa trazer, pode-se concluir que assim como os já citados leitura/interpretação/tradução, cultura, língua, literatura e representações são termos complexos que, de forma menos ou mais óbvia, podem implicar o mesmo mecanismo de entendimento do mundo.

Após a primeira explanação sobre alguns dos conceitos que aqui serão apresentados, esta tese é aberta, ainda que provavelmente não seja o usual no que concerne aos trabalhos acadêmicos, com um relato de experiência que, por ser inusitado, poderia ser chamado de anedota. Tal narrativa adquire caráter introdutório exatamente porque ilustra algumas das reflexões quanto aos temas língua, cultura e tradução.

Para tanto, é necessário informar que, anteriormente ao início dos estudos de doutorado, a autora deste trabalho escolheu, em uma biblioteca familiar, um livro de ficção para ler sem nenhum outro objetivo além de lazer. Por questões éticas e também porque não há necessidade, não serão aqui mencionados os nomes da obra, do seu autor e do seu tradutor. Basta acrescentar que se trata da tradução para o português de um romance estrangeiro de língua inglesa que poderia ser classificado como literatura de massa ou de mercado conforme aceção comum para os termos, sem aqui inferir qualquer juízo de valor, visto que o objetivo é apenas indicar que a obra não figura como um cânone ou clássico literário.

A narrativa possui características de diário de pesquisa, no qual são relatadas as experiências de um homem que viaja no tempo. Desta forma, em vários momentos, as entradas do diário são acompanhadas do horário em que foram registradas. Em um determinado trecho, encontra-se algo como “são duas e – oh! – cinco”, o que fez com que a pesquisadora, então no papel de leitora, pensasse que o protagonista, perdendo a noção do tempo em meio aos seus experimentos, surpreendera-se com o adiantado da hora.

Porém, o mesmo ocorreu mais algumas vezes e, por fim, tornou-se estranho o fato do personagem emitir interjeições de espanto de forma tão recorrente ao verificar as horas. E, então, a descoberta: o viajante temporal assustava-se apenas entre os minutos 01 e 09. Tendo um conhecimento prévio da língua inglesa, a leitora entendeu que houve um problema de tradução: em inglês, para expressar as horas referentes a tais minutos, o zero é substituído pela letra “o”, que se torna “oh” na forma escrita (exemplo: *two-oh-five*). O significado é o mesmo, porém: entende-se que se trata do número zero. O(a) tradutor(a), ao que parece, não conhecia essa nuance, que pode ser considerada cultural, visto que provavelmente foi gerada pelo uso e em contextos de comunicação, e não a partir de normas

gramaticais. Sua produção ficou um tanto prejudicada, portanto, já que a personalidade do protagonista foi, de certa forma, modificada na versão em português (passou a ter um tom assustado, confuso ou distraído, quando na realidade estava apenas sendo objetivo e descritivo).

Pode-se concluir, então, que estar a par dos números (algarismos arábicos como os da língua portuguesa), das horas (afinal, as horas foram traduzidas corretamente), das estruturas gramaticais e dos elementos lexicais da língua inglesa não foi suficiente ao tradutor, a quem faltava o conhecimento cultural específico que evidenciaria se o “oh” tratava-se de uma interjeição, de uma letra ou do número zero.

Contudo, é provável que muitos leitores não tenham percebido essa questão ou, se perceberam devido à frequente ocorrência do susto ou da surpresa, não tenham feito a mesma relação que a pesquisadora, o que nos faz pensar em quantos outros exemplos existem e quais foram as eventuais consequências de enganos relacionados a características culturais similares ou mais graves do que o que foi aqui apresentado.

A anedota em pauta serve-nos, de toda forma, para ilustrar a relação necessária que se estabelece entre língua e cultura. É válido ressaltar que este trabalho não tem como um de seus objetivos discutir definições para o termo cultura, reflexão que cremos ser tão rica que geraria propriamente uma tese. As ideias apresentadas aqui alinham-se, portanto, à descrição de Kramersch (2009, p. 116-117):

(...) a palavra “cultura” designa, desde o início, ao menos duas maneiras de conceber uma dada comunidade social: a) (...) representação que um grupo social atribui a si mesmo e a outros por meio de produções materiais, quais sejam: suas obras de arte, sua literatura, suas instituições sociais ou, ainda, objetos de sua vida cotidiana e os mecanismos utilizados para garantir a perenidade e a transmissão desses bens. (b) (...) um conjunto de atitudes e de crenças, as visões de mundo, os comportamentos, as lembranças comuns aos membros dessa comunidade.

Da mesma forma, destacamos que a complexa palavra cultura é aqui utilizada também como um termo guarda-chuva que engloba tanto o conceito de língua quanto o de linguagem, visto que “difícilmente língua e cultura podem ser separadas. Consideramos que a língua é um sistema de expressão de uma cultura e que diferentes línguas apresentam preferências que são influenciadas pela cultura” (GRABE; KAPLAN, 1989, apud OLIVEIRA, 2000, p.50)⁷.

⁷ Para os termos língua e linguagem, alinhamo-nos com a distinção descrita por Perini (2010, p. 1-2): “Chamamos ‘língua’ um sistema programado em nosso cérebro que, essencialmente, estabelece uma relação

Segundo Byram, Gribkova e Starkey (2011), os aprendentes de um idioma estrangeiro precisam não somente do conhecimento gramatical de uma língua, mas também da habilidade de saber usar essa língua de maneira social e culturalmente apropriada. Tais autores ainda postulam que a dimensão intercultural no ensino de línguas deve auxiliar o aluno a interagir com falantes de outras línguas de igual para igual (no mesmo patamar), sem relação de superioridade, preocupando-se com a identidade cultural do outro sem deixar de considerar a sua própria. Ressaltamos ainda que a definição para o termo “intercultural” com a qual nos identificamos é também a de Kramsch (2009, p. 122):

(...) o termo “intercultural” caracteriza qualquer iniciativa destinada a ensinar algo mais sobre as pessoas de um estado ou nação, e/ou a viver como elas. Na pedagogia, a palavra “intercultural” significa aquisição de informações relativas a costumes, a instituições, a história de uma sociedade que não seja a de origem dos aprendentes. (...) Para além do conhecimento habitual dos fatos culturais, a abordagem intercultural visa permitir a compreensão da maneira pela qual esses fatos estão interligados. Ela mostra como os fatos culturais constituem o tecido de uma sociedade.

Sobre a mesma questão, Almeida Filho (2002, p. 213) diz:

(...) o conhecimento da diferença, dos fatos que se explicam na evolução da cultura-alvo, da compreensão e da tolerância que podem ser integradores na equação afetivo-ideológica de muitos aprendizes em vários contextos é o que podemos almejar como realismo profissional.

Portanto, segundo Hurst (2006), ao invés de limitarem-se à transmissão de informações gerais, estereotipadas sobre uma cultura, os autores e editores de materiais didáticos para o ensino de línguas devem almejar a descrição precisa, baseada em fatos e sem qualquer parcialidade ideológica, além de representar de forma contextualizada a realidade social e lidar cautelosamente com os ícones populares presentes na cultura alvo, para chegar a uma descrição mais precisa da realidade linguística.

Ampliando o foco da discussão, portanto, a presente tese parte da concepção de que o processo de ensino/aprendizagem de línguas está intrinsecamente ligado a questões

entre os esquemas mentais que formam nossa compreensão do mundo e um código que os representa de maneira perceptível aos sentidos. (...) a relação entre língua e linguagem é que uma ‘língua’ é uma das maneiras como se manifesta exteriormente a capacidade humana a que chamamos ‘linguagem’. Mas o termo linguagem é também aplicado a outros tipos de sistemas de comunicação, que normalmente não são chamados línguas, como o sistema de sinais de trânsito e a linguagem das abelhas. Assim, linguagem é um conceito muito mais amplo do que língua: a linguagem inclui as línguas entre suas manifestações, mas não apenas as línguas”. Para o presente trabalho, que lida com conceitos como tradução, leitura, interculturalidade e ensino, ambos os termos se aplicam, mas daremos preferência à língua por suas especificidades ligadas ao ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira (doravante LE).

culturais, e de que tanto o aluno quanto o professor devem refletir sobre essa relação durante um processo intercultural de aprendizagem.

Essa forma de pensar alinha-se novamente com Kramersch (2009, p. 115), que pondera que a aquisição de sistemas linguísticos por si só não garante a compreensão ou a afinidade entre povos de culturas diferentes. Segundo a autora, os professores, com o objetivo de evitar o uso meramente funcional das línguas estrangeiras, defendem o trabalho com um “‘conteúdo cultural’ que valide a competência comunicativa no plano intelectual”.

Ainda segundo Kramersch (2009, p. 117):

(...) a cultura material e o compartilhamento de conhecimento não são aquisições naturais. Ambos exigem uma mediação linguística constante e devem, entre outras coisas, serem percebidos e interpretados por intermédio da língua. (...) A língua desempenha um papel crucial não apenas na elaboração, mas também na evolução da cultura.

A autora também postula que, vislumbrando-se o histórico do ensino/aprendizagem de línguas, é possível encontrar três formas de conceber a relação entre língua e cultura:

- *Relações universais*: quando se pensava em uma cultura universal, a mesma era representada pelo grego e pelo latim clássicos. Deduzia-se que tais idiomas eram as únicas formas de compartilhamento da verdade universal ou absoluta. “Para todas as línguas modernas, se havia universalidade, esta se situava no nível da literatura. Sabemos que, até poucos anos atrás, a única justificativa para a aprendizagem de uma língua estrangeira era poder ter acesso aos ‘grandes clássicos’.” (KRAMSCH, 2009, p. 119).

- *Relações nacionais*:

Aprender uma língua tornava-se sinônimo de aprender um certo número de habilidades, de comportamentos verbais automáticos vistos como desprovidos de qualquer valor cultural intrínseco, mas suscetíveis de dar acesso, logo a seguir, a uma literatura nacional cheia de aportes culturais. (...) É assim que o ensino de língua pode servir seja como acesso a uma comunidade universal de cidadãos letrados do mundo, seja como abertura para esta ou aquela cultura nacional (KRAMSCH, 2009, p. 119-120).

- *Relações locais*: os professores de línguas que visam a ensinar a língua da forma como é falada, demonstram interesse crescente “pela diversidade cultural e pelas variações culturais apresentadas na língua do dia-a-dia” (KRAMSCH, 2009, p. 121), ao

mesmo tempo em que entendem a necessidade de se evitar a propagação dos chamados estereótipos culturais.

Após tal explanação, Kramersch (2009, p. 128) coloca que é necessária uma reflexão sobre o futuro do ensino/aprendizagem de línguas no sentido de não focar no apagamento das diferenças em favor da universalidade, e sim “criar um contexto dialógico, no qual a necessidade de continuar o diálogo forme uma base mútua de exploração de diferenças às vezes irredutíveis”.

Nessa faceta dialógica, cultura pode ser considerada uma questão de alteridade: colocar-se no lugar do outro e, ao mesmo tempo, assumir-se como indivíduo, como parte de um contexto sociocultural diferente. Alinha-se com essa ideia este trecho de Gimenez (2008, p. 1), em que a autora comenta a importância da presença de mais de uma LE em sala de aula: “Um dos argumentos utilizados para justificar a pluralidade de oferta de línguas é que a aprendizagem de uma língua estrangeira permite conhecer outras visões de mundo e entender melhor as nossas próprias”.

Como citado anteriormente, na perspectiva da abordagem intercultural de Kramersch, o ensino/aprendizagem de línguas estabelece a interculturalidade no momento em que provê a reflexão sobre a cultura nativa e a cultura estrangeira, e não a mera transferência de informações. Além disso, ensina-se cultura como um “processo interpessoal” (GIMENEZ, 2008, p. 4): não basta apresentar, em teoria e de forma expositiva, os elementos e comportamentos culturais que dizem respeito à língua que se está ensinando. É necessário trabalhar o conceito de alteridade, que faz aflorar a noção de que cultura é diferença, e não homogeneidade. Em um mesmo grupo cultural há inúmeros fatores que contribuem para a riqueza de facetas de uma cultura: faixa etária, gênero, origens, regionalismos e classes sociais (cf. GIMENEZ, 2008).

Ainda segundo Gimenez (2008, p. 1), os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCNs) relativos aos terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental apresentam objetivos para o estudo de uma LE “vinculados a uma perspectiva de contraste entre culturas como forma de entender a própria cultura. A cultura como forma de construção da cidadania figura dentre as capacidades que se quer desenvolver”.

Os PCNs de fato trazem os seguintes focos que visam a sensibilizar o aluno quanto à importância do conhecimento de uma língua estrangeira:

- o mundo multilíngue e multicultural em que vive;
- a compreensão global (escrita e oral);

- o empenho na negociação do significado e não na correção (BRASIL, 1998, p. 66).

Os itens parecem convergir para a inclusão do estudante em um mundo globalizado. Porém, percebe-se que o objetivo, pelo menos no papel, não é anular o indivíduo perante o universal ou adequá-lo à realidade de um país com *status* de potência (transformando-o no que seria o mais próximo possível de um “falante nativo”) e sim fornecer ferramentas para que ele conheça essas outras culturas e, ao mesmo tempo, se dê conta do papel da sua própria origem e identidade nesse mundo. O que se espera é que ele tenha condições de dialogar de igual para igual.

Além disso, o documento nacional cita as habilidades que os estudantes deveriam desenvolver durante os anos desse ciclo no que concerne ao aprendizado de uma língua estrangeira:

- identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngue e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico;
- vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes ou maneiras de agir e interagir e as visões de seu próprio mundo, possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão de seu país e do mundo;
- reconhecer que o aprendizado de uma ou mais línguas lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo;
- construir conhecimento sistêmico, sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a linguagem nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna;
- construir consciência linguística e consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira que está aprendendo;
- ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados;
- utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas (BRASIL, 1998, p. 66-67).

Os quatro primeiros itens revelam muitos pontos em comum com a proposta deste trabalho, que será detalhada a seguir, visto que estudar e conhecer a cultura alheia é uma experiência que pode ser descrita como um exercício de traduzir e traduzir-se, pois ao mesmo tempo em que o estudante é apresentado a novas realidades, contextos e ideias, passa a refletir sobre o seu papel no mundo. Segundo John Milton (2002, p. 132-133):

A literatura traduzida pode ter um papel importante na visão de mundo ao dar aos cidadãos a sensação de familiaridade com coisas estrangeiras, resultando na crescente sofisticação dos membros da comunidade “imaginada”, e tornando-os participantes de uma comunidade “imaginada” internacional.

A partir de tais proposições, passamos a considerar a ideia de que a tradução de canções e textos literários no ensino/aprendizagem de línguas poderia oferecer aos alunos a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas da língua estrangeira e portuguesa, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo e introduzindo-os no trabalho criativo, além de possibilitar o contato com questões culturais de outros países a partir do estudo das letras de música e da literatura, ricas fontes de informação sobre questões socioculturais e históricas.

É oportuno aproveitar o ensejo para comentar a importância da busca de situações variadas que possam promover o trabalho com literatura em sala de aula. Conforme Dalvi, Rezende e Jover-Faleiros (2013, p. 09):

Nas últimas décadas, tem havido uma intensa discussão sobre literatura e educação e uma crítica ferrenha às práticas escolares de (não)leituras literárias. Ao contrário do ensino de língua – que, aos poucos, vai se renovando –, a literatura na escola resiste às mudanças e se vê relegada a lugar secundário e sem força na formação das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

A escola deve buscar, de acordo com o que postulam os PCNs, a formação de sujeitos leitores críticos e autônomos a partir do ensino de literatura. Isso implica, assim como na tradução literária, em renunciar ao sentido convencional, imutável, ao senso comum. O professor deve

(...) partir da recepção do aluno, de convidá-lo à aventura interpretativa com seus riscos, reforçando suas competências pela aquisição de saberes e de técnicas (...). Nesse caso se produz um fenômeno próprio da leitura literária: a alteração da obra pelo leitor e a alteração do leitor pela obra. O leitor se expõe ao ler, se desapropria de si mesmo para se confrontar com a alteridade e descobrir, *in fine*, a alteridade que está nele (ROUXEL, 2013, p. 20-28).

Para isso, é necessário que o estudante adquira, além do conhecimento sobre os gêneros textuais e literários e sobre a estrutura do discurso, um saber sobre si próprio e sobre sua subjetividade como leitor que é capaz de interpretar. Por fim, se o estudante passa a se enxergar como agente no processo da leitura, deve também compreender que os demais

indivíduos possuem o mesmo poder, abrindo espaço para o entendimento da diversidade. Essa diversidade se reflete no texto, na diversidade de gêneros, diversidade histórica, diversidade geográfica – “(...) literatura nacional, literatura estrangeira, principalmente as grandes obras traduzidas do passado para o presente, que se abrem para outras culturas e constituem lugares de compartilhamento simbólico na era da globalização” (ROUXEL, 2013, p. 24).

Relacionando literatura à tradução de forma ainda mais direta, apresentamos a seguinte fala de Campos (2013a, p. 16-17), que descreve a convicção

(...) da impossibilidade do ensino de literatura, em especial da poesia (e de prosa a ela equiparável pela pesquisa formal), sem que se coloque o problema da amostragem e da crítica via tradução. Sendo universal o patrimônio literário, não se poderá pensar no ensino estanque de uma literatura. (...) Se a tradução é uma forma privilegiada de leitura crítica, será através dela que se poderão conduzir outros poetas, amadores e estudantes de literatura à penetração no âmago do texto artístico, nos seus mecanismos e engrenagens mais íntimos.

Após as considerações sobre literatura na sala de aula, fator intrinsecamente relacionado a esta tese, retomando a questão pontual sobre tradução, é importante destacar, por fim, conforme citado anteriormente, que tomamos o ato tradutório em seu sentido mais amplo, o de passar um texto, em todas as suas facetas, de uma língua para outra, ou de uma realidade para outra, ou de um gênero para outro e assim por diante. Recorremos aqui a Jakobson (2008, p. 64-65), que define três maneiras de interpretar o signo verbal:

- 1) A tradução intralingual ou *reformulação (rewording)* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

Dessa forma, podemos afirmar que o objetivo desta pesquisa não foi discutir o papel da tradução meramente mecânica em aulas de LE, mas da tradução literária, essencialmente reflexiva, como uma ferramenta interdisciplinar que favorece o trabalho combinado entre LE, língua materna e até mesmo redação criativa, mantendo-se sempre o foco na cultura e na interculturalidade (ou no diálogo intercultural).

Para isso, nossa ideia inicial, com base em pesquisa de teor colaborativo e participativo, era desenvolver, em parceria com uma professora de uma instituição municipal de ensino do interior do estado de São Paulo, atividades adaptadas de tradução de letras de

música e trechos curtos de textos literários em aulas de inglês ministradas em turmas de 7º, 8º e/ou 9º anos do ensino fundamental. As visitas chegaram a ocorrer a cada quinze dias e as atividades, preparadas pela pesquisadora, foram aplicadas durante os minutos finais de cada aula, de acordo com o que foi requisitado pela professora responsável pela turma. Além disso, foi formado um grupo de estudos tradutórios composto por estudantes do curso de Letras de uma universidade pública na mesma região, proporcionando o ato reflexivo, a partir de textos literários diversos, sobre ambas as línguas também aos professores em formação. Aos participantes do mencionado grupo de estudos, foram fornecidas informações teóricas fundamentais sobre tradução e sobre literatura, para que os mesmos adquirissem o conhecimento teórico necessário para o trabalho e reflexão consciente como tradutores e como alunos de línguas.

Porém, essas primeiras experiências levaram a outro questionamento, já que ao definirem o ato tradutório em questionários abertos, ambos os grupos, de pré-adolescentes (pertencentes à instituição de Ensino Fundamental) e de universitários, pareciam manifestar essencialmente a mesma representação a respeito do ato tradutório, desconsiderando-se aqui o grau de complexidade de cada fala. A tendência que pudemos detectar envolvia pensar na tradução como algo realmente mais mecânico do que reflexivo ou autoral. Mas de onde vem essa representação? Se tais públicos enxergam a tradução dessa forma, pensamos que seria interessante verificar também como os professores em serviço pensam, já que contribuem para a formação e construção de conhecimento dos estudantes.

A partir das novas questões, o foco do trabalho passou a envolver um momento anterior à atividade prática em sala de aula, algo que remete à subjetividade das representações, da forma como entendemos determinados assuntos. Buscou-se, então, investigar e discutir, a partir de estudos sobre tradução e de noções de cultura, interculturalidade, identidade e representações sociais ligados ao processo de ensino/aprendizagem de línguas, as crenças que alunos e professores (em formação e em serviço) carregam sobre o ato tradutório, promovendo exercícios e cursos que buscaram fomentar a reflexão, teórica ou prática, sobre o tema⁸.

Após esse estudo, como recorte para aprofundamento da pesquisa e análise de dados, foram escolhidos como sujeitos os professores em serviço que participaram de um dos cursos oferecidos com a finalidade de promover a reflexão interdisciplinar sobre a

⁸ Esclarecemos que não se trata de um estudo longitudinal, que analisa os mesmos sujeitos de pesquisa durante um longo período de tempo, pois em cada fase da coleta de dados o público foi diversificado. Tal questão é retomada no capítulo que trata da metodologia do presente trabalho.

língua/cultura estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua/cultura materna dos alunos a partir dos conceitos listados acima.

Partiu-se, para tanto, do pressuposto já citado no início deste trabalho, de que traduzir pode significar ler e interpretar, e que ao tradutor cabe um papel de segundo autor que, ao colocar-se no lugar do autor do texto original, resgata significados e transporta-os para o outro lado, ligando os dois planos em um exercício de alteridade cultural. Assim, a tradução pode ser definida como uma conciliação instável entre dois produtos diferentes, às vezes conflitantes, o que torna a intervenção do tradutor decisiva e faz do seu trabalho uma transcrição (cf. CAMPOS, 1992, p.35):

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. (...). Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a *iconicidade* do signo estético, entendido por *signo icônico* aquele “que é de certa forma similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal.

A tradução, portanto, não é ponte (estável, concreta) entre uma língua de partida e outra de chegada, mas o próprio rio (movimento, instabilidade, constante mudança): as margens opostas estão separadas, mas não deixam de se comunicar pela correnteza, pela fluidez da linguagem e da criação literária.

Apresentadas as ideias fundamentais da pesquisa, definiremos as seções deste estudo. Como subitem desta introdução, será descrito o recorte escolhido para a análise e serão feitos comentários sobre trabalhos afins. Tais itens, aliados ao prefácio que descreveu o histórico da pesquisa a partir da trajetória acadêmica da pesquisadora, figuram como justificativa para a idealização do presente projeto.

O Capítulo 2, ou arcabouço teórico, é composto por concepções sobre tradução, identidade, cultura e representações sociais. Na metodologia, Capítulo 3, serão descritos os locais, os métodos e os sujeitos que possibilitaram a seleção dos dados para a presente pesquisa, enquanto para a análise de dados, ou Capítulo 4, focaremos nas falas dos sujeitos participantes da pesquisa. Por fim, apresentaremos as conclusões finais do estudo.

Conforme a organização proposta, portanto, a seguir será possível encontrar informações sobre contextualização e caracterização da presente pesquisa.

1.1 Alguns projetos relacionados e diferencial da pesquisa

(...) exercícios de tradução e interpretação podem servir para levar o estudante a uma compreensão mais profunda da língua e cultura alvo, visto que ele deve dominar completamente os elementos linguísticos (gramática e vocabulário) e não linguísticos (contextos, piadas, provérbios) (MACIAS; BENET; REYNOSO, 2009, p. 01, tradução nossa⁹).

Por se tratar de um trabalho de doutorado, pressupõe-se que há algum ineditismo em sua proposta. Por isso, é interessante e relevante citar outras pesquisas na área temática geral “tradução literária” relacionada ao “ensino/aprendizagem de línguas”, palavras-chave usadas para busca em ferramentas como SciELO, Google, Google Acadêmico e Portal CAPES durante a coleta de textos para formação do arcabouço teórico¹⁰.

Ao fazer as primeiras tentativas de pesquisa nas bases de dados citadas, a pesquisadora não encontrou, até a data de 04 de março de 2014, pesquisas que tivessem muito em comum com a proposta da presente tese, ou seja, que relacionassem especificamente a tradução literária ao ensino/aprendizagem de línguas.

Em outra tentativa, dessa vez tentando ampliar os resultados obtidos, usando os termos “tradução” e/ou “literatura” juntamente com “ensino/aprendizagem de línguas”, a pesquisadora encontrou alguns trabalhos que poderiam ter um ou mais elementos semelhantes aos da sua pesquisa. Foi possível classificar os resultados da busca em dois grupos¹¹:

- Trabalhos que relacionam a literatura (metodologia, textos adaptados e/ou textos autênticos, escolha de material) com o ensino/aprendizagem de LE: Alonso (2011), Gonçalves (2011), Marinho (2010), Mota (2010), Mutran (1994), Valente e Pinheiro (2008).

- Trabalhos que relacionam a tradução (língua e tradução, usos e benefícios da tradução, relação entre língua materna e língua estrangeira, uso de dicionários, tipologias textuais, tradução como ato comunicativo, tradução como ferramenta pedagógica) com o ensino/aprendizagem de LE: Azenha Junior (2006), Bohunovsky (2011), Checchia (2003),

⁹ “(...) translation and interpretation exercises can serve to bring the student to a deeper understanding of the target language and culture, given that he/she must fully dominate linguistic elements (grammar and vocabulary) and non-linguistic elements (contexts, jokes, proverbs)” (MACIAS; BENET; REYNOSO, 2009, p. 1).

¹⁰ Não se trata, porém, de um possível estado da arte, pois é menos abrangente, mas acreditamos que ajudaria a traçar um perfil, mesmo que superficial, sobre as pesquisas afins. Um levantamento muito aprofundado geraria outra tese e este não é o objetivo do presente trabalho.

¹¹ Para detalhes, inserimos, em nossos anexos, dois quadros que trazem exemplos de contribuições de colegas de diversas instituições, nacionais e internacionais. Lá é possível verificar maiores informações sobre as referências citadas para cada grupo, como os resumos reproduzidos na íntegra.

Costa (2008), Kaunas (2012), Lázaro (2004), Macias, Benet e Reynoso (2009), Soares e Romanelli (2011), Tessaro (2012).

Verificou-se, portanto, que há sinais de um movimento acadêmico que visa à valorização do trabalho com literatura aliado e integrado ao ensino/aprendizagem de línguas. Acreditamos na validade dessas propostas, visto que, a nosso ver, a literatura é, ao mesmo tempo, passado, presente e futuro das línguas. Seria o museu da língua, da mesma forma que se torna o seu palco e o seu laboratório. Pensamos, portanto, que a leitura deve ser incentivada entre os estudantes de idiomas como forma de expandir vocabulário e de adquirir conhecimento sobre estruturas gramaticais, além de questões culturais.

Também observou-se que há tentativas de ressignificar a tradução nas aulas de línguas. Historicamente, a tradução já teve papel de destaque no ensino de LE (o método Gramática e Tradução é autoexplicativo como exemplo desta afirmação), desde seus primórdios até meados do século XX (cf. BROWN, 2001), quando foi supostamente banida por novos métodos, como o Direto. Pode-se dizer que a ação de traduzir, quando mecânica e sem um objetivo traçado além de fornecer ao aluno a resposta para uma pergunta direta sem dar espaço ou oportunidade para reflexão e autonomia (o termo da língua inglesa *spoon-feeding* se encaixa perfeitamente nessa descrição, pois remete ao bebê ou ao debilitado que precisa que outras pessoas lhe deem de comer, ao mesmo tempo em que traça esse paralelo com a passagem de conhecimento de forma muito simplificada e direta), trouxe à tona uma visão negativa dessa prática. Porém, nota-se que as pesquisas realizadas procuram embasar o trabalho com tradução de forma a torná-lo uma opção pedagógica dentro do ensino/aprendizagem de línguas.

Pode-se concluir que os trabalhos que mais se comparam ao presente texto são os de Azenha Junior (2006), Kaunas (2012), Macias, Benet e Reynoso (2009) e Tessaro (2012).

Azenha Junior trabalha com valorização do trabalho de tradução em cursos de Letras como forma de contribuir para a pesquisa autônoma e para a formação do pensamento crítico. O presente trabalho parte do mesmo princípio, como explicado anteriormente. Os dados, porém, foram coletados em um curso de especialização em tradução focado em língua alemã.

Kaunas trata da tradução como ferramenta pedagógica e considera que os exercícios tradutórios fazem com que se pense “em direção a” e “a partir da” língua estrangeira. Essa ideia se assemelha à noção mencionada nesta tese de que a tradução

proporciona um caminho de mão dupla que lida tanto com a língua estrangeira quanto com a materna.

Tessaro também descreve a tradução como técnica didática e investiga, partindo de exercícios simples até atividades complexas (como a tradução de narrativas literárias e jornalísticas), como os professores aceitam esse ponto de vista. A pesquisadora da presente tese também verificou como os professores enxergavam a tradução, mas sugeriu discussões a respeito do tema e chegou a compartilhar tarefas que podem ser adaptadas e aplicadas em sala de aula.

Quanto ao texto de Macias, Benet e Reynoso (2009), ao qual a pesquisadora teve acesso em 2014, após o seu exame de qualificação, foi possível encontrar várias similaridades com as ideias que lhe surgiram a partir da sua própria experiência com tradução e ensino/aprendizagem de línguas, conforme descrito no seu histórico. Os autores, que trabalham com o ensino/aprendizagem de língua espanhola, afirmam que o método gramática-tradução é mantido no esquecimento frente ao crescimento da abordagem comunicativa e que, por isso, o uso de tradução em sala de aula é evitado. Porém, eles acreditam (assim como a pesquisadora desta tese), que tais exercícios tradutórios permitem uma melhora tanto no nível gramatical quanto lexical de estudantes de línguas, principalmente os que se encontram em níveis mais avançados de aquisição e que se trata de uma abordagem também comunicativa. “Exercícios de tradução permitem que os aprendentes se familiarizem com os vários níveis de significado que uma palavra pode ter, enquanto aumentam seu vocabulário e lhes oferecem uma maior granularidade em seu discurso” (MACIAS; BENET; REYNOSO, 2009, p. 03, tradução nossa¹²). Os autores ainda postulam que traduzir e interpretar um texto podem levar o estudante a atingir níveis mais altos de controle da língua-alvo, ganhando autoconfiança para se comunicar tanto na forma escrita quanto durante uma conversa.

Como conclusão, pode-se afirmar que há elementos semelhantes nas pesquisas, o que poderia configurar uma tendência no campo do ensino de LE, mas também identifica-se pontos particulares em cada trabalho, tornando-os, de certa forma, únicos. Nenhum dos casos elencados, por exemplo, englobava a literatura e a tradução propondo reflexões interdisciplinares sobre o ato tradutório e exercícios de tradução literária especificamente, o que diferencia esta pesquisa das outras.

¹² “(...) translation exercises allow the learner to become familiar with the multilevel meanings a word may have, while at the same time increasing their vocabulary and offering them greater granularity in their discourse” (MACIAS; BENET; REYNOSO, 2009, p. 03)

Vale destacar, assim, conforme explicitaremos no Capítulo 3, que os objetivos desta pesquisa são:

- Investigar que concepção professores em formação e em serviço têm em relação à tradução. Verificar se consideram a tradução literária como escolha pedagógica para promover a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos alunos. Analisar se, após leituras e discussões teóricas, é possível que eles mudem de opinião em relação ao trabalho com tradução em suas salas de aula;
- Analisar de que forma a tradução literária poderia ser utilizada em sala de aula.

Os resultados esperados são:

- Contribuir para a disseminação das práticas de leitura de vários gêneros textuais, para a valorização do trabalho de tradução e do tradutor, para o processo formativo reflexivo de professores em serviço e para que a área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e língua materna se expanda ainda mais, buscando melhores panoramas para o ensino/aprendizagem de línguas no Brasil.

Estes objetivos evidenciam-se nas seguintes perguntas de pesquisa:

1. Que concepção professores em formação e em serviço revelam em relação à tradução? Eles consideram a tradução literária como escolha pedagógica para promover a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos alunos? Se não, após leituras e discussões teóricas, é possível que eles mudem de opinião?
2. A tradução literária poderia ser utilizada efetivamente em sala de aula? Como?

A fim de seguir, então, para o segundo capítulo, retomamos os tópicos trabalhados neste item introdutório: apresentamos a pesquisa, resgatamos o seu histórico, justificamos a escolha dos dados para análise e citamos demais pesquisas sobre tradução relacionada ao ensino/aprendizagem de línguas.

No capítulo 2, apresentaremos o arcabouço teórico que embasa a presente pesquisa. Trataremos de questões relacionadas à noção de tradução como interpretação, comentaremos algumas tipologias sugeridas para o ato tradutório, discutiremos transcrição, identidade e representações.

2 A TRADUÇÃO LITERÁRIA COMO TRANSCRIÇÃO E REFLEXÃO INTERCULTURAL NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob outra designação teria igual perfume (SHAKESPEARE, W.¹³).

O meu objetivo aqui não é delinear as possíveis formas de tradução, mas argumentar que não existe uma única forma de tradução e que até mesmo em um único indivíduo, a tradução é realizada de maneiras diferentes em situações diferentes. Este fato já foi reconhecido há tempos nos estudos da tradução (SHREVE, 1997, p. 123, tradução nossa¹⁴).

(...) os nossos pequenos gestos inconscientes revelam o nosso caráter mais do que qualquer atitude formal, cuidadosamente preparada por nós (WIND apud GINZBURG, 1989, p. 146).

2.1 Algumas considerações sobre o ato tradutório

Segundo Paz (1990), aprendemos a traduzir no exato momento em que aprendemos a falar, porque quando uma criança questiona o significado de uma palavra, na verdade está procurando uma tradução do termo desconhecido para a sua linguagem. Traduzimos em nossa própria língua, sem ao menos percebermos.

Paz (1990) ainda escreve que quando um povo se vê diante de um modo diferente de comunicação oral pela primeira vez, sua crença em uma linguagem universal é substituída por uma noção de pluralidade de línguas. O autor coloca que, no passado, a tradução seguia a seguinte reflexão: se não havia uma língua universal, havia uma sociedade formada pelas diversas línguas na qual todos, vencidas algumas barreiras, poderiam se entender, porque mesmo fazendo uso de léxicos diferentes, os homens sempre diziam as

¹³ SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000087.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2015.

No texto em língua inglesa: “What’s in a name? That which we call a rose by any other name would smell as sweet”. SHAKESPEARE, W. *The tragedy of Romeo and Juliet*. Disponível em:

<http://www.gutenberg.org/cache/epub/1112/pg1112.html>. Acesso em: 16 fev. 2015.

¹⁴ “It is not my purpose here to delineate the possible forms of translation but to argue that there is no one form of translation and that even in the same individual, translation is carried out in different ways under different conditions. This fact has been long recognized in translation studies” (SHREVE, 1997, p. 123)

mesmas coisas. “A universalidade do espírito era a resposta para a confusão babilônica: há muitas línguas, mas o sentido é uno” (PAZ, 1990, p.10, tradução nossa¹⁵).

Já na Idade Moderna, com o desenvolvimento das navegações e o descobrimento de “novos mundos”, ainda seguindo o raciocínio de Paz, a humanidade sentiu com mais clareza a enorme variedade de costumes, instituições e culturas, causando uma reviravolta no rumo da tradução. A segurança religiosa de uma identidade universal é substituída pela curiosidade intelectual, racional, em conhecer mais e mais diferenças. Refletindo estas mudanças, a tradução não é mais uma operação que mostra uma única identidade para o homem, mas suas singularidades. O mundo deixa de ser indivisível: “pluralidade de línguas e sociedades: cada língua é uma visão de mundo” (PAZ, 1990, p.12, tradução nossa¹⁶). Até mesmo no interior de cada língua destacam-se diferenças e divisões, como períodos históricos, classes sociais e gerações. Mas, o que deveria ter desanimado os tradutores, teve um efeito inverso, o que Paz explica na seguinte transcrição:

A razão deste paradoxo é a seguinte: por um lado a tradução suprime as diferenças entre uma língua e outra; por outro, as revela mais plenamente: graças à tradução nos inteiramos de que nossos vizinhos falam e pensam de um modo distinto do nosso. (PAZ, 1990, p. 13, tradução nossa¹⁷)

Como dito anteriormente, a atividade do tradutor é parecida com a do leitor e a do crítico: cada leitura é uma tradução – “nenhuma leitura é tão atenta e tão cuidadosa quanto aquela que compõe a mais simples das traduções bem realizadas” (ARROJO, 1993, p.52). Para Arrojo (1993), traduzir pode significar, e acreditamos que de fato significa, interpretar, e ao tradutor, como ao intérprete, cabe um papel de intermediário, que transporta significados entre os dois planos, pois os estilos seriam coletivos, universais e passariam de uma língua para outra. As obras são únicas, mas não isoladas: cada uma delas nasce e vive uma relação com outras línguas diferentes.

A mesma autora ainda pondera, na linha de Derrida (1998), que a tradução corresponde, assim como a leitura, à sobrevivência do texto, pois para seguir seu caminho e permanecer vivo, um texto deve ser traduzível e intraduzível. Um texto totalmente traduzível desaparece como escritura, como texto e não passa mais a fazer parte do jogo da linguagem,

¹⁵ “La universalidad del espíritu era la respuesta a la confusión babilônica: hay muchas lenguas, pero el sentido es uno” (PAZ, 1990, p. 10).

¹⁶ “(...) pluralidad de lenguas y sociedades: cada lengua es una visión del mundo” (PAZ, 1990, p.12).

¹⁷ La razón de esta paradoja es la siguiente: por una parte la traducción suprime las diferencias entre una lengua y otra; por la otra, las revela más plenamente: gracias a la traducción nos enteramos de que nuestros vecinos hablan y piensan de un modo distinto al nuestro. (PAZ, 1990, p. 13)

mesmo em sua língua de origem; um texto totalmente intraduzível também tende a ser absorvido pelo tempo, pois não acompanha a evolução de seus leitores e dos contextos em que estão inseridos.

Para Arrojo (1992), o que causa grande problema para a maioria das teorias de tradução é a ligação inevitável que qualquer tradução mantém com uma interpretação, pois toda tradução, por mais simples e breve que seja, é produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante, afastando qualquer possibilidade de sistematização, normalização. A sistematização da interpretação e da compreensão não seria possível, mesmo porque tal ato negaria tudo o que constitui e caracteriza o ser humano, como a subjetividade, o inconsciente, e assim por diante.

Há, porém, os estudiosos que buscam uma tipologia para a área. Os teóricos que pregam o logocentrismo¹⁸, por exemplo, buscam definir uma tipologia geral ou um modelo, um método a ser seguido pelo tradutor no momento do ato tradutório na esperança de tornar a tradução algo mais objetivo e, portanto, menos artístico, visto que o tradutor não teria espaço para exercer sua criatividade. A busca por uma verdade única e absoluta não abre possibilidades diversas para a tradução de um mesmo texto, e o original é visto como o verdadeiro, o texto que deve ser conservado.

O logocentrismo partiria, ainda segundo Arrojo (1992, p. 74), de três pressupostos que indicam a possibilidade de uma distinção clara, bem delineada entre sujeito e objeto. São eles:

- 1) a noção de uma tradução “literal”, próxima do “original”, que não apresentaria nenhuma interferência do tradutor, em oposição à noção de uma tradução “literária”, que revelaria a interferência da interpretação e do julgamento do tradutor;
- 2) a concepção de um texto “original”, estável e imutável, depositário das intenções e dos significados (conscientes, apenas) de um autor, recuperáveis através da leitura, considerada, por sua vez, como um processo neutro, que pode e deve eliminar as interferências do leitor e de seu contexto sociocultural e histórico;
- 3) a noção de significado como um objeto distinto do estilo em que aparece “acondicionado”.

Sá (1996) afirma que, se antes a tradução era pensada a partir da correspondência entre palavras e depois entre os componentes sintático-lexicais de um

¹⁸ O logocentrismo remete a *logos* (a razão, a palavra de Deus, a fala, o discurso), em especial a significação relacionada à busca pela verdade absoluta.

discurso, atualmente estabelecer tipologias da tradução se tornou um problema do campo das culturas.

Segundo Sá (1996), a tradução é dividida em três zonas: a língua do original, a língua da tradução e o espaço entre as duas. Porém, a língua do original e a língua da tradução não podem ser pensadas como finitas, unas e absolutas. Há uma dupla tradução que ocorre em qualquer língua, e assim, a divisão tripartite do ato tradutório também pode ser caracterizada como uma “diversidade linguística de partida”, “uma diversidade linguística de chegada” e uma “diversidade espacial entre as duas” (SÁ, 1996, p.60). No contexto de ensino/aprendizagem de línguas, a interlíngua seria um termo bastante semelhante a esta última diversidade, visto que, como define Moita Lopes (1996, p.114), “a IL [interlíngua] é a língua de transição do aluno entre a língua nativa (LN) e a língua-alvo (LAL) em certa altura do processo de aprendizagem”.

A tradução pode, ainda, ser vista como desleal, conforme Sá (1996, p.76):

Ao retomar a famosa analogia entre *traduttore/traditore*, pode-se numa repetição in-diferencial e numa (pseudo)tipologia tripartite, comparar a tradução à infidelidade e traição: ao original, à língua-mãe do tradutor e ao desenvolvimento de uma literatura nacional.

Outro pesquisador do ato tradutório que trabalha com tipologia, colocando-se ao lado da visão tradicional é Aubert (1998). Por volta de 1990, o teórico desenvolveu um modelo metodológico que se tornou a base para a execução de vários projetos de pesquisa. Mesmo sendo uma tipologia da tradução algo impensável para a desconstrução, da qual trataremos mais adiante, o modelo de Aubert é citado nesta pesquisa para ressaltar as estratégias adotadas pelos tradutores, com o objetivo de auxiliar o leitor a perceber a reflexão sobre o ato tradutório sem que se esteja levando em consideração a busca de equivalência de sentido. É possível observar as estratégias que podem ser adotadas quando um determinado texto apresenta dificuldades de tradução. São 13 os pontos da escala de diferenciação representada pelas modalidades de tradução:

1) Omissão: “ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta” (AUBERT, 1998, p. 105). Tal fato pode ocorrer por muitos motivos, desde censura até limite de espaço ou irrelevância do trecho em questão para as finalidades do ato tradutório específico.

2) Transcrição:

Inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas (...) ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua e que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no texto fonte... (AUBERT, 1998, p.105).

Exemplos para ambas as situações citadas seriam algarismos, fórmulas, frases em latim. A Transcrição também ocorre, obviamente, quando o texto de partida contém alguma expressão emprestada da língua de chegada.

3) Empréstimo: o ponto em questão é perceptível quando um segmento do texto de partida é reproduzido no texto de chegada (com ou sem marcadores de empréstimo, como aspas, itálico ou negrito).

4) Decalque: o decalque é caracterizado por uma palavra ou expressão emprestada da língua original, mas que foi adaptada gráfica ou morfológicamente, e não se encontra nos dicionários recentes de tal língua.

5) Tradução Literal:

(...) o conceito de *tradução literal* é sinônimo de *tradução palavra-por-palavra* e em que, comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, se observa: o mesmo número de palavras, na mesma ordem sintática, empregando as 'mesmas' categorias gramaticais e contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguísticos... (AUBERT, 1998, p.106).

6) Transposição: é uma modalidade que ocorre quando são feitos arranjos morfossintáticos, descaracterizando, portanto, uma tradução literal. Exemplos que aqui podem ser inseridos são: duas ou mais palavras que são fundidas em uma, uma palavra que é desdobrada em várias, mudança na ordem das palavras ou alterações nas classes gramaticais.

7) Explicitação/Implicitação: informações implícitas no texto de partida são explicitadas no texto de chegada ou vice-versa.

8) Modulação: “ocorre modulação sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor um deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos” (AUBERT, 1998, p.108).

9) Adaptação: a tradução para um trecho do texto dado possui uma semelhança de sentido com o original, denotando uma assimilação cultural.

10) Tradução intersemiótica: “em determinados casos, particularmente na tradução dita 'juramentada', figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares

constantes do texto fonte vêm reproduzidos no texto meta como material textual...” (AUBERT, 1998, p.108).

11) Erro: somente os erros evidentes de interpretação são aqui abarcados.

12) Correção: não é rara a existência de erros, inadequações e gafes nos textos de partida, e o tradutor pode optar por corrigir tais problemas em sua tradução.

13) Acréscimo: o tradutor inclui, por sua própria vontade, um segmento textual em sua produção.

As modalidades de transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal e transposição são coletivamente denominadas modalidades de tradução direta. As modalidades de explicitação/implicação, modulação, adaptação e tradução intersemiótica constituem o conjunto das modalidades de tradução indireta (AUBERT, 1998, p. 110).

Ao apresentar as possíveis deformações sofridas por textos em prosa no processo tradutório, ainda buscando uma sistematização, Kuhn (2003) cita Berman (2007) e lista as estratégias que podem ser usadas durante a tradução (estão mais próximas, inclusive, do desconstrutivismo):

1) A racionalização: quando se dá uma nova ordem ao discurso, adiciona-se pontuação inexistente no original e fazem-se generalizações (traduzem-se verbos por substantivos e entre os dois substantivos escolhe-se o mais geral).

2) A clarificação: o indefinido torna-se definido; explica-se o que não está claro no original.

3) O alongamento: há um aumento da massa bruta sem um aumento de significação.

4) O enobrecimento: tornam-se as frases estilisticamente mais bonitas.

5) O empobrecimento qualitativo: escolhem-se palavras e expressões que não têm riqueza sonora, nem riqueza no nível do significado.

6) O empobrecimento quantitativo: há uma perda de volume lexical, por haver menos significantes na tradução do que havia no original.

7) A homogeneização: consiste em unificar, na tradução, nos vários níveis de texto, aquilo que era originariamente homogêneo.

8) A destruição dos ritmos: deve-se notar no texto original as contribuições para o ritmo da prosa, como a alternância de frases curtas e longas, a pontuação, as enumerações e os paralelismos.

9) A destruição das redes significantes subjacentes: há palavras e grupos de palavras que formam uma rede de significação subterrânea, que pode ser perdida na tradução.

10) A destruição dos sistematismos: o uso de certos tipos de construção, de certas conjunções e de certos tempos verbais pode ser significativo na obra em prosa, e isso deve ser levado em conta na tradução.

11) A destruição ou a exotização das redes linguísticas vernaculares: na tradução pode ocorrer, por exemplo, a supressão dos diminutivos e a troca dos verbos ativos por verbos substantivos.

12) A destruição das locuções: não se deve procurar equivalentes para provérbios, porque há uma consciência nas pessoas que as faz entender os provérbios, mesmo sendo traduzidos de uma língua e cultura estrangeiras.

13) O apagamento das superposições das línguas: uma língua culta coexiste com dialetos ou com mais de uma norma culta. Esta superposição da obra em prosa pode não existir na tradução.

No entanto, segundo Eco (2007, p. 370), não há como ser elaborada uma tipologia da tradução, “mas no máximo uma tipologia (sempre aberta) de diversos modos de traduzir, *negociando* a que cada vez o fim a que nos propomos – e a cada vez descobrindo que os modos de traduzir são mais numerosos do que supúnhamos”.

Voltando-se, por sua vez, à afirmação de que a tradução pratica a diferença entre significado e significante, Ottoni (1997, p.133) cita Derrida¹⁹ e conclui que a tradução não poderia ser uma réplica do original, e precisa ser vista como uma transformação. Traduzir, neste caso, é visto como movimentar-se entre uma língua e outra graças à produção e transformação de significados:

A ciência linguística dificulta a compreensão do ato de traduzir partindo da postura do tradutor como transportador de significados estáveis de um *sistema* – de uma *língua* – para outro, aquele que vai transportar significados entre dois sistemas fechados e diferentes entre si. (...) Para transformar e produzir outros significados numa outra língua, é fundamental partir da multiplicidade do significado. Só assim o tradutor participa de um fenômeno mais amplo que envolve a *linguagem* e não só a *língua*.

No campo de estudos da lexicultura, Barbosa (2009, p.33 e 40) implicitamente confirma Arrojo e Ottoni ao afirmar que “o léxico não é transparente e nem unívoco, mas opaco e polissêmico” e que as palavras carregam “referências culturais”. Dessa forma, “a

¹⁹ Ottoni (1997) indica a seguinte referência: DERRIDA J. Des tours de Babel. In: GRAHAM, J.F. (ed.). *Difference in translation*. Cornell University Press, 1985.

língua passa a ser considerada não mais como um instrumento para a comunicação, mas como um depositário da cultura da qual ela é representante”.

Na área do ensino/aprendizagem de línguas, Almeida Filho (1991) comenta o ensino comunicativo que, segundo nossa compreensão, se relaciona com a questão de *linguagem* presente nas citações acima:

(...) o ensino comunicativo é aquilo que não toma as formas da língua escritas nas gramáticas como modelo suficiente para organizar as experiências de aprender outra língua, mas sim, aquele que toma unidades de ação feitas através da linguagem como organizatórias das amostras autênticas (ou pelo menos verossímeis) de língua-alvo que se vão criar com e oferecer ao aluno-aprendiz. (ALMEIDA FILHO, 1991, p. 4)

É possível traduzir porque é possível aprender uma língua estrangeira. A partir desse ponto, Ottoni (1997) constrói uma reflexão sobre a relação língua materna e língua estrangeira como sendo uma reflexão sobre a própria tradução:

A dicotomia teoria e prática se concretiza e se fortalece, uma vez que a tradução e o ensino de línguas partem de uma linguística que prevê a relação entre a língua materna e a língua estrangeira, enquanto um confronto – na comparação entre dois sistemas, duas línguas – que retira o individual da linguagem. (OTTONI, 1997, p.131)

A tradução, se encarada como um processo de reprodução de sentidos equivalentes aos do texto original, leva em conta que é possível recuperar dados do texto ou do escritor a partir da leitura e que é igualmente possível a sua passagem para outra língua. Já a desconstrução, deixando de lado a concepção de um significado inscrito no texto e imune à diferença e ao adiamento, questiona a validade do pensamento tradicional que considera a leitura como a preservação de significados e a tradução como a sua passagem (ainda intactos em sua essência) para outra língua. É o que afirma, por exemplo, Rodrigues (2000, p. 202):

No entanto, ler não é buscar um ponto fixo, recuperar a intenção dada pelo autor ou desvelar o sentido oculto que estaria presente no texto. Ao ler, estamos criando um texto, estamos escrevendo nosso próprio texto, não restituindo o sentido dado pelo autor. A escritura rompe com seu contexto de produção e com qualquer contexto de recepção determinado.

Assim, conscientes de que a tradução foi definida e interpretada por séculos segundo a visão logocêntrica, que crê existir um sentido único que o tradutor deve buscar, adotamos no trabalho em questão como sustentação teórica a desconstrução derridiana, uma

visão mais radical do ato tradutório que abandona por completo a busca da equivalência, do sentido único. Adiantamos que a desconstrução, que será apresentada com mais detalhes nos próximos parágrafos, não é método, processo ou filosofia. Ela se aproxima mais de uma forma de leitura e consideração sobre o que é escrita e texto e, conseqüentemente, tradução.

2.2 A tarefa de Benjamin, a desconstrução de Derrida e a transcrição de Campos

Da mesma forma que as manifestações vitais estão intimamente ligadas ao ser vivo, sem significarem nada para ele, a tradução provém do original. Na verdade, ela não deriva tanto de sua vida quanto de sua sobrevivência. Pois a tradução é posterior ao original e assinala, no caso de obras importantes, que jamais encontram à época de sua criação seu tradutor de eleição, o estágio da continuação de sua vida (BENJAMIN, 2008, p. 68).

(...) nas suas traduções ele cria “livremente”, enxerta textos de outros poetas brasileiros e portugueses, redige verdadeiros tratados nas introduções, notas e posfácios histórico-filológicos, justificando as suas opções na tradução; já nos seus ensaios a sua linguagem nunca deixa de ser a do poeta Haroldo de Campos e o seu tema é muitas vezes a reflexão sobre a sua própria atividade poética/de tradutor (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 197).

A partir da experiência de quem chegou a traduzir poemas de Baudelaire, o filósofo Walter Benjamin (2008) discorre sobre a tarefa do tradutor em um dos textos que figuram como cânones da área.

Da mesma forma que alguns autores pregam a polissemia lexical em lugar do significado fixo, segundo o autor, ao elaborar uma tradução, o tradutor não deve tentar identificar quem/como seriam os receptores do texto original, da mesma forma que não deve buscar apoio em ponderações sobre quais serão os leitores do texto traduzido, pois essa reflexão não contribui para a tarefa tradutória, já que “o próprio conceito de um leitor ‘ideal’ é nefasto em quaisquer indagações de caráter estético, pois devem pressupor unicamente a existência e a natureza do homem em geral” (BENJAMIN, 2008, p. 66).

Para Benjamin (2008, p. 66), a tradução não deve ser vista apenas como um texto escrito para que falantes de outras línguas possam compreender uma obra original, visto

que isso a relega ao papel secundário de transcrição. “Se ela fosse destinada ao leitor, também o original o deveria ser”.

Mas, segundo ele, longe de apenas transcrever ou transmitir, cabe ao tradutor um trabalho criativo, pois “aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado (...) não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inaferrável, o misterioso, o ‘poético’? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta?” (BENJAMIN, 2008, p. 66). Dessa forma, a tradução também contribui para a sobrevivência do original, conferindo-lhe desdobramentos geográficos e temporais.

Benjamin (2008, p. 70-71) também coloca que a tradução provê o contato mais íntimo entre uma língua e outra, visto que anuncia afinidades entre elas. Porém, as línguas se encontram em constante transformação:

(...) existe uma maturação póstuma das palavras que já se fixaram: elementos que à época do autor podem ter obedecido a uma tendência de sua linguagem poética, poderão mais tarde ter-se esgotado; tendências explícitas podem destacar-se *ex novo* daquilo que já possui forma. Aquilo que antes era novidade, mais tarde poderá soar gasto; o que antes era de uso corrente pode vir a soar arcaico”.

Todavia, as mudanças citadas pelo autor não prejudicam o trabalho do tradutor, visto que tais transformações ocorrem também em sua língua materna (cf. BENJAMIN, 2008).

A tarefa do tradutor, enfim, “consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção, a partir da qual o eco do original é nela despertado. (...) A intenção do escritor é ingênua, primeira, intuitiva; a do tradutor derivada, última, ideativa” (BENJAMIN, 2008, p. 75).

Segundo Vieira (1996, p. 109), para Benjamin, ao tradutor cabe o papel de resgatar, libertar a língua que está, de certa forma, presa em uma obra estrangeira a partir da elaboração de um novo texto, dessa vez em sua língua materna.

Para Derrida, por outro lado, ainda segundo Vieira (1996, p. 112), “não existe tradução no sentido de resgate, ela será sempre um suplemento, um acréscimo que nunca complementarará o original, posto que é irremediavelmente incompleto. Daí estarem tradução e original sempre ligados por uma dívida mútua”.

Seguindo com as reflexões de Derrida (1998), ele ressalta que desconstruir um discurso é mostrar como se anula a filosofia que expressa um determinado conceito ou uma determinada visão de mundo, propondo em seu estudo a desconstrução da significação de

logos (a razão, a palavra de Deus, a fala, o discurso), em especial a significação relacionada à verdade.

Alinhando-se com Derrida, Rodrigues (2000) relembra que o pensamento clássico ocidental e logocêntrico considera existir uma ligação direta entre pensamento e fala. O pensamento seria representado pela fala, e a fala seria representada pela escritura, que a exterioriza em símbolos, marcas visuais. Portanto, o logocentrismo tomaria a fala como a mais próxima da verdade, pois representaria diretamente o pensamento, enquanto a materialização da fala era considerada o corpo exterior ao espírito, à alma, à verdade e à razão. “Nesse sentido, a fala seria transparente, não envolveria interpretação e haveria uma ligação direta e natural entre a voz, a alma e o *logos*, relação em que o significado se constituiria por sua proximidade com o *logos*, com a verdade” (RODRIGUES, 2000, p.194). A escritura, por sua vez, não permitiria a remissão a uma origem pura, pois sempre mostraria alguma diferença em relação a ela, podendo ser comparada a uma fotografia. Por isso a concepção da escritura como uma traição, como uma violência.

Todavia, segundo a autora, Derrida rebate essa impressão negativa que a escritura recebe ao colocar que só poderia haver uma deformação, uma violação da natureza da linguagem se a fala fosse mesmo natural, o que só seria possível se os signos fossem motivados, se não fossem convencionais e arbitrários. Afirma também que todo signo já é a representação de um outro signo, não remetendo a alguma coisa existente em algum lugar e, por esse motivo, a escritura não é menos natural que a fala. “Assim, a definição clássica de escritura como ‘signo de um signo’ teria que se aplicar a qualquer forma de linguagem, ou seja, tanto à fala quanto à escritura” (RODRIGUES, 2000, p.197).

Para atingir seus objetivos, a desconstrução começará por identificar no texto as operações retóricas que dão lugar à suposta base de argumentação. O projeto de desconstrução, no que diz respeito à linguagem, significa desconstrução e reconstrução de sentidos, ou seja, um deslocamento. Isso quer dizer que os sentidos não são sempre os mesmos, que há uma flutuação, um efeito de sentido. Esta concepção conduz à necessidade de negar a ideia de significado inscrito, fixo e imutável, porque tanto a leitura quanto a escrita se constroem em um presente circunscrito pelo tempo e espaço e em cada nova escritura, “cada elemento se constitui a partir do rastro dos outros elementos da cadeia ou do sistema” (RODRIGUES, 2000, p.198).

Grigoletto (1992) reitera a proposta desconstrutivista de que não há um significado único e anterior ao ato interpretativo. O sentido se constrói através da interação entre o leitor, o texto e o autor e não estaria já dado no texto. O significado, em toda a sua

instabilidade, é composto no ato da leitura, a partir de uma base explícita e literal já dada, sem a qual não seria possível a existência de semelhanças de interpretação. Diante da polissemia, a compreensão da linguagem entre sujeitos é possível porque a interação ocorre a partir de um discurso determinado social e historicamente, além de institucionalizado, onde se circunscreve a polissemia. Não há uma base imutável no texto, mas cada discurso está inserido em uma determinada formação ideológica que regula a produção de significados.

Se o significado é construído durante o processo da leitura, e se não há significado anterior à interpretação, a limitação de sentidos e, portanto, as semelhanças, são determinadas pela convencionalização de sentidos possíveis em diferentes períodos, culturas ou (...) “comunidades interpretativas”, numa restrição imposta pelas instituições. (...) A constituição de sentidos é, pois, social (GRIGOLETTO, 1992, p.95).

O projeto de desconstrução de Derrida tem implicações que se opõem ao ideal logocêntrico, valorizando a posição do sujeito/leitor/tradutor ao reconhecer sua interferência em qualquer texto: a desconstrução do sentido clássico de literalidade, de um significado depositado na palavra, imune à interpretação de um sujeito; a desconstrução do sujeito no que se refere à ilusão de sua presença eterna no texto produzido; e o questionamento da construção de signo de Saussure (significante + significado fixo e imutável), mesmo que esta relação seja necessária para embasar a comunicação humana. Ottoni (1998) expõe a tradução e a desconstrução como companheiras que caminham juntas e se confundem em alguns momentos (podendo ser consideradas sinônimas) na tentativa de revelar os mistérios da significação, da produção e transformação de significados.

Derrida (1998), ao tentar definir “desconstrução”, deixa claro que é difícil atribuir-lhe um significado, porque ele mudaria conforme mudassem os contextos (nenhum elemento encerra em si um significado próprio e único), e isso aconteceria em todas as línguas, inclusive em sua língua materna. Portanto, ele pode apenas tentar resgatar o intuito inicial, a essência e o propósito de sua criação para tentar explicá-la.

No que consiste, afinal de contas, a desconstrução? Segundo Derrida, não é uma análise, nem uma crítica e está longe de ser um método. Na verdade, não é também um ato ou uma operação:

A palavra “desconstrução”, como qualquer outra, não extrai seu valor senão da sua inscrição em uma cadeia de substituições possíveis, naquilo que se chama, tão tranquilamente, de um “contexto”. O que a desconstrução não é? É tudo! O que é a desconstrução? É nada! (DERRIDA, 1998, p.24).

Nessa medida, em nosso entender, “desconstrução” aproxima-se de leitura, de interpretação, de tradução. Em cada nova leitura, o indivíduo “desconstrói” o texto com o qual se depara, formulando uma interpretação com base em sua própria experiência cultural e social, para que possa, a partir de sua visão de mundo aplicada nos escritos de um autor qualquer, “construir” um novo texto.

No Brasil, de acordo com Sá (1996), uma tipologia “antropofágica” da tradução foi pensada por Mário de Andrade²⁰: traduzir é uma tentativa de absorção da multiplicidade cultural. Mas, a absorção e a digestão aparecem mais nítidas na topologia de Augusto de Campos, que funde a palavra introdução com tradução, criando a “intradução”, uma maneira de assumir o papel do criador e criar tudo novamente.

Sá indica que tais noções de antropofagia, deglutição e “intradução” estão presentes também na topologia de Haroldo de Campos, que vê a tradução como a “transluciferação”, pois não traduz partindo de um original, mas o transforma na tradução de sua tradução. Tais concepções se aproximam da desconstrução. Haroldo de Campos (1992) ainda coloca que a tradução literária é, ao mesmo tempo, um exercício de natureza crítica e criativa, uma transcrição.

Como citado na introdução do presente trabalho (e aqui retomado) uma das definições de Campos (1992, p. 35) para o termo transcrição é a seguinte:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. (...). Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a *iconicidade* do signo estético, entendido por *signo icônico* aquele “que é de certa forma similar àquilo que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal.

Campos defende que não se traduz o que é linguagem em um texto, mas o que não o é, advogando uma atividade de tradução que é análoga à criação e, portanto, poética (cf. TÁPIA; NÓBREGA, 2013, p. XVIII):

²⁰ “Como Mário de Andrade tão bem aponta, absorção e transformação dos modelos estrangeiros perpassa antes pela operação de esquecimento ou seu fingimento e passa depois pela metáfora da digestão das sobras e dobras da memória. A topologia da tradução em Mário de Andrade é uma antropofagia: subverte o *imitatio*, como ele fez em *Macunaíma*, transformando-a em avatar, o uno torna-se 300 (GOHN, 1995, pp. 88-91), que vai digerindo os espaços intra- e inter-nacionais” (SÁ, 1996, p. 72).

Em vez de buscar reconstruir um mundo passado, a visão haroldiana decide pela reinvenção de uma tradição, inserida em um novo contexto: o texto, portanto, transforma-se na “viagem”, e seu ponto de chegada acolhe-o de modo a participar de sua reestruturação, para a qual o presente, a releitura e a comunicação em novo espaço e em novo tempo são determinantes.

Segundo Alves-Bezerra (2009, p. 71), Campos define o tradutor como alguém que tem a chance de recriar o original a partir das potencialidades da língua alvo, que deve colocar-se como poeta e traduzir poesia com outra poesia, criando no tradutor um sentimento de liberdade e, ao mesmo tempo, de responsabilidade criativa “pois a escolha nunca será aleatória e deverá ser sustentável, pois há que haver uma relação de reciprocidade entre original e tradução”. Para Campos, então, se “o poeta é um fingidor”, de acordo com o poema de Fernando Pessoa (vide epígrafe), o tradutor é um “transfingidor” (CAMPOS, 2013b, 2013c).

Seligmann-Silva (2005, 193-194) coloca que Campos trabalhava com o jogo entre o concreto e o subjetivo da linguagem, mantendo em suas traduções “a mesma tensão entre a submissão ao texto original e à sua própria língua, entre o respeito aos elementos figurais do texto original (...) e ao seu elementos descritivo, narrativo”. Sua obra parece refletir essa dualidade com “as oposições entre prosa e poesia, literatura e pintura, aparência e realidade, original e tradução, ficção e discurso ‘da verdade’, nacional e estrangeiro” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 197).

Assim, ao invés de vista com desconfiança, a tradução pode ser considerada um ponto de partida para o aprofundamento das reflexões acerca de questões da linguagem, pois o tradutor não precisa descartar o humano, o contextual e o histórico durante a produção de seu trabalho.

Podemos lembrar que os próprios textos literários estão impregnados de outros textos e contextos anteriores. A história dos temas, formas, técnicas e gêneros é internacional. Um dos exemplos de tal afirmação é que os gêneros literários da Europa moderna (Renascimento, Barroco, Romantismo, Realismo, etc.) transpuseram barreiras e fronteiras entre nações. Como afirma Nitrini (1997),

(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se o da intertextualidade e a linguagem poética lê-se, pelo menos, como *dupla* (NITRINI, 1997, p.161).

Quem traduz não seria, então, um mero coadjuvante, mas um leitor, alguém que interpreta um texto de partida, imprimindo um pouco das suas perspectivas, para montar um texto de chegada. Por isso, o tradutor não deve ser visto como um traidor, mas como outro autor, outro artista. Cada leitura, então, acaba sendo única. Até mesmo o autor, a pessoa que pensou, criou e desenvolveu o texto, nunca mais o lerá da mesma forma, pois o momento único da criação não pode ser completamente recuperado.

2.3 Cultura e alteridade: tradução literária e exemplos de reflexão intercultural em notas de tradutores

A tradução de poesia (ou prosa que a ela se equivalha em problematidade) é antes de tudo uma vivência interior do mundo e da técnica do traduzido. Como que se desmonta e se remonta a máquina da criação, aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha. E que, no entanto, se revela suscetível de uma vivissecção implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica (CAMPOS, 2013a, p. 14).

Atualmente, a tradução de um romance pode e deve comunicar os elementos básicos da forma narrativa que estrutura o texto em língua estrangeira. Mas ainda assim não é verdade que esses elementos estão livres de variações. Qualquer uso da língua tende a variar o dialeto padrão ao mostrar uma diversidade de formações subpadronizadas ou minoritárias: dialetos grupais ou regionais, jargões, clichês e slogans, inovações estilísticas, arcaísmos, neologismos (VENUTI, 2000, p. 470, tradução nossa²¹).

Este tópico versará sobre a tradução literária de forma mais específica, já que a consideramos uma ferramenta eficaz, como apresentado anteriormente, para o trabalho com cultura em sala de aula e para a reflexão sobre alteridade, alinhando-se aos itens listados nos PCNs.

Venuti (2000) escreve que o texto fonte é sempre interpretado e reinventado, especialmente quando as formas são propícias a essa subjetividade interpretativa, como é o

²¹ “In current practices, a translation of a novel can and must communicate the basic elements of narrative form that structure the foreign-language text. But it is still not true that these elements are free from variation. Any language use is likely to vary the standard dialect by sampling a diversity of substandard or minor formations: regional or group dialects, jargons, clichés and slogans, stylistic innovations, archaisms, neologisms (VENUTI, 2000, p. 470).

caso dos textos literários e filosóficos, além de legendas de filmes, propaganda e afins. Para o autor, o texto fonte não teria como evitar uma variabilidade inerente, já que passa por um processo de estabelecimento em outras línguas e culturas. “É sempre reconstruído de acordo com um grupo diferente de valores e sempre variável de acordo com línguas e culturas diferentes” (VENUTI, 2000, p. 470, tradução nossa²²). A tradução não é composta somente por significados de dicionário, e nem simplesmente por elementos estruturais da narrativa, mas também por uma interpretação (cf. VENUTI, 2000).

Já afirmava Nida (2000) que não se pode julgar uma tradução como boa ou ruim sem levar em conta todos os fatores que estão em jogo durante o processo tradutório. Nida (2000) sugere que há três fatores elementares que afetam a tradução:

- 1) A natureza da mensagem (conteúdo e forma);
- 2) Os objetivos do autor e do tradutor (que podem ser inúmeros e, pertinente ressaltar, diferentes dos do tradutor);
- 3) Público-alvo (o interesse em potencial de adultos, por exemplo, é diferente do de crianças, da mesma forma que o leitor que procura entretenimento é bastante diverso do que procura informações para um trabalho técnico ou acadêmico).

Nida (2000) também apresenta dois tipos de equivalência tradutória: equivalência formal e equivalência dinâmica. A equivalência formal tem como foco, como o nome já ilustra, a forma e o conteúdo da mensagem, o que significa que o tradutor busca estar o mais próximo possível da língua de partida, havendo sempre a comparação para comprovação da equivalência. O autor dá a entender que tal ferramenta pode ser usada em alguns casos, apesar de considerar a equivalência dinâmica como mais produtiva.

A equivalência dinâmica se aproxima da teoria que sustenta o presente trabalho: a ênfase passa a ser a relação de dinamicidade entre a mensagem e o receptor, ou entre o texto e o leitor, de forma que “seja substancialmente a mesma que existia entre os receptores e a mensagem originais” (NIDA, 2000, 129, tradução nossa²³). Não há mais a necessidade de comparação com o texto fonte, o que dá ao tradutor certa liberdade e poder criativo.

²² “It is always reconstructed according to a different set of values and always variable according to different languages and culture” (VENUTI, 2000, p. 470).

²³ “should be substantially the same as that which existed between the original receptors and the message” (NIDA, 2000, p. 129).

Lefevere (1992) introduz o conceito de reescrita como forma de reprodução de um texto. Quando um texto adquire certa fama ou renome, ele pode passar a existir de várias outras formas além daquela produzida pelo autor e a ser exportado para outras culturas. Essa reescrita, reprodução ou recriação pode ser feita em gêneros diferentes (escritos ou orais), na mesma língua do original ou em uma língua estrangeira, e não é fruto do trabalho apenas do tradutor, mas de revisores e editores envolvidos no processo. Esse novo texto seria, segundo o autor, uma *refração*²⁴ do original.

Tal termo, na física, significa a mudança de direção de uma onda de luz, por exemplo, quando entra em um meio onde sua velocidade é diferente. A onda faz uma curva em menor ou maior grau, passando a seguir um caminho diverso. Lefevere, ao usar a palavra *refração* para falar em reescrita, parece querer descrever certa mudança de sentido no texto. Segundo ele, “quem reescreve cria imagens de um autor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de uma literatura inteira” (LEFEVERE, 1992, p. 5, tradução nossa²⁵) a partir do momento em que reproduz aspectos textuais e culturais de uma obra de forma diferente ao traduzi-la (traduzir aqui, como em outros trechos do trabalho, tem sentido amplo de leitura/interpretação e pode ocorrer dentro de um mesmo sistema linguístico) para sua cultura materna, fazendo presente a sua subjetividade mesmo que inconscientemente (porém, pode haver também manipulação da obra visando a interesses das mais variadas partes, segundo comentários do autor).

“As refrações ocorrem quando um texto é produzido para substituir um texto original para um dado público-alvo” (LEFEVERE, 1984, p. 219, tradução nossa²⁶). Os textos “refratados”, ainda segundo Lefevere, seriam independentes do original, apesar de ligados a ele, e estariam fora do controle do autor. “Para a grande maioria dos leitores, uma dessas refrações passa a ter de fato a função de original, é o original, em todo o sentido da palavra” (LEFEVERE, 1984, p. 217, tradução nossa²⁷).

Segundo Milton, ao comentar o termo de Lefevere,

²⁴ O termo “refraction”, em inglês, pode ser relacionado com uma fala de Campos que já foi citada no presente trabalho: “Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca” (CAMPOS, 2013a, p. 5).

²⁵ “rewriters create images of a writer, a work, a period, a genre, sometimes even a whole literature” (LEFEVERE, 1992, p. 5)

²⁶ “Refraction occurs when a text is produced to replace an original text for a given audience” (LEFEVERE, 1984, p. 219).

²⁷ “for the great majority of readers one of these refractions actually functions as the original, is the original, in the fullest sense of that word” (LEFEVERE, 1984, p. 217).

(...) uma obra literária será experimentada de várias formas “refratadas” através da crítica escrita e oral, de versões condensadas escritas, das várias manifestações dos meios de comunicação, tais como séries de televisão, filmes, desenhos animados, CD-ROMs, e hoje, obviamente das páginas da Internet (MILTON, 2002, p. 11).

Na era da tecnologia, as possibilidades de refrações realmente são ainda mais diversas, rápidas e globalizadas. Um exemplo recente são as inúmeras adaptações para o cinema ou televisão de livros com grande número de leitores jovens. Alguns fãs de Harry Potter, por exemplo, não visualizam o livro como a origem, pois o primeiro contato que tiveram com a obra de J. K. Rowling foi a partir das telas.

Uma das formas de refração que mais crescem na Internet são as chamadas “fanfictions”, textos escritos por fãs e publicados sem fins lucrativos em *sites* especializados em que figuram o mago inglês e várias outras personagens de livros afins (*Crepúsculo, Percy Jackson, Jogos Vorazes*, etc.).

Ao comentarem, por exemplo, as adaptações dos textos literários para os quadrinhos, ou HQs, Guerini e Barbosa (2013) afirmam que essas refrações podem ser uma ferramenta facilitadora da aprendizagem, mas que tais reescritas não devem ser pensadas como meras reproduções e que facilitar não deve ser a justificativa para essa transposição de gêneros.

Talvez seja melhor entender a estratégia como uma preocupação por recuperar as leis estéticas que foram molas mestras no texto literário traduzido em imagens e selecioná-las de forma que sejam adequadas à faixa do leitor, mas simultaneamente, que se guardem elementos da tessitura poética da obra de referência e os traços de sua vida interior, que obviamente não se restringe ao relato da história em rápidos recortes (GUERINI; BARBOSA, 2013, p. 09).

Grandes autores da literatura universal que têm textos refratados nos mais variados formatos, como Jorge Luis Borges e Umberto Eco, também foram tradutores e, de alguma forma, escreveram sobre suas experiências, mas não porque queriam formular regras ou apresentar uma teoria, visto que “a tradução aparece sempre como uma questão relativa ao fazer literário, e não apenas como um processo técnico de transposição idiomática” (MOREIRA, 2009, p. 250).

Para o argentino Borges, a multiplicidade de usos e de aspectos culturais das línguas torna a tradução literal impossível, já que a criação literária envolve escolhas, assim como a tradução. O escritor comenta que há duas definições diferentes para tradução e que

ambas se baseiam em definições também diferentes para a própria literatura (a clássica, que se interessa pelo texto e não por quem o escreveu, e a romântica, que foca no autor): a tradução romântica busca a literalidade, talvez na tentativa de manter as características do autor do texto fonte, enquanto que a tradução clássica, tende à “perífrase” (MOREIRA, 2009, p. 253). Nesse sentido, o conto “Pierre Menard, autor de Quixote”, vem ilustrar ironicamente a ideia de um “tradutor ideal” e da literalidade pura de uma tradução, já que Pierre Menard reproduz na íntegra o texto de Cervantes:

Os textos idênticos de Menard e Cervantes aparecem como alusão à imperfeição subjacente a toda tradução, ao absurdo de se ensejar uma tradução completamente literal, um texto absolutamente fiel ao original, tornando visível a necessária margem de infidelidade que deve marcar qualquer processo tradutório. Menard é, simultaneamente, leitor de Cervantes, tradutor do *Quixote* e autor de outro Quixote, por mais que esse seja coincidente com o texto de Cervantes” (MOREIRA, 2009, p. 253).

Eco (2007, p. 17), ao falar sobre tradução, considera que se trata da construção de um “duplo do sistema textual” da obra fonte que, mesmo não sendo puro ou inteiramente fiel ao original, produziria “efeitos análogos no leitor”. A interpretação e a subjetividade do tradutor e sua posição crítica, porém, estão presentes e acabam por interferir no texto original de forma que “ao traduzir, *não se diz nunca a mesma coisa*” (ECO, 2007, p. 107).

Porém, ainda conforme Eco (2007, p. 425), ao falarmos sobre fidelidade em tradução, não devemos pensar em uma única escolha aceitável, na demanda por exatidão, mas em uma interpretação respeitosa e cúmplice do texto original que busca “identificar aquilo que, para nós, é o sentido profundo do texto e é a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parece mais justa”.

Dessa forma, pelo que pode-se concluir após tais leituras teóricas, cada refração, reescrita, recriação e transcrição traz ao texto original novos horizontes, novas possibilidades de público e de crítica. Compartilharemos, então, a seguir, exemplos de textos literários traduzidos: a tradução anotada de *Bliss*, de Katherine Mansfield, feita pela brasileira Ana Cristina Cesar e alguns trechos das traduções dos contos de Alice Munro realizadas pela pesquisadora, como mencionado anteriormente²⁸. Consideramos que os exemplos de tradução literária a seguir são pertinentes para o presente trabalho porque ilustram, a partir das notas

²⁸ Como apêndice, para quem se interessar, também inserimos uma tradução comentada feita pela pesquisadora de trechos de um livro de Daniel Munduruku. É um exemplo do caminho oposto: passar um texto do português para o inglês, da língua materna para a língua estrangeira. MUNDURUKU, D. *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

dos tradutores, as oportunidades de reflexão (e pesquisa) cultural e linguística que o ato tradutório proporciona. Tais textos, seja por leitura ou pela possibilidade de aplicação prática, ajudaram a pesquisadora a compreender os mecanismos envolvidos na realização de uma tradução e a pensar que esse trabalho poderia contribuir para o ensino/aprendizagem de línguas, tanto estrangeira quanto a materna.

2.3.1 As escolhas tradutórias de Ana Cristina Cesar na tradução comentada de *Bliss*, de Katherine Mansfield

(...) traduzir é um rasurar que não apaga o que já está escrito, mas adiciona mais uma assinatura (nome próprio) à assinatura do outro, revivendo-a/avivando-a/embelezando-a (SÁ, 1996, p.77).

(...)
 Ana Cristina cadê você?
Estou aqui, você não vê?
 Cacaso²⁹

A artista Ana Cristina Cesar (1952-1983) atuou em áreas como teoria literária, comunicação e tradução, além de também ser poeta. Passou vários anos de sua vida na Inglaterra e, como requisito para obtenção do título de *Master of Arts* pela Universidade de Essex, elaborou como dissertação a tradução anotada (composta por oitenta notas) do conto *Bliss*, de Katherine Mansfield³⁰, texto que comentaremos aqui.

Segundo Cesar (1999), as notas de pé de página são consideradas por alguns autores a parte menos importante de um ensaio (portanto, reduzidas ao máximo ou ignoradas completamente) e, ao mesmo tempo, acabam promovidas à substância do texto por outros escritores, como faz a própria autora em sua tradução anotada. Gomes (2006) também comenta essa posição relutante de alguns autores em relação ao uso de notas, mas afirma que Genette e Derrida, por exemplo, defendem a presença delas no texto, visto que aprofundam o conhecimento do leitor.

²⁹ BRITO, A. C. de (Cacaso). Ana Cristina. In: LEONE, L. di. *Ana C.: as tramas da consagração*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 71, grifo nosso.

³⁰ Cesar foi aprovada, segundo sua irmã, com distinção (CESAR, 1999, p. 277).

É verdade que elas provocam uma desordem no texto, um desvio, uma momentânea bifurcação, o que faz com que ele perca seu caráter de linearidade. No entanto, é uma desordem tão necessária que Genette passa a questionar o caráter paratextual dessas notas, que se situam em uma zona de indefinição entre texto e paratexto (p. 324). Essa concepção de Genette, de que as notas são tão relevantes quanto o próprio texto, nos remete a Derrida, que defende a prática de uma leitura descentrada da obra. Para ele, os sentidos localizados na margem passam a suplementar o significado textual. (GOMES, 2006, p. 77)

Em uma passagem de sua introdução à tradução, ao descrever o teor de suas notas, Cesar as define exatamente como pistas, como rastros de suas escolhas como tradutora. Podemos trazer a ponderação de Martins (2007, p. 33), de que: “É possível acompanhar a construção da imagem de si no discurso através de procedimentos enunciativos”, para pensar, no caso, sobre os comentários explícitos nas notas tradutórias.

(...) as oitenta notas acabaram ficando mais extensas do que a própria história e sua tradução e foram desvendando gradualmente a forma como o processo de tradução se estava efetuando; elas convergem, passo a passo, para os movimentos da mão e da mente do tradutor, incluindo digressões que não são eruditas, problemas de interpretação literária e algumas perplexidades sobre os próprios personagens que não puderam ser adequadamente resolvidas. Assim sendo, as notas seguem a trilha do meu pensamento durante a tradução e tentam dar-lhe caráter gráfico (na medida do possível). (CESAR, 1999, p. 286)

Cesar (1999) ainda classifica as oitenta notas de sua tradução (as quais concentra em momentos centrais do conto relacionados à personagem principal quando, em sua opinião, o tradutor se sente mais envolvido pela história e a necessidade de explicá-la se torna maior) da seguinte maneira:

- 1- Notas que se relacionam com problemas gerais de interpretação: nesse caso, mais uma vez comentando sua “presença” no texto traduzido, a tradutora aponta que tais comentários podem revelar quais pontos do conto lhe despertam mais interesse, um esboço de sua leitura pessoal (e aqui acreditamos que mais presente estará seu *ethos* de artista).

Nessa primeira categoria inclui-se, obviamente, a nota 1 sobre a palavra *bliss* e suas implicações; há outra sobre a separação entre a criança e o adulto, em KM, que se relaciona com a primeira e, de certa forma, lhe dá seguimento. Outra nota trata das imagens relacionadas com comida, evitando possíveis conclusões psicanalíticas. Há ainda notas secundárias sobre o símbolo da pereira e sobre a presença de uma babá, aparentemente sem importância na história (CESAR, 1999, p. 287).

- 2- Notas que apresentam os problemas de sintaxe: são as mais numerosas do texto e mostram a preocupação de Ana Cristina Cesar em tentar manter o ritmo da prosa de Katherine Mansfield. É válido comentar que a tradutora conhecia muito bem a obra da autora e sabia da importância que o ritmo tinha para a própria Mansfield ao inserir na apresentação de seu trabalho a seguinte citação da autora neozelandesa:

Escolhi não apenas o comprimento de cada frase, mas até mesmo o som de cada frase. Escolhi a cadência de cada parágrafo, até conseguir que eles ficassem inteiramente ajustados às frases, criados para elas naquele exato dia e momento (Katherine Mansfield citada em CESAR, 1999, p. 284).

- 3- Notas que mostram alterações que buscavam um melhor resultado estilístico (idiossincrasias estilísticas): segundo a tradutora, essas notas envolvem desde casos simples como repetição de palavras para criar uma pausa rítmica ou alteração de adjetivação para evitar o acúmulo de adjetivos característico do inglês até questões de dicção e tom:

(...) há mudanças marcantes de tom, que em geral são abruptas. A narração ora tende para o “poético”, revelando a seriedade do narrador em relação ao assunto, ora é claramente “prosaica”, revelando um olhar implícito de ironia (CESAR, 1999, p. 295).

Uma das notas mais importantes do trabalho de Cesar é a primeira, que versa sobre a escolha do título em português. A palavra “*bliss*” foi traduzida por outros tradutores como “felicidade”, mas há a possibilidade de também utilizarmos “alegria” ou “contentamento”. Segundo Cesar, porém, sua escolha recaiu sobre “êxtase” porque lhe pareceu um termo que denota um tipo de sentimento mais forte que a felicidade, sugerindo uma sensação espiritual, que transcende o que é mundano e que se instaura muito raramente em situações especiais que remetem aos instintos mais primitivos dos homens, como a maternidade, o extremismo religioso, o prazer sexual e o relacionamento homossexual, segundo a autora.

Êxtase foi a palavra que escolhi para traduzir *Bliss*. É uma palavra forte, proparoxítone de boa cepa, tem uma aguçada tonalidade religiosa e não pode ser confundida com *just plain happiness* (felicidade). No entanto, eu usaria o título inglês entre parênteses, logo depois, e provavelmente, seria essa a única nota que faria para os leitores brasileiros. (CESAR, 1999, p. 324)

Na citação acima, Ana Cristina Cesar explica que sua escolha almejava fugir da definição comum de felicidade, que poderia apagar o teor homossexual do sentimento de Bertha, descrevendo mais a relação heterossexual, comum, ordinária e simples demais para um termo assim, que carrega um significado mais “violento” e mais sensual.

A terceira nota, por sua vez, tem um termo bem diferente. Trata-se de um dos exemplos de diferenças culturais regionais e mesmo temporais que o tradutor enfrenta ao transitar entre uma língua e outra, entre um texto escrito há sessenta anos e sua tradução atual. Em “*to bowl a hoop*”, há a necessidade de pesquisa sobre a expressão. Trata-se de uma brincadeira antiga em que as crianças corriam pelas ruas rolando um aro de madeira ou de ferro com a ajuda de uma vareta. Hoje, tal expressão poderia gerar confusão visto que muitos leitores não conhecem o jogo. A tradutora poderia ter optado por “rolar um pneu” ou “brincar de bambolê”, por exemplo, mas usa, porém, “rolar um aro”, talvez com a intenção de evocar visualmente o jogo.

Um dos exemplos de intervenções tradutórias que buscam um melhor resultado estilístico é apresentado na nota de número nove. Nesse momento, para evitar a repetição de adjetivos em “*But in her bosom there was still that bright glowing place*”, a autora escolhe “Mas no seu peito ainda havia aquela ardência”.

Vejamos, agora o que Cesar insere na nota dezenove, que trata do trecho em que Bertha interage com a babá:

Como tradutora, fiz o possível para que a linguagem de Nanny tivesse um tom simultaneamente coloquial e protetor, ou então que se caracterizasse pelo uso de frases estereotipadas: na maior parte do tempo, mesmo ao falar diretamente com Bertha, a babá controla a situação, ora usando continuamente linguagem dirigida ao bebê, ora jargão típico de babá. (CESAR, 1999, p. 335)

Ainda sobre a mesma cena, Cesar destaca que precisou fazer outra adaptação: optou por inserir vários diminutivos na descrição do bebê, pois em português soaria mais natural. Por outro lado, ao lermos a vigésima quinta nota, notamos que houve outra situação na qual a tradutora achou que a melhor opção seria manter o termo em inglês: “*Miss Fulton*” prevaleceu sobre “Senhorita Fulton” porque Cesar considerou que o termo da língua inglesa já era bem conhecido dos brasileiros devido, por exemplo, aos concursos de beleza. Além disso, a tradutora considera que “senhorita” soa artificial em nossa língua, e “ora é usada de forma cômica, ora de forma ultraformal” (CESAR, 1999, p. 337).

A vigésima nona nota é tão importante quanto a primeira e trata de um dilema tradutório como o do título. Apesar de “*pear tree*” possuir o equivalente “pereira” em português, a tradutora, em suas reflexões, acreditou que usar o termo mais geral “árvore” seria a melhor opção. Segundo ela, em mais um comentário que envolve diferenças culturais, a pereira tem para os ingleses um valor de familiaridade que não compartilhamos no Brasil (não é, diga-se de passagem, uma árvore que vemos todos os dias). Para nós, conforme observado por Cesar, o termo remete mais do que depressa a um dos mais comuns sobrenomes presentes em nosso país e é uma palavra “desarmoniosa e inexpressiva” (CESAR, 1999, p. 338).

Por fim, novamente decidi optar pela generalização e usei a palavra *árvore* (uma palavra proparoxítone, forte e bonita por natureza). Examinei o conto cuidadosamente e concluí que essa palavra não prejudicaria a intenção da autora. Além disso, também se destacaria na última frase – a fundamental. Não me seria possível terminar a história como uma *pereira*, mesmo que estivesse repleta de flores. (CESAR, 1999, p. 339)

Ao justificar sua escolha, a tradutora deixa ostensivamente à mostra mais uma vez seu *ethos* de artista, de poetisa, ao examinar a sonoridade da palavra e ao dar-lhe um valor negativo, recusando-se a utilizá-la em seu texto por achar que afetaria seu ritmo, seu tom. Outro tradutor poderia, talvez, usar o termo “pereira” sem problemas. Kuhn (2003), por exemplo, considera que a escolha de Cesar faz com que uma rede de significações seja perdida, já que a imagem, a maciez, a doçura, as formas arredondadas da pera, semelhantes às curvas do corpo feminino, reforçam a sensualidade presente no conto.

Há inúmeras outras notas que tratam de diferentes facetas que envolvem o ato tradutório e que renderam a Ana Cristina Cesar um longo tempo de estudo e reflexão para que chegasse à sua tradução de *Bliss*. Talvez essa tradução, hoje, não a deixasse satisfeita e outras escolhas tomassem lugar. É aí que está uma das belezas do ato tradutório: cada tradução se torna um texto à parte, tão pleno de valor artístico quanto o texto original, o que amplia, de certa forma, o trabalho da própria Mansfield.

2.3.2 Tradução comentada de contos da escritora canadense Alice Munro

Como mencionado na introdução da presente tese, durante a graduação, a pesquisadora, como bolsista de Iniciação Científica, participou de um grupo de estudos

tradutórios que visava à tradução comentada de contos da autora canadense Alice Munro, na época pouco conhecida no Brasil e ainda sem traduções aqui publicadas. Foi possível notar, ao refletir sobre o ato tradutório, que a necessidade de fazer escolhas de termos e expressões que se encaixariam melhor no texto traduzido trazia a oportunidade de enriquecimento de vocabulário e dava mais segurança para trabalhar com as diferentes estruturas tanto da língua estrangeira quanto da língua materna.

No que diz respeito aos comentários, ou às notas, os tradutores iniciantes tiveram plena liberdade para inseri-las onde pensavam ser mais importante, não tendo limite para o número de notas ou para sua extensão. Depois, com a ajuda da orientadora, as notas desnecessárias foram cortadas e as que não haviam sido identificadas foram acrescentadas. O objetivo das notas é fornecer ao leitor uma visão mais ampla do conto, deixando sua riqueza de significados mais evidente, facilitando um maior entendimento de seu contexto social e histórico. As notas também se tornam uma espécie de roteiro que ajuda o leitor a visualizar o processo de desconstrução do texto de partida, e, ao mesmo tempo, permite a percepção de como o tradutor constrói o texto de chegada.

A seguir, então, serão apresentadas algumas notas relativas às questões culturais produzidas durante a tradução comentada dos dois contos de Alice Munro com o intuito de ilustrar o trabalho realizado³¹:

Herdeiros do corpo vivente

**Trechos da tradução comentada do conto de Alice Munro *Heirs of the living body*, por
Maria Claudia Bontempi Pizzi**

(...) um quadro dos "Pais da Confederação"³² e outro do rei, da rainha e das princesinhas, todos em seus requintados trajes de coroação.

³¹ Os números das notas não correspondem à ordem em que aparecem na tradução citada, visto que para evitar problemas de configuração, elas passaram a seguir a numeração geral das anotações da tese.

³² Os 36 parlamentares que discutiram e criaram a Constituição Federal canadense de 1867 são chamados de Pais da Confederação. Alguns dos nomes mais importantes são John A. Macdonald, George-Étienne Cartier, Thomas D'Arcy McGee, Charles Tupper e George Brown. A imagem que os canadenses têm dos Pais da Confederação é derivada do quadro *The Fathers of Confederation*, pintado pelo artista Robert Harris em 1884, que retrata a conferência de Quebec de 1883 (N.T.).

Entretanto, como era um patriota, içava a bandeira e vendia os Bônus da Vitória³³.

"Eu não me importo mais com esse canteiro. Já desisti dele," gritou minha mãe da porta da cozinha, precipitadamente, em tom de aconselhamento. "Não há nada plantado nele além dessa velha London Pride³⁴, e de qualquer jeito eu vou arrancá-la logo!".

Sempre que nós o visitávamos, ele estava sentado perto do rádio, fumando seu cachimbo, ouvindo *Boston Blackie*³⁵ ou *Police Patrol*³⁶, pneus derrapando e revólveres disparando enquanto ele balançava severamente a cabeça careca em formato de noz.

E elas corriam, entravam e saíam com xícaras de chá, copos de limonada, biscoitos de polvilho frescos e amanteigados, bolo Martha Washington³⁷, fatias de bolo inglês, pequenos confeitos de frutas cristalizadas passadas no coco, deliciosos para se mordiscar.

Como conheci meu marido

**Trechos da tradução comentada do conto de Alice Munro *How I met my husband*, por
Maria Claudia Bontempi Pizzi**

A sobremesa era algo que jamais receberia destaque na casa deles. Uma travessa de Jello³⁸, bananas picadas ou frutas enlatadas. “Se em sua casa não há torta, se envergonhe até estar morta”³⁹, já dizia minha mãe, mas a Senhora Peebles pensava diferente.

³³ "Victory Bonds" eram certificados vendidos pelo governo canadense durante a Segunda Guerra Mundial. Nove bônus foram lançados entre 1941 e 1945. Os cidadãos, movidos pelo patriotismo que a guerra despertou e pela intensa propaganda promovida pelo governo, compravam os bônus na esperança de ajudar nas necessidades do país durante o conflito. A arrecadação chegou a 12 bilhões de dólares (N.T.).

³⁴ "London Pride" (Orgulho de Londres), termo antigo já substituído por "Sweet William" (Doce William), é o nome popular para *Saxifraga umbrosa*, uma planta forte e perene, nativa das terras altas da Grã-Bretanha (N.T.).

³⁵ "Boston Blackie" – Programa de rádio transmitido de 1944 a 1950 na América do Norte (N.T.).

³⁶ "Police Patrol" – Também um antigo programa de rádio norte-americano (N.T.).

³⁷ Martha Dandridge Washington (1731-1802) se casou em 1759 com George Washington (1732-1799), que viria a ser o primeiro presidente dos Estados Unidos, eleito por unanimidade em 1789. O bolo citado no conto, que leva seu nome e era uma de suas receitas favoritas, há muitas décadas faz parte da culinária tradicional norte-americana. Os ingredientes especiais são frutas, noz-moscada, vinho e conhaque (N.T.).

³⁸ "Jello" ou "Jell-O" é a marca registrada norte-americana de um tipo de gelatina com sabor de frutas (N.T.).

³⁹ "Have a house without a pie, be ashamed until you die" – O trecho poderia ser traduzido, mais literalmente, como "Tenha uma casa sem torta, sinta vergonha até morrer". Porém, para manter na língua de chegada o recurso da rima que a língua de partida apresenta, optou-se por "Se em sua casa não há torta, se envergonhe até estar morta" (N.T.).

O calor do dia, o peso do cetim e toda a excitação me deixaram com sede e fui para a cozinha, vestida como estava, para pegar na geladeira um copo de refrigerante⁴⁰ com gelo.

Naquela manhã Alice Kelling acordou tarde e eu preparei uma *grapefruit*⁴¹ para ela da maneira como tinha aprendido e a Sra. Peebles sentou-se ao lado dela para conversar e tomou outra xícara de café.

O carteiro era um Carmichael⁴². Eu sabia pelas suas feições porque havia muitos Carmichaels vivendo ali perto de nós e muitos deles caracteristicamente tinham o lábio superior saliente.

Esperamos que os exemplos de notas tradutórias voltadas especialmente para questões culturais tenham contribuído para ilustrar a relevância do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo tradutor, além de demonstrar o rico conhecimento que se pode extrair de uma obra literária e o quanto, portanto, ela poderia contribuir para uma abordagem intercultural. A seguir, discutiremos questões relacionadas à identidade do professor, de suas competências às suas representações sobre o ensino/aprendizagem de línguas e sobre a tradução.

⁴⁰ “ginger ale”/“refrigerante” – O texto de partida traz a expressão “ginger ale”, uma bebida não alcoólica feita à base de gengibre. No Brasil, o “ginger ale” foi comercializado durante a década de 1960, mas hoje não se encontra mais tal bebida nas prateleiras dos supermercados tão facilmente. Há no *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* (1986), porém, o termo “jinjibirra” ou “gengibirra”, a primeira opção durante a tradução do trecho. Todavia, o termo vem do inglês “ginger-beer”, uma bebida fermentada, feita de frutos, gengibre, açúcar, ácido tartárico, fermento de pão e água. Como “beer” é “cerveja” em português e ocorre fermentação durante o processo, levando a sinônimos como “champanha-de-cordão” e “cerveja-de-barbante” no nordeste brasileiro, a opção recaiu sobre refrigerante, que também não é alcoólico (N.T.).

⁴¹ O termo “grapefruit” corresponde a “toronja” em português, uma fruta grande de casca amarela que se parece com uma laranja. Como a palavra não é muito usada no Brasil e a fruta não muito conhecida, o termo da língua de partida foi mantido (N.T.).

⁴² O sobrenome “Carmichael” se originou na Escócia. Um antigo forte no topo de um monte (chamado de “caer”) foi escolhido pela Rainha Margaret, no ano de 1058, para estabelecer uma igreja. Ela dedicou a igreja a “St. Michel” e o distrito e seus habitantes se tornaram “de Caermichel” quando sobrenomes se tornaram necessários no século XIII. Várias famílias carregaram tal nome para os Estados Unidos e o Canadá, além de outros países. No Canadá, onde muitos imigrantes escoceses e irlandeses iam acompanhando os ingleses na condição de empregados, estão centralizados em Ontário 10% dos “Carmichaels” do mundo (N.T.).

2.4 Identidade, competências e representações do professor de línguas

2.4.1 Identidade e competência tradutória

Ao imprimir no texto a sua forma de expressão, o tradutor deixa, portanto, marcas de seu *ethos*, ou seja, de sua voz, de seu tom. Como afirma Martins (2007),

Eggs (2005) expõe a forma com que, para Aristóteles, o discurso ou a argumentação se constroem com base em três pilares: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. O *logos* diz respeito à argumentação racional propriamente dita; o *pathos* concerne ao envolvimento e ao convencimento do interlocutor; o *ethos* refere-se ao aspecto ético ou moral que o enunciador deixa entrever em seu discurso. (...) o *ethos* configura-se como a voz do fiador ou o tom que o enunciador insere em seu texto com a finalidade, não apenas de persuadir, mas de aderir ao co-enunciador, propiciando, inversamente, sua adesão ao *logos* que lhe representa (MARTINS, 2007, p.28).

De forma bastante simplificada podemos dizer que o *logos*, portanto, está ligado ao conteúdo, ao assunto do discurso, enquanto o *pathos* envolve questões sentimentais de identificação entre locutor e interlocutor e o *ethos* consiste na maneira de falar do locutor.

Ethos é uma palavra grega que significa “caráter” e que é usada para descrever as crenças e ideais que caracterizam uma comunidade, uma nação ou uma ideologia. Os gregos também utilizavam essa palavra para referir-se ao poder da música, que poderia influenciar as emoções e os comportamentos dos ouvintes.

Martins (2007, p. 28) ainda aponta que, na linha do pensamento aristotélico, o *ethos* é anterior ao discurso, visto que “significa o aspecto moral que o locutor, com diferentes intenções, deixa transparecer em seu discurso”. Ainda segundo a mesma autora, o *ethos* pode apresentar um sentido moral relacionado à transparência do discurso, à sinceridade inerente ao ser humano (como postulava Aristóteles) e um sentido de adequação ao tipo social (idade, classe, etc.) tanto do “orador” como do “auditório” (em termos aristotélicos), fazendo com que o público identifique-se com o locutor. É certo que com os sofistas o *ethos* passou a adquirir outro contorno, no sentido da construção de uma identidade, independentemente da origem social do enunciador (cf. MARTINS, 2010).

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos comentar o conceito de Benveniste (2005) sobre a subjetividade da linguagem, que está presente na capacidade do locutor para se

propor como sujeito. Falar uma língua não engloba apenas o conhecimento de técnicas, então é necessário aprofundar-se no sentido heurístico, na personalidade. O “eu” se apresenta como sujeito em seu discurso e os pronomes pessoais, que existem na língua como signos vazios, só adquirem sentido dentro de um discurso. Incorporamos maneiras de ser a esse “eu” (modelos como pai, mãe, professor nos influenciam), pois apesar de cada um ter a sua forma de falar, ela não é completamente original.

Coracini (2009) promove, mais especificamente, reflexões sobre a figura identitária do tradutor a partir da análise de artigos publicados em periódicos dedicados especialmente à tradução, prefácios de obras traduzidas e coletâneas de textos sobre tradução. Segundo a autora, atualmente há uma crise, uma perda de identidade (individual, social e nacional) devido à globalização, à centralização e homogeneização gerada por esse processo. “Apesar disso, ou justamente por isso, sociedades inteiras insistem em construir verdades (...), em propor categorias e construir estereótipos reforçados pela mídia, em buscar o absoluto que dê estabilidade e segurança, ainda que ilusórias, ainda que passageiras” (CORACINI, 2009, p. 167).

A partir desse contexto, a autora discute o que significa, então, *ser* tradutor. Segundo ela, para os estudos sociais: “a identidade social e individual pode ser definida como um rol de características que, ao mesmo tempo em que identificam um indivíduo a outros semelhantes (por isso formam um grupo), distinguem-se dos indivíduos do mesmo grupo, assim como distinguem os grupos de si” (CORACINI, 2009, p. 168). Para a psicanálise, por outro lado,

(...) a identidade se resume ao que o sujeito é capaz de dizer (narrar) sobre si, ou seja, sobre o ego (eu), construído necessariamente a partir da relação com o outro – pai, mãe, grupo social... – que o define e que ele internaliza como sendo ele próprio, no desejo de corresponder ao que o outro deseja dele (...). É o que parece acontecer com o tradutor, que constrói sua identidade por meio dos vários discursos sobre ele, sobre sua(s) tradução(ções) e sobre a tarefa do profissional da tradução, das imagens e representações que outros – teóricos sobretudo, mas também outros tradutores – deixam escapar pela linguagem (CORACINI, 2009, p. 168).

Coracini (2009) destaca, então, a partir de suas leituras e pesquisas, quais são as várias visões sobre a identidade do tradutor e sobre o ato tradutório. Os teóricos da área e os próprios tradutores, por exemplo, podem seguir duas linhas diferentes de pensamento. Alguns consideram que “(...) o bom tradutor ou o tradutor ideal é aquele que desaparece para dar lugar ao autor; é aquele que consegue ser tão fiel ao autor e, portanto, à obra que se torna

transparente – apenas um instrumento que se retira tão logo a obra se completa” (CORACINI, 2009, p. 171). O tradutor é um sujeito racional, uno e completo, portanto, e possui algumas características fundamentais para realizar tal atividade: proficiência linguística, proficiência temática, saber interpretar, competência estratégica, ser capaz de produzir no leitor o desejo de ler, competência temática e lexical, competência pragmática, etc.. Encontramos referência a tais habilidades ou competências também no texto de Kelly (2005, p. 26-27, tradução nossa⁴³), que lista como especificidades da profissão:

Habilidades linguísticas

- Comando perfeito de todos os aspectos e níveis estilísticos da primeira língua.
- Conhecimento meticuloso de duas ou mais línguas (...).

Habilidades temáticas

- Familiaridade com economia, questões financeiras, problemas legais, campos técnico ou científico.

Habilidades tradutórias

- Capacidade de compreensão de textos na língua de saída e passá-los corretamente para a língua alvo, usando o registro e outras convenções linguísticas que correspondem ao propósito intencionado.
- Capacidade de obter, rápida e eficientemente, em ambas as línguas original e alvo, o conhecimento prévio (...) necessário para produzir uma tradução com padrão profissional, até mesmo em campos pouco conhecidos. Inclui-se a habilidade de usar ferramentas de pesquisa e de aprender estratégias de pesquisa.
- Capacidade de usar eficientemente ferramentas computacionais de tradução e terminologia (...).

Pym (2003) também escreve sobre a competência tradutória, citando várias definições de estudiosos diferentes (Bell, Neubert, Hurtado, Mayoral, Waddington, etc.). O autor afirma, porém, que prefere pensar tal competência de forma mais minimalista, postulando que o tradutor basicamente precisa ter a habilidade de fazer escolhas, como vemos na citação a seguir: “A competência tradutória que nos interessa é, portanto, um processo de escolha entre alternativas viáveis. E isso pode ser potencialmente distinguido da terminologia

⁴³“Language skills • Perfect command of all aspects and stylistic levels of the first language./• Thorough knowledge of two or more other languages (...). Thematic skills • Familiarity with economics, financial affairs, legal matters, technical or scientific fields. Translation skills • A capacity to understand texts in the source language and to render them correctly in the target language, using the register and other language conventions that correspond to their intended purpose./• A capacity to obtain rapidly and efficiently, in both source language and target language, the background knowledge (...) necessary to produce a translation of professional standard, even in less widely known fields. This includes the ability to use research tools and to become familiar with research strategies./ • A capacity to master computer-assisted translation and terminology tools (...)” (KELLY, 2005, p. 26-27).

convencional, ensino/aprendizagem de línguas e ciência cognitiva naturalista (...)” (PYM, 2003, p. 491-492, tradução nossa⁴⁴).

Voltando ao texto de Coracini (2009), para outros pesquisadores, “(...) imprime-se ao tradutor a tarefa de autor, porque, ao traduzir, modifica, sempre e inevitavelmente, o texto que interpreta, produzindo novos significados” (CORACINI, 2009, p. 173). O tradutor passa a sujeito inconsciente, heterogêneo e fragmentado, que sofre influências do contexto histórico em que está inserido.

Há atualmente, então, de acordo com Coracini (2009), um quadro de ecletismo teórico, uma

(...) região de conflitos entre o desejo de fidelidade e de reverência ao autor do texto-base e o desejo de ser o lugar da origem, de ser completo, que se traduz na ânsia de criatividade e de autoria: ao mesmo tempo em que defende a tradução como criação, o tradutor ou o autor do texto traduzido afirma se ater a cada palavra na preocupação com o sentido do texto (CORACINI, 2009, p. 179).

É válido ressaltar que a visão que mais se aproxima da escolhida para o desenvolvimento deste trabalho é a segunda citada acima, visto que à tradução são atribuídas características de interpretação e de transformação e, ao tradutor, a identidade de segundo-autor. Então, traduzir é um ato individual que, obviamente, sofre influências de seu tradutor e do meio em que o mesmo formou sua maneira de ver o mundo e de interpretar o pensamento de outras pessoas. Por tal essência, a teoria da tradução nasce a cada nova tradução e em cada novo tradutor.

⁴⁴ “The translation competence that interests us is thus a process of choosing between viable alternatives. And this can potentially be distinguished from mainstream terminology, language learning and naturalistic cognitive science (...)” (PYM, 2003, p. 491-492).

2.4.2. Abordagem docente e representações sociais: o que sabem, pensam e acreditam os professores

2.4.2.1 Abordagens e competências: o professor reflexivo

Os estudos sobre educação, ao buscarem soluções para os problemas que tal área enfrenta, apontam para questões como a formação do docente e sua posterior atuação profissional. Como afirma, por exemplo, Viana (2007), a realidade contemporânea, inserida no movimento histórico-social pós-moderno, exige uma nova forma de ensino e, conseqüentemente, uma nova postura do professor, que deixa de ser um passivo “consumidor de teorias resultantes de pesquisas conduzidas por investigadores que, geralmente, não estão atuando em sala de aula” (p. 236).

Também Gadotti (1993) destaca questões a serem pensadas sobre educação a partir desse ponto de vista pós-moderno. O homem moderno contribuiu para a formação das massas, enquanto que o homem pós-moderno, ao negar seus antecessores, busca a valorização do seu cotidiano e das realidades que o cercam, tendo objetivos pessoais e achegando-se às minorias. Segundo ele, o processo educacional precisa se adaptar a essa nova realidade social e cultural, libertando-se dos ideais modernistas ligados ao positivismo e buscando ser a educação do futuro, “educação pós-moderna e multicultural” (GADOTTI, 1993, p. 310). O processo que leva ao conhecimento envolve “o movimento, o imediato, o afetivo, a relação, a intensidade, o envolvimento, a solidariedade, a autogestão” (GADOTTI, 1993, p. 312). O professor deve, portanto, segundo Gadotti, perceber a necessidade de atitudes diferentes perante alunos diferentes.

Sobre a condição pós-moderna escreve também Holmes (1992). Outro efeito importante da massificação citada por Gadotti (1993) aparece nas considerações de Holmes de uma forma mais específica: “a erosão gradual de *status* de ‘especialista’ em quase todas as disciplinas” (HOLMES, 1992, p. 38, tradução nossa⁴⁵). Todos possuem acesso à informação devido a recursos como a Internet e, assim, todos se consideram conhecedores de vários assuntos diferentes.

Segundo Holmes, quando os especialistas ainda gozavam de grande prestígio, como nos anos 1960, os professores não eram vistos como pesquisadores, mas como “meros

⁴⁵ “(...) the gradual erosion of the status of ‘experts’ in almost all disciplines” (HOLMES, 1992, p. 38).

intérpretes de livros didáticos” (1992, p. 39, tradução nossa⁴⁶). Tais livros didáticos eram desenvolvidos por pesquisadores envolvidos com o meio acadêmico.

Percebe-se, portanto, que há um consenso na realidade da educação no período pós-moderno de que mudanças educacionais devem acompanhar as mudanças histórico-sociais para tentarmos fugir do velho (mas persistente) fracasso do sistema. Há a necessidade de mais movimento, de maior preocupação com os meios (processos) ao invés dos fins, e da busca pela interpretação da diversidade.

Devido aos fatores acima citados, no contexto contemporâneo, o professor em formação é instigado a atuar de forma crítica, refletindo o tempo todo sobre sua prática, assumindo a posição de pesquisador. Com essa nova postura, o professor passa a perceber os problemas no seu contexto de atuação, e a buscar respostas para aquilo que o incomoda, contribuindo para a produção de conhecimento. Ressaltamos, portanto, a importância dessa reflexão sobre a prática a partir da abordagem de um professor. Muitas vezes tal abordagem, por ser constituída em grande parte por elementos implícitos, inconscientes, por heranças de nossas experiências como alunos e como educadores, é um mistério para os próprios professores observados. É necessário um distanciamento e a análise crítica de aulas para que o perfil de cada profissional se torne mais claro, possibilitando, assim, a reflexão a respeito dele:

Uma abordagem sempre se materializa num ensinar com qualidade variável, fruto das condições internas de cada professor em sua inter-relação com condições externas em que se dá o seu ensino. Para discernir qual abordagem vigora é preciso olhar o jeito de ensinar, as aulas e suas atividades (ALMEIDA FILHO, 2009b, p. 17).

Há, vale lembrar, diferentes definições para termos como método e abordagem. Richards e Rodgers (p. 154, 1982, tradução nossa⁴⁷) definem o método como um termo mais amplo que engloba a abordagem e outros itens inter-relacionados (abordagem, *design* e procedimento).

⁴⁶ “(...) mere interpreters of textbooks” (HOLMES, 1992, p. 39).

⁴⁷ “The first level, *approach*, defines those assumptions, beliefs, and theories about the nature of language and the nature of language learning which operate as axiomatic constructs or reference points and provide a theoretical foundation for what language teachers ultimately do with learners in classrooms. The second level in the system, *design*, specifies the relationship of theories of language and learning to both the form and function of instructional materials and activities in instructional settings. The third level, *procedure*, comprises the classroom techniques and practices which are consequences of particular approaches and designs” (RICHARDS; RODGERS, p. 154, 1982).

O primeiro nível, *abordagem*, define as suposições, crenças e teorias sobre a natureza da linguagem e a natureza da aprendizagem de línguas que operam como construtos axiomáticos ou pontos de referência e provém uma fundamentação teórica para o que os professores de línguas basicamente fazem com seus alunos em sala de aula. O segundo nível no sistema, *design*, especifica a relação das teorias da linguagem e de aprendizagem tanto com a forma quanto com a função dos materiais e atividades instrucionais em cenários instrucionais. O terceiro nível, *procedimento*, engloba as técnicas e práticas de sala de aula que são consequência de determinados abordagens e designs.

Os mesmos autores citam Anthony, que colocara, em 1963, a abordagem como ponto de partida para se chegar ao método e, então, à técnica, criando um modelo hierárquico (o elemento mais abrangente seria a abordagem, portanto, e o mais específico a técnica). Para Anthony, a abordagem refere-se ao entendimento que o professor tem a respeito da natureza da linguagem e das formas de ensiná-la e aprendê-la, ou dos processos de aprendizagem. O método, portanto, é construído a partir da abordagem. Já as técnicas (estratégias, recursos, atividades práticas) são elaboradas de acordo com o método planejado para que o mesmo possa atingir seus objetivos pedagógicos.

Brown (2001, p. 15, tradução nossa⁴⁸) revisita os autores acima e, por sua vez, sugere o termo “metodologia”:

(...) nós atualmente fazemos ampla referência a “metodologia” como nosso superordenado termo guarda-chuva, reservando o termo “método” para grupos identificáveis algo específicos de técnicas de sala de aula teoricamente compatíveis. (...) **Metodologia**: Práticas pedagógicas em geral (incluindo suportes teóricos e pesquisas relacionadas). Qualquer consideração envolvida em “como ensinar” é metodológica.

Almeida Filho, um dos autores que mais se destacam como leitura básica para tal campo, mostra posição similar a Anthony em relação à importância da abordagem no processo de ensino de línguas. O autor considera que a atuação do professor atinge vários níveis do processo de ensino aprendizagem, representado por ele como “operação global de ensino” (2009b, p. 12). Esta operação é constituída de quatro fases: planejamento de cursos, produção/seleção do material didático, método e avaliação. O professor, ao tomar consciência de sua ação nessa operação, inicia a reflexão sobre “como se ensina e porque se ensina dessa maneira com tais resultados” (2009b, p. 14).

⁴⁸ “(...) we currently make ample reference to ‘methodology’ as our superordinate umbrella term, reserving the term ‘method’ for somewhat specific, identifiable clusters of theoretically compatible classroom techniques. (...) **Methodology**: Pedagogical practices in general (including theoretical underpinnings and related research). Whatever considerations are involved in “how to teach” are methodological (BROWN, 2001, p. 15).

Ainda segundo Almeida Filho (1993), nesse processo há a influência não apenas da abordagem de ensinar do professor, mas também da abordagem de aprender do aluno. Assim como cada aluno possui uma abordagem de aprender individual e única, a abordagem de ensinar de um professor não diz respeito a um roteiro, a instruções passo a passo como as encontradas em métodos de ensino, mas a uma filosofia de trabalho que engloba crenças, experiências anteriores como discente e como docente, conhecimento de língua, conhecimento teórico, valores, etc..

Almeida Filho (1993) também afirma que há competências necessárias ao professor de línguas para que o mesmo possa trabalhar com mais eficiência, possibilitando que faça escolhas adequadas à sala de aula:

- Competência implícita: a mais básica de todas e a mais relacionada à descrição de abordagem inserida acima por ser “o *habitus* do professor, um conjunto de disposições tidas e confirmadas pelo professor ao longo do tempo e das experiências que vivencia” (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 20);
- Competência linguístico-comunicativa: conhecimento sobre a língua e seu uso;
- Competência teórica: desenvolvida durante leituras teóricas feitas em cursos de formação e nem sempre presente na prática do professor;
- Competência aplicada: “(...) para usufruir de uma desejável abordagem consciente e mapeada, o professor necessita desenvolver uma competência *aplicada* (...), que capacita o professor a ensinar de acordo com o que sabe conscientemente” (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 21);
- Competência profissional: “conhecer seus deveres, potencial e importância social no exercício do magistério na área de ensino de línguas” (ALMEIDA FILHO, 1993, p. 21).

Basso (2001, p. 141) trabalha com as concepções de Almeida Filho sobre competências relativas ao professor de línguas em sua tese de doutorado. Ao falar sobre a competência aplicada, a pesquisadora enfoca os cursos de Letras do país, afirmando a importância do conhecimento consciente e crítico da teoria:

(...) um conhecimento teórico alienado de uma prática subjacente conduzirá somente a um condicionamento ou treinamento de futuros professores que, de posse de uma fórmula mágica que engloba técnicas e estratégias materializadas em receitas que deram certo, ou dos dogmas (Moita Lopes, 1996) mantidos e perpetuados nos cursos de Letras do país, não verão a necessidade de uma formação continuada.

A proposta de reflexão constante é, assim, de extrema valia para que o ensinar e o aprender não sejam mecânicos, mas adaptados ao contexto, à realidade e aos interesses dos envolvidos no processo.

É isso que Prabhu (1990), um dos precursores do método comunicativo a partir de tarefas em localidades da Índia, chama de “senso de plausibilidade”. Alguns professores aplicam métodos sem considerar o contexto de trabalho, importando teorias sem avaliação, agindo mecanicamente. Não há, segundo ele, o melhor método, sendo todos “parcialmente verdadeiros ou válidos” (p. 161, tradução nossa), cabendo ao professor fazer a melhor escolha de acordo com as variáveis (recursos, tempo, número de alunos, etc.) do contexto em que atua. O autor reforça a ideia de que é necessário refletir o tempo todo sobre a prática, pois afirma que o senso de plausibilidade de um professor deve manter certa fluidez e ser aberto a mudanças, e não fixo, visto que a melhor maneira de agir muda de sala para sala, de aluno para aluno.

Seguindo as considerações de Prabhu, Kumaravadivelu (1994) disserta sobre a condição pós-método. Segundo ele, “a condição pós-método é uma circunstância que nos leva a reconfigurar a relação entre quem teoriza e quem pratica o método” (p.28, tradução nossa⁴⁹), trazendo à tona novamente a posição pós-moderna do professor como pesquisador colocada por Holmes (1992). Kumaravadivelu postula que essa nova condição privilegia a autonomia do professor, que passa a ter poder de escolha sobre o que usar em sua prática de acordo com a sua realidade.

Viana (2007) também trata de questões relativas à reflexão sobre a prática e, como exemplo concreto, cita a pesquisa-ação: “pesquisa desenvolvida por professores, abordando questões (...) oriundas da prática em sala de aula, visando/gerando melhoria no processo de ensino/aprendizagem e emancipação profissional, decorrentes de uma prática educacional crítico-reflexiva e investigativa contínua” (p. 235).

Alvarenga (2009), da mesma forma, destaca a importância da reflexão, da “conscientização do professor acerca da sua prática” (p. 111). Segundo a autora, a formação teórica dos docentes deve aproximar-se das questões práticas de forma a possibilitar a autoanálise crítica. “Saber de nossas limitações, incoerências e possibilidades enquanto professor é um grande passo e é o que permite novos direcionamentos rumo a mudanças e

⁴⁹ “the postmethod condition is a state of affairs that compels us to refigure the relationship between the theorizers and the practioners of method” (KUMARAVADIVELU, 1994, p.28).

possíveis explicações acerca daquilo que fazemos. É tornar possível sair de onde se tem estado” (ALVARENGA, 2009, p. 124).

Apenas como forma de concluir essa compilação de estudos, vale ressaltar que há espaço crescente para pesquisas baseadas nessa temática. Um exemplo é a dissertação de Kaneko-Marques (2007), que teve como objetivo “discutir a formação inicial de professores de língua inglesa em um Curso de Letras de uma universidade pública, no qual alterações na estrutura curricular foram realizadas a partir dos novos referenciais da Educação para a Formação de Docentes” (KANEKO-MARQUES, 2007, p. vi).

A autora coloca que os professores de LE inseridos no mercado de trabalho em muitos casos não apresentam formação satisfatória para atuar em tal posição. Há problemas não somente com a proficiência em LE, mas também com a forma como as aulas são desenvolvidas. Isso resulta em baixa motivação dos alunos no que diz respeito à disciplina de LE nas escolas públicas, ressaltada a importância, mais uma vez, da formação reflexiva.

Já a dissertação de mestrado de Claus (UNICAMP, 2005) verifica como as teorias de ensino e aprendizagem de língua estrangeira (Inglês) são apresentadas e trabalhadas em um curso de graduação em Letras de uma universidade pública e, além disso, investiga como tais teorias são aproveitadas pelos alunos-professores na prática, em seus estágios supervisionados em língua inglesa. Ela conclui que os professores devem utilizar o “trinômio teoria-prática-reflexão (...) amplamente abordado nas pesquisas atuais referentes ao ensino/aprendizagem de línguas e parece haver consenso entre os pesquisadores de que a reflexão deve ser uma prática contínua (CLAUS, 2005, p. 98).

Por fim, é interessante comentar que a reflexão sobre a atuação e o senso de plausibilidade relacionam-se com características da abordagem comunicativa de ensino de línguas, pois tal abordagem, segundo Almeida Filho (1993, 2009a), busca a relevância do conteúdo trabalhado em um curso para que o aluno reconheça ali experiências válidas para a sua realidade. Aprender uma língua não corresponde a apenas reproduzir a gramática corretamente, mas à busca pelo estabelecimento de diálogo, pela interação social e cultural, que envolve tentativa e erro e que não deve ser realizada em uma atmosfera tensa para que seja natural. Há, portanto, também a preocupação com o filtro afetivo, para que o aluno sintase motivado e com baixo nível de ansiedade para que seu aprendizado não seja prejudicado e marcado por traumas.

Da mesma forma, Richards e Rodgers (2001, p. 155, tradução nossa⁵⁰) definem o termo “abordagem comunicativa” como:

(...) uma abordagem (e não um método) que tem como objetivo (a) tornar a competência comunicativa a meta do ensino de línguas e (b) desenvolver procedimentos para o ensino das quatro habilidades linguísticas que reconhecem a interdependência entre linguagem e comunicação.

Brown (2001) afirma que na abordagem comunicativa as regras gramaticais não são mais abertamente discutidas em sala, pois o foco é a linguagem autêntica para propiciar o desenvolvimento da fluência. O professor deve agir como guia, não como controlador. Nesse sentido, concordamos com Almeida Filho (2009a) quando o mesmo afirma que “a formação dos professores segue inadequada: os pressupostos comunicativos exigem não somente uma formação mais ampla e capacitadora para a condução do processo de aprender, como também um domínio maior do uso da língua-alvo do que aquele exigido pelos métodos de *base gramatical*” (p.86), pois infelizmente muitos professores saem da graduação e entram no mercado de trabalho (especialmente em escolas públicas) com um conhecimento limitado e essencialmente gramatical da língua inglesa, não estando preparados para a abordagem comunicativa.

Dessa forma, partimos para a próxima etapa do trabalho, que traz o conceito de representação social para ilustrar a formação de concepções que os professores carregam para a sua prática e, portanto, para a sala de aula.

2.4.2.2 As representações sociais de Moscovici e Jodelet

Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções (MOSCOVICI, 2013, p. 35).

⁵⁰ “an approach (and not a method) that aims to (a) make communicative competence the goal of language teaching and (b) develop procedures to the teaching of the four language skills that acknowledge the interdependence of language and communication” (RICHARDS; RODGERS, 2001, p. 155).

Para discutir questões relativas à formação do professor de línguas, assim como à forma com que este entende o que seja ou deva ser uma tradução e do seu uso em sala de aula, trazemos o conceito de representação social.

O título do capítulo introdutório escrito por Gerard Duveen para a obra “Representações sociais: investigações em psicologia social” de Serge Moscovici (2013) resume efetivamente a essência deste conceito idealizado pelo próprio autor romeno radicado na França: “o poder das ideias”. Uma ideia pode realmente ser considerada poderosa, visto que a partir do momento em que é lançada por um indivíduo em um contexto social e histórico, pode crescer, espalhar-se e fortalecer-se até o ponto de não ter mais origem ou autor, e ser considerada pensamento coletivo, senso comum, fato. Vide, por exemplo, os provérbios populares, as lendas urbanas, as metonímias, os estereótipos. Ainda para ilustrar: por que a maioria das pessoas confunde, em “Frankenstein” de Mary Shelley, o nome do criador pelo da criatura? Provavelmente porque a primeira imagem que nos vem à cabeça quando pensamos na obra que conta a história do Prometeu moderno, é quase sempre a do monstro, e não a do cientista (e o monstro de Boris Karloff em 1931, muito provavelmente). Essa representação pode ter sido formada a partir do cinema, a propósito: Karloff não foi a primeira criatura a aparecer no sistema, mas é a mais icônica e foi reproduzida várias vezes em filmes e séries de TV (como o patriarca em “The Munsters” e, por que não dizer, o mordomo de “The Addams Family”). Dessa forma, pela exposição na mídia, a criatura se tornou mais representativa que o criador, apoderando-se de seu nome. Esse seria um exemplo de representação socialmente construída.

As representações sociais fariam um contraponto com as representações individuais e, ao mesmo tempo, com as representações consideradas essencialmente coletivas (JODELET, 1997; SANTOS, 2005). Como o próprio nome diz, as representações designadas como individuais seriam assim descritas porque se estabeleceriam em cada indivíduo e estariam relativamente isoladas das interações em um meio social. Da mesma forma, há outra vertente que considera que as representações são fenômenos coletivos por natureza.

Segundo Santos (2005, p.65), Moscovici considera que as representações são

(...) fenômenos que emergem da interação social. A ênfase na interação social pressupõe, por exemplo, que o objeto a ser representado, seja advindo das percepções do indivíduo, seja advindo da ciência, enquanto representação coletiva só adquire materialidade no curso da interlocução.

Para o autor, portanto, não há como explicar os fatos, crenças e ideias sociais a partir do pensamento de um indivíduo. Cada sujeito se submete às representações dominantes da sociedade onde nasce e cresce, pensando e exprimindo seus sentimentos a partir delas, já que as emoções são estimuladas por símbolos enraizados na tradição que todos os membros do meio social ecoam. Como um grupo social é diferente do outro, carrega representações também diferentes, de forma que “cada tipo de mentalidade é distinta e corresponde a um tipo de sociedade, instituições e práticas que lhe são próprias” (MOSCOVICI, 1997, p. 84, tradução nossa⁵¹). Vale ressaltar, como lembra Doise (1997, p. 249-250, tradução nossa⁵²), que:

Parece que não há sempre um laço de causalidade simples entre o pertencimento de um indivíduo a um grupo e o grau com o qual compartilha a opinião de outros membros deste grupo. Cada indivíduo se associa a vários grupos e alguns desses grupos servem mais como pontos de ancoragem de opiniões e crenças que outros.

Quando definimos nossas representações para objetos concretos ou abstratos, para sentimentos ou emoções, acabamos por não usar, portanto, apenas nossas ideias e imagens próprias. Ao contrário:

geramos e transmitimos um produto progressivamente elaborado em inúmeros locais e de acordo com regras variadas. Dentro desses limites, o fenômeno pode ser chamado de *representação social*, que possui caráter moderno, desde que, em nossa sociedade, substitui os mitos, lendas, formas mentais atuais em sociedades tradicionais (MOSCOVICI, 1997, p. 100, tradução nossa⁵³)

Jodelet (1997), comentando o termo cunhado pelo colega Moscovici, pondera que nós sempre tivemos necessidade de saber qual é o nosso papel no mundo a nossa volta para podermos identificar os problemas que nos são impostos e que nos perturbam porque não nos são familiares, e, assim, resolvê-los. Na tentativa de ajuste e controle ao/do que nos rodeia, fabricamos as representações.

⁵¹ « chaque type de mentalité est distinct et correspond à un type de société, aux institutions et aux pratiques qui lui sont propres » (MOSCOVICI, 1997, p. 84).

⁵² « (...) il est apparu qu’il n’existe pas toujours un lien de causalité simple entre l’appartenance de l’individu à un group et le degré avec lequel il partage les opinions des autres membres de ce groupe. Chaque individu a plusieurs groupes d’appartenance, certains de ces groupes serviront davantage de points d’ancrage de ses opinions et croyances que d’autres » (DOISE, 1997, p. 249-250).

⁵³ « On génère et transmet un produit progressivement élaboré dans d’innombrables lieux selon des règles variées. Dans ces limites, le phénomène peut être dénommé représentation sociale. Il a un caractère moderne pour autant que, dans notre société, il remplace les mythes, les légendes, les formes mentales courantes dans les sociétés traditionnelles » (MOSCOVICI, 1997, p.100).

Lidamos o tempo todo com os objetos, as pessoas, os acontecimentos e as ideias do mundo porque não estamos isolados, porque vivemos em sociedade:

Nós dividimos o mundo com os outros, nós nos apoiamos neles – às vezes na convergência, outras vezes no conflito – para compreendê-lo ou afrontá-lo. É por isso que as representações são sociais e tão importantes na vida corrente. Elas nos guiam ao nomearmos e definirmos juntos os diferentes aspectos da nossa realidade diária, na forma de interpretá-los, aprová-los e, se for o caso, tomar uma posição a seu respeito e defendê-la (JODELET, 1997, p. 47, tradução nossa⁵⁴).

Ainda de acordo com Jodelet (1997), as representações sociais circulam no discurso, nas palavras: são veiculadas pelos textos e imagens midiáticos, espalhando-se de forma concreta e virtual e “em sua riqueza fenomenal identificamos vários elementos, alguns dos quais são, por vezes, estudados de forma isolada: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.” (JODELET, 1997, p. 52, tradução nossa⁵⁵). Por isso, as representações sociais são o conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, praticado entre o sujeito e o objeto (pois não há representação sem objeto), de forma que se diferencia do saber científico por ser natural, largamente conhecido como “senso comum”. As representações sociais são também sistemas de interpretação que controlam, orientam e organizam a comunicação social. Como controlam nossa relação com o mundo e com os demais indivíduos, as representações também afetam a realidade material e social e devem ser estudadas em conjunto com aspectos afetivos, mentais, sociais, cognitivos e linguísticos.

Enfim, como bem coloca Harré (1997, p. 161, tradução nossa⁵⁶): “os conceitos teóricos empregados pelas ciências naturais são normalmente criados graças a uma série de imagens e de metáforas. São fundados em analogias, sistemas de predicados, julgamentos de identidade e na diferença”. Dessa forma, a representação que os professores têm sobre tradução e sobre seu uso em sala de aula é formada desde muito antes da universidade, a partir de suas experiências como alunos de línguas. Depois, há também a influência dos anos de

⁵⁴ « ce monde nous le partageons avec les autres, nous nous appuyons sur eux – parfois dans la convergence, parfois dans le conflit –, pour le comprendre, le gérer ou l’affronter. C’est pourquoi les représentations sont sociales et si importantes dans la vie courante. Elles nous guident dans la façon de nommer et définir ensemble les différents aspects de notre réalité de tous les jours, dans la façon de les interpréter, statuer sur eux et, le cas échéant, prendre une position à leur égard et la défendre » (JODELET, 1997, p. 47).

⁵⁵ « Dans leurs richesses phénoménales on repère des éléments divers dont certains sont parfois étudiés de manière isolée : éléments informatifs, cognitifs, idéologiques, normatifs, croyances, valeurs, attitudes, opinions, images, etc. » (JODELET, 1997, p. 52).

⁵⁶ « Les concepts théoriques employés dans les sciences naturelles sont habituellement créés grâce à une série d’images et de métaphores. Ils sont fondés sur des analogies, des systèmes de prédicats, des jugements d’identité et de différence » (HARRÉ, 1997, p. 161).

graduação, das palestras, das leituras teóricas, do estudo das teorias dos métodos, de artigos, etc.. Por fim, a representação ganha mais facetas do próprio ambiente escolar, pelo contato com colegas, pela experiência docente em construção. Ou seja: a partir do momento que uma representação é formada, apesar do seu caráter mutável de sistema que, assim como a língua, está em constante movimento, há um ciclo que a perpetua em sua essência: um aluno constrói seu ideário a partir de determinadas influências nas quais o professor, como participante de seu processo formativo, tem papel de destaque. Esse aluno estuda e se torna um novo professor que, de certa forma, ainda carrega conceitos do seu próprio mestre. Seus alunos, então, terão influências muito similares às suas (não iguais, ressaltamos, porque o ser humano muda a cada instante e o professor que dá aula hoje não é o mesmo que se dirigia aos alunos ontem). Por isso, segundo Gilly (1997, p. 384, tradução nossa⁵⁷):

(...) o campo educativo aparece como um campo privilegiado para observar como se constroem, evoluem e se transformam as representações sociais no seio dos grupos sociais e lançar luz sobre o papel dessas construções nas relações desses grupos em relação ao objeto de sua representação.

Neste segundo capítulo, que trata do arcabouço teórico a respeito das questões que devem ser levadas em conta no caso que o presente trabalho se propôs a analisar, portanto, foram apresentadas concepções sobre tradução, identidade, representações e competências do professor. Traçado tal panorama, poderemos usá-lo como embasamento para tentarmos entender o objeto de análise. Entendemos que a análise pode ou não confirmar a teoria e ressaltamos que em Linguística Aplicada a teoria se constrói, na verdade, a partir da análise. No capítulo seguinte, em que será abordada a metodologia, serão descritos os locais, os métodos e os sujeitos que possibilitaram a seleção dos dados para a presente pesquisa.

⁵⁷« (...) le champ éducatif apparaît comme un champ privilégié pour voir comment se construisent, évoluent et se transforment des représentations sociales au sein de groupes sociaux, et nous éclairer sur le rôle de ces constructions dans les rapports de ces groupes à l'objet de leur représentation » (GILLY, 1997, p. 384).

3 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

(...) atividade de interpretação que consiste no desvelamento do oculto, do “não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem” (BARDIN apud SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2004, p. 63).

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (GINZBURG, 1989, p. 151).

3.1 Considerações sobre a metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, participativa (focada especialmente na pesquisa-ação), interpretativista e colaborativa, conforme será demonstrado a seguir.

Para esta pesquisadora, as perguntas que devem ser feitas ao pensar na metodologia a ser usada em trabalhos acadêmicos são: o que é ser pesquisador (e, mais especificamente, um pesquisador em Educação, Linguística Aplicada e ensino/aprendizagem de línguas) e como se chega ao resultado final esperado em uma pesquisa acadêmica? Sabe-se que há a frustração, as longas horas de dedicação, o texto primeiramente disforme que vai ganhando forma a partir da prática, da tentativa e erro.

Quando pensamos na construção da pesquisa em nossa área, podemos recorrer ao texto de Ghedin e Franco (2008). Segundo os autores, a ciência moderna seria influenciada pela tradição positivista e, por isso, tomaria como base as ciências da natureza, fazendo com que a área de Ciências Humanas tentasse ser adaptada a tal realidade. Há a crença na neutralidade científica, segundo a qual o pesquisador teria que manter distância do objeto/sujeito pesquisado. A busca por tal objetividade leva a estudos em sua maioria quantitativos, que tentam provar hipóteses e chegar a relações causais, conforme ponderam (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 38): “Assim, a ciência teria o poder de, com maior ou menor

rigor, dotar o homem da possibilidade de descobrir a verdade do mundo”.

O modelo da ciência moderna estaria, porém, em crise. O interesse dos pesquisadores não seria mais o resultado, mas o processo que o gerou. A ciência contemporânea teria que “levar em conta a relação dialética entre sujeito e objeto” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 47), e “será preciso que a metodologia em educação incorpore (...) a complexidade das variáveis que compõem um meio ambiente, sempre em constante evolução e interdependência com os sujeitos” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 54). Nota-se que tais tendências são muito semelhantes ao conceito de representações sociais (MOSCOVICI, 1997, 2013; JODELET, 1997) citado anteriormente, visto que passam a levar em consideração o sujeito em constante mudança a partir do diálogo com o mundo e com os demais membros do seu grupo social.

Alinhando-se com essa proposta, também é possível citar a noção de pesquisa fortalecedora, encontrada nos escritos de Cameron et al. (1992)⁵⁸. Segundo tal obra, a pesquisa quantitativa considera que dados de boa qualidade são obtidos a partir de um cuidadoso registro feito por um pesquisador externo, que preferencialmente não deve entrar em cena. Isso implica que o ideal para um pesquisador seria produzir representações objetivas da realidade.

Porém, os pesquisadores não podem deixar de lado a sua subjetividade:

Nós inevitavelmente trazemos nossas biografias e nossas subjetividades para cada um dos estágios do processo de pesquisa, e isso influencia as questões que fazemos e a forma como tentamos encontrar as respostas. (...) Similarmente, os próprios sujeitos de pesquisa são seres ativos e reflexivos que têm *insights* sobre suas situações e experiências (CAMERON et al., 1992, p. 05, tradução nossa)⁵⁹.

A obra também coloca que a realidade social não é transparente para quem a observa. Há a necessidade de validar as interpretações perante a comunidade pesquisadora, mas também perante os sujeitos que estão sendo investigados. O pesquisador que tem a intenção de fazer uma pesquisa fortalecedora se compromete a construir um trabalho que não foca apenas na observação dos sujeitos, mas na produção conjunta de um resultado que possa

⁵⁸ No texto em inglês, o termo aparece como “empowering research”. Não parece haver uma tradução consolidada para esse conceito em língua portuguesa, portanto fizemos a escolha de acordo com nossa interpretação e decidimos usar “fortalecedora” ao invés do mais literal “empoderadora”.

⁵⁹ “(...) researchers cannot help being socially located persons. We inevitably bring our biographies and our subjectivities to every stage of the research process, and this influences the questions we ask and the ways in which we try to find answers. (...). Similarly, research subjects themselves are active and reflexive beings who have insights into their situations and experiences” (CAMERON et al., 1992, p. 05).

beneficiá-los: “entendemos a ‘pesquisa fortalecedora’ como a pesquisa *sobre, para e com*” (CAMERON et al., 1992, p. 22, tradução nossa⁶⁰). Há aí uma defesa da pesquisa interativa e dialógica.

Essas novas concepções podem ter surgido porque as mudanças históricas, sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas geraram nada mais nada menos que uma nova visão de mundo (cf. HOLMES, 1992). Uma metodologia mais adaptada ao momento pós-moderno seria o modelo interpretativista, que contrasta com o positivismo a partir do momento em que trata, por exemplo, de subjetividade, de interpretação, de linguagem e significado, etc. (HOLMES, 1992, p. 41). O fato de a pesquisa interpretativista ter passado para a sala de aula fez com que professores atuantes passassem de sujeitos a pesquisadores, o que também citam Ghedin e Franco (2008).

Após a leitura dos textos de Ghedin e Franco (2008) e Holmes (1992), como mencionado anteriormente, identifica-se um consenso pós-moderno de que mudanças educacionais devem acompanhar as mudanças histórico-sociais. Não por isso devemos rechaçar tudo o que foi feito anteriormente. Afinal de contas, os ideais positivistas nos trouxeram até aqui e, de certa forma, ainda fazem parte de nossa formação, conscientemente ou não. A pesquisadora chegou a essa conclusão ao revisitar, após a leitura dos textos acima, uma definição que escreveu sobre o que seria ciência em uma das dinâmizações apresentadas em uma disciplina da pós-graduação: “a busca de conhecimento como contribuição para o progresso humano”. Por mais “qualitativa” e “interpretativa” que a pesquisadora se considerasse, lá estava, no seletor grupo de palavras, um dos ícones positivistas: *progresso*. Isso mostra que é difícil haver neutralidade.

Para a discussão mais aprofundada sobre as metodologias qualitativa e quantitativa na pesquisa educacional citamos Santos Filho e Gamboa (2007), que apresentam um histórico sobre cada um dos paradigmas para, posteriormente, informar-nos de que existem teorias sobre a incompatibilidade, a complementaridade e a unidade das duas metodologias: “tese da diversidade incompatível” (2007, p. 38), “tese da diversidade complementar” (2007, p. 45) e “tese da unidade” (2007, p. 48). Podemos ajustar nossa metodologia ao que pretendemos alcançar com nossos estudos.

O segundo capítulo da obra de Larsen-Freeman e Long (1991) contribui para a discussão a respeito da metodologia. Segundo mencionam os autores, enxerga-se a metodologia qualitativa, mais condizente com a realidade pós-moderna e, exatamente por

⁶⁰ “We understand ‘empowering research’ as research on, for and with” (CAMERON et al., 1992, p. 22).

isso, ganhando cada vez mais espaço, como “formuladora” de hipóteses. Já o estudo quantitativo seria uma forma de testar, a partir de instrumentos objetivos e análises estatísticas, uma hipótese prévia.

Já que a pesquisa qualitativa ganha espaço, os estudos agora passam a tratar de contextos cotidianos a partir do olhar, da experiência do pesquisador, que não é apenas um observador, mas alguém que tenta vivenciar o ambiente de pesquisa de forma semelhante aos seus sujeitos. Os enfoques são multi/inter/transdisciplinares, pois há o diálogo com outras áreas, como a psicologia, a antropologia, etc.. O rigor e a qualidade frente ao mundo acadêmico (que exige validade/plausibilidade, fidedignidade/credibilidade e generalização/transferência), portanto, agora que não há mais passos fixos a serem seguidos durante a pesquisa, dependem de planejamento, de processos rigorosos de coleta de dados, da obtenção de uma conclusão relevante.

Como parte da metodologia para o presente trabalho, podemos citar a pesquisa participativa, mais especificamente a pesquisa-ação, definida por Thiollent (1986, p.14) da seguinte forma:

(...) um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Quando o professor/pesquisador passa a buscar respostas para aquilo que o incomoda, impulsionado pelo aumento das pesquisas de caráter qualitativo, que incentiva e proporciona ferramentas para interpretação/reflexão acerca de sua prática, estabelece-se a pesquisa-ação. Nesta modalidade de pesquisa o professor/pesquisador contribui para a produção de conhecimento, assumindo autonomia para refletir criticamente e propor uma transformação para um problema coletivo que emerge da prática. Isso se dá por meio de um processo interativo entre pesquisador e participantes. Ao invés da análise de resultados, tão presente em pesquisas de cunho positivista, o processo em que se dá essa transformação é o que suscita o interesse do pesquisador, conferindo à pesquisa seu caráter qualitativo. No caso desta tese, todo o processo de conscientização sobre o ato tradutório e a reflexão sobre o uso da tradução como ferramenta didática em sala de aula fez com que o professor participante exercitasse seu lado reflexivo e atuante na tentativa de contribuir para o aprimoramento do processo de ensino/aprendizagem de línguas.

Consideramos também que a pesquisa é colaborativa porque “procura não

apenas descrever e explicar as ações vivenciadas pelos participantes no contexto de sala de aula, mas também, interferir em sua prática pedagógica, possibilitando sua reconfiguração de modo reflexivo e colaborativo” (TICKS, 2008, p. 02). Nas interações com os professores participantes, buscou-se espaço para compartilhamento de experiências e para reflexão sobre a prática.

Esta pesquisa também é de cunho interpretativista. Após a coleta, como analisamos dados qualitativos? Como alcançar rigor, validade e fidedignidade nessa nova perspectiva de pesquisa? Procedimentos de análise muito usados em pesquisas qualitativas são a análise de conteúdo, a análise de discurso e a hermenêutica dialética, pois todos destacam o caráter interpretativista de tais investigações.

Os procedimentos de análise de conteúdo e de análise do discurso em muito se assemelham, deixando para a análise do discurso talvez (em alguns casos) uma preocupação um pouco mais voltada às estruturas, à forma como a linguagem se dá em um texto, em uma fala, enquanto a análise de conteúdo se preocupa apenas com a palavra, com a mensagem e o que a precede.

Como exemplo de análise discursiva, há a linha de investigação de Giorgi (apud SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2004, p. 67):

- Leituras do texto para captar a essência do que foi descrito;
- A partir da compreensão do sentido do todo, o pesquisador deve “quebrar” o todo em partes, em unidades de sentido para análise;
- Os relatos dos sujeitos expressam realidades múltiplas, mas o pesquisador deve extrair delas o que tem valor para a sua proposta de pesquisa;
- O pesquisador faz uma síntese de todas as unidades de significado, buscando uma descrição consistente das experiências dos sujeitos;
- Cuidado: a fragmentação do discurso deve ser feita de maneira a favorecer que as partes mais significativas emergam do todo a partir da interpretação do pesquisador, caso contrário haverá um “desconforto”, uma sensação de que falta algo.

Na análise de conteúdo, mais especificamente, fala-se bastante em “desconstrução” do texto original para a categorização dos dados. O termo, já citado anteriormente, é parte essencial desta pesquisa sobre tradução, visto que estudamos a “desconstrução” de Derrida (1998). Como apresentado em capítulos anteriores, desconstruir um texto significa desconstrução e reconstrução de sentidos, um deslocamento.

Derrida (1998) explica que o estruturalismo era dominante na época em que a desconstrução começou a tomar forma. Por isso, o termo poderia se ligar a esse sentido, visto

que a palavra ligava-se, de certa forma, à atenção as estruturas. Mas, estabeleceu-se uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que a desconstrução poderia ser considerada um ato estruturalista, poderia se tratar de uma ação anti-estruturalismo: consistia em descompor, desfazer estruturas, o que não implicava uma operação negativa, já que além de destruir, era necessário um entendimento de como o texto foi construído para que depois se desse a reconstrução.

Desconstrução, neste contexto, é ler, interpretar e traduzir. Portanto, acreditamos que o pesquisador que faz análise de conteúdo não deixa de ser um tradutor, pois precisa analisar o texto original produzido pelos sujeitos e, então, construir um novo texto de acordo com seus objetivos de pesquisa.

Segundo Moraes e Galiazzi (2007, p.12),

(...) a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do “corpus”, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada.

Tais autores escrevem sobre a multiplicidade de leituras, sendo cada leitura considerada uma interpretação, conceito que também está de acordo com as bases para o presente trabalho. Segundo eles, leituras e interpretações podem ser feitas no nível denotativo (explícito) ou conotativo (implícito). É válido lembrar, então, que há, em tal procedimento de análise, uma “permanente incompletude e necessidade de crítica constante” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 32) exatamente porque cada leitura gera uma nova interpretação. O pesquisador que analisou os dados ontem não é exatamente a mesma pessoa hoje, gerando, então, infinitas novas leituras.

A unitarização funciona da seguinte maneira: após a fragmentação do texto e da codificação das unidades de análise, cada unidade é reescrita para que assuma seu significado completo dentro da pesquisa. Já a categorização é a comparação entre as unidades de análise com o intuito de agrupá-las. Nomeia-se, também, cada categoria formada. Algumas formas de produção de categorias são: método dedutivo (categorias são delineadas antes do exame do *corpus*), método indutivo (construção das categorias a partir do *corpus*), processo de análise misto e método intuitivo (categorias ganham sentido a partir do fenômeno como um todo, originando-se de *insights* do pesquisador). Toda categorização implica descrição, interpretação e teorização. Para fugir da mera descrição é necessário interpretar as relações

estabelecidas de forma a dialogar com os autores mais importantes que trabalham com seu referencial.

Se no primeiro momento da análise textual se processa uma separação, isolamento e fragmentação de unidades de significado, na categorização, o segundo momento da análise, o trabalho dá-se no sentido inverso: estabelecer relações, reunir semelhantes, construir categorias. O primeiro é um movimento de desorganização e montagem, uma análise propriamente dita; já o segundo é de produção de uma nova ordem, uma nova compreensão, uma síntese. A pretensão não é o retorno aos textos originais, mas a construção de um novo texto, um megatexto que tem sua origem nos textos originais, expressando a compreensão do pesquisador sobre os significados e sentidos construídos a partir deles. (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 31).

Segundo Franco (2005), o ponto de partida para a análise de conteúdo é a mensagem em suas inúmeras facetas: verbal, gestual, silenciosa, figurativa, documental, etc.. Para ele, há sempre uma relação entre a mensagem produzida e o contexto em que se inserem os seus produtores por meio de:

- componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis;
- componentes ideológicos impregnados nas mensagens socialmente construídas.

Ainda de acordo com Franco (2005), as características que devem definir as categorias são representadas pelas seguintes perguntas:

- Quem?
- Por quê?
- O quê?
- Com que efeito?
- Para quem?

Franco (2005, p. 24) também afirma que:

Os resultados da análise de conteúdo devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas. É portanto com base no conteúdo manifesto e explícito que se inicia o processo de análise.

Outra possibilidade levantada pelo autor é a interpretação do conteúdo latente, oculto das mensagens. Para decifrar essas entrelinhas, é comum analisar as influências dos contextos sociais e históricos nos quais o documento foi produzido (cf. FRANCO, 2005).

Franco (2005) ainda elenca as fases de organização da análise: primeiro, é necessário escolher os textos; depois, é preciso formular hipóteses e/ou objetivos; por fim, o pesquisador deve apontar indicadores que fundamentem a interpretação final.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos. (FRANCO, 2005, p. 57)

Nota-se que nas análises de conteúdo, o pesquisador pode fazer inferências para a análise ao se basear em indícios que encontra no texto ou nas falas dos sujeitos ou objetos de pesquisa. Tal indicação nos leva a pensar no conceito do paradigma indiciário conforme descrito por Ginzburg (1989).

Ginzburg (1989, p. 143) fala de um “modelo epistemológico (caso se prefira, um paradigma)” que teria surgido no final do século XIX. Segundo ele, “a análise desse paradigma (...) talvez possa ajudar a sair dos incômodos da contraposição entre ‘racionalismo’ e ‘irracionalismo’” (GINZBURG, 1989, p. 143).

Para aprofundar tal afirmação, o autor descreve um método criado pelo italiano Giovanni Morelli (usando como pseudônimos o nome russo Ivan Lermolieff como autor e o alemão Johannes Schwarze como tradutor) para identificar a autoria de obras de arte. Segundo Ginzburg, muitas vezes obras são atribuídas erroneamente a um determinado artista devido à falta de assinatura, à pintura sobreposta ou à má conservação da obra. Em outras ocasiões, cópias se passam por originais ou vice-versa.

Para aumentar a eficácia desse processo de investigação de autoria, segundo o método morelliano,

(...) é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pela característica da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés (GINZBURG, 1989, p. 144).

Ginzburg (1989) ainda escreve que o artista deixa rastros minuciosos em sua

obra, assim como um criminoso deixa suas impressões digitais. “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (GINZBURG, 1989, p. 145). Por isso é possível fazer uma analogia com os escritos de Conan Doyle sobre o detetive Sherlock Holmes, que foram publicados quase na mesma época. Holmes estava atento aos menores detalhes de cada cena de crime ou relato das vítimas que o procuravam e muitas vezes pasmava Watson com suas observações assertivas que solucionavam os mais complexos crimes.

Aqui podemos traçar um paralelo muito similar com o conto “A carta roubada”, de E. A. Poe. Há um detetive em Paris, A. Dupin, acompanhado de um amigo (que nos narra a história mas não tem seu nome citado) e um delegado de polícia que parece um tanto obtuso se comparado ao gênio de Dupin. O delegado os procura porque uma carta, com conteúdo comprometedor, foi roubada e trocada por uma falsa. O criminoso, então, passou a chantagear a vítima e a polícia, apesar de saber quem era o culpado e de supor que ele ainda estava com a carta (visto que os fatos nela escritos não haviam sido revelados), não conseguia encontrar o documento, mesmo revistando toda a moradia do chantagista, incluindo atrás do papel de parede, debaixo do tapete e dentro de almofadas. O delegado descreve a carta e Dupin a memoriza.

Um mês depois, o delegado procura por Dupin novamente, ainda sem encontrar a carta. Ele afirma que pagará uma recompensa a quem puder lhe entregar o que procura e Dupin pede que ele faça o cheque, visto que tem a carta em mãos. Dupin explica, então, ao seu amigo, que a polícia subestimou o ladrão ao concluir que era um tolo por ser um poeta. O chantagista, por sua vez, deduziu que a polícia pensaria que ele havia escondido o documento em um local muito elaborado e resolveu deixá-lo à vista, no lugar mais óbvio onde uma carta poderia estar: disfarçando o aspecto original do papel, ele simplesmente a colocou em um porta-cartas, junto com outras correspondências.

O delegado de polícia do conto mostra um pensamento lógico, racional, que é dirigido pelo hábito, pelos estereótipos e pelos dados que se adaptam a uma teoria em um enfoque pontual. Dupin, por outro lado, mostra uma abordagem contínua, procura não criar hábitos e toma cuidado com o que parece evidente demais. O personagem chama atenção para um novo olhar, algo sensível, combatendo a ciência positivista e se aproximando do sujeito.

Segundo Ginzburg (1989, p. 149), essa nova forma de ver o mundo tem também relações com Freud, que propôs, com a psicanálise,

(...) um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados

marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, “baixos”, forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano.

Tais dados são reveladores porque são o registro do momento em que o artista se desprende do controle ligado à sua tradição cultural e mostrou-se puramente como indivíduo, mesmo que inconscientemente (cf. GINZBURG, 1989).

Essas “pistas: mais precisamente, sintomas (no caso de Freud), indícios (no caso de Sherlock Holmes), signos pictóricos (no caso de Morelli)” (GINZBURG, 1989, p. 150) possibilitam a aproximação entre pesquisador e sujeito enquanto indivíduo. E, assim como na desconstrução de Derrida (1998) e no ato tradutório, não há um conjunto de regras a ser seguido para análise de todas essas entrelinhas:

(...) suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição (GINZBURG, 1989, p. 179).

Após traçar um panorama a respeito de metodologias que serviram de base para esta pesquisa, apresentaremos os procedimentos de coleta de dados e de análise dos mesmos.

3.2 Objetivos e Justificativa

Os nossos objetivos de pesquisa, como mencionados anteriormente, são:

- Investigar que concepção professores em formação e em serviço têm em relação à tradução. Verificar se consideram a tradução literária como escolha pedagógica para promover a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos alunos. Analisar se, após leituras e discussões teóricas, é possível que eles mudem de opinião em relação ao trabalho com tradução em suas salas de aula;
- Analisar de que forma a tradução literária poderia ser utilizada em sala de aula.

Dessa forma, o resultado esperado foi contribuir para a disseminação das práticas de leitura de vários gêneros textuais, para a valorização do trabalho de tradução e do tradutor, para o processo formativo reflexivo de professores em serviço e para que a área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e língua materna se expanda ainda mais, buscando melhores panoramas para o ensino/aprendizagem de línguas no Brasil.

A tradução comentada de textos pertencentes a diversos gêneros textuais, como canções e textos literários, se justifica, primeiro, porque oferece aos professores em formação e em serviço a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas da língua inglesa e portuguesa, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo, introduzindo-os ao trabalho criativo, além do contato com questões culturais dos países de língua inglesa a partir do estudo de letras de música e literatura, ricas fontes de informação sobre questões socioculturais e históricas. Outro fato que justifica a implementação do projeto é a possibilidade de reflexão sobre a forma como tais temas poderiam ser trabalhados em sala de aula, fornecendo assim material para pesquisas posteriores sobre os temas e um possível material didático.

3.3 A coleta de dados

A coleta de dados em pesquisas quantitativas ou qualitativas pode ser feita em um contexto real ou em laboratório, a partir de diários de campo, entrevistas (que podem ser estruturadas ou não estruturadas, informais ou focalizadas), observações participantes ou não participantes (individuais ou em equipe), questionários (perguntas abertas, fechadas ou duplas), levantamento documental e entrevista reflexiva.

Perante tais opções, que não são poucas, o pesquisador deve pensar qual a melhor alternativa para o seu trabalho, levando em conta questões como tempo/prazo, dinâmica ou mesmo suas próprias habilidades pessoais. Muitas vezes há necessidade de um instrumento “piloto” antes de se chegar a uma versão mais definitiva. Para o presente trabalho, foram usados:

- questionários abertos;
- fóruns de discussão;

- diários reflexivos;
- atividades práticas de tradução.

A metodologia e os instrumentos para obtenção de dados foram escolhidos a partir do seguinte questionamento: há a possibilidade de implementação de um trabalho reflexivo e prático sobre tradução literária no ensino/aprendizagem de línguas em cursos de formação e/ou formação continuada de professores que atuam ou atuarão no Ensino Fundamental e Médio?

As questões de pesquisa elaboradas são, portanto:

1. Que concepção professores em formação e em serviço revelam em relação à tradução? Eles consideram a tradução literária como escolha pedagógica para promover a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos alunos? Se não, após leituras e discussões teóricas, é possível que eles mudem de opinião?
2. A tradução literária poderia ser utilizada efetivamente em sala de aula? Como?

Para verificação de tais questões, foi implementado um grupo de estudos tradutórios composto por estudantes do curso de Letras de uma universidade pública no interior do estado de São Paulo, proporcionando o ato reflexivo, a partir de textos literários diversos, sobre ambas as línguas aos professores em formação. Ao mencionado grupo de estudos, foram fornecidas informações teóricas fundamentais sobre tradução e sobre literatura, para que os mesmos adquirissem o conhecimento teórico necessário para o trabalho e reflexão consciente como tradutores e como alunos de línguas. Para contemplar também o segundo público focado, os professores em serviço, foi oferecido um curso sobre tradução literária em EaD como atividade de extensão. O objetivo do curso era basicamente o mesmo do grupo de estudos: refletir e conscientizar docentes sobre a tradução e ajudá-los a repensar seu uso em sala de aula.

Portanto, a coleta de dados foi efetuada em cinco momentos e circunstâncias diferentes:

- Em encontros promovidos como parte da ACIEPE⁶¹ “Letramentos Múltiplos” oferecida em 01/2011;
- Em encontros promovidos como parte da ACIEPE “Letramentos Múltiplos” oferecida em 02/2011;
- Em curso oferecido na modalidade a distância em 01/2012;
- Em curso a distância oferecido em 02/2014;
- Em visitas a instituição de Ensino Fundamental.

O projeto e toda a sua documentação foram submetidos ao Comitê de Ética da universidade e receberam parecer positivo⁶². Mesmo levando em conta as dimensões física, psíquica, espiritual, moral, intelectual, social e cultural, foi possível prever que os riscos apresentados aos sujeitos participantes desta pesquisa seriam mínimos, visto que as atividades seriam única e exclusivamente de caráter pedagógico e adaptadas para o público-alvo ao qual serão dirigidas.

Vale ressaltar que consideramos que haveria riscos mínimos porque, no processo de ensino-aprendizagem, são pressupostas mudanças mesmo que sutis de comportamento dos sujeitos envolvidos. No caso deste projeto, esperávamos que os sujeitos modificassem a relação que tinham anteriormente com a tradução inserida no contexto do ensino/aprendizagem de línguas. Os outros riscos, esses de cunho exclusivamente psicológico caso o participante se sentisse obrigado a tomar parte nas atividades ou tivesse seu nome publicado contra a sua vontade, foram evitados a partir de medidas como: ao ser convidado a participar das atividades promovidas por este projeto, o participante foi assegurado de que poderia recusar o convite e que tal recusa não afetaria o seu relacionamento com seus colegas e/ou professores; os nomes dos participantes foram substituídos por iniciais fictícias quando sua inserção no trabalho final foi necessária; quanto aos questionários, também foi respeitada a identidade e a individualidade dos sujeitos, e não foram feitas perguntas constrangedoras, já que as mesmas concentraram-se apenas em fatores relacionados ao ato tradutório.

Os benefícios são principalmente voltados para questões de cunho científico da área de ensino/aprendizagem de língua estrangeira e materna, tradução literária, Linguística Aplicada e Educação. Os participantes, além disso, se beneficiaram com a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas das línguas inglesa e

⁶¹ Atividade Curricular de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão (abreviada para ACIEPE na instituição em questão, sigla que será usada doravante neste texto).

⁶² A cópia de tal parecer foi inserida nos anexos do presente trabalho.

portuguesa, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo, introduzindo-os ao trabalho criativo, além do contato com questões culturais dos países de língua inglesa a partir do estudo de letras de música e literatura, ricas fontes de informação sobre questões socioculturais e históricas.

3.3.1 Estágio supervisionado de capacitação docente em linguística: grupo de estudos tradutórios

3.3.1.1 ACIEPE “Letramentos Múltiplos” oferecida em 01/2011

Levando em conta os objetivos principais do trabalho que foram citados, durante o ano de 2011, foi proposto um grupo de estudos tradutórios composto por estudantes do curso de Letras de uma universidade pública do interior de São Paulo, proporcionando o ato reflexivo, a partir de textos literários diversos, sobre ambas as línguas aos professores em formação.

A partir de tais reflexões, foi desenvolvido, em uma ACIEPE denominada “Letramentos Múltiplos: Tradução Literária”, coordenada pela Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins, orientadora desta tese, um trabalho voltado às questões teóricas e práticas da tradução literária.

O curso iniciou-se em 16 de março de 2011 e teve 15 encontros, todos às quartas-feiras das 17h30m às 19h00m na Sala de Projeções do Departamento de Letras da universidade. As atividades foram finalizadas em 22 de junho. Nesse mesmo dia pela manhã, três voluntários acompanharam a discente à escola municipal para aplicação de uma atividade de tradução, mostrando o caráter prático da ACIEPE, que busca sempre integrar a universidade à comunidade, de alguma maneira.

Os encontros chegaram a ter 29 participantes (17 mulheres e 12 homens), mas 14 alunos (08 mulheres e 06 homens) estiverem presentes mais constantemente. Apesar de o curso ser aberto à comunidade (por se tratar de uma ACIEPE), a maioria dos participantes eram graduandos do curso de Letras da instituição (uma aluna de uma universidade estadual chegou a participar de algumas aulas, mas precisou desistir devido a compromissos conflitantes), muitos cursando o primeiro ou o segundo ano (uma das participantes cursava o

segundo ano da graduação em Linguística), com idades entre 18 e 24 anos (porém, um dos alunos, calouro no curso de Letras, tinha mais de 40 anos).

Para a elaboração das atividades da ACIEPE, levou-se em consideração que além da reflexão sobre a língua inglesa e língua materna, o aluno-tradutor precisa entender os mecanismos que possibilitam o ato tradutório, visto que é importante evitar a ideia de que toda tradução deve ser “literal” ou que deve ser “igual” ao texto original: o aluno-tradutor deve refletir acerca dos termos e estruturas escolhidas, refletindo assim sobre ambas as línguas envolvidas no processo.

Segue a relação dos encontros e suas respectivas atividades elaboradas a partir das concepções citadas no referencial teórico da presente tese:

● **16/03/2011:**

- Reflexões iniciais sobre o ato tradutório (aplicação de um questionário, cuja cópia segue anexada ao presente trabalho, com questões abertas e discussão coletiva);
- Leitura do texto “Carta a um amigo japonês”, de Jacques Derrida (1998).

● **23/03/2011:**

- Finalização da leitura do texto de Derrida (1998);
- Tradução coletiva do parágrafo final de “The Black Cat”, de E. A. Poe;
- Primeira leitura da tradução livre realizada pela pesquisadora de “La Belle Dame sans Merci”, de John Keats⁶³:

La Belle Dame Sans Merci	A Bela Dama Sem Piedade
<p style="text-align: center;">I.</p> <p style="text-align: center;">O WHAT can ail thee, knight-at-arms, Alone and palely loitering? The sedge has wither'd from the lake, And no birds sing.</p> <p style="text-align: center;">II.</p> <p style="text-align: center;">O what can ail thee, knight-at-arms! So haggard and so woe-begone? The squirrel's granary is full, And the harvest's done.</p>	<p style="text-align: center;">I.</p> <p style="text-align: center;">Oh! O que vos aflige, cavaleiro armado, Vagando só e pálido? O junco à beira do lago secou E os pássaros cessaram seu cantar.</p> <p style="text-align: center;">II.</p> <p style="text-align: center;">Oh! O que vos aflige, cavaleiro armado, Tão triste e tão desfigurado? A toca do esquilo está farta E a colheita já foi feita.</p>

⁶³ “La Belle Dame Sans Merci”, de John Keats. Disponível em: <http://www.bartleby.com/126/55.html>. Acesso em: 25 março 2011. A tradução para o português foi feita pela própria pesquisadora e duas colegas (Profª. Alessandra Moraes Lourenção e Profª. Ms. Sabrina Maria de Amorim) como parte de um trabalho acadêmico em 2004. Mudanças não foram feitas para que ela pudesse discutir com os estudantes se faria novas escolhas após sete anos e quais seriam elas, focando na língua, na leitura e na subjetividade como conceitos vivos e em constante mutação.

III.

I see a lily on thy brow
With anguish moist and fever dew,
And on thy cheeks a fading rose
Fast withereth too.

IV.

I met a lady in the meads,
Full beautiful—a faery's child,
Her hair was long, her foot was light,
And her eyes were wild.

V.

I made a garland for her head,
And bracelets too, and fragrant zone;
She look'd at me as she did love,
And made sweet moan.

VI.

I set her on my pacing steed,
And nothing else saw all day long,
For sidelong would she bend, and sing
A faery's song.

VII.

She found me roots of relish sweet,
And honey wild, and manna dew,
And sure in language strange she said—
"I love thee true."

VIII.

She took me to her elfin grot,
And there she wept, and sigh'd fill sore,
And there I shut her wild wild eyes
With kisses four.

IX.

And there she lulled me asleep,
And there I dream'd—Ah! woe betide!
The latest dream I ever dream'd
On the cold hill's side.

X.

I saw pale kings and princes too,
Pale warriors, death-pale were they all;
They cried—"La Belle Dame sans Merci
Hath thee in thrall!"

XI.

I saw their starved lips in the gloam,
With horrid warning gaped wide,

III.

Vejo um lírio em vossa fronte
Úmida de angústia e de febril orvalho,
E sobre vossa face uma rosa efêmera
Rapidamente a murchar também.

IV.

Deparei-me com uma dama nos prados,
Esplendorosa, uma jovem filha de fada;
Seu cabelo era longo, era leve o seu caminhar,
E seus olhos eram selvagens.

V.

Fiz uma guirlanda para coroá-la,
E também braceletes e um cinto de flores;
E ela olhou-me como se realmente me amasse,
E lançou um doce gemido.

VI.

Eu a sentei em meu corcel a passo,
E nada mais vi o dia todo,
Pois, para o lado, ela inclinava-se e cantava
Uma canção de fada.

VII.

Ofereceu-me raízes de saber adocicado,
Mel selvagem e maná de orvalho,
E convicta, numa língua estranha, disse –
Eu vos amo de verdade.

VIII.

Ela levou-me para sua gruta élfica,
E lá, chorou e soluçou com grande mágoa,
E lá, eu serrei seus olhos selvagens, selvagens
Com quatro beijos.

IX.

E lá ela me embalou até que eu dormisse,
E lá sonhei – Ah! Que desgosto!
O último sonho que sonhei
Na fria encosta da colina.

X.

Eu vi pálidos reis e príncipes também,
Pálidos guerreiros, todos pálidos como mortos.
Eles gritavam – "A Bela Dama Sem Piedade
Vos tem como escravo!"

XI.

Vi os lábios deles famintos no crepúsculo
Bocas escancaradas com terríveis avisos,

<p>And I awoke and found me here, On the cold hill's side.</p> <p>XII.</p> <p>And this is why I sojourn here, Alone and palely loitering, Though the sedge is wither'd from the lake, And no birds sing.</p>	<p>Acordei e encontrei-me aqui Na fria encosta da colina.</p> <p>XII.</p> <p>E é por isso que aqui permaneço, Vagando só e pálido, Embora o junco à beira do lago tenha secado, E os pássaros tenham cessado seu cantar.</p>
--	--

● 30/03/2011:

- Trabalho com “La Belle Dame sans Merci”, de John Keats (poema e ilustrações);

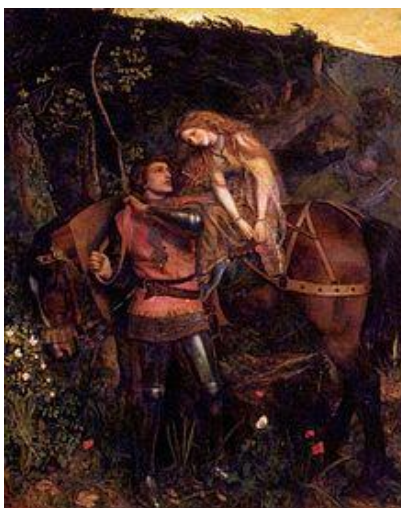


Figura 3. *La belle dame sans merci*, por Arthur Hugues⁶⁴



Figura 4. *La belle dame sans merci*, por Henry Meynell Rheam⁶⁵

⁶⁴ *La belle dame sans merci*, por Arthur Hugues. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/La_Belle_Dame_sans_Merci#mediaviewer/File:Arthur_Hugues__La_belle_dame_sans_merci.jpg. Acesso em: 15 nov. 2014.

⁶⁵ *La belle dame sans merci*, por Henry Meynell Rheam. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/La_Belle_Dame_sans_Merci#mediaviewer/File:Henry_Meynell_Rheam__La_Belle_Dame_sans_Merci.jpg. Acesso em: 15 nov. 2014.



Figura 5. *La belle dame sans merci*, por Frank Dicksee⁶⁶

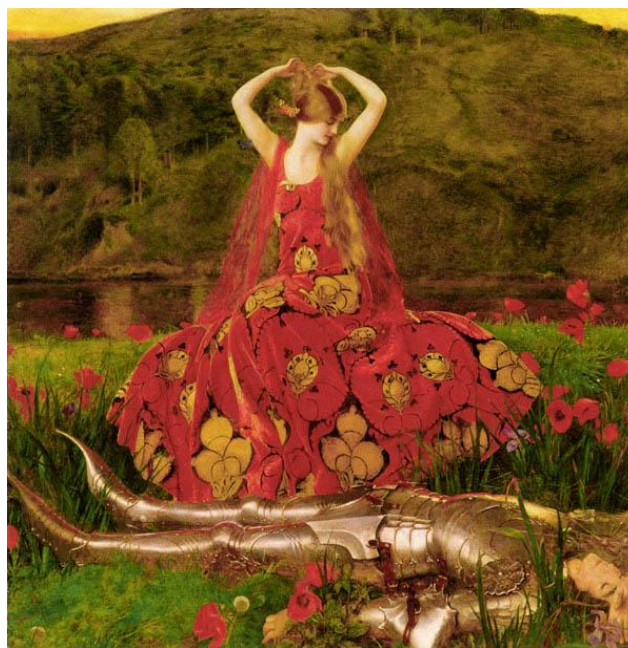


Figura 6. *La belle dame sans merci*, por Frank Cadogan Cowper⁶⁷

- Leitura do texto “Traducción: Literatura y Literalidad” de Octavio Paz (1990);
- Exercício em grupo – Antologia da rã: Conversa sobre traduções de um *haikai* de Bashô e elaboração de traduções a partir do mesmo texto.

⁶⁶ *La belle dame sans merci*, por Frank Dicksee. Disponível em:
<http://www.artrenewal.org/pages/artwork.php?artworkid=228&size=large>. Acesso em: 15 nov. 2014.

⁶⁷ *La belle dame sans merci*, por Frank Cadogan Cowper. Disponível em:
<http://preraphaelitesisterhood.com/image-of-the-week-la-belle-dame-sans-merci-frank-cadogan-cowper/>. Acesso em: 10 nov. 2014.

古池や
蛙のこむ
水を

Figura 7. Haikai de Bashô⁶⁸

o velho
tanque

rã
salt'

tomb
a

rumor de água

Haroldo de Campos⁶⁹

camões revisto por bashô

as rãs

daqui e dali s a l t a n d o
a t n o

o charco soa 

Haroldo de Campos⁷⁰

⁶⁸ Haikai de Bashô. Disponível em: <http://www.kakinet.com/caqui/umhaiku.shtml>. Acesso em: 10 abril 2011.

⁶⁹ Tradução de Haroldo de Campos. Disponível em: <http://www.kakinet.com/caqui/umhaiku.shtml>. Acesso em 22 jan. 2015.

⁷⁰ Tradução de Haroldo de Campos. Disponível em: <http://www.kakinet.com/caqui/umhaiku.shtml>. Acesso em 22 jan. 2015.

● **06/04/2011:**

- Exercício em grupo – Tradução da primeira página de “Bliss”, de Katherine Mansfield;
- Discussão sobre tradução do mesmo trecho feita por Ana Cristina Cesar com análise de suas notas (1999).

● **13/04/2011:**

- Retomada da aula anterior – tradução de mais um trecho de “Bliss” com comentários dos grupos e comparação com o trabalho de tradução anotada de Ana Cristina Cesar.

● **20/04/2011:**

- Leitura do texto “A Tradução como Paradigma dos Intercâmbios Intralinguísticos”, de Rosemary Arrojo (1993).

● **27/04/2011:**

- Continuação da leitura do texto Arrojo (1993);
- Exercício de tradução com o poema “Sometimes with one I love” de Walt Whitman⁷¹;
- Comentários sobre tradução do mesmo poema feita por Antonio Cícero e cantado por Marina Lima como “Às vezes com quem eu amo”⁷².

Sometimes with One I Love

Sometimes with one I love I fill myself with rage for fear I effuse unreturn'd love,
 But now I think there is no unreturn'd love, the pay is certain one way or another
 (I loved a certain person ardently and my love was not return'd,
 Yet out of that I have written these songs).

Às vezes com quem eu amo
 (Marina Lima e Antonio Cícero)

Às vezes com quem eu amo
 Fico com raiva e reclamo
 Pensando não ter retorno
 O amor sem fim que entorno

No entanto sempre retorna
 Desta ou daquela forma

⁷¹ Disponível em: <http://www.poetryfoundation.org/poem/180665>. Acesso em: 20 jan. 2015.

⁷² Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/marina-lima/as-vezes-com-quem-eu-amo.html#ixzz3SVKEHSvG>. Acesso em: 10 maio 2010.

O amor que a gente derrama
Quando é verdade que ama

Amei com paixão alguém
E perdi as ilusões
Mas hoje esse amor revém
E dele é que faço canções

● 04/05/2011:

- Trabalho de tradução em grupos com a música “Can’t buy me love”⁷³ (The Beatles) e comparação com a versão de Rita Lee, “Tudo por amor”⁷⁴.

<i>Can't Buy Me Love, The Beatles</i>	<i>Tudo por amor (Can't buy me love), Rita Lee</i>
Can't buy me love, love Can't buy me love	Tudo por amor! Han! Han!
I'll buy you a diamond ring my friend If it makes you feel all right I'll get you anything my friend If it makes you feel all right 'Cause I don't care too much for money Money can't buy me love	Tudo por amor!...
I'll give you all I've got to give If you say you love me too I may not have a lot to give But what I've got I'll give to you I don't care too much for money Money can't buy me love	Compre o mundo inteiro Meu bem! Se isso lhe deixa feliz Vá morar no estrangeiro Meu bem! Torrar os dólares do seu país Você faz tudo por dinheiro Eu faço tudo por amor...
Can't buy me love Everybody tells me so Can't buy me love No, no, no, no	Que grana é bom Eu sei que é Ninguém disse que não Mas viver só prá isso Não dá pé Até faz mal pr'o coração Você só pensa em dinheiro Eu só penso em amor...
Say you don't need no diamond rings And I'll be satisfied Tell me that you want those kind of things That money just can't buy I don't care too much for money Money can't buy me love	Tudo por amor! Eu faço tudo por amor Tudo por amor! Por amor! Han!...
Can't buy me love Everybody tells me so	Vender a alma por dindim Prá comprar sua Ferrari Sonho de consumo

⁷³ Disponível em: <http://letras.mus.br/the-beatles/287/>. Acesso em: 24 março 2011.

⁷⁴ Disponível em: <http://letras.mus.br/rita-lee/125993/>. Acesso em: 24 março 2011.

<p>Can't buy me love No, no, no, no</p> <p>Say you don't need no diamond rings And I'll be satisfied Tell me that you want those kind of things That money just can't buy I don't care too much for money Money can't buy me love Ooh, can't buy me love, love Can't buy me love, no</p>	<p>É tão chinfrim Um belo dia Cê vai se Ferrari Não me venha com seu money Que se dane! Eu quero amor...</p> <p>Tudo por amor! Eu faço tudo por amor Tudo por amor! Por amor! Han!!...</p> <p>Me cansa a beleza Meu bem! Sua griffe de milionário Abre logo uma igreja Meu bem! Um banco, um bordel, um ranário Você faz tudo por dinheiro Eu faço tudo por amor...</p> <p>Tudo por amor! Han! Han! Tudo por amor! Han!...</p>
--	--

● **11/05/2011:**

- Aplicação de uma avaliação parcial elaborada nos moldes da ACIEPE, ou seja, privilegiando a reflexão sobre a prática. Uma cópia da citada avaliação segue anexada a esse texto.

● **18/05/2011:**

- Comentários sobre avaliação parcial e entrega das avaliações com comentários;
- Trabalho de tradução coletiva com trecho inicial de "Oliver Twist", de Charles Dickens⁷⁵:

CHAPTER I
TREATS OF THE PLACE WHERE OLIVER TWIST WAS BORN
AND OF THE CIRCUMSTANCES ATTENDING HIS BIRTH

Among other public buildings in a certain town, which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which I will assign no fictitious name, there is one anciently common to most towns, great or small: to wit, a workhouse; and in this workhouse was born;

⁷⁵ Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/730/730-h/730-h.htm#chap01>. Acesso em: 15 maio 2011.

on a day and date which I need not trouble myself to repeat, inasmuch as it can be of no possible consequence to the reader, in this stage of the business at all events; the item of mortality whose name is prefixed to the head of this chapter.

● **25/05/2011:**

- Comentários sobre escolhas tradutórias dos grupos na tradução de trechos de “Oliver Twist” e comparação com o trabalho feito com Machado de Assis⁷⁶:

Do lugar em que Oliver Twist nasceu e das circunstâncias que ocorreram nessa ocasião.

Dentre os vários monumentos públicos que enobrecem uma cidade de Inglaterra, cujo nome tenho a prudência de não dizer, e à qual não quero dar um nome imaginário, um existe comum à maior parte das cidades grandes ou pequenas: é o asilo da mendicidade.

Lá em certo dia, cuja data não é necessário indicar, tanto mais que nenhuma importância tem, nasceu o pequeno mortal que dá nome a este livro.

● **01/06/2011:**

- Palestra “O ofício da tradução literária – desafios e dissabores cotidianos em perspectiva comparada”, ministrada pelo Prof. Dr. Wilson Alves-Bezerra.

● **08/06/2011:**

- Leitura dos capítulos 6 (“Exercícios de tradução”) e 7 (“Recado ao tradutor/aprendiz”) do livro “Oficina de tradução”, de Arrojo (2002).

● **15/06/2011:**

- Aplicação de uma avaliação final elaborada nos moldes da ACIEPE, ou seja, privilegiando a reflexão sobre a prática. Uma cópia da citada avaliação segue anexada à tese.

● **22/06/2011:**

- Visita matinal à escola municipal com três alunos voluntários para aplicação de atividade de

⁷⁶ Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/200302/trecho_dickens.html. Acesso em: 15 maio 2011.

tradução em uma turma de 6ª série/7º ano;

- Comentários sobre avaliação final e entrega das avaliações com comentários;
- Considerações finais sobre o curso.

3.3.1.2 ACIEPE “Letramentos Múltiplos” oferecida em 02/2011

Atendendo aos pedidos dos próprios alunos, a mesma ACIEPE foi oferecida novamente no segundo semestre do mesmo ano, com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre tradução já iniciada anteriormente e de criar mais oportunidades para a prática do ato tradutório.

O curso iniciou-se em 17 de agosto de 2011 e teria 15 encontros, todos às quartas-feiras das 17h30m às 19h00m na Sala de Projeções do Departamento de Letras da universidade. Porém, é necessário registrar que, devido aos vários feriados ou eventos que coincidiram com os dias dos encontros e também como consequência da desistência dos participantes, as atividades foram finalizadas em 26 de outubro (totalizando oito encontros). Os encontros chegaram a ter seis participantes, mas três alunos tiveram participação constante. Os discentes eram, novamente, graduandos do curso de Letras da UFSCar.

Para manter o caráter prático da ACIEPE, que busca sempre integrar a universidade à comunidade de alguma maneira, houve mais visitas à escola municipal para a aplicação de atividades voltadas para a tradução em turmas do 7º ano (cinco visitas ao longo do semestre com a ajuda de uma voluntária).

Segue a relação dos encontros e os conteúdos trabalhados:

● **17/08/2011:**

- Reflexões iniciais sobre o ato tradutório (aplicação de um questionário, cuja cópia segue em apêndice, com questões abertas e discussão coletiva);
- Reflexões sobre trechos do filme “O nome da Rosa”, baseado no romance homônimo de Umberto Eco que retrata, entre outras coisas, o trabalho dos escribas e tradutores em monastérios da Idade Média.

● **24/08/2011:**

- Atividade de tradução com a música “I just called to say I love you”⁷⁷, de Stevie Wonder;
- Comparação das traduções dos alunos com duas traduções retiradas de sites de letras;
- Análise da tradução feita por Gilberto Gil: “Só chamei porque te amo”⁷⁸;

<i>I just called to say I love you</i>	<i>Só chamei porque te amo</i>
No New Year's Day to celebrate	Não é Natal
No chocolate covered candy hearts to give away	Nem ano bom
No first of spring	Nem um sinal no céu
No song to sing	Nenhum armagedom
In fact here's just another ordinary day	Nenhuma data especial
	Nenhum ET brincando aqui
No April rain	No meu quintal
No flowers bloom	
No wedding Saturday within the month of June	Nada de mais
But what it is, is something true	Nada de mal
Made up of these three words that I must say to you	Ninguém comigo
	Além da solidão
I just called to say I love you	Nem mesmo um verso original
I just called to say how much I care	Pra te dizer
I just called to say I love you	E começar uma canção
And I mean it from the bottom of my heart...	
	Só chamei porque te amo
	Só chamei porque
	É grande a paixão
	Só chamei porque te amo
	Lá bem fundo
	Fundo do meu coração...

- Leitura do texto “Gilberto Gil e Haroldo de Campos: in(con)fluências, transcrição da canção”, de H. P. Cintrão (2007).

● **31/08/2011:**

- Finalização da leitura do texto de Cintrão (2007);
- Leitura dos artigos “Alteridade e resistência”, de Schiller (2011) e “Augusto de Campos: percurso poético”, de Ascher (2011).

● **07/09/2011:**

- Feriado.

⁷⁷ Disponível em: <http://letras.terra.com.br/stevie-wonder/43172/>. Acesso em: 18 outubro 2011.

⁷⁸ Disponível em: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/46245/>. Acesso em: 18 outubro 2011.

● **14/09/2011:**

- Trabalho com “Provérbios Modernizados”, de Millôr Fernandes (1967) para reflexão sobre tradução intralingual:

“(01) A substância inodora e incolor que já se foi não é mais capaz de comunicar movimento ou ação ao engenho especial para triturar cereais.

(02) Aquele que se deixa prender sentimentalmente por criatura inteiramente destituída de dotes físicos, de encanto, ou graça, acha-a extraordinariamente dotada desses mesmos dotes que outros não lhe veem.

(03) O artífice ou operário que fabrica um cabaz fundo fabrica vinte vezes o quádruplo disso.

(04) De unidade de cereal em unidade de cereal a ave de crista carnuda e asas curtas e largas da família das galináceas abarrota a bolsa que existe nessa espécie por uma dilatação do esôfago e na qual os alimentos permanecem algum tempo antes de passarem à moela.

(05) O Espírito das Trevas não é tão destituído de encantos e graças físicas quanto se o representa por meio de traços e cores.

(06) Aquele que anuncia por palavras tudo que satisfaz o seu ego, tende a perceber pelos órgãos de audição coisas que não se destinam a aumentar-lhe o sentimento de euforia.

(07) Por cada um dos prolongamentos articulados, que determinam os pés e mão do homem e outros animais, se estabelece a identidade do ser de estatura descomunal.

(08) Quando o Sol está abaixo do horizonte, a totalidade dos animais domésticos da família dos Felídeos são de cor mescla entre branco e preto.

(09) O traje característico que usa não identifica fundamentalmente a pessoa que por fanatismo, misticismo ou cálculo se isola da sociedade levando vida austera e desligada das coisas mundanas.

(10) A criatura canonizada que vive em nosso próprio lar não é capaz de produzir efeito extraordinário que vá contra as leis fundamentais da natureza”.

● **21/09/2011:**

- Trabalho com trechos de “Alice’s Adventures in Wonderland”, de Lewis Carroll;

- Comparação das traduções dos alunos com duas publicações já traduzidas para o português.

● **28/09/2011:**

- Continuação do trabalho de tradução do romance de Carroll;
- Trabalho com trechos de “Grande sertão: veredas”, de Guimarães Rosa.

● **05/10/2011:**

- Comparação de trechos de traduções de “Grande sertão: veredas” em espanhol (“Gran sertón: veredas”) e em inglês (“The Devil to pay in the backlands”)⁷⁹:

Grande Sertão: Veredas

“– Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –, e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arribitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio. Mataram. Dono dele nem sei quem for. Vieram emprestar minhas armas, cedi”.

Gran Sertón: Veredas

“–Nonada. Los tiros que usted oyó no fueron de pelea de hombre, no, Dios me libre. Le apunté a un blanco en el árbol, en el corral, en la bajada del arroyo. Para practicar. Lo hago todos los días, me gusta; desde que era bien joven. Por eso me vinieron a buscar. Por causa de un ternero: blanco, defectuoso, con ojos de no ser; y con semblante de perro. Me dijeron; yo no quise mirarlo. Tanto que, por defecto como nació, con el hocico arremangado, cuando se reía parecía persona. Cara de gente, cara de perro; decidieron: era el diablo. Pueblo ignorante. Lo mataron. Ni sé quién era su dueño. Vinieron a pedirme mis armas; se las di”.

The Devil to Pay on the Backlands

“It's nothing. Those shots you heard were not men fighting, God be praised. I was just me there in the back yard, target-shooting down by the creek, to keep in practice. I do it every day, because I enjoy it; have ever since I was a boy. Afterwards they came to me about a calf, a stray white one, with the queerest eyes, and a muzzle like a dog. They told me about it but I didn't want to see it. On account of the deformity it was born with, with lips drawn back, it looked like somebody laughing. Man-face or dog-face: that settled it for them; it was the

⁷⁹ Todas as obras aparecem nas referências em ROSA, J. G..

devil. Foolish folk. They killed it. Don't know who it belonged to. They came to borrow my gun and I let them have it”.

● **12/10/2011:**

- Feriado.

● **19/10/2011:**

- 15ª Jornada de Letras (não houve aula).

● **26/10/2011:**

- Nenhum aluno compareceu. Ao entrar em contato com os mesmos, fomos avisadas de que eles não poderiam mais participar das aulas. O curso foi, então, finalizado.

As atividades foram desenvolvidas pela doutoranda e por sua orientadora e as aulas foram ministradas também em parceria. Tais encontros proporcionaram à pesquisadora a oportunidade de refletir, juntamente com os graduandos, sobre o ato tradutório que considera o autor um segundo autor, um artista que imprime suas identidade no texto de chegada e que, ao refletir sobre os dois textos, reflete também sobre as duas línguas. Da mesma forma, considera-se que essa atividade de extensão foi uma aplicação piloto para a elaboração do curso na modalidade EaD que será descrito a seguir.

Por fim, a presente pesquisadora acredita que este trabalho prático de docência foi muito pertinente e útil para sua formação, principalmente por ter adquirido essa característica participativa, pois possibilitou a aplicação dos conhecimentos teóricos envolvidos na pesquisa.

3.3.2 A atividade de extensão a distância “Estudos em tradução literária”: reflexões sobre o ensino/aprendizagem de línguas propostas a licenciandos e professores da rede pública em exercício

3.3.2.1 Experiências durante a coleta de dados e o *insight* sobre o enfoque da análise

Consideramos importante comentar as experiências que tivemos durante as fases de coleta de dados do projeto, visto que esse panorama pode ajudar a entender o nosso percurso: da sala de aula para a universidade e da universidade para a formação de professores em exercício.

Inicialmente, quando este projeto foi idealizado, pretendíamos desenvolver, além do grupo de estudos via ACIEPE e de um curso virtual, atividades adaptadas de tradução de letras de música em aulas de inglês ministradas em turmas de 7º, 8º e/ou 9º anos do Ensino Fundamental em uma instituição municipal de ensino do interior de São Paulo. As visitas chegaram a ocorrer, com a autorização do Comitê de Ética da universidade e da Secretaria Municipal de Educação, em uma Escola Municipal de Educação Básica (doravante EMEB) de uma cidade do interior de São Paulo a cada quinze dias. Tal instituição já havia recebido projetos do grupo de pesquisa LEETRA⁸⁰, do qual a pesquisadora faz parte, o que facilitou o contato com diretoria e professores.

As atividades, preparadas pela pesquisadora, foram aplicadas durante os minutos iniciais ou finais de cada aula, de acordo com o que a professora responsável pela turma requisitasse. A professora que colaborou com o presente trabalho dava aulas de inglês para turmas de 6º e 7º anos na escola em questão. Os 35 alunos do 7º ano responderam, no início das visitas e sem necessidade de identificação, a um questionário que continha a seguinte pergunta: “O que é tradução?”. Segue uma tabela com a classificação dos tipos de respostas e algumas das definições dos estudantes da escola municipal⁸¹:

⁸⁰ Grupo de Pesquisa “Linguagens, Etnicidades e Estilos em Transição” - LEETRA (líder: Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins).

⁸¹ Como foi dito aos alunos que não era necessário a identificação ao responder ao questionário para manter o anonimato, usaremos a sigla EF (de Ensino Fundamental) seguida de um número e do ano de aplicação das atividades. As frases foram mantidas da forma como o participante as escreveu, sem correções por parte da pesquisadora.

Quadro 1. Definições sobre tradução elaboradas por alunos do Ensino Fundamental

<u>O que é tradução?</u>	
Tipos de respostas	Número de ocorrências e exemplos
Passar de uma língua para outra ou de uma forma para outra	Ocorrências: 11/35 Exemplos: “É passar de uma língua para outra” (EF02_2011). “É passar de uma língua que você não sabe fala (sic) para a sua” (EF03_2011). “Tradução é um idioma que se passa para outra língua . Por exemplo: Inglês para Português ou vice-versa” (EF10_2011). “É troca de um idioma para o Outro” (EF11_2011). “É o texto traduzido de uma forma para outra” (EF16_2011). “È quando você traduz uma palavra, por exemplo: I = Eu isso é uma tradução” (EF19_2011).
Passar do inglês para o português (ou outra língua)	Ocorrências: 09/35 Exemplos: “Traduzir um texto em ingles (sic) para a sua língua (EF04_2011)”. “Escreve de inglês para português” (EF06_2011).
Passar uma música do inglês para o português	Ocorrências: 03/35 Exemplos: “Na minha opinião, tradução é a música em português ou em qualquer outra língua” (EF13_2011). “Tradução é quando uma música ou uma frase está em inglês e a pessoa passa para o português” (EF17_2011).
Transferência de significado de uma língua para outra e demais menções ao significado	Ocorrências: 06/35 Exemplos: “Tradução é o significado de uma linguagem para outra” (EF07_2011). “Tradução é o significado ou a passagem de uma língua para outra” (EF08_2011). “Passar de uma linguagem para outra de forma que possamos traduzilas (sic) para ver o significado” (EF09_2011). “A tradução é para saber o significado da palavra” (EF12_2011).
Compreender palavras, textos, músicas	Ocorrências: 06/35

	<p>Exemplos:</p> <p>“A tradução é quando você não entende uma palavra em outra língua e passa ela para sua língua” (EF01_2011).</p> <p>“Tradução é quando você não entende uma palavra e você traduz 'explica' a palavra” (EF05_2011).</p> <p>“Tradução é quando você traduz algo que você não sabia” (EF14_2011).</p> <p>“Tradução é uma frase ser traduzida para o português para entender as frases ou perguntas” (EF15_2011).</p> <p>“Um jeito de aprender mais, e tanbe (sic) para entender (sic) a música para saber o que está cantando” (EF18_2011).</p>
--	--

Há muitas outras frases interessantes que mostram definições simples que envolvem o processo de se passar (um texto) de uma língua para outra (no caso, ainda mais especificamente, alguns alunos entendem que se trata de passar do inglês para o português), e outras que se mostram um pouco mais complexas, incluindo menções ao significado. Os pré-adolescentes também identificam tradução com música e com enunciados de questões, por fazerem parte de sua rotina em casa (pesquisando letras em *sites* próprios para isso) e na escola (nas aulas de inglês).

Verificamos, ainda, que algumas das definições se assemelham com as usadas pelos alunos de graduação da ACIEPE. Comentemos, portanto, essa outra fase das aplicações práticas do projeto de pesquisa. Como descrito anteriormente no registro de conteúdo da atividade de extensão, os participantes responderam a um questionário sobre o ato tradutório logo no início do curso, sem qualquer discussão prévia que pudesse influenciar suas opiniões. Seguem algumas considerações sobre os relatos dos alunos, que foram aqui inseridas para ilustrar o contexto das ACIEPE e o perfil dos alunos.

A primeira pergunta do questionário, respondido em 16/03/2011, era a seguinte:

1 – a) Quais são, até o momento, suas experiências em relação à tradução? Já participou de algum curso ou grupo de pesquisa sobre o assunto? Teve contato com arcabouço teórico relacionado ao tema? b) Quais são as suas expectativas sobre a presente ACIEPE?

Quanto ao item A, a maioria dos participantes relatou nunca ter participado de cursos ou grupos de pesquisa sobre tradução e, portanto, não possuíam leituras de arcabouço teórico sobre o tema. As experiências relatadas pela minoria dizem respeito a traduções de músicas feitas em cursos de língua. Vários estudantes manifestaram interesse pessoal nos

estudos sobre tradução e na profissão de tradutor. Como eram alunos dos anos iniciais do curso de graduação, não é possível afirmar se, em algum momento da formação acadêmica, uma disciplina obrigatória ou optativa tratou do mesmo assunto e, em caso afirmativo, se o uso da tradução, literária ou não, em sala de aula foi abordado. Seguem alguns trechos escritos pelos alunos⁸²:

Nunca participei de cursos ou grupos sobre tradução, mas atualmente me deparei com um artigo que gostaria de traduzir por achar importante que exista sua versão em português (Aluna 01_2011).

Minhas experiências com tradução resumem-se às músicas e alguns textos curtos. Nunca participei de grupos ou estudos específicos sobre o assunto, apenas em curso de línguas e em aulas de língua estrangeira que obtive certa prática (Aluna 02_2011).

Nunca tive experiência em tradução, embora goste muito do tema e um dia já quis ser uma tradutora. Pra não dizer que não tive contato – embora não seja teórico - “conversei” com uma tradutora juramentada daqui de São Carlos, que falou muitas coisas sobre o tema (Aluna 06_2011).

Nunca participei de grupos de pesquisa relacionados à tradução literária, bem como não estive em contato com nenhum arcabouço teórico relacionado ao tema. Porém, em relação à tradução em si, como possuo um curso completo de uma segunda língua, o inglês, pode-se dizer que fiz algumas traduções, porém não classificadas como literárias, sendo uma área que me prende a atenção, devido a uma certa facilidade com as gramáticas (Aluna 15_2011).

Não tive experiência em tradução até o presente momento, porém, tenho interesse a curto prazo adentrar no mercado de trabalho e trabalhar neste ramo tão almejado por estudantes de línguas estrangeiras. Como aluna de Letras com habilitação em inglês, gostaria de participar de atividades que possam integrar diversas habilidades no ramo da tradução (Aluna 16_2011).

No item B, as respostas se concentraram em fatores como: aprender mais sobre a prática de tradução e de tradução literária, ter contato com textos teóricos da área, ampliar vocabulário, aprimorar o conhecimento sobre língua estrangeira e materna e, por fim, ter a oportunidade de trabalhar com literatura, conforme os trechos a seguir:

Ampliação do meu vocábulo e conhecimento trabalhando com textos de certa relevância e o compartilhamento de ideias e de conhecimento também (por que não?!) entre colegas de classe e professor (Aluna 02_2011).

⁸² Para manter o anonimato, usaremos números para identificar os participantes da ACIEPE. O número equivale à posição do mesmo em ordem alfabética na lista de alunos do curso (29 inscritos), seguido do ano de aplicação da atividade para diferenciá-la dos cursos *online*. Os trechos serão reproduzidos da mesma forma como foram escritos pelos alunos, sem qualquer correção ou alteração.

Só espero seguir aprendendo sobre o português e meu próprio idioma, inglês. Acho que vai ser muito divertido! (Aluna 07_2011).

Busco um aprimoramento em relação a tradução literária, sendo uma área a qual me interessa, e também espero me familiarizar mais com o ambiente da tradução em si (Aluna 15_2011).

Minha expectativa quanto à ACIEPE é o contato que terei com obras literárias, pois o meu interesse é trabalhar com a literatura. E também conhecer novos autores que nunca antes tivesse ouvido e para ampliar meu conhecimento sobre o assunto, o qual é pequeno (Aluna 26_2011).

Havia, então, mais uma pergunta a ser respondida, pergunta essa que se alinha com a que foi proposta aos alunos da EMEB:

2 – O que envolve, em sua opinião o ato tradutório?

Como resposta para a segunda questão, tivemos desde definições simples, que consideram a tradução a passagem de um texto de uma língua para outra (como a maioria das descrições coletadas na EMEB), até apontamentos mais complexos, como a necessidade do conhecimento de cultura, de contexto, etc.. Os trechos a seguir exemplificam tal síntese:

Envolve um comprometimento com o autor e principalmente com o texto. Na minha opinião deve-se tomar cuidado para não subverter o sentido original e assim comprometer o efeito literário/poético do texto (Aluna 01_2011).

Passar um texto de uma língua para outra, mas levando em conta também seu sentido (Aluna 06_2011).

Para mim, o ato tradutório é mais do que simplesmente a “passagem” do inglês para o português (e vice-versa). É o conhecimento da cultura e das línguas, e envolve todo um contexto (Aluna 09_2011).

Para mim, o ato tradutório consiste em se empenhar a levar certo documento escrito em determinada forma, para um grupo de forma homogênea, para a compreensão de todos e compartilhando, assim, as informações, de várias maneiras (Aluna 15_2011).

O que envolve no ato tradutório é primeiramente ter um conhecimento significativo do idioma que se pretende traduzir. Ter contato com outras obras do autor a ser trabalhado. (Aluna 26_2011).

Já no final do curso, após leituras teóricas, atividades práticas de tradução e discussão do tema, ao realizarem a avaliação final, os graduandos responderam a outra

indagação:

3 – Levando em consideração o que foi trabalhado durante a ACIEPE, você, futuro professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria e como você o trabalharia em suas aulas?

As respostas aqui foram majoritariamente positivas, demonstrando que muitos futuros professores se sentiram motivados pelas experiências propostas durante a ACIEPE e teriam interesse em trabalhar com tradução, especialmente literária, em suas salas de aula. Vejamos alguns exemplos no mapa conceitual a seguir:

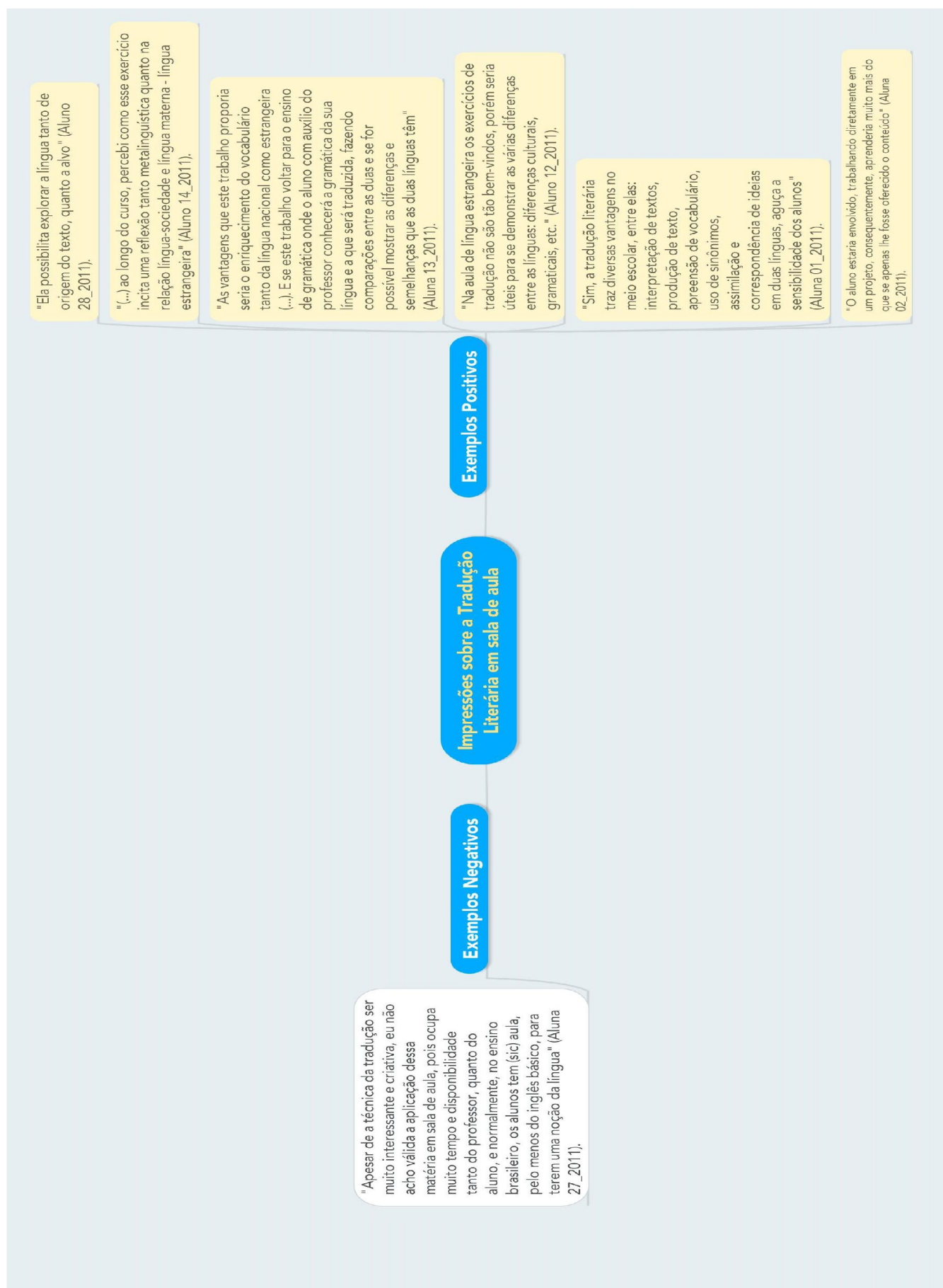


Figura 8. Mapa conceitual – Impressões sobre tradução literária em sala de aula.

Os resultados das visitas às escolas e das aulas na ACIEPE nos levaram, então, a pensar que seria interessante trabalhar com três faixas de formação: o aluno de ensino fundamental, o graduando/licenciando e o professor formado, o que nos levou a elaborar e aplicar o curso na modalidade EaD que será posteriormente exposto neste trabalho. Porém, decidimos que seria necessário fazer um recorte para a realização da análise. O *insight* sobre qual grupo escolher, priorizando os sujeitos professores ao invés dos alunos, veio a partir da observação de todos os dados coletados na primeira etapa de pesquisa, assim como do conhecimento de outro curso virtual (oferecido pela Profa. Dra. Cibele Cecílio de Faria Rozenfeld, participante do mesmo Grupo de Pesquisa LEETRA na época), o qual lidou, em um determinado momento, com tradução. Trata-se do curso de leitura de textos filosóficos de pensadores alemães intitulado *Deuschlesekurs: Deutsche Philosophen*⁸³ (doravante DLdP). Vale notar que, embora os dados coletados durante a oferta desse curso não fossem parte de nosso *corpus*, servimo-nos de parte deles, como se verá abaixo, com finalidade comparativa, justificando-se o fato por fazerem parte de trabalho em fase de submissão, no qual temos coautoria (PIZZI; ROZENFELD, 2015).

Acreditamos que tal discussão seria relevante para este trabalho porque, a partir das reflexões instigadas por tal curso, foi possível observar conceitos de tradução/papel do tradutor intrínsecos em cada indivíduo, mesmo naqueles que não tinham conhecimento direto de teóricos da área. Também foi possível notar, a partir das justificativas em fórum para determinadas escolhas tradutórias, como os leitores proficientes em alemão constroem suas concepções e fazem suas leituras/traduições de termos filosóficos a partir do seu conhecimento de língua estrangeira e materna, bem como de sua formação como sujeito social, político e acadêmico. Vale ressaltar ainda que, durante as atividades, verificou-se outra tendência relevante: foram oferecidas oportunidades de tradução coletiva e colaborativa nos fóruns, o que reflete a realidade interativa dos cursos virtuais e, ao mesmo tempo, exemplifica uma prática que vem se consolidando e democratizando a partir da internet: muitas vezes interessados em literatura, filmes, música e seriados formam grupos para traduzir/legendar textos ou episódios inéditos em português antes mesmo que a versão oficial seja lançada (cf. (PIZZI; ROZENFELD, 2015).

É importante mencionar que os participantes, mesmo não sendo diretamente

⁸³ O referido curso de extensão universitária oferecido por uma universidade do interior do estado de São Paulo foi elaborado e aplicado por Rozenfeld, na modalidade a distância, como parte de seu estágio de pós-doutorado junto ao Grupo de Pesquisa LEETRA, e tendo como público-alvo estudiosos da filosofia alemã. A autora desta tese, sendo pesquisadora vinculada ao mesmo Grupo de Pesquisa, foi inscrita no ambiente virtual de aprendizagem, mas atuou apenas como observadora de tal curso, recebendo autorização da docente responsável para coleta de dados que seriam utilizados, de forma indireta e apenas para fins comparativos, na presente tese.

ligados aos estudos da tradução, demonstraram sensibilidade ao refletir sobre o tema, o que pode sugerir que já interiorizaram alguns conceitos relacionados ao trabalho do tradutor a partir das experiências que tiveram com suas leituras e estudos e também a partir do senso comum de qualquer acadêmico que trabalha com noções de formação do sujeito. Talvez tenha contribuído para isso ainda, o fato de que, assim como a tradução, a filosofia é uma área de estudos ampla que dialoga com vários outros campos do conhecimento. Para ilustrar tal afirmação, seguem definições dadas por participantes para a tradução⁸⁴:

Traduzir é realmente uma tarefa muito delicada considerando os aspectos sobre os quais já debatemos que influenciam diretamente na interpretação, sendo eles: contexto cultural, contexto linguístico, conhecimentos prévios sobre o assunto, interpretação pessoal, etc... – DGA (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 161).

(...) muitas vezes ouvimos alguém dizer que uma tradução é ‘ruim’, mas como nenhum leitor é imparcial, na minha opinião a interpretação deste leitor em particular tem grande influência sobre isso. Afinal, uma outra pessoa pode achar essa mesma tradução boa. Bom, isso fica claro quando há várias traduções da mesma obra, e alguns preferem umas, outros preferem outras – DBS (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 161).

(...) acredito que toda tradução, assim como toda leitura, tem necessariamente um componente interpretativo, pois toda compreensão está mediada pelas vivências, interesses e pelo contexto histórico-político e social no qual o leitor/tradutor está imerso – JPS (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 162).

Nota-se que as discussões trouxeram ricas reflexões sobre o que é traduzir, qual é o papel do tradutor e sobre a forma como alguns termos podem ser traduzidos da língua alemã para o português, de acordo com as escolhas tradutórias de cada tradutor. Nas descrições sobre o ato tradutório e a tradução, observa-se que são citadas noções diferentes e até conflitantes sobre tradução, as quais dialogam diretamente com as correntes de estudiosos citadas no referencial teórico do presente artigo.

Outros cursistas trouxeram a ideia da tradução como traição, própria de alguns teóricos logocentristas, curiosamente no bom ou no mau sentido, como é possível verificar na fala abaixo:

Concordo com o termo ‘traição’ no sentido que nenhuma palavra tem equivalência em uma língua estrangeira, por mais próximos que possam ser

⁸⁴ Todas as falas aqui citadas aparecem exatamente da forma como foram postadas nos fóruns do curso, sem revisão ortográfica e estilística ou reestruturação do texto. Para preservação da identidade dos participantes, foram criadas iniciais fictícias para cada cursista que figura como sujeito deste trabalho.

seus sentidos. É por isso que ‘traduzir’ é ‘trair’. Pois o sentido do termo no idioma em que foi escrito nunca poderá ser ‘traduzido’ de forma completamente fiel. (...) Não vejo a ‘traição’ como algo ruim, do tipo que deturpa a obra. Seria mais no sentido de ter de fazer escolhas o tempo todo, em busca do sentido mais parecido com aquele escolhido pelo autor original – DBS (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 163).

Houve, ainda, o grupo que ressaltou a tradução como arte/criação/transcrição, diminuindo a importância da questão da “traição” para revelar o trabalho do tradutor como crucial e digno de nota. Seguem trechos interessantes das postagens dos cursistas:

Traduzir é uma arte. Se não me engano essa seria mais ou menos a concepção de Friedrich Schlegel, a tradução seria um ato de criação tão importante quanto a criação original. Para a maioria das pessoas, muitas obras só passam a existir no momento em que são traduzidas para seus idiomas nativos. E o tradutor, de certa forma, determina o futuro de uma obra, essa talvez já fosse uma ideia do Benjamin. (...). A ideia da tradução também envolve o desejo de fazer uma obra se tornar conhecida, divulgá-la, ampliá-la a círculos maiores. É claro que a obra original acaba sofrendo um pouco com a tradução, mas sem isso talvez sequer se tornasse conhecida em outras paragens que não a de seus próprios solos pátrios! – RFH (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 163).

Também discordo da ideia que a tradução seria uma ‘traição’. Penso que o termo ‘criação’, ou talvez ‘co-criação’ traria uma definição mais rica para a tarefa do tradutor. A meu ver, entender a tradução como ‘traição’ pressupõe que o texto seria algo fixo e unívoco e que as traduções seriam tentativas vacilantes de se aproximar e expor, da forma menos defeituosa possível, aquilo que o tradutor considera como o suposto ‘sentido verdadeiro’ do texto. Na minha opinião, o sentido de um texto não é algo fixo, mas, pelo contrário, emerge em cada ato de leitura, de modo que todas as traduções refletem, de maneira mais ou menos explícita, a interpretação do leitor/tradutor – JPS (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 163-164).

Por fim, é possível verificar que um dos cursistas faz um resumo do que foi discutido, versando sobre as duas vertentes dos estudos tradutórios e criando a sua própria interpretação sobre tradução:

(...) segundo o que conheço, as palavras ‘tradução’, ou ‘traduzir’ etimologicamente não dizem uma tração (como no italiano) nem uma criação (como na teoria sobre tradução dos irmãos Campos). Elas vêm de TRADUCERE, que tem TRANS, que diz uma mudança, como ‘travessia’, ‘transposição’, e DUCERE, que diz um ‘conduzir’, ‘guiar’. ‘Traduzir’ diz enfim algo como ‘transpor’, ou um ‘pôr além’, mas um transpor guiado, que tem um fio condutor. (...) Traduzir seria algo como a transposição do sentido expresso por uma língua para uma outra língua. (...) E nessa transposição, enfim, sempre se corre um risco, o de se perder algo, por isso a compreensão italiana como tração, pois aquilo que se perdeu termina enfim por mudar o sentido do texto no qual o original foi escrito. Já a tradução como criação

expressaria a ideia de que, para exprimir o sentido dito pela palavra ou frase original, seria preciso criar um correspondente na língua para a qual se deseja empreender a tradução – JC (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 164).

Após tais reflexões, em um segundo momento, foram propostos fóruns onde traduções de termos filosóficos foram discutidas (Módulo 5, atividade 6: Kant). Foi possível, então, elencar escolhas tradutórias dos alunos a partir do que eles entendem por cada termo da língua alemã e pela relação que fazem com palavras da língua portuguesa. Vale retomar que essa atividade trouxe para o curso outra tendência: a tradução coletiva e colaborativa, que ganhou espaço no mundo virtual, angariando adeptos para traduções em *wikis*⁸⁵ e fóruns de discussões sobre os mais variados temas.

Conseguimos notar também dois tipos de tradutores em potencial, refletindo o que se apresentou nas discussões gerais sobre tradução: o indivíduo que vê a necessidade de “transcriar” e não se sente acuado ou se vê como traidor ao fazer suas escolhas tradutórias e o indivíduo que, mesmo sabendo que não há tradução “pura”, busca o caminho da literalidade. Em um fórum como esse, podemos notar como cada tradutor justifica as suas escolhas e, dessa forma, explicita a sua visão sobre o ato tradutório e sobre o trabalho do autor traduzido.

Para ilustrarmos o que acaba de ser descrito, segue um excerto da discussão sobre a melhor tradução para o termo “*Einbildungskraft*”:

Quando comparamos as traduções de *Einbildungskraft* = faculdade da imaginação e *Erkenntnisvermögen* = faculdade do entendimento/reconhecimento, podemos perceber um ponto de fundamental importância na tarefa de todos os tradutores: a dificuldade (porquê não dizer impossibilidade?) de tentarmos traduzir uma palavra ‘ao pé da letra’ que permaneça ‘legível’ e ao mesmo tempo preserve as minúcias e especificidades da língua original. Em todas as traduções de textos filosóficos que eu cheguei a ler e comparar com os originais, sempre encontrei adaptações e escolhas literárias dos tradutores que não tinham por objetivo corresponder literalmente àquilo que está escrito, mas sim oferecer uma ideia do que está sendo dito ao mesmo tempo em que mantém o texto ‘legível’ para um leitor não versado na língua original. Parece-me que a tarefa do tradutor é sempre uma travessia na corda bamba. Se ele escolher traduzir tudo ao pé da letra, muito provavelmente o resultado será um texto literariamente truncado e de difícil compreensão. Por outro lado, se ele optar por uma tradução mais livre, que preserve o ritmo da escrita e da leitura, terá que abrir mão de uma precisão conceitual minuciosa – JPS (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 165-166).

Ainda no mesmo fórum, outro cursista comenta o termo a partir da leitura que

⁸⁵ A *wiki* aqui citada é uma ferramenta presente nos ambientes virtuais de aprendizagem da plataforma *Moodle* que permite a edição coletiva de textos.

faz da obra de Kant, do contexto do qual o termo foi retirado para essa discussão específica, demonstrando como outras leituras e a interpretação influenciam as escolhas tradutórias do leitor/tradutor:

De fato, a tradução mais utilizada para o termo ‘Erkenntnisvermögen’ é Faculdade do Entendimento, para a Filosofia de Kant. Pois este é o sentido que ele emprega o termo em sua Filosofia, apesar da tradução do puro alemão nos levar a entender como 'faculdade do reconhecimento'. Se fosse aprofundar na filosofia de Kant, é isso mesmo! Uma faculdade de reconhecimento, que promove o conhecimento por meio da 'apercepção', a consciência da percepção ao sintetizar os fenômenos dados pela faculdade sensível, formulados pela faculdade do entendimento, que reconhece...sintetiza...e conhece (claro! forçando uma interpretação) – MTG (PIZZI; ROZENFELD, 2015, p. 166).

Vários outros comentários foram feitos por esses e outros cursistas, e em vários momentos o conjunto da obra de Kant foi citado para justificar escolhas tradutórias. Vemos, então, que as falas dos participantes contribuem para exemplificar as questões aqui levantadas e demonstrar como a formação de cada indivíduo afeta a sua interpretação, sua leitura, sua tradução dos significados sociais e acadêmicos que permeiam a sua vida.

A partir da leitura do material teórico sobre tradução, das discussões em fórum e das traduções coletivas, acredita-se que os cursistas, predominantemente estudantes da área de Filosofia, puderam conhecer e expressar mais a fundo as dificuldades e a importância do tradutor e do ato tradutório e também destacar e enfatizar a presença do *ethos* dos leitores/tradutores em textos de chegada.

Alguns dos participantes afirmam que há teor artístico e literário no texto traduzido, que passa a ser uma transcrição (cf. CAMPOS, 1992), e não uma mera transferência de significados imutáveis de uma língua para outra. É uma atividade que tem como base a essência e a produção de significados. Por isso o tradutor, antes considerado apenas um intermediário no ato tradutório, desempenhando papel secundário e inofensivo, passa a ser visto como um segundo autor, alguém que interpreta o texto "original" e nele, mesmo que inconscientemente, imprime suas perspectivas, sua visão de mundo, seu contexto histórico e social. Para esses cursistas, uma boa tradução decorre de uma boa interpretação, de uma boa leitura.

Outros participantes, por sua vez, apesar de acreditarem que não há como resgatar o “original”, que existe em um momento fugaz e transitório que se extingue até mesmo para autor, ainda entendem o tradutor como “traidor” que deve fazer-se “invisível” em uma boa tradução. Tais cursistas entendem que toda leitura/tradução é uma interpretação e que

não há “leitura fiel”, sem marcas do leitor, mas parece ainda existir um predomínio da busca por fidelidade ao original, da eterna demanda pela “verdade”.

As considerações dos cursistas ao justificarem suas escolhas servem exatamente como uma descrição do processo que muitas vezes se estabelece apenas nos bastidores, despercebido ao leitor padrão. Mesmo que “invisível” (e talvez por isso, segundo o que se comenta, pouco valorizado e mal remunerado) em uma leitura desavisada, a tradução é um trabalho que envolve pesquisa, investigação minuciosa, dúvida, conflitos internos, desafios, interpretações, leituras e mais leituras.

Retomando, para concluir, a escolha do grupo a ser investigado nesta tese, durante o período de vivência escolar e acadêmica, como exposto anteriormente, pudemos perguntar aos alunos do Ensino Fundamental, por meio de um questionário, o que significava “tradução”. Podemos afirmar que a maioria das respostas descrevia o termo como “passar uma música/um texto de uma língua para outra”. Em alguns casos, tivemos descrições ainda mais específicas, como: “passar uma palavra do inglês para o português”.

A partir da leitura dos questionários aplicados nos cursos para professores em formação e em serviço, pudemos perceber que algumas respostas eram, apesar de mais elaboradas, essencialmente parecidas com as dos alunos da escola municipal.

A partir da observação dos ricos fóruns dos estudantes de Filosofia, pensamos, por fim, que seria válido elencar as ideias dos professores de línguas em formação e em serviço sobre o mesmo tópico, pois os docentes podem ser os principais agentes de mudanças na escola e, ao se conscientizarem sobre a amplitude e todas as possibilidades que o termo *tradução* oferece, poderiam passar o mesmo conhecimento aos alunos a partir de atividades que foquem no ato tradutório como ferramenta pedagógica. O próprio Haroldo de Campos (2013a, p. 18) sugere um curso similar em um de seus escritos:

Nesse *Laboratório de Textos*, de cuja equipe participariam linguistas e artistas convidados, e que poderia cogitar de uma linha de publicações experimentais de textos recriados, poder-se-iam desenvolver, em nível de seminário, atividades pedagógicas tais como a colaboração de alunos em equipes de tradução ou o acompanhamento, por estes, das etapas de uma versão determinada, com as explicações correlatas do porquê das soluções adotadas, opções, variantes, etc..

Dessa forma, para que tais questionamentos da pesquisa pudessem ser trabalhados de forma prática, uma atividade de extensão foi oferecida em duas ocasiões, em 2012 e 2014 respectivamente, com o intuito de levar adiante a coleta de dados, a professores

da rede pública de ensino, a estudantes de Letras e demais interessados. A modalidade a distância foi escolhida para essa aplicação pois, segundo Prado e Almeida (2009, p. 66):

Tratando-se especificamente da formação continuada, é bastante oportuno ressaltar a importância da EaD, considerando que o paradigma da sociedade do conhecimento e da tecnologia demanda das pessoas uma nova postura acerca do processo de aprendizagem.

Também segundo Alonso e Alegretti (2003, p. 165):

Talvez a principal característica dessa modalidade de ensino seja a flexibilidade, favorecendo especialmente o aprendiz, que tem liberdade para escolher o tempo e o espaço que mais lhe convém para estudar, bem como a escolha de materiais de aprendizagem além daqueles que lhe são disponibilizados. Em suma, rompe-se a rigidez e a formalidade presentes na escolaridade regular, permitindo-se ao aluno definir a amplitude do seu conhecimento.

Acreditamos, portanto, que a EaD, além de abrir espaço para maior participação do público-alvo, que pode adaptar seus horários de trabalho e de lazer aos estudos virtuais e não precisa preocupar-se com o tempo e os custos do trajeto até um possível local para aulas presenciais, e de proporcionar o trabalho com as novas tecnologias que esse educador deverá também utilizar em suas aulas, faz com que os professores, a partir da troca de experiências, possam tornar-se mais reflexivos sobre sua atuação. Machado (2009, p. 125) endossa esse ponto de vista ao escrever que “(...) com o uso das tecnologias, opera-se a troca de saberes entre as estudantes (e tutores), além de serem incentivadas à construção autônoma (mas não individualizada) do conhecimento e à análise das atividades desenvolvidas no local de trabalho”. Como mencionado anteriormente, acreditamos que a proposta de reflexão constante é muito válida para que o ensinar e o aprender não sejam mecânicos, mas adaptados ao contexto, à realidade e aos interesses dos envolvidos no processo (cf. PRABHU, 1990; VIANA, 2007; ALVARENGA, 2009; ALMEIDA FILHO, 1993, 2009).

Descreveremos a seguir as duas ofertas da atividade de extensão na modalidade EaD e suas particularidades.

3.3.2.2 Atividade de extensão “Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório e o papel do tradutor”: oferta 1/2012

3.3.2.2.1 Planejamento, hospedagem, divulgação e conteúdo programático

No primeiro semestre de 2012, o grupo de pesquisa LEETRA disponibilizou à comunidade 3 atividades de extensão gratuitas na modalidade EaD, oferecendo certificados via Pró-reitoria de Extensão de uma universidade pública do interior de São Paulo. Os conteúdos programáticos foram organizados por uma mestranda, uma doutoranda (a presente pesquisadora) e uma pós-doutoranda ligadas ao grupo sob orientação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins.

Para organização da primeira oferta da Atividade de extensão a distância “Estudos em Tradução Literária”, a pesquisadora entrou em contato com a equipe do Departamento de Apoio Computacional ao Ensino a Distância (DeACED), que disponibiliza ambientes virtuais de aprendizagem (doravante AVA) aos professores e pesquisadores da universidade em questão. A plataforma de aprendizagem utilizada é o Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), um *software* livre bastante popular em EaD.

Para divulgação, elaborou-se um pôster com informações sobre o curso, sua duração e procedimentos para inscrição (reprodução disponível nos apêndices da tese). Tal material foi distribuído via e-mail, a partir de um contato com a Secretaria de Ensino Municipal e via rede social (Facebook, no caso), no grupo criado por alunos da universidade.

Nesta primeira oferta, foram oferecidas 25 vagas gratuitas para professores de inglês e/ou português do Ensino Fundamental e Médio da rede pública e a estudantes do curso de Letras, além de demais interessados em tal temática, caso houvesse vagas remanescentes.

www.moodle.ufscar.br

Você ainda não se identificou (Acesso)
 Português - Brasil (pt_br)

UFSCar
AMBIENTE DE APRENDIZAGEM
Departamento de Apoio Computacional ao Ensino a Distância

Menu Principal

- Funcionalidades

Buscar Cursos
Material Moodle

Acesso

Nome de usuário
mclaudiapic

Senha

Acesso

Perdeu a senha?

Categorias de Cursos

Aprendendo sobre Moodle
Capacitação e Treinamento de Servidores TAs
Comunidade da UFSCar no Moodle
>> CAMPUS ARARAS
>> CAMPUS SÃO CARLOS
>> CAMPUS LAGOA DO

ATENÇÃO USUÁRIO !

1) - Para informações sobre [Cadastro de novos alunos](#), [Cadastro de disciplinas](#), [Inscrição de alunos](#) nas disciplinas entre outros assuntos, favor clique [aqui](#).

2) - Atualize seus dados cadastrais em seu perfil. Como?

- 1 - Após acessar o ambiente, **clique sobre seu nome localizado no canto superior direito**.
- 2 - Na página que se abre, **clique sobre a guia/aba "Modificar perfil"**.
- 3 - Verifique se suas informações estão corretas, de modo especial o item "Endereço de email", e **atualize seus dados**.
- 4 - Role a janela até localizar o botão "**Atualizar perfil**", então **clique nele**.

NOTA: Isso é importante para ter seus dados cadastrais corretos, [receber e-mails de seus professores](#) e uma nova senha de acesso caso esqueça. Seu e-mail estando correto neste cadastro, você [garante a possibilidade de recuperar seu acesso ao ambiente através do recurso "Perdeu a Senha"](#).

DeASU

Últimas Notícias

5 Dez, 11:20
Administrador Moodle-UFSCar
ATENÇÃO USUÁRIOS [mais...](#)

26 Fev, 09:48
Administrador Moodle-UFSCar
AVISO AOS USUÁRIOS !!!
[mais...](#)
[Tópicos antigos ...](#)

My Moodle

Experimente o My Moodle

Calendário

setembro 2014

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27

Informações Gerais

Figura 9. Página inicial para acesso ao Moodle institucional – 2012.

As atividades, divididas em oito módulos, foram desenvolvidas integralmente a distância via plataforma Moodle de abril a junho de 2012, com a carga-horária total de 32 horas (dedicação de aproximadamente 4 horas semanais). Segue o mapa de atividades, com detalhes sobre conteúdo e tarefas de cada unidade:

Quadro 2. Mapa de Atividades do curso “Estudos em Tradução Literária” - 2012

Unidades/ Datas ou Período	Carga horária (em horas)	Tema (e subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e Material de Estudo (recursos/formato)	Atividades práticas/avaliativas (ferramentas do Moodle)
Módulo Introdutório 10 a 17/04	4	<i>First Steps</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o arquivo Tutorial Moodle - Curso "Estudos em Tradução Literária" (ETL) postado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); • Ler o texto Apresentação 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>First Steps</i> (Texto informativo) • Tutorial Moodle - Curso "Estudos em Tradução Literária" (ETL) (PDF) 	<ul style="list-style-type: none"> • Não há atividades avaliativas nesse módulo introdutório.

			<p>e Cronograma do curso;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atualizar o perfil de usuário, seguindo as orientações do tutorial; • Se necessário, tirar dúvidas iniciais no Fórum de Dúvidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação - Profa. Maria Claudia B. Pizzi (PDF) <hr/> <p>Fórum de Notícias (Fórum) Fórum de Dúvidas (Geral) (Fórum) Cafeteria (Fórum) Dicas de Leitura - Textos sobre Tradução (Fórum) Chat</p>	
Módulo 1 13 a 17/04	4	<i>Getting to know each other & First thoughts about translation</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Participar de um fórum de apresentação para que todos os cursistas se conheçam melhor; • Responder a algumas questões iniciais sobre tradução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 1 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) <hr/> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 1 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 1 – Fórum de Apresentação (Fórum) • Atividade 2 – Reflexões Iniciais (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 2 17 a 24/04	4	<i>On translation and the role of the translator</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir questões referentes à tradução e ao trabalho do tradutor; • Realizar primeiro exercício de tradução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 2 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 3 – Octavio Paz (espanhol) (PDF) • Texto para Atividade 3 – Octavio Paz (inglês) (PDF) <hr/> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 2 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 3 – Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Octavio Paz) (Fórum) • Atividade 4 – Exercício de Tradução (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 3 24/04 a 01/05	4	<i>Translator as an author</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre o papel do tradutor: autor ou não?; • Realizar exercício de tradução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 3 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 6 – Paulo Henriques Britto (ler apenas trecho grifado em amarelo) (PDF) 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 5 – Fórum de discussão: “Traduzir-se” de Ferreira Gullar e o papel do tradutor (Fórum) – Contém <i>links</i> para vídeo e poema • Atividade 6 – Leitura e comentários sobre textos teóricos

				<ul style="list-style-type: none"> • Texto para Atividade 6 – Cristina M. de Castro Pereira (PDF) • Texto para Atividade 7 – Millôr Fernandes (PDF) <p>_____</p> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 3 (Fórum)</p>	<p>(Britto e Pereira) (tarefa – envio de arquivo)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade 7 – Exercício de Tradução (Fórum)
Módulo 4 01 a 08/05	4	<i>Workshop 1: Songs</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir o trabalho de versões de músicas; • Revisar/reelaborar uma tradução literal feita para a internet. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 4 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 9 – Heloísa Pezza Cintrão (PDF) <p>_____</p> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 4 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 8 – Stevie Wonder por Gilberto Gil e Adilson Ramos (tarefa – envio de arquivo) - Contém <i>links</i> para vídeos e letras • Atividade 9 – Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Heloísa Pezza Cintrão) (Fórum) • Atividade 10 – Exercício de Tradução (tarefa – envio de arquivo) - Contém <i>links</i> para sites
Módulo 5 08 a 15/05	4	<i>Workshop 2: Poems</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a tradução de poemas; • Escolher entre a tradução de um poema ou a análise de traduções já publicadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 5 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 11 – Rosemary Arrojo (PDF) <p>_____</p> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 5 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 11 – Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Rosemary Arrojo) (Fórum) • Atividade 12 – Exercício de Análise ou de Prática de Tradução (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 6 15 a 22/05	4	<i>Workshop 3: Narratives I</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a tradução de narrativas; • Realizar um exercício de tradução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 6 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 14 – E. 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 13 – Leitura e comentários sobre texto teórico (Moreira) (tarefa – envio de arquivo) - Contém <i>link</i> para a revista online onde se

				<p>A. Poe (PDF)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto para Atividade 14 – J. L. Borges (PDF) <hr/> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 6 (Fórum)</p>	<p>encontra o texto teórico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividade 14 – Exercício de Tradução (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 7 22 a 29/05	4	<i>Workshop 4: Narratives II</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a tradução de narrativas; • Realizar um exercício de tradução comentada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 7 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 15 – Grande Sertão: Veredas (PDF) • Texto para Atividade 15 – The Devil to Pay in the Backlands (PDF) • Texto para Atividade 15 – Gran Sertón: Veredas (PDF) <hr/> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 7 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 15 – Leitura e comentários sobre “Grande Sertão: Veredas” e traduções (Fórum) • Atividade 16 – Exercício de Tradução Comentada (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 8 29/05 a 05/06	4	<i>Final comments</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar avaliação final; • Postar impressões sobre o curso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 8 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) + Êxtase (Bliss): trechos da tradução comentada de A. C. Cesar (PDF) • Arquivo para Atividade 17 – Avaliação Final (PDF) • Comentários Finais e Agradecimentos (Texto Informativo) <hr/> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 8 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 17 – Avaliação Final (tarefa – envio de arquivo) • Atividade 18 – Diário: impressões sobre o curso (Diário)

3.3.2.2 Perfil dos cursistas

Para inscrição no curso, os interessados precisaram preencher um formulário que continha também um termo de consentimento (vide apêndices e anexos). A partir das respostas dos 22 participantes, foi possível traçar o perfil dos participantes, como será descrito a partir do gráficos a seguir.

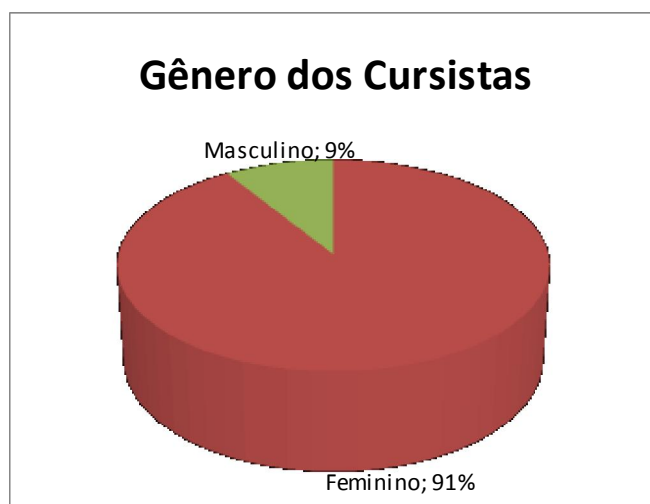


Gráfico 1. Gênero dos cursistas – 2012.



Gráfico 2. Estado de residência dos cursistas – 2012.

Conforme ilustração dos gráficos, dos 22 inscritos, 20 eram mulheres e dois eram homens. Isso pode ser explicado pela maioria feminina em cargos de docência no Ensino Fundamental (apesar de tal fato ser visível e uma tendência antiga, é possível verificar os números em Barros, Mendonça e Blanco, 2014). Devido também aos meios utilizados para

divulgação, que priorizaram a comunidade local da universidade, todos eram moradores do estado de São Paulo, concentrados na Região Central, residindo em cidades como Araraquara (02), Dourado (01), Ibaté (01), Macatuba (01), São Carlos (16) e Sertãozinho (01).

A faixa etária é variada, porém a maioria dos cursistas possuía de 23 a 30 anos durante o curso, conforme o seguinte gráfico:

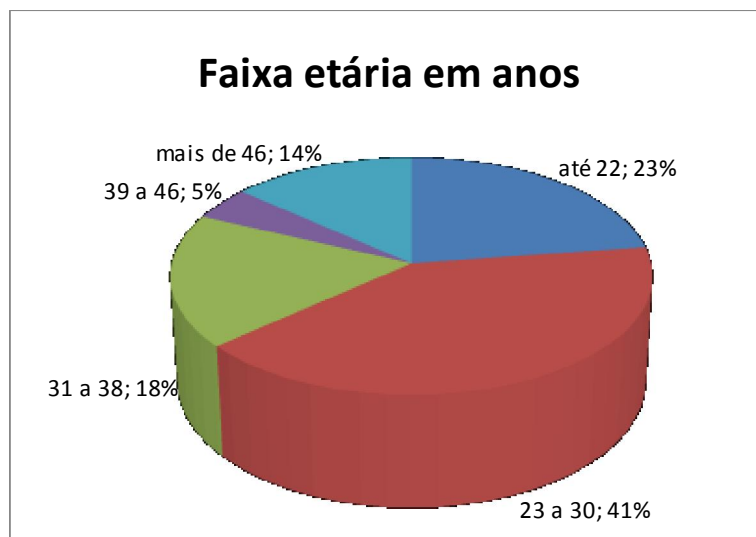


Gráfico 3. Faixa etária dos cursistas – 2012.

Quanto à escolaridade declarada, chegou-se aos seguintes números:

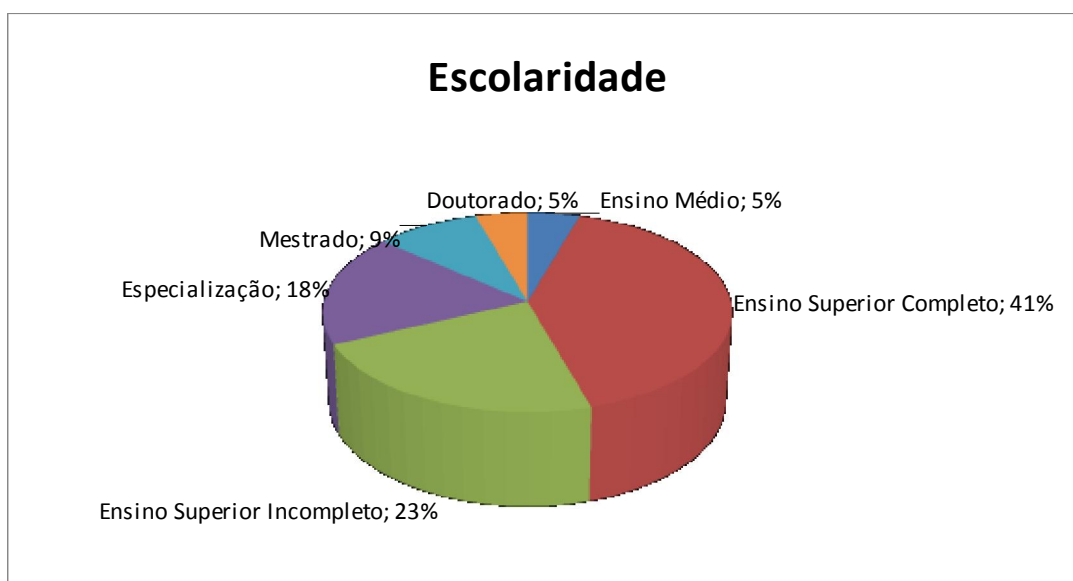


Gráfico 4. Escolaridade dos cursistas – 2012.

Vale ressaltar que, nesta primeira oferta, o público-alvo eram professores em serviço e em formação, e vagas remanescentes seriam disponibilizadas a demais interessados na temática, de forma que a escolaridade variou de Ensino Médio a Doutorado. Dos que possuíam curso de graduação, temos os dados dos três próximos gráficos:

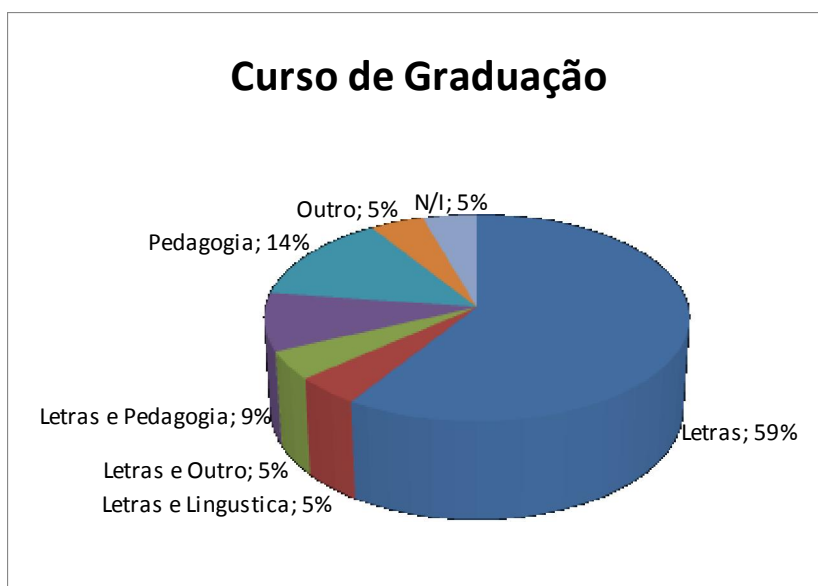


Gráfico 5. Cursos de graduação – 2012.

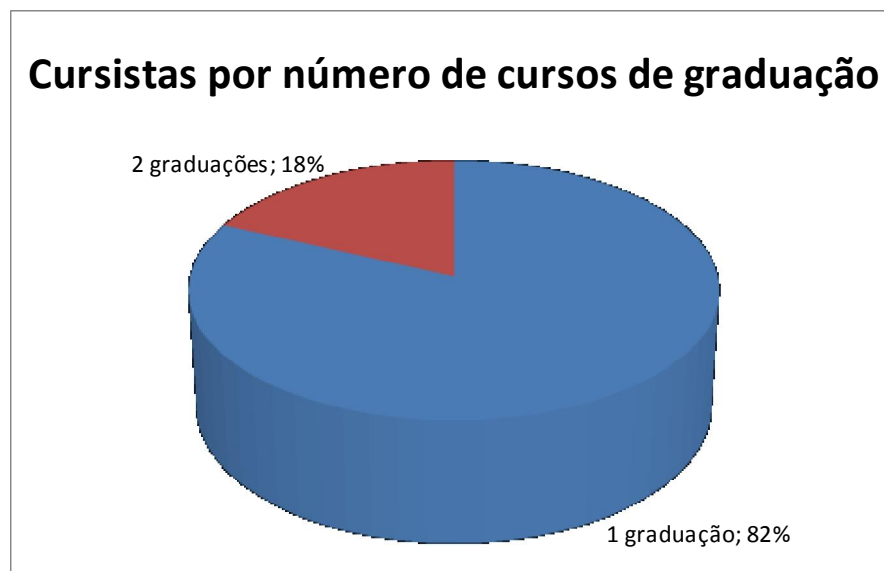


Gráfico 6. Cursistas por número de cursos de graduação – 2012.

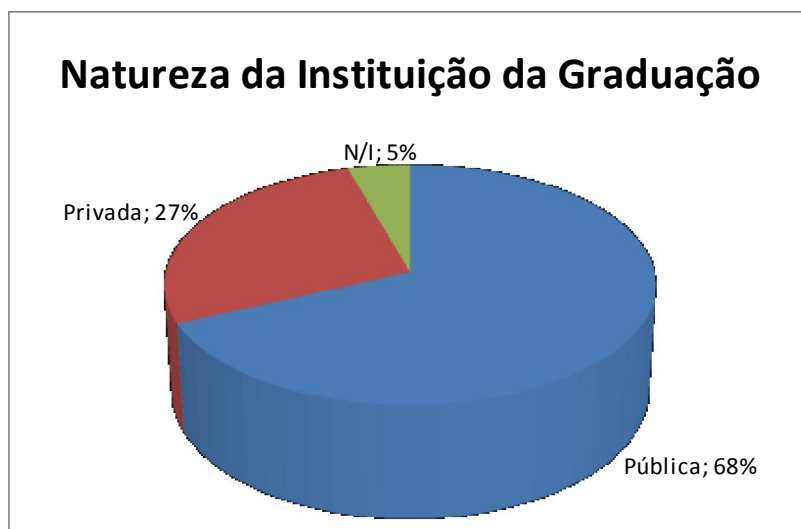


Gráfico 7. Natureza da instituição de graduação – 2012.

A temática do curso atraiu participantes formados em Letras, Linguística e até Pedagogia. Quatro dos cursistas indicaram possuir mais de uma graduação. E, por fim, mais da metade dos inscritos se formaram em universidades públicas.

Os próximos gráficos representam questões relacionadas à atuação docente dos cursistas:

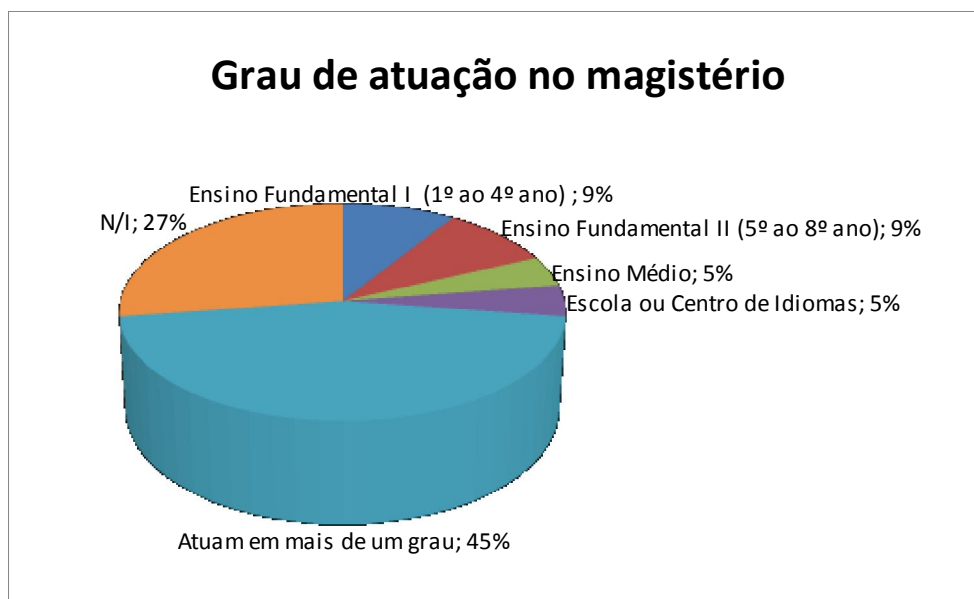


Gráfico 8. Grau de atuação no magistério – 2012.

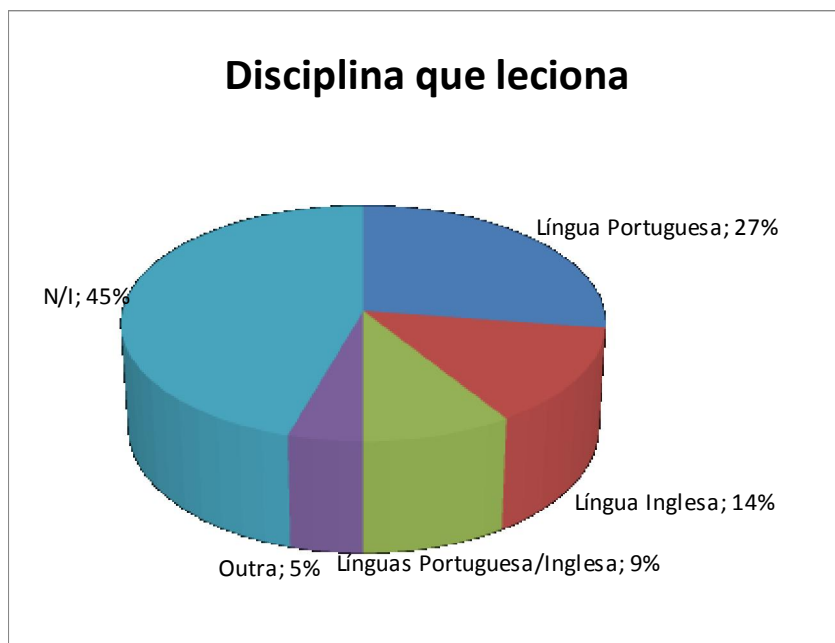


Gráfico 9. Disciplina que leciona – 2012.

Verificou-se que um número considerável de participantes não informaram o grau de atuação docente e, mais especificamente, a disciplina que lecionam, provavelmente porque, sendo 23% ainda estudantes do ensino superior e 5% formados apenas no Ensino Médio, muitos deles ainda não iniciaram a carreira profissional.

Dos que chegaram a responder, nota-se que a maioria atua em mais de um grau e trabalha com Língua Portuguesa, Língua Inglesa ou ambas, como era de se esperar devido ao conteúdo do curso. Por fim, ao serem questionados quanto à proficiência em Língua Inglesa, as respostas dos participantes foram essas:

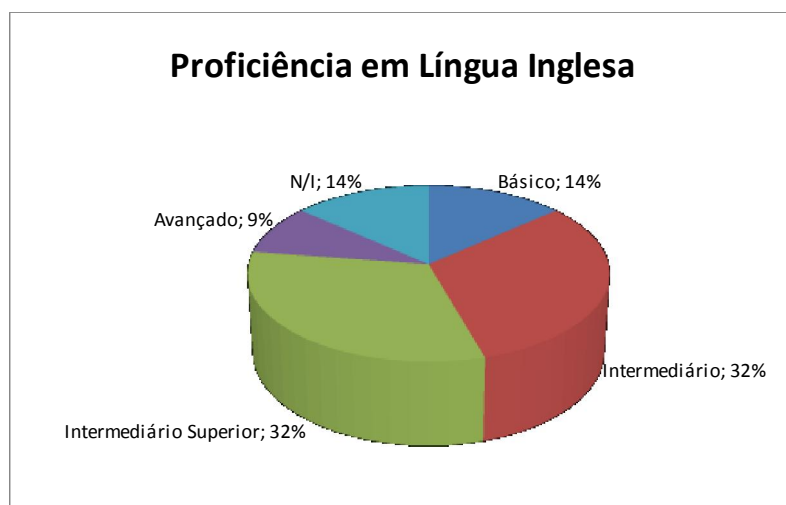


Gráfico 10. Proficiência em Língua Inglesa – 2012.

Como o objetivo do curso era propor a reflexão sobre o ato tradutório e a experimentação com as línguas materna e estrangeira, não havia pré-requisito no que tange à proficiência em língua estrangeira (tornando-se um desafio, enfim, aos que possuíam menos conhecimento na tentativa de motivá-los a tentar vencer suas limitações).

Além dos dados que pudemos levantar por meio dos formulários, conseguimos dados adicionais quanto ao perfil dos cursistas por meio da Atividade 1, que se tratava de um fórum de apresentação, conforme enunciado a seguir:

Olá, pessoal! ☺

O Fórum é uma das ferramentas de interação assíncrona que o Moodle nos oferece. Portanto, vamos aproveitá-la para nos apresentarmos aos nossos colegas. Cada um poderia falar um pouco de sua vida pessoal e profissional para que possamos trocar experiências nessa caminhada que faremos juntos.

Pensei que poderíamos postar nossas mensagens em forma de enquete. O que acham? Leiam a primeira postagem, onde me apresento a vocês, e sigam o modelo, respondendo às mesmas perguntas que respondi.

A participação não valerá nota, mas entra no cálculo de frequência.

Muito obrigada pela atenção e bom trabalho a todos!

Profa. Maria Claudia ☺

Neste fórum, portanto, os cursistas foram convidados a participar de uma enquete com as seguintes perguntas:

- 1- Como prefere ser chamado(a)?**
- 2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente:**
- 3- Formação acadêmica (graduação e pós):**
- 4- Atuação profissional:**
- 5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas):**
- 6- Por que se interessou pelo presente curso?**

As respostas para tais perguntas, mais especificamente para as questões 4, 5 e seis, ajudaram a complementar o perfil dos 20 participantes que participaram da Atividade 1. Vejamos, então, as considerações sobre elas:

Quadro 3. Dados complementares do perfil dos cursistas – 2012.

Atuação profissional
<ul style="list-style-type: none"> - Docente - Escola pública: 08/20 - Docente - Escola de idiomas: 03/20 - Docente - Escola particular: 03/20 - N/I: 03/20 - Docente – Escola pública e particular: 1/20 - Revisor de textos: 01/20 - Funcionário – Escola pública: 01/20
Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas)
<ul style="list-style-type: none"> - Escola regular + escola de idiomas + universidade: 12/20 - Escola regular + universidade: 02/20 - Escola de idiomas: 02/20 - Escola regular + escola de idiomas + universidade + intercâmbio: 01/20 - Professores particulares: 01/20 - Auto-estudo: 01/20 - N/I: 01/20
Motivo do interesse pelo curso
<ul style="list-style-type: none"> - Interesse pessoal por tradução (literária): 05/20 - Interesse pessoal pelo estudo de línguas e literatura: 03/20 - Interesse pessoal em tradução (literária) e literatura: 03/20 - Interesse pessoal em estudar e praticar a língua estrangeira: 03/20 - Interesse pessoal pelo estudo de literatura: 03/20 - Interesse pessoal pelo estudo de línguas e tradução literária: 02/20 - Interesse profissional em tradução: 01/20

Quanto à atuação profissional, a maioria trabalha na escola pública, o que pode ser explicado pelos meios de divulgação descritos anteriormente. Também é interessante lembrar que o curso ofereceria um certificado de 32 horas que pode contar pontos em bonificações para os funcionários públicos.

Outro número que chama a atenção é a quantidade de cursistas que, além de estudarem uma língua estrangeira na universidade, sentiram necessidade de frequentar também uma escola de idiomas (alguns fizeram o caminho inverso, da escola de idiomas para o curso de Letras, mas a maioria fez os cursos concomitantemente).

Por fim, nota-se que os participantes buscaram o curso principalmente por interesse pessoal nas temáticas abordadas: estudo de língua, tradução literária e literatura. Apenas uma cursista já trabalhava com tradução (no caso, de textos técnicos) e decidiu se inscrever na atividade de extensão porque ainda não tinha qualquer formação oficial na área

além de sua própria prática.

3.3.2.2.3 Atividades e avaliação

The screenshot shows the Moodle LMS interface for the course "Estudos em Tradução Literária" (Literary Translation Studies). The page title is "Estudos em Tradução Literária" and "Literary Translation Studies". The subtitle is "Reflexões sobre o ato tradutório e o papel do tradutor". The main content area features a stack of books icon and a "Welcome!" message. Below the icon, there is a paragraph describing the extension activity: "A atividade de extensão 'Estudos em Tradução Literária' oferecida pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e desenvolvida pela Profa. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins é destinada a professores de inglês e/ou português do Ensino Fundamental e Médio e demais interessados na temática da tradução literária." Below the paragraph, there is a "Have a nice course!" message and a "First Steps" link. The left sidebar contains a navigation menu with categories: People (Participants), Activities (Assignments, Books, Chats, Forums, Journals, Resources), Search Forums (Localizar, Advanced search), Administration (Turn editing on, Settings, Assign roles, Grades, Outcomes, Groups, Backup, Restore, Import, Reset, Reports, Questions, Files, Unenrol me from ETL, Profile), and My courses (CCET - Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Deutschsekurs). The right sidebar contains "Latest News" and "Upcoming Events" sections.


Figura 10. Página inicial do AVA da atividade de extensão – 2012.

Como foi possível verificar no mapa de atividades, o curso contou basicamente com leituras teóricas, questionários, discussões em fórum, entradas em diário e atividades práticas de tradução literária. Houve uma atividade avaliativa e a frequência necessária para aprovação (mínimo de 75% de participação) foi calculada de acordo com o número de atividades das quais o cursista participou.

Os cursistas foram acompanhados pela professora/tutora que elaborou o curso. Dos 22 participantes que se inscreveram, 20 iniciaram participação efetiva nas atividades e 16 conseguiram frequência para aprovação.

Os assuntos tratados foram distribuídos da seguinte maneira (cf. Quadro 2):

• **Módulo Introdutório (1 semana) – *First steps***

 **First Steps**










-
-  Tutorial Moodle - Curso "Estudos em Tradução Literária" (ETL)
 -  Apresentação e Cronograma do Curso
 -  Apresentação - Profa. Maria Claudia B. Pizzi
 -  Fórum de Notícias
 -  Fórum de Dúvidas (Geral)
 -  Cafeteria
 -  Dicas de Leitura - Textos sobre Tradução
 -  Chat
-


Figura 11. Ícones disponíveis no Módulo Introdutório - 2012



Maria Claudia Bontempi Pizzi

E-mail pessoal:
mclaudiapizzi@yahoo.com.br

Online:
meu horário fixo para visitar o ambiente é de segunda à sexta após às 20h00 e pela manhã durante os finais de semana. Porém, costumo checar o AVA todos os dias em mais de um período para verificar se há dúvidas postadas.

Saudações a todos! 

Meu nome é Maria Claudia. Nasci, cresci e ainda vivo em São Carlos. Cursei a graduação em Letras (Português/Inglês) na UNESP de Araraquara. Também fiz o mestrado lá, na área de Estudos Literários.

Atualmente curso o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar e trabalho com tradução literária no ensino e aprendizagem de línguas.

Sempre fui responsável em todos os compromissos que assumi e gostaria de salientar que estou aqui para ajudar aos alunos de forma contínua e efetiva. Respeito as pessoas que estudam, que batalham para ter mais portas abertas, conseguindo o sucesso por seu próprio esforço. Por isso, será uma honra trabalhar e aprender com todos vocês!

Recebam as minhas animadas boas-vindas! Como disse Fernando Pessoa em um poema, "navegar é preciso". A humanidade não caminha a passos largos, mas aos saltos em distância. É importante agarrar-se às oportunidades para que não se fique para trás. Estudar é preciso e é mágico, pois horizontes são ampliados e novas percepções se desenvolvem. Com certeza valerá a pena. Então, navegue.




Figura 12. Apresentação da docente aos alunos – 2012

• **Módulo 1 (1 semana) – *Getting to know each other & First thoughts about translation***

1

Getting to know each other & First thoughts about translation



[Unidade 1 - Comentários Iniciais](#)

[Fórum de Dúvidas - Unidade 1](#)

[Atividade 1 - Fórum de Apresentação](#)

[Atividade 2 - Reflexões Iniciais](#)

Figura 13. Ícones disponíveis no Módulo 1 – 2012

DeACED ► ETL ► Assignments ► **Atividade 2 - Reflexões Iniciais** [Update this Assignment](#)

[View 18 submitted assignments](#)

Olá, cursistas! 😊

Bem-vindos ao curso "Estudos em Tradução Literária"! A presente tarefa inicial tem o objetivo de coletar informações sobre o conhecimento prévio de vocês relacionado ao ato tradutório. Dessa forma, poderemos saber se a opinião de vocês mudará após as atividades propostas em nosso curso.

Vocês deverão responder às seguintes perguntas dissertativas e opinativas:

- 1) Quais são, até o momento, suas experiências em relação à tradução? Já participou de algum curso ou grupo de pesquisa sobre o assunto? Teve contato com arcabouço teórico relacionado ao tema?
- 2) Quais são suas expectativas em relação ao presente curso?
- 3) O que significa traduzir? O que envolve, em sua opinião, o ato tradutório?

Elaborem a atividade em seus computadores usando um editor de texto (*Microsoft Word* e afins) e depois a postem no local indicado no ambiente para que sejam avaliadas por sua professora.

Não é necessário fazer nenhuma leitura ou pesquisa prévia. A atividade, por se tratar de uma pesquisa de opinião e, portanto, não lidar com "certo" e "errado", não valerá nota, mas será levada em consideração para o compute da frequência de vocês.

Bom trabalho a todos! 😊

Obrigada pela atenção,

Profa. Maria Claudia

Figura 14. Atividade 2 – Módulo 1 – 2012

• **Módulo 2 (1 semana) – *On translation and the role of the translator***

2

On translation and the role of the translator



Unidade 2 - Comentários Iniciais

Fórum de Dúvidas - Unidade 2

Atividade 3 - Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Octavio Paz)

Texto para Atividade 3 - Octavio Paz (espanhol)

Texto para Atividade 3 - Octavio Paz (português)

Atividade 4 - Exercício de Tradução

Figura 15. Ícones disponíveis no Módulo 2 – 2012

Olá, cursistas! 😊

O trecho abaixo foi retirado de *Oliver Twist*, de Charles Dickens.

Chapter I

Treats of the place where Oliver Twist was born, and of the circumstances attending his birth.

Among other public buildings in a certain town, which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which I will assign no fictitious name, there is one anciently common to most towns, great or small: to wit, a workhouse; and in this workhouse was born, on a day and date which I need not trouble myself to repeat, in as much as it can be of no possible consequence to the reader, in this stage of the business at all events; the item of mortality whose name is prefixed to the head of this chapter.

In: DICKENS, C. *Oliver Twist*. Disponível em: <http://www.onlineliterature.com/dickens/olivertwist2/>. Acesso em: 09 maio 2011.



Figura 16. Trecho do enunciado da atividade 4 – Módulo 2 – 2012

● **Módulo 3 (1 semana) – *Translator as an author***

3

Translator as an author



Unidade 3 - Comentários iniciais

Fórum de Dúvidas - Unidade 3

Atividade 5 - Fórum de discussão: "Traduzir-se" de Ferreira Gullar e o papel do tradutor

Atividade 6 - Leitura e comentários sobre textos teóricos (Britto e Pereira)

Texto para Atividade 6 - Paulo Henriques Britto (ler apenas trecho grifado em amarelo)

Texto para Atividade 6 - Cristina M. de Castro Pereira

Atividade 7 - Exercício de Tradução

Figura 17. Ícones disponíveis no Módulo 3 – 2012

Olá, cursistas!

Nessa quinta atividade do nosso curso, **vocês ouvirão versões musicadas do poema "Traduzir-se", de Ferreira Gullar (1930 -)**. Postamos os *links* para duas interpretações: Fagner & Chico Buarque cantam juntos em uma, Adriana Calcanhotto é a intérprete da outra. Escolham a sua preferida e aproveitem:

Chico Buarque & Fagner: <http://www.youtube.com/watch?v=N5KjaLa9pLE>

Adriana Calcanhotto: <http://www.youtube.com/watch?v=IPZsNQZMC9c&feature=related>



Vejam, agora, o poema:

<http://pensador.uol.com.br/frase/Mzl5MTc/>



Nesse fórum, refletiremos sobre essa poema aplicado ao papel do tradutor. Após a leitura do texto de Paz e o exercício tradutório da Unidade 2, você acha que os versos de Ferreira Gullar dialogam com o ato tradutório? Explique sua resposta e, se achar interessante, comente as postagens dos colegas.

Bom trabalho a todos!

Figura 18. Atividade 5 –Módulo 3 – 2012.

• **Módulo 4 (1 semana) - *Workshop 1: Songs***

4

Workshop 1: Songs



Unidade 4 - Comentários Iniciais

Fórum de Dúvidas - Unidade 4

Atividade 8 - Stevie Wonder por Gilberto Gil e Adilson Ramos

Atividade 9 - Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Heloísa Pezza Cintrão)

Texto para Atividade 9 - Heloísa Pezza Cintrão

Atividade 10 - Exercício de Tradução

Figura 19. Ícones disponíveis no Módulo 4 – 2012

DeACED ► ETL ► Assignments ► Atividade 10 - Exercício de Tradução Update this Assignment

View 15 submitted assignments

Olá, pessoal

Chegamos à última tarefa da Unidade 4, a **Atividade 10!** Já estamos na metade do curso! O tempo urge mesmo, não? 😊

Nesta atividade prática, **vocês escolherão uma música em língua inglesa ou espanhola e verificarão uma das traduções publicadas em sites de letras de música.**

Eu sugiro o <http://letras.terra.com.br/> ou o <http://www.vagalume.com.br/>, mas há muitas opções e deixo a escolha ao critério de vocês.

Vocês deverão, então, fazer nesta tradução retirada da internet as modificações que acharem pertinentes para aproximar o texto do público brasileiro (como fez Gilberto Gil) fugindo da tradução literal que normalmente encontramos em tais sites.

Elaborem a atividade (inserindo a letra original, a tradução da internet e a tradução reelaborada por vocês) em seus computadores usando um editor de texto (*Microsoft Word* e afins) e depois a postem no local indicado no ambiente para que sejam corrigidas por sua professora.

Obrigada e bom trabalho!

Maria Claudia

Figura 20. Trecho do enunciado da atividade 10 – Módulo 4 – 2012

● **Módulo 5 (1 semana) - Workshop 2: Poems**

5

Workshop 2: Poems



Unidade 5 - Comentários Iniciais

Fórum de Dúvidas - Unidade 5

Atividade 11 - Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Rosemary Arrojo)

Texto para Atividade 11 - Rosemary Arrojo

Atividade 12 - Exercício de análise ou de prática de tradução

Figura 21. Ícones disponíveis no Módulo 5 – 2012

Olá, cursistas!

Na **Atividade 12** vocês poderão escolher entre **duas opções** de exercício:

Opção 1. Em “Exercícios de Tradução”, sexto capítulo de seu livro **Oficina de Tradução**, Arrojo comenta *Seven-sided poem*, o **Poema de Sete Faces** de Carlos Drummond de Andrade traduzido por Elizabeth Bishop. Escolha **uma** das opções abaixo (**A ou B**) e faça o mesmo tipo de exercício:

A) Soneto a Katherine Mansfield, Vinicius de Moraes

O teu perfume, amada – em tuas cartas
Renasce, azul... – são tuas mãos sentidas!
Relembro-as brancas, leves, fenecidas
Pendendo ao longo de corolas fartas.

Relembro-as, vou... nas terras percorridas
Torno a aspirá-lo, aqui e ali desperto
Paro; e tão perto sinto-te, tão perto
Como se numa foram duas vidas.

Pranto, tão pouca dor! tanto quisera
Tanto rever-te, tanto!... e a primavera
Vem já tão próxima! ... (Nunca te apartas

Primavera, dos sonhos e das preces!)
E no perfume preso em tuas cartas
À primavera surges e esvaneces.

Vinicius, com este soneto, presta uma homenagem a Katherine Mansfield, nascida na Nova Zelândia e desde há muito considerada uma das melhores escritoras da língua inglesa. Extraído do livro "Vinicius de Moraes - Poesia Completa e Prosa", Editora Nova Aguilar - Rio de Janeiro, 1998, pág. 250. Abaixo, a tradução do soneto para a língua inglesa, realizada por Regina Werneck:

Sonnet to Katherine Mansfield

Your perfume, beloved – in your letters

Figura 22. Trecho do enunciado da atividade 12 – Módulo 5 – 2012

● **Módulo 6 (1 semana) - *Workshop 3: Narratives I***

6

Workshop 3: Narratives I



Unidade 6 - Comentários Iniciais

Fórum de Dúvidas - Unidade 6

Atividade 13 - Leitura e comentários sobre texto teórico (Moreira)

Atividade 14 - Exercício de Tradução

Texto para Atividade 14 - E. A. Poe

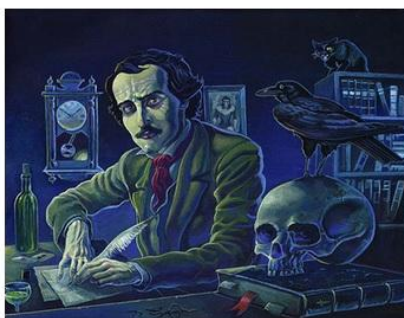
Texto para Atividade 14 - J. L. Borges

Figura 23. Ícones disponíveis no Módulo 6 – 2012

Olá, pessoal

Na Atividade 14 faremos outro exercício prático de tradução. Dessa vez, trabalharemos com **trechos de narrativas**. Vocês poderão **escolher entre dois contos de mestres da literatura**, um em língua inglesa e um em língua espanhola:

The Black Cat - E. A. Poe



ou

Pierre Menard, autor del Quijote - J. L. Borges (aproveitando as referências do texto teórico da atividade anterior)

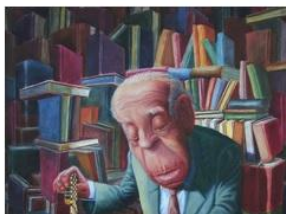


Figura 24. Trecho do enunciado da Atividade 14 – Módulo 6 – 2012

• **Módulo 7 (1 semana) – Workshop 4: Narratives II**

7

Workshop 4: Narratives II



[Unidade 7 - Comentários Iniciais](#)

[Fórum de Dúvidas - Unidade 7](#)

[Atividade 15 - Leitura e comentários sobre "Grande Sertão: Veredas" e traduções](#)

[Texto para Atividade 15 - Grande Sertão: Veredas](#)

[Texto para Atividade 15 - The Devil to Pay in the Backlands](#)

[Texto para Atividade 15 - Gran Sertón: Veredas](#)

[Atividade 16 - Exercício de Tradução Comentada](#)


Figura 25. Ícones disponíveis no Módulo 7 – 2012

DeACED ► ETL ► Assignments ► **Atividade 16 - Exercício de Tradução Comentada** [Update this Assignment](#)

View 12 submitted assignments

Olá, pessoal

Chegamos à **Atividade 16**. Dessa vez, ainda trabalhando com narrativas, vocês farão uma **tradução comentada** do trecho inicial do conto **Bliss**, da autora modernista neozelandesa Katherine Mansfield (1888-1923).



Segue o trecho a ser traduzido:

BLISS

Although Bertha Young was thirty she still had moments like this when she wanted to run instead of walk, to take dancing steps on and off the pavement, to bowl a hoop, to throw something up in the air and catch it again, or to stand still and laugh at-nothing-at nothing, simply.

What can you do if you are thirty and, turning the corner of your own street, you are overcome, suddenly by a feeling of bliss-absolute bliss!-as though you'd suddenly swallowed a bright piece of that late afternoon sun and it burned in your bosom, sending out a little shower of sparks into every particle, into every finger and toe? . . .

Figura 26. Trecho do enunciado da atividade 16 – Módulo 7 – 2012

• **Módulo 8 (1 semana) – Final comments**

8

Final comments



- 📄 Unidade 8 - Comentários Iniciais
 - 📄 Êxtase (Bliss) - Trechos da tradução comentada de A. C. Cesar

- 🗣️ Fórum de Dúvidas - Unidade 8
 - 📄 Atividade 17 - Avaliação Final
 - 📄 Arquivo para Atividade 17 - Avaliação Final
 - 📄 Atividade 18 - Diário: impressões sobre o curso

- 📄 Comentários Finais e Agradecimentos

Figura 27. Ícones disponíveis no Módulo 8 – 2012

Uma das últimas atividades propostas (Atividade 18, cf. Figura 37) consistia em uma entrada em diário onde o cursista deveria compartilhar com a docente suas impressões sobre os seguintes aspectos:

- 1) Duração do curso;
- 2) Carga de atividades (carga-horária semanal);
- 3) Leituras teóricas;
- 4) Tarefas práticas;
- 5) Organização do curso e do ambiente virtual de aprendizagem (AVA);
- 6) Atuação da Professora;
- 7) Impressões gerais sobre o curso.

Os comentários mostraram que os cursistas ficaram satisfeitos com o ambiente de aprendizagem em geral, com a dinâmica das atividades, com a duração do curso e com a atuação da professora/tutora. Muitos afirmaram que o fato do curso ter sido ministrado unicamente à distância os motivou a participar e a finalizar as atividades, visto que poderiam

organizar-se de acordo com suas atividades profissionais e particulares. Dessa forma, alavancada pelo sucesso da atividade inicial, uma segunda oferta do curso foi ministrada em 2014 seguindo basicamente o mesmo programa, mas com algumas particulares que serão listadas a seguir.

3.3.2.3 Atividade de extensão “Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas”: oferta 2/2014

3.3.2.3.1 Planejamento, hospedagem, divulgação e conteúdo programático

Em meados de 2014, surgiu a oportunidade de oferecer a atividade de extensão novamente, dessa vez via Portal dos Professores.

The screenshot shows the main page of the Portal dos Professores website. The browser address bar displays www.portaldosprofessores.ufscar.br/index.jsp. The page layout includes a top navigation bar with social media icons (Twitter, Facebook) and a search bar. Below this is a main header with the site logo and the UFSCAR logo. A left sidebar contains a vertical menu with the following items: CURSOS À DISTÂNCIA, AGENDA DA EDUCAÇÃO, BIBLIOTECA/PUBLICAÇÕES, GLOSSÁRIO EDUCACIONAL, MATERIAL DIDÁTICO, ESCOLA EM VITRINE, PROGRAMA DE MENTORIA, CASOS DE ENSINO, REVISTA ELETRÔNICA, COMUNIDADE DE ED. INFANTIL, PERGUNTE PARA QUEM SABE, FORMAÇÃO DE FORMADORES, BLOG, LINKS, and SOFTWARES IMPORTANTES. The main content area features a large banner for 'FORMAÇÃO DE TUTORES REGENTES' with a photo of a classroom. Below the banner are two promotional boxes: 'PROGRAMA DE FORMAÇÃO ONLINE DE MENTORES' and 'REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO'. At the bottom left, there is an 'ENQUETE' section with a poll question: 'O que você acha da educação atual?' and four radio button options: Ótima, Razoável, Precisa melhorar, and Maravilhosa.

Figura 28. Página principal do Portal dos Professores - 2014

O Portal dos Professores foi idealizado por uma equipe de pesquisadores de uma universidade do interior de São Paulo com vasta produção científica na área de Formação de Professores que atuam em vários níveis de ensino presencial e também virtual. No ano de aplicação da atividade de extensão em questão, as responsáveis pelo Portal eram: Profa. Dra. Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali e Profa. Dra. Regina Maria Simões Puccinelli Tancredi (cf. Portal dos Professores, 2014).

O Portal oferece, além de recursos e contatos, atividades de extensão gratuitas virtuais ou semipresenciais cujos dados normalmente são utilizados em pesquisas que focam em:

processos de aprendizagem profissional da docência; a avaliação de planejamentos de ensino a distância e sua implementação; os desdobramentos da participação de professores nas atividades/programas propostos; a identificação de variáveis contextuais que contribuem para ou dificultam a eficácia do desenvolvimento profissional docente on line e as possibilidades dessas iniciativas melhorarem as práticas educacionais (PORTAL DOS PROFESSORES, 2014).

O contato com a equipe do Portal dos Professores foi iniciado pela Profa. Maria Sílvia Cintra Martins, que também se comunicou com a Pró-Reitoria de Extensão novamente. Com autorização de uma das professoras responsáveis, a pesquisadora marcou uma visita ao departamento que acompanha o *site* para discutir os passos iniciais para implementação da atividade.

Assim como o DeACED, o Portal disponibiliza AVAs na plataforma Moodle, porém a equipe conta com uma versão mais atual do *software*:

The screenshot shows the Moodle interface for the Portal dos Professores. At the top, there is a browser address bar with the URL 'moodle2.portaldosprofessores.ufscar.br'. The page header includes the logo 'PORTAL DOS PROFESSORES' and a language selection dropdown set to 'Português - Brasil (pt_br)'. The main content area is titled 'Página inicial' and contains a welcome message: 'Seja bem-vindo(a) ao ambiente virtual de aprendizagem do Portal dos Professores da UFSCar! Neste ambiente estão contidos os cursos que terão início no segundo semestre de 2014. Caso o curso que esteja procurando se encontre no ambiente (MOODLE) antigo CLIQUE AQUI para voltar ao Portal dos Professores.' Below this, there is a section for 'Cursos disponíveis' with three course listings: 'Curso Permanente de Teste' by Cristian Kawkami and Sílvia Maria Perez; 'Segunda Turma Programa de Formação Online de Mentores' by Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali and Paula Grizzo Gobato; and 'Tecnologia Informática na Formação e Atuação de Professores que Ensinam Matemática nos Anos Iniciais - 2014' by Ana Paula Gestoso de Souza. The sidebar on the right contains 'Cursos a distância do Portal dos Professores da UFSCar', a 'Categorias de Cursos' list (Cursos Teste, Cursos de Extensão, Graduação a distância, Doutorado, Pós Doutorado), and a 'Calendário' for September 2014.

Figura 29. Página inicial para acesso ao Moodle do Portal dos Professores - 2014

A nova hospedagem trouxe particularidades à segunda oferta que não fizeram parte da primeira. O primeiro ponto que exigiu modificação foi o título da atividade de extensão. Na primeira oferta, a escolha foi “Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório e o papel do tradutor”. A pesquisadora considerou que, em 2014, por ser oferecido no Portal dos Professores, o curso precisava de uma denominação que explicitasse mais a sua vertente educacional e, portanto, o subtítulo passou a ser “reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas”.

A divulgação também ocorreu de forma distinta e se deu via:

- Lista de e-mails gerada pelo sistema do Portal dos Professores e que inclui todos os usuários registrados no *site*. Segundo a funcionária responsável, a lista possui mais de 10.000 nomes;
- AVA do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), também alojado no Portal dos Professores, devido à ligação da Profa. Maria Sílvia Cintra Martins com tal projeto;
- Rede de e-mails de alunos e docentes de uma universidade pública no interior de São Paulo;
- Site oficial da mesma universidade pública;

- Site do grupo de pesquisa LEETRA;
- Sites de notícias da região onde se localiza a universidade pública.

The screenshot shows a web browser window with the URL www.leetra.ufscar.br/ckephp/pages/view_eventoleetra_001. The page features a dark sidebar on the left with the LEETRA UFSCar logo and navigation links: Área privativa, Quem Somos -, Cursos & Eventos, PNAIC -, LEETRA Indígena -, Biblioteca, Contato, and Documentos. At the bottom of the sidebar is the CNPq logo. The main content area has a large heading: **Curso de extensão: "Estudos em Tradução Literária"**. Below the heading, the following details are listed: Carga horária: 32 horas; Período de inscrição: 03/07/2014 - 07/07/2014 (with a red 'Inscrições Encerradas' button); Período de realização: 28/07/2014 - 28/09/2014; Número de vagas: 30; Professores responsáveis: Maria Claudia Bontempi Pizzi, Maria Sílvia Cintra Martins e Felipe José Pichinelli Bertto. A paragraph of text describes the course as a reflection on the translator's role, offered by the Department of Letters at UFSCar, with 30 spots for English and Portuguese teachers. It mentions the course is held via Moodle from July to September 2014, with a total of 32 hours (4 hours per week). The text concludes with the sentence: 'Gostei. quero me inscrever!'.

Figura 30. Divulgação do curso no site do grupo LEETRA – 2014

Foram oferecidas oficialmente 30 vagas gratuitas (mas havia a possibilidade de aumentar esse número inicial para 40, de acordo com a demanda), dessa vez apenas a professores de inglês e/ou português do Ensino Fundamental (que atuassem do 7º. ao 9º. ano) e Médio. Dessa forma, a pesquisadora poderia focar o curso em seu público-alvo. As inscrições eram feitas no próprio *site* e estiveram abertas de 03 a 07 de julho de 2014. Os interessados foram avisados de que, caso o número de inscritos fosse superior ao número de vagas oferecidas, seriam considerados os seguintes critérios para seleção dos cursistas:

- Curso de graduação em Letras (Português/Inglês);
- Professor em exercício;
- Atuação em escola pública;
- Ordem de inscrição.

As 18 atividades seguiram divididas em oito módulos, como na primeira oferta, e foram desenvolvidas integralmente a distância via plataforma Moodle de julho a setembro de 2014, com a mesma carga-horária total de 32 horas (aproximadamente 4 horas semanais de trabalho). O mapa de atividades é basicamente o mesmo da primeira etapa (cf. Quadro 2), e as únicas mudanças serão descritas no item 3.3.4.3.

3.3.2.3.2 Perfil dos cursistas

Como o Portal dos Professores, que já está no ar há 10 anos e já ofereceu vários cursos, possibilita uma visibilidade maior à atividade de extensão, um número maior de inscrições era esperado (mas não era possível prever ao certo o quão maior seria a procura, já que muitos dos usuários do Portal e dos participantes do PNAIC são formados em Pedagogia e não em Letras). Dessa forma, para facilitar o processo de seleção para preenchimento das vagas, a equipe do Portal nos sugeriu mudanças no formulário usado na primeira oferta (o documento consta como apêndice do presente trabalho), tornando-o um pouco mais minucioso a partir de questões dissertativas sobre a formação acadêmica a profissional dos interessados. Ademais, como a inscrição seria feita no próprio *site*, o Termo de Consentimento não foi incluído no documento de inscrição. A alternativa encontrada foi inseri-lo no próprio AVA do curso, já no Módulo Introdutório, como um questionário com alternativas “Sim: estou ciente e concordo” e “Não: estou ciente, mas não concordo”, como se vê na figura a seguir (nesta reprodução, a escolha já foi feita pelo participante):

Página inicial ▶ Meus cursos ▶ Doutorado ▶ PPGL ▶ ETL ▶ Módulo Introdutório ▶ Termo de Consentimento Informado

Navegação

- Página inicial
- Minha página inicial
- ▶ Páginas do site
- ▶ Meu perfil
- ▼ Curso atual
- ▼ ETL
 - ▶ Participantes
 - ▶ Relatórios
- ▼ Módulo Introdutório
 - First Steps: primeiras instruções aos cursistas
 - ...odle - Curso "Estudos em Tradução

Ver 30 respostas

Atividade de extensão - "Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas"

[Termo de consentimento informado](#)

Ao me inscrever na Atividade de Extensão "Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas" declaro estar ciente de que os conteúdos das discussões e atividades das quais participarei poderão ser utilizados como dados para as pesquisas da Profa. Ms. Maria Claudia Bontempo Pizzi, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e de Felipe José Pichinelli Bertto, graduando do curso de Letras da mesma instituição (sob a orientação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins). Estou ciente de que as informações obtidas através desta atividade serão confidenciais e o sigilo total sobre minha participação nesta me foi garantido pelos pesquisadores. Portanto, caso os dados sejam divulgados, não será possível identificar minha participação ou minha identidade, pois, em nenhum momento meu nome será solicitado, visto que as pesquisadoras se comprometem a criar nomes fictícios para as divulgações.

Configurações

- ▼ Administração do módulo Escolha
 - Editar configurações
 - Papéis atribuídos localmente
 - Permissões
 - Verificar permissões
 - Filtros
 - Logs
 - Backup
 - Restaurar
 - Ver 30 respostas
- ▶ Administração do curso
- ▶ Mudar papel para...
- ▶ Minhas configurações de perfil

moodle2.portaldosprofessores.ufscar.br/mod/choice/view.php?id=282

Figura 31. Termo de Consentimento Informado – 2014.

Voltando à inscrição, quando o período de cinco dias para manifestação de interesse foi finalizado, havia um total de 95 inscritos. Dos 95, 40 não enviaram o formulário, o que impossibilitou, infelizmente, a participação dos mesmos no processo de seleção para preenchimento das vagas devido aos dados incompletos.

Para os 55 que completaram o processo, foram aplicados os critérios de seleção especificados anteriormente, de forma que 18 indivíduos não foram aceitos. Foram preenchidas as 30 vagas oficiais e mais sete. No AVA, porém, 38 cursistas foram inseridos (37 inscritos no Portal + aluno de graduação orientando da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins em processo de elaboração de TCC). Vale ressaltar também que um dos cursistas inscritos no AVA já havia participado da oferta de 2012, mas pediu autorização para cursar a atividade de extensão novamente por considerar que, na outra ocasião, não se dedicou às tarefas como gostaria. O graduando não participou do processo de seleção e os dados do cursista recorrente foram inseridos nos cálculos da primeira oferta, de forma que o número total de participantes nos gráficos da segunda oferta é de 36.

A partir, então, da sistematização dos dados dos 36 questionários de inscrição, chegamos aos gráficos a seguir:

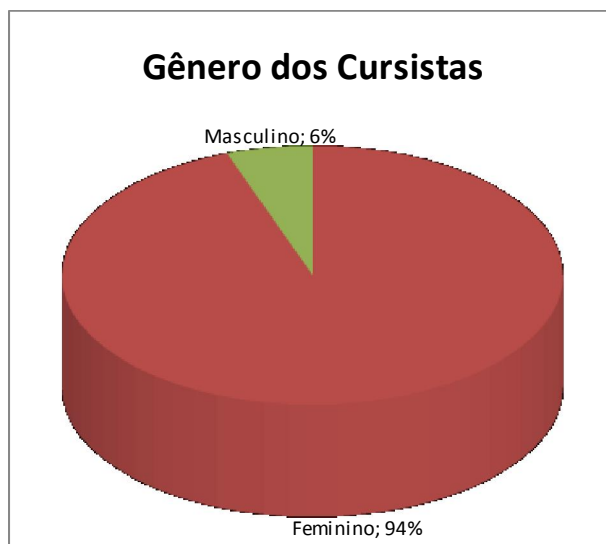


Gráfico 11. Gênero dos cursistas – 2014.

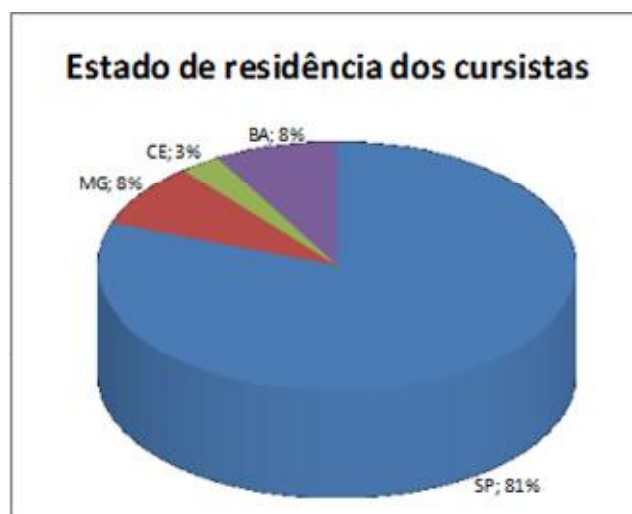


Gráfico 12. Estado de residência dos cursistas – 2014.

Nota-se a maioria feminina novamente: 34 mulheres e 02 homens inscritos. Porém, há diferença no alcance geográfico da atividade de extensão: enquanto na primeira oferta todos os participantes se concentravam em uma região do Estado de São Paulo, na aplicação de 2014 houve certa ampliação: a maioria continua em São Paulo, mas tivemos também cursistas da Bahia, do Ceará e de Minas Gerais. As cidades citadas nos formulários são: Araraquara – SP (01), Campinas – SP (02), Franca – SP (01), Guarulhos – SP (01), Ipatinga – MG (02), Itamaraju – BA (01), Itu – SP (01), Jardim – CE (01), Jaú – SP (02), Limeira – SP (01), Marília – SP (01), Mogi Guaçu – SP (01), Orlândia – SP (01), Osasco – SP (02), Palmital – SP (01), Penápolis – SP (01), Quintana – SP (01), Salvador – BA (01),

Santana do Paraíso – MG (01), São Carlos – SP (04), São Paulo – SP (06), Serra do Ramalho – BA (01), Sorocaba – SP (01) e Taubaté – SP (10). O novo contexto geográfico foi provavelmente propiciado pelos meios de divulgação, já que tanto o Portal dos Professores quanto o PNAIC têm abrangência nacional.

Quanto à faixa etária, os resultados foram variados novamente, porém a maioria, que na oferta de 2012 tinha de 23 a 30 anos, passou a ser mais velha, de 31 a 38 anos:

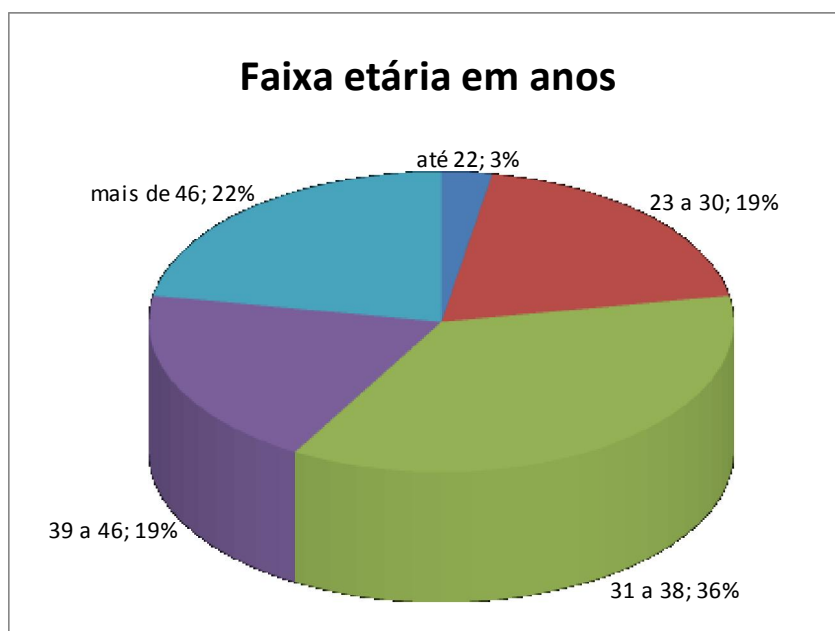


Gráfico 13. Faixa etária dos cursistas – 2014.

A escolaridade também apresenta diferença, visto que priorizamos os professores já formados da área de Letras (como ainda havia vagas extraoficiais, aceitamos dois cursistas ainda em curso de graduação, mas que preenchiam os outros requisitos). Na oferta de 2014, por fim, grande parte dos participantes possuía especialização:

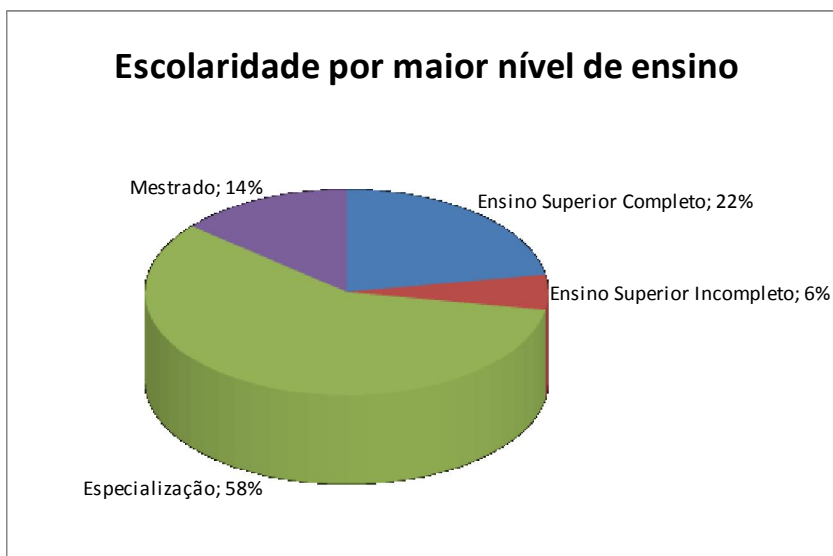


Gráfico 14. Escolaridade dos cursistas – 2014.

Quanto ao curso de graduação, também devido ao processo de seleção, os resultados foram mais homogêneos, concentrando-se em cursos de Letras e Linguística. Por outro lado, a porcentagem de cursistas por número de cursos de graduação foi semelhante à primeira oferta.

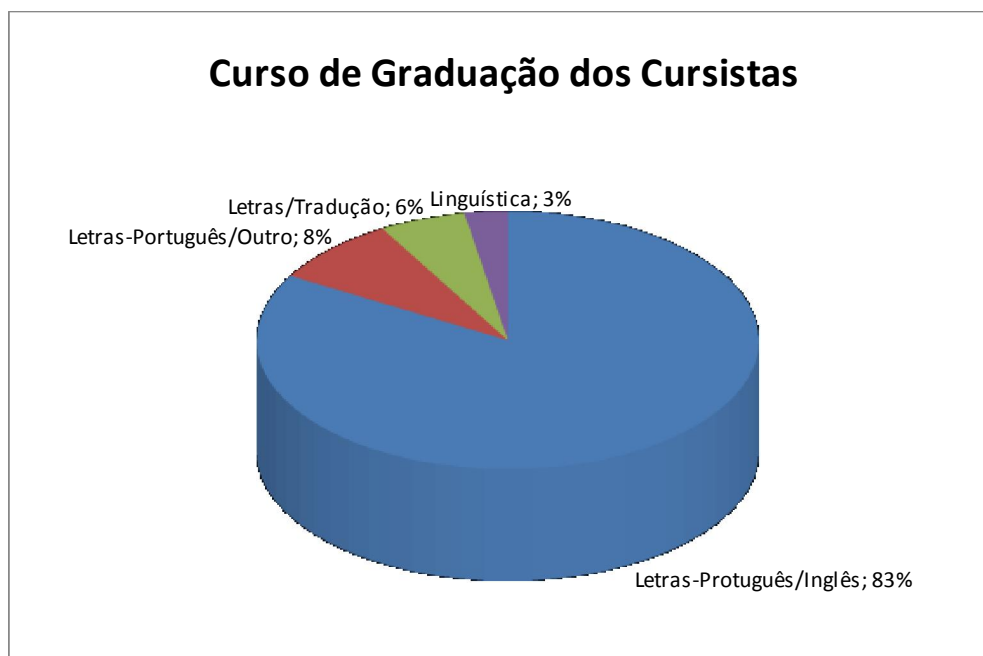


Gráfico 15. Cursos de graduação – 2014.

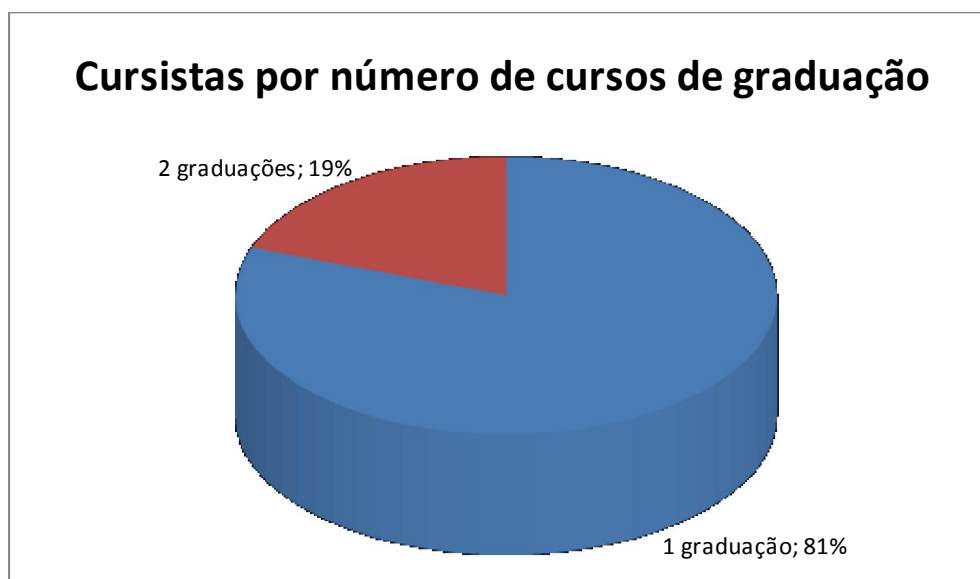


Gráfico 16. Cursistas por número de cursos de graduação – 2014.

Todavia, enquanto mais da metade dos inscritos de 2012 se formaram em universidades públicas, na segunda oferta a situação se inverte:

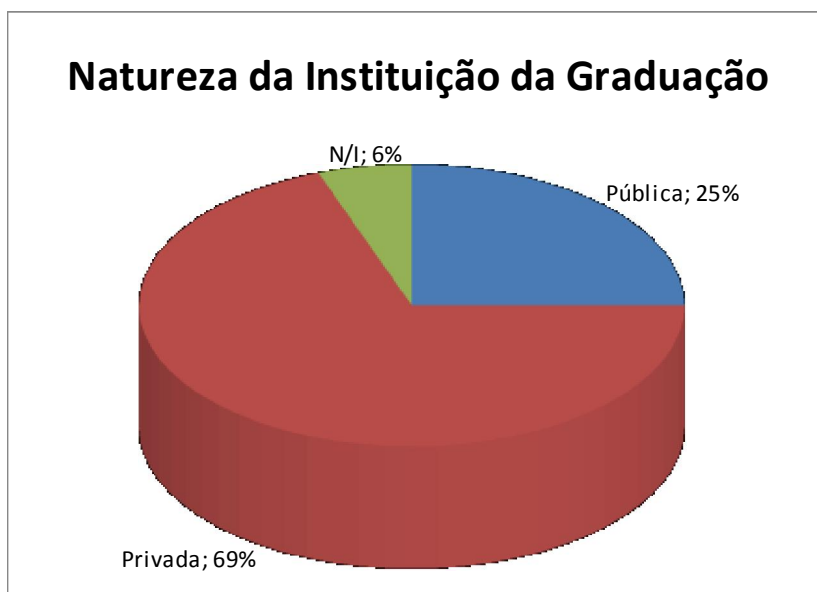


Gráfico 17. Natureza da instituição de graduação – 2014.

Acreditamos que esse resultado discrepante também se deve às formas de divulgação dos cursos. Na primeira oferta, a atividade de extensão foi divulgada principalmente nos limites da comunidade acadêmica de uma universidade pública. Além

disso, atingiu a rede municipal de ensino, mas trata-se de uma situação atípica: duas universidades públicas, uma estadual e uma federal, oferecem cursos conceituados de Letras e Linguística nessa região de São Paulo.

A segunda oferta abrangeu uma parte maior do território nacional. Em pesquisa rápida em um *site* do Ministério da Educação (MEC), o eMEC⁸⁶, a pesquisadora fez uma busca por cursos de graduação – presenciais ou a distância – em Letras (Licenciatura) reconhecidos pelo órgão e em atividade. Em setembro de 2014, os resultados obtidos com a opção de gratuidade são 2253. Quando o curso é pago, o número sobe para 9498. Dessa forma, há uma porcentagem significativamente maior de cursos de Licenciatura em Letras em instituições privadas, o que pode explicar o novo contexto da oferta de 2014.

Como dados adicionais em relação à formação acadêmica presentes no formulário da segunda oferta, temos o gráfico a seguir:

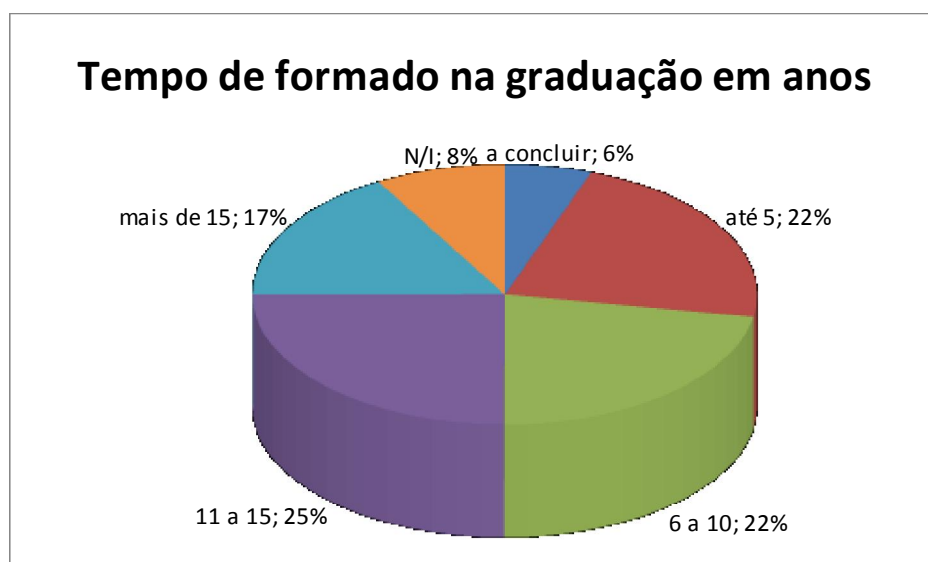


Gráfico 18. Tempo de formados na graduação – 2014.

Vemos que mais da metade dos participantes já está formada há mais de seis, 11 ou 15 anos, refletindo as faixas etárias declaradas.

Partindo para o próximo ponto, quanto à atuação docente dos cursistas:

⁸⁶ <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 19 setembro 2014.

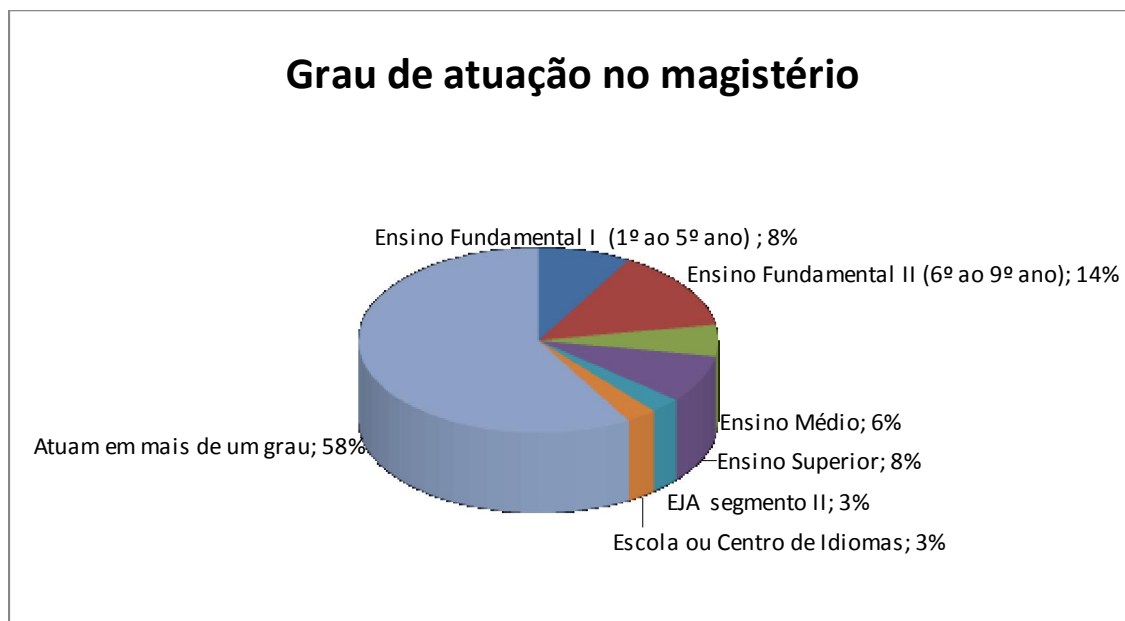


Gráfico 19. Grau de atuação no magistério – 2014.



Gráfico 20. Disciplina que leciona – 2014.

Enquanto na primeira oferta a maioria dos participantes não informou a disciplina que leciona, na turma de 2014 verificou-se que todos atuam como docentes, sendo que a maior parte leciona Português e Inglês. Nos próximos dois gráficos produzidos a partir

de dados extras, verificamos a natureza da instituição de atuação e o tempo de experiência docente:

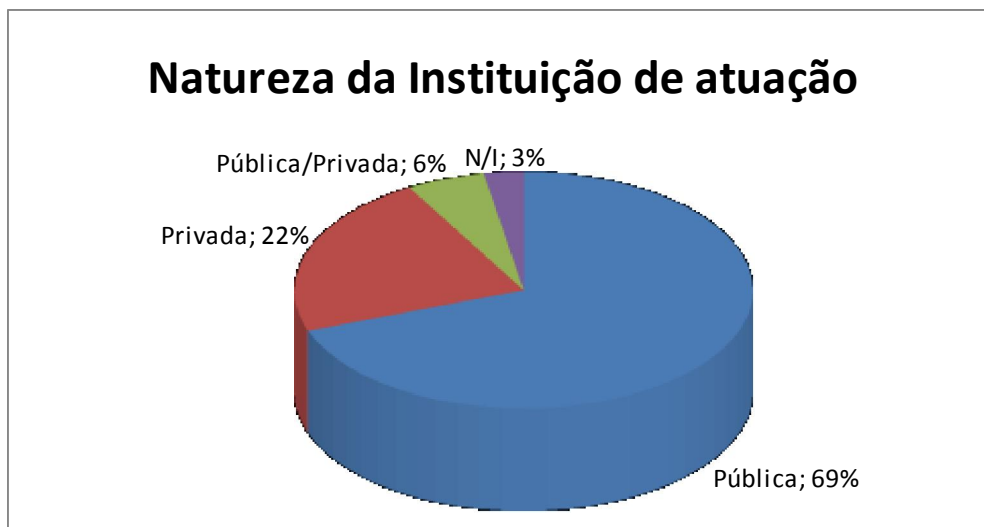


Gráfico 21. Natureza da instituição de atuação – 2014.

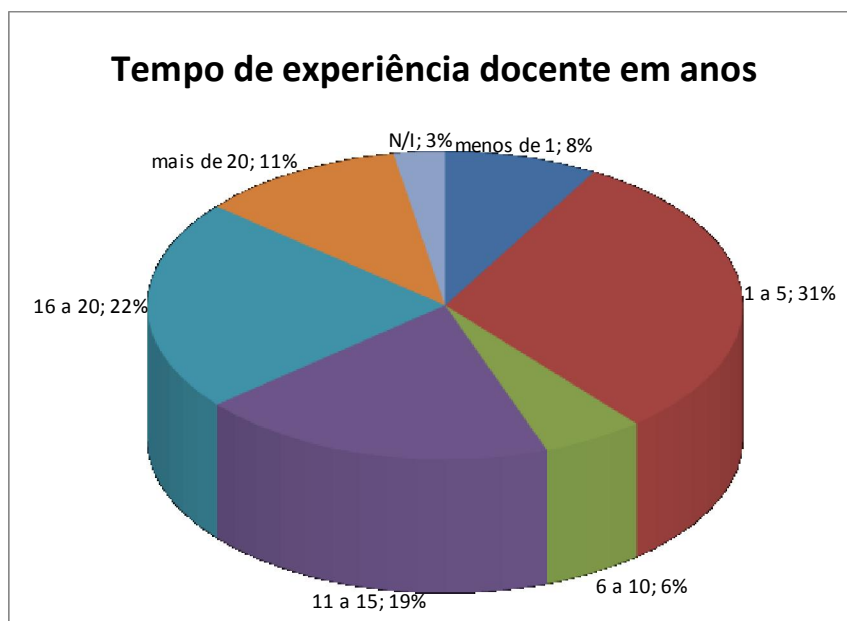


Gráfico 22. Tempo de experiência docente – 2014.

Como motivos para a porcentagem maior de professores da escola pública, além da prioridade dada ao grupo pela pesquisadora, os meios de divulgação podem ter

novamente interferido. Segundo a funcionária responsável pelo sistema do Portal, há pessoas de todos os níveis e tipos de serviços cadastrados, mas a maioria pertence à área de educação pública. Ela ainda acrescentou que, desde 2010, os cursos para tutores regentes dos cursos de graduação a distância de Pedagogia e Educação Musical da universidade em que o sistema está alojado são oferecidos no Moodle do Portal dos Professores. Tutores regentes são professores do estado de São Paulo que atendem os alunos de graduação em seus estágios supervisionados. Os cursos do Portal também são divulgados nas Secretarias de Ensino e muitos outros pesquisadores priorizam os professores da rede pública durante a seleção dos cursistas. Da mesma forma, o PNAIC atende professores de escolas públicas.

Quanto à proficiência em língua inglesa:

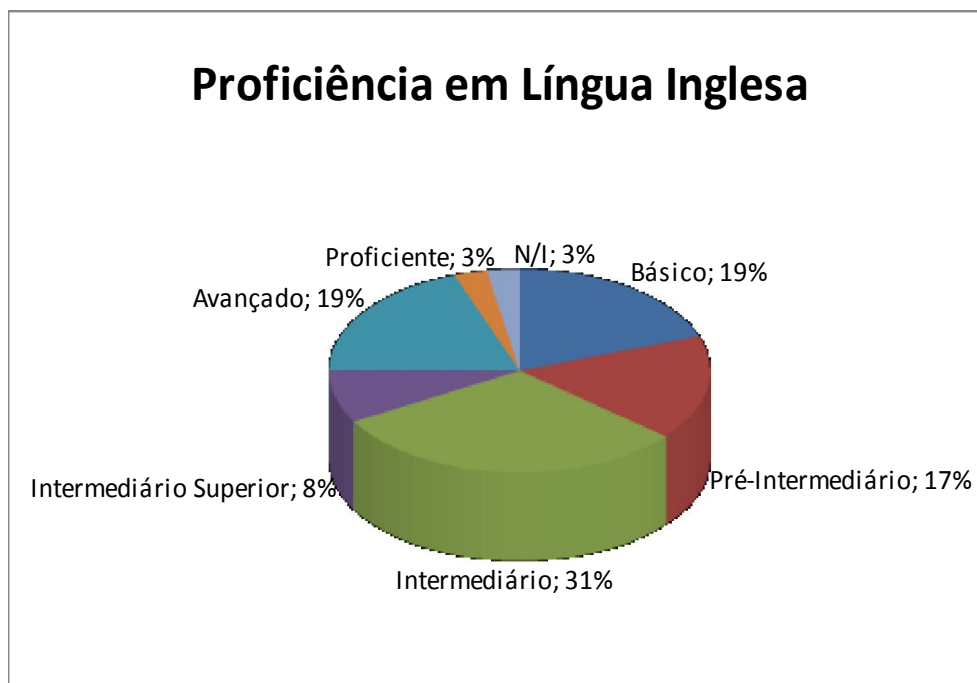


Gráfico 23. Proficiência em Língua Inglesa – 2014.

Como dito anteriormente, o objetivo do curso era propor a reflexão sobre o ato tradutório e a experimentação com as línguas materna e estrangeira, de forma que não era necessário ter um nível alto de proficiência.

Outros dados foram conseguidos a partir das questões discursivas, mas tal levantamento será inserido no capítulo de análise da presente tese. Outra fonte para construção do perfil dos cursistas foi, como na primeira oferta, o fórum de apresentação que consistia da Atividade 1 do curso. As perguntas da enquete foram mantidas:

- 1- *Como prefere ser chamado(a)?*
 2- *Cidade de origem e cidade em que reside atualmente:*
 3- *Formação acadêmica (graduação e pós):*
 4- *Atuação profissional:*
 5- *Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas):*
 6- *Por que se interessou pelo presente curso?*

Visto que as questões 1, 2, 3 e 4 já foram respondidas no formulário de inscrição, focaremos nos itens 5 e 6 para construção do quadro com dados complementares sobre o perfil dos cursistas. Dos inscritos, 32 cumpriram a Atividade 1:

Quadro 4. Dados complementares do perfil dos cursistas – 2014.

Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas)
- Escola regular + escola de idiomas + universidade: 18/32
- Escola regular + universidade: 08/32
- Escola de idiomas: 03/32
- Escola regular + escola de idiomas + universidade + intercâmbio: 03/32
Motivo do interesse pelo curso
- Interesse pessoal e profissional em práticas docentes e ensino/aprendizagem de línguas: 17/32
- Interesse pessoal por tradução (literária): 06/32
- Interesse pessoal em estudar e praticar a língua estrangeira: 03/32
- Interesse profissional em tradução: 02/32
- Interesse em atualização profissional: 02/32
- Interesse pessoal em tradução (literária) e literatura: 01/32
- Interesse pessoal pelo estudo de literatura: 01/32
- Interesse pessoal no estudo de língua inglesa e horas de atividades extras para a graduação: 01/32

Novamente, a atividade oferecia um certificado de 32 horas que pode contar pontos em bonificações para os funcionários públicos, além de horas de atividades extras para cursos de graduação.

Como na oferta de 2012, a maioria dos professores fez cursos de idiomas além da graduação em Letras. Todavia, diferente da primeira oferta, dessa vez a maioria dos

cursistas procurou o curso por interesse em prática docente e ensino/aprendizagem de línguas, outra realidade propiciada pelo Portal dos Professores.

3.3.2.3.3 Atividades e avaliação

The screenshot displays the Moodle course page for 'Estudos em Tradução Literária'. The browser address bar shows 'moodle2.portaldosprofessores.ufscar.br/course/view.php?id=28§ion=0'. The page features a navigation sidebar on the left with options like 'Página inicial', 'Meus cursos', and 'Curso atual'. The main content area includes a header for 'Módulo Introdutório', a title 'Estudos em Tradução Literária', and a subtitle 'reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para ensino/aprendizagem de línguas'. Below this is a 'Welcome!' message and a paragraph describing the course as an extension activity for English and Portuguese teaching, developed by Prof.ª Maria Claudia Bontempi Pizzi. The right sidebar contains 'Configurações' and 'Pesquisar nos Fóruns' sections.

Figura 32. Página inicial do AVA da atividade de extensão – 2014.

A atividade de extensão, em sua segunda oferta, contou novamente com leituras teóricas, questionários, discussões em fórum, entradas em diário e atividades práticas de tradução literária. Houve novamente uma atividade avaliativa obrigatória e a frequência necessária para aprovação (mínimo de 75% de participação) foi calculada de acordo com o número de atividades das quais o cursista participou.

Os cursistas desta oferta também foram acompanhados pela professora/tutora que elaborou o curso. Dos 38 interessados que participaram de todas as etapas da seleção, 29 iniciaram o curso e 23 foram aprovados por nota e frequência, recebendo o certificado. Vale informar, ainda, que para facilitar ainda mais para os cursistas, os certificados foram disponibilizados em um sistema *online*. Cada participante recebeu nome de usuário e senha

para acesso aos resultados e impressão do documento que atestava a participação no curso.

Os assuntos tratados foram distribuídos da seguinte maneira (cf. Quadro 2):

• **Módulo Introdutório (1 semana) – *First steps***

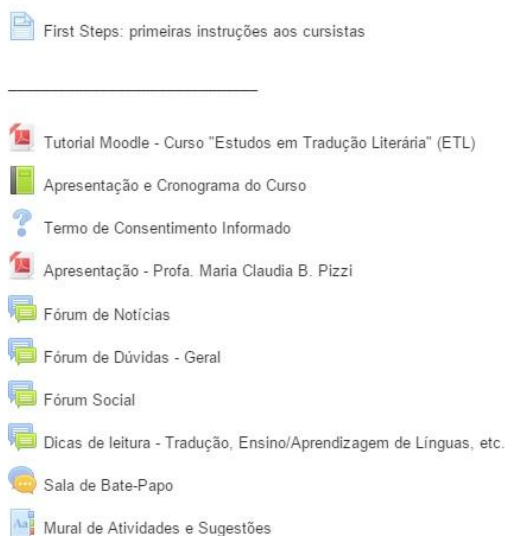


Figura 33. Ícones disponíveis no Módulo Introdutório – 2014

• **Módulo 1 (1 semana) – *Getting to know each other & First thoughts about translation***

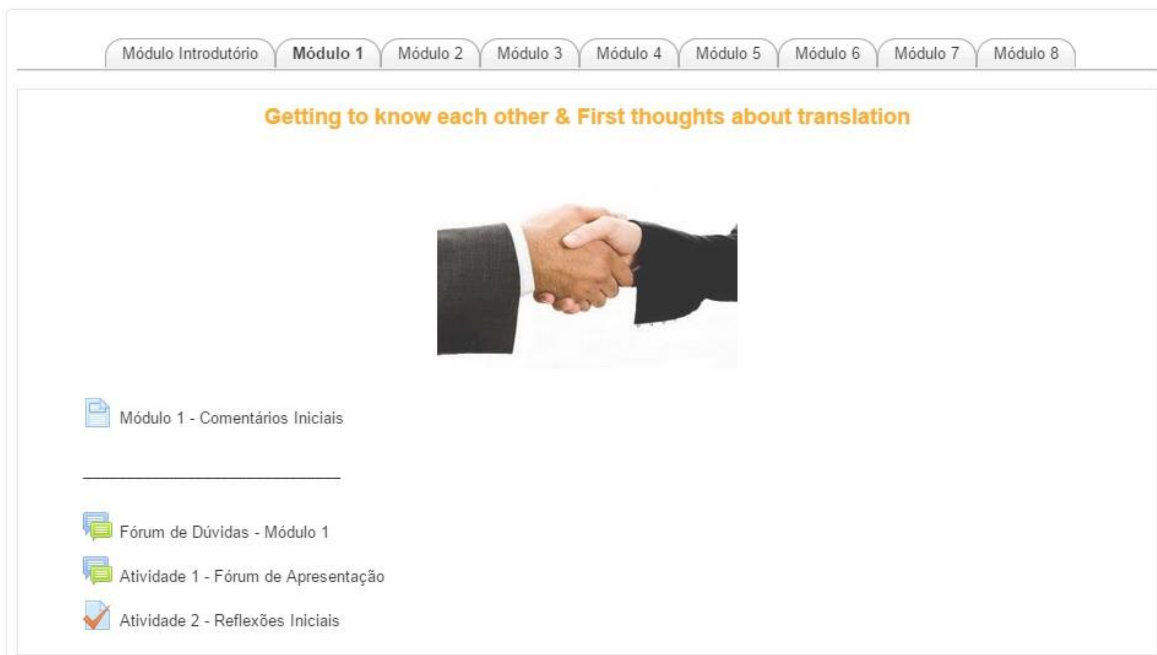



Figura 34. Ícones disponíveis no Módulo 1 – 2014

● **Módulo 4 (1 semana) - *Workshop 1: Songs***

Módulo Introdutório Módulo 1 Módulo 2 Módulo 3 **Módulo 4** Módulo 5 Módulo 6 Módulo 7 Módulo 8

Workshop 1: Songs



Módulo 4 - Comentários Iniciais

Fórum de Dúvidas - Módulo 4

Atividade 8 - Stevie Wonder por Gilberto Gil e Adilson Ramos

Atividade 9 - Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Heloisa Pezza Cintrão)

Texto para Atividade 9 - Heloisa Pezza Cintrão

Atividade 10 - Exercício de Tradução

Figura 37. Ícones disponíveis no Módulo 4 – 2014

● **Módulo 5 (1 semana) - *Workshop 2: Poems***

Módulo Introdutório Módulo 1 Módulo 2 Módulo 3 Módulo 4 **Módulo 5** Módulo 6 Módulo 7 Módulo 8

Workshop 2: Poems



Módulo 5 - Comentários Iniciais

Fórum de Dúvidas - Módulo 5

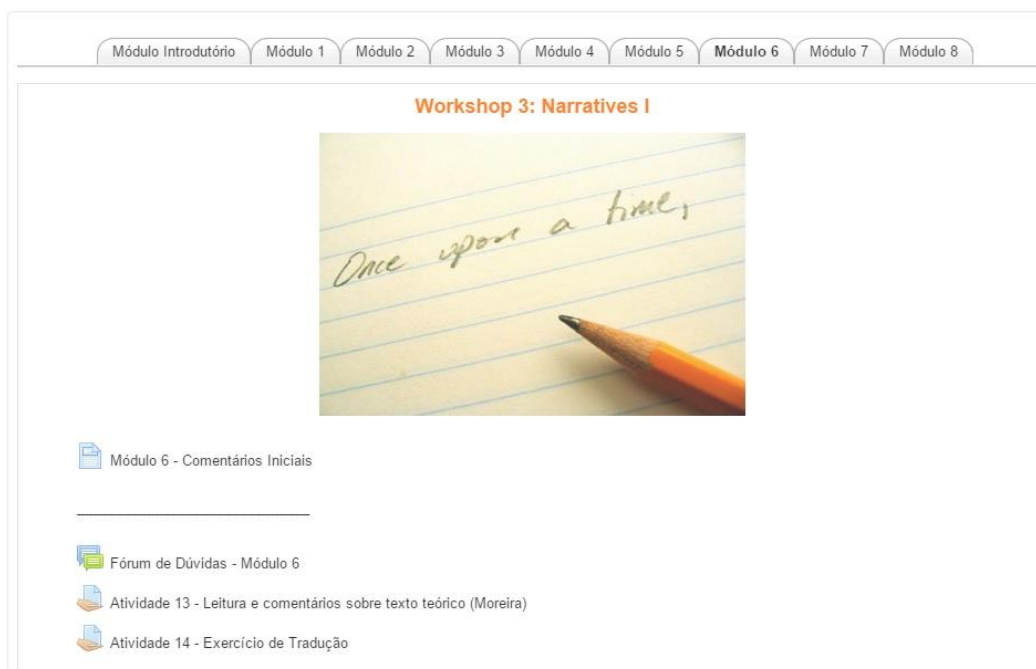
Atividade 11 - Leitura e discussão de texto teórico em fórum (André Carlos S. Masini)

Atividade 12 - Exercício de análise ou de prática de tradução

Importante: Preparação para Atividade 17 - Parte 1

Figura 38. Ícones disponíveis no Módulo 5 – 2014

• **Módulo 6 (1 semana) - *Workshop 3: Narratives I***



Módulo Introdutório Módulo 1 Módulo 2 Módulo 3 Módulo 4 Módulo 5 **Módulo 6** Módulo 7 Módulo 8

Workshop 3: Narratives I

Módulo 6 - Comentários Iniciais

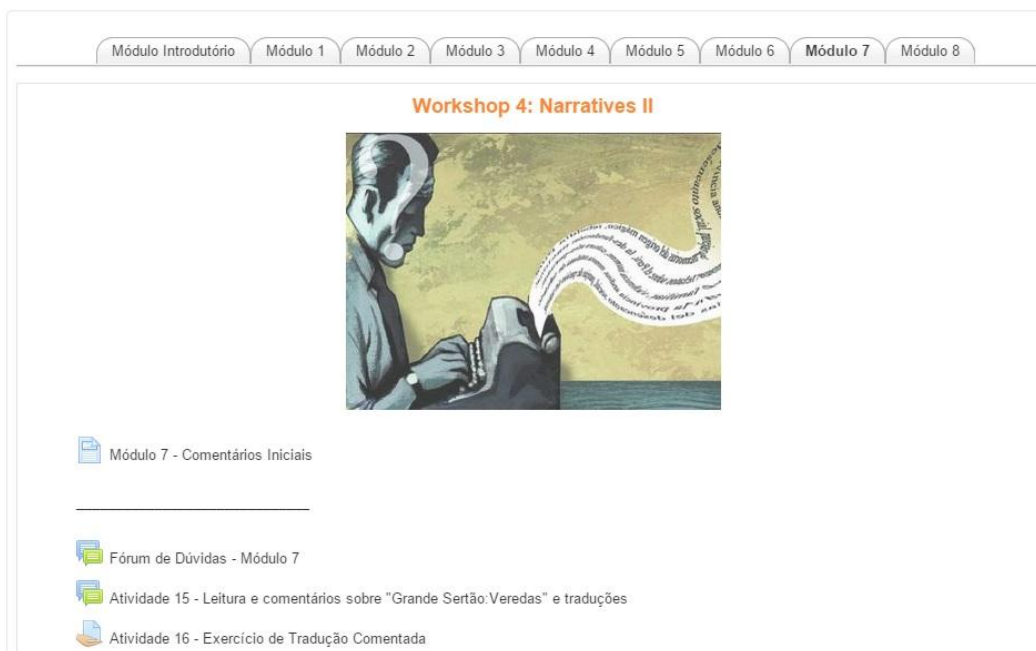
Fórum de Dúvidas - Módulo 6

Atividade 13 - Leitura e comentários sobre texto teórico (Moreira)

Atividade 14 - Exercício de Tradução

Figura 39. Ícones disponíveis no Módulo 6 – 2014

• **Módulo 7 (1 semana) – *Workshop 4: Narratives II***



Módulo Introdutório Módulo 1 Módulo 2 Módulo 3 Módulo 4 Módulo 5 Módulo 6 **Módulo 7** Módulo 8

Workshop 4: Narratives II

Módulo 7 - Comentários Iniciais

Fórum de Dúvidas - Módulo 7

Atividade 15 - Leitura e comentários sobre "Grande Sertão: Veredas" e traduções

Atividade 16 - Exercício de Tradução Comentada

Figura 40. Ícones disponíveis no Módulo 7 – 2014

• **Módulo 8 (1 semana) – Final comments**

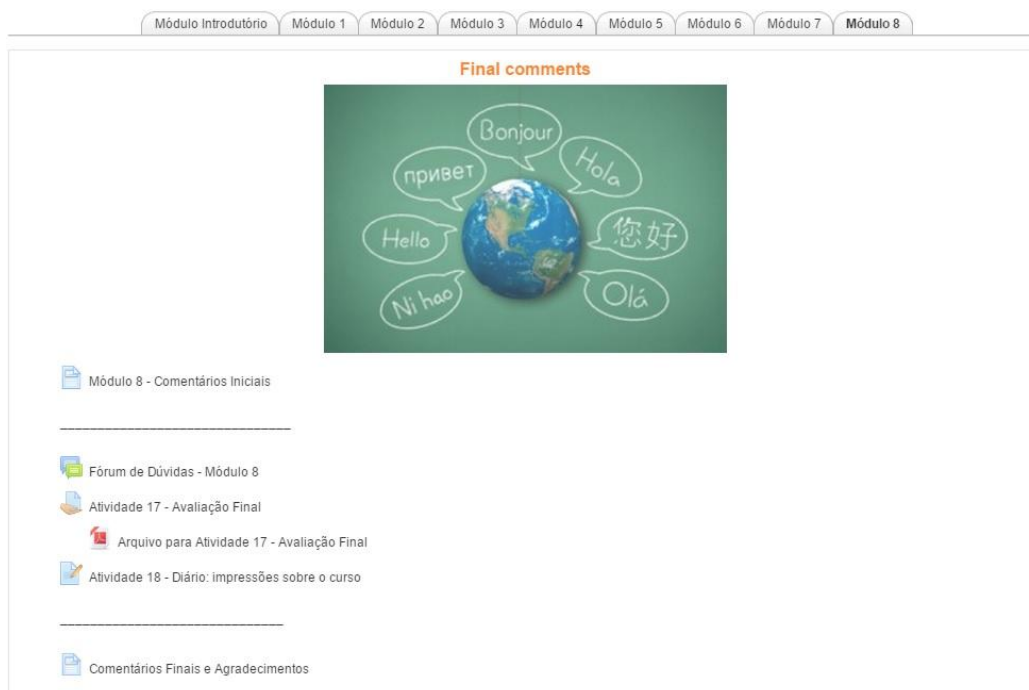


Figura 41. Ícones disponíveis no Módulo 8 – 2014

Como mencionado anteriormente, o conteúdo dos cursos foi basicamente o mesmo, mas houve necessidade de algumas adaptações:

- No Módulo Introdutório, inserimos um “Mural de Atividades e Sugestões” em que havia a possibilidade de postagem e arquivamento, em ordem alfabética, de planos de aula e afins.
- A Atividade 2 passou da ferramenta “tarefa – envio de arquivo” para “questionário online”, mas o conteúdo permaneceu o mesmo. A medida foi tomada apenas para diversificar as ferramentas utilizadas, buscando dinamização do curso.
- A Atividade 5 passou de “fórum de discussão” para “tarefa – envio de arquivo”. Concluiu-se que, na primeira oferta, muitos participantes acabavam reproduzindo as ideias dos colegas que postavam primeiro no fórum. Dessa forma, a tarefa individual promoveria a reflexão pessoal.

- Para a Atividade 11, a leitura teórica foi modificada para um texto de André Carlos S. Masini (2002). Tal texto, um relato de um tradutor de poesia, poderia dar aos cursistas uma visão da atuação profissional de um tradutor e do percurso tradutório.

- Como consequência da mudança na Atividade 11, na Atividade 12, um dos textos da opção 1 foi trocado. Ao invés de discutir as traduções de “The Raven” feitas por Machado de Assis e Fernando Pessoa, análise já feita no texto de Masini (2002), os cursistas foram convidados a visitar a língua espanhola e comentar as traduções do poema “Trilce”, do peruano César Vallejo, elaboradas por Haroldo de Campos e Thiago de Mello. A mudança foi interessante, pois foi possível discutir a aplicação da transcrição de Campos.

- Em relação à Atividade Final (Atividade 17), para reforçar o viés de formação de professores, foi inserido um fórum de preparação para tal tarefa no Módulo 5, como se verifica nas próximas figuras:

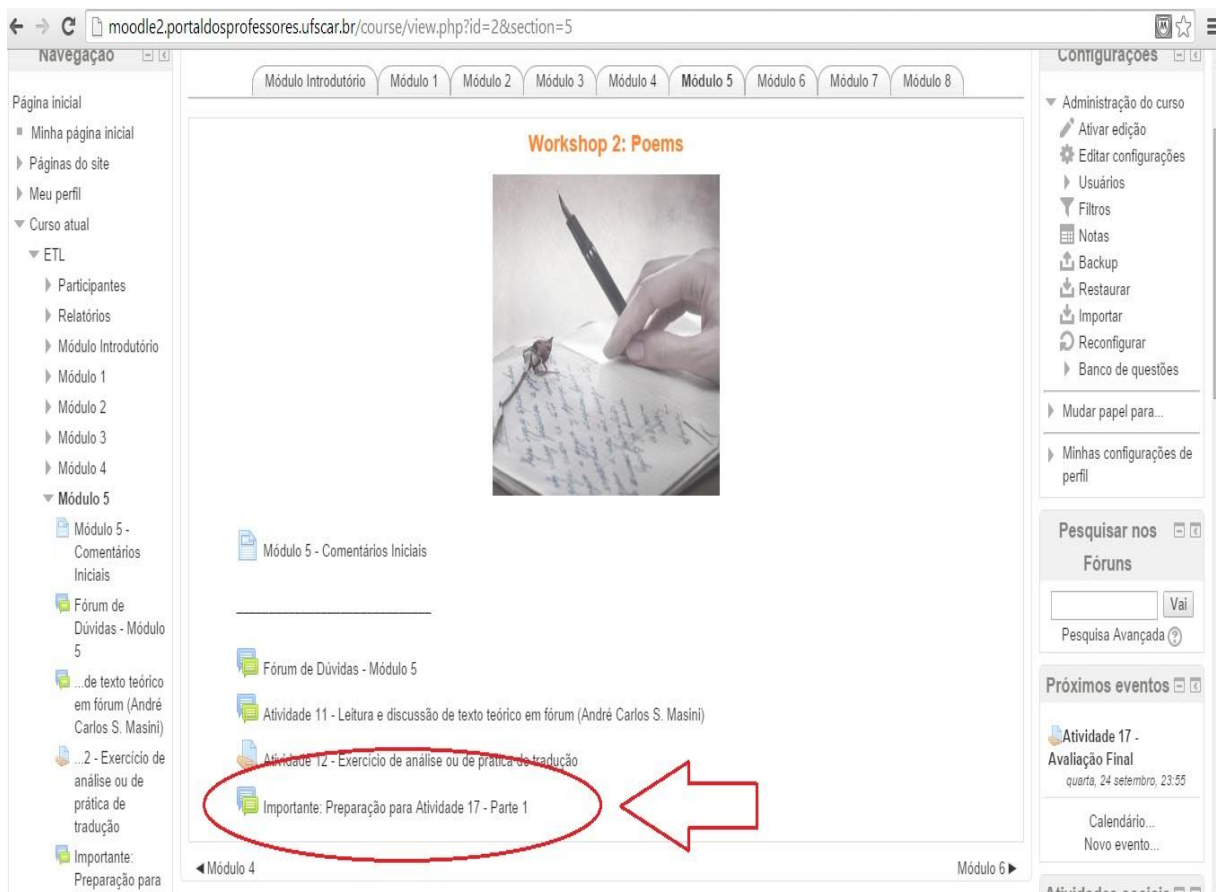


Figura 42. Página inicial do Módulo 5 com indicação do novo fórum – 2014

← → C moodle2.portaldosprofessores.ufscar.br/mod/forum/view.php?id=453

Páginas do site

- Meu perfil
- Curso atual
 - ETL
 - Participantes
 - Relatórios
 - Módulo Introdutório
 - Módulo 1
 - Módulo 2
 - Módulo 3
 - Módulo 4
 - Módulo 5
 - Módulo 5 - Comentários Iniciais
 - Fórum de Dúvidas - Módulo 5
 - ...de texto teórico em fórum (André Carlos S. Masini)
 - ...2 - Exercício de análise ou de prática de tradução
 - Importante: Preparação para Atividade 17 - Parte 1
 - Módulo 6
 - Módulo 7


Prezados cursistas,

Tudo bem com vocês? Espero que sim!

Como requisito para obtenção do certificado do nosso curso, teremos uma atividade final que envolve a experiência discente e docente de vocês. Vamos aproveitar a nossa bagagem cultural, educacional e profissional e **discutir a tradução na sala-de-aula!**

A atividade consistirá em um **plano de atividade + reflexão** sobre a tradução em nossas aulas, podendo focar em:

- Tradução intralingual (para quem está só com turmas de português);
- Interlingual (para quem prefere trabalhar com língua estrangeira);
- Intergêneros (passar um texto de um gênero textual para outro, como o nome diz, caso estejam com turmas de produção de texto).



Será a **Atividade 17, inserida no Módulo 8**, mas achamos melhor apresentá-la desde já para que vocês tenham o tempo necessário para aplicar os exercícios em suas turmas, caso possível. Quem não está dando aulas no momento também preparará a atividade, mas poderá fazer uma reflexão sobre os resultados que esperaria do exercício, ok? Vou postar algumas sugestões no nosso **Mural de Atividades e Sugestões** como forma de dar-lhes algumas ideias.

Por enquanto, na Parte 1 de nossa atividade, **vocês participarão desse fórum e responderão às seguintes perguntas:**

- Você já trabalhou com tradução em sala de aula? Se sim, como foi a experiência?
- Se, como docente, ainda não aplicou nenhuma atividade relacionada com os tipos de tradução citadas acima, você se lembra de alguma vivência como estudante? Seus professores traziam propostas de tradução? O que vocês achavam das atividades que eles preparavam?

Espero a participação de todos, ok?




Figura 43. Parte do enunciado do novo fórum (Módulo 5) – 2014.

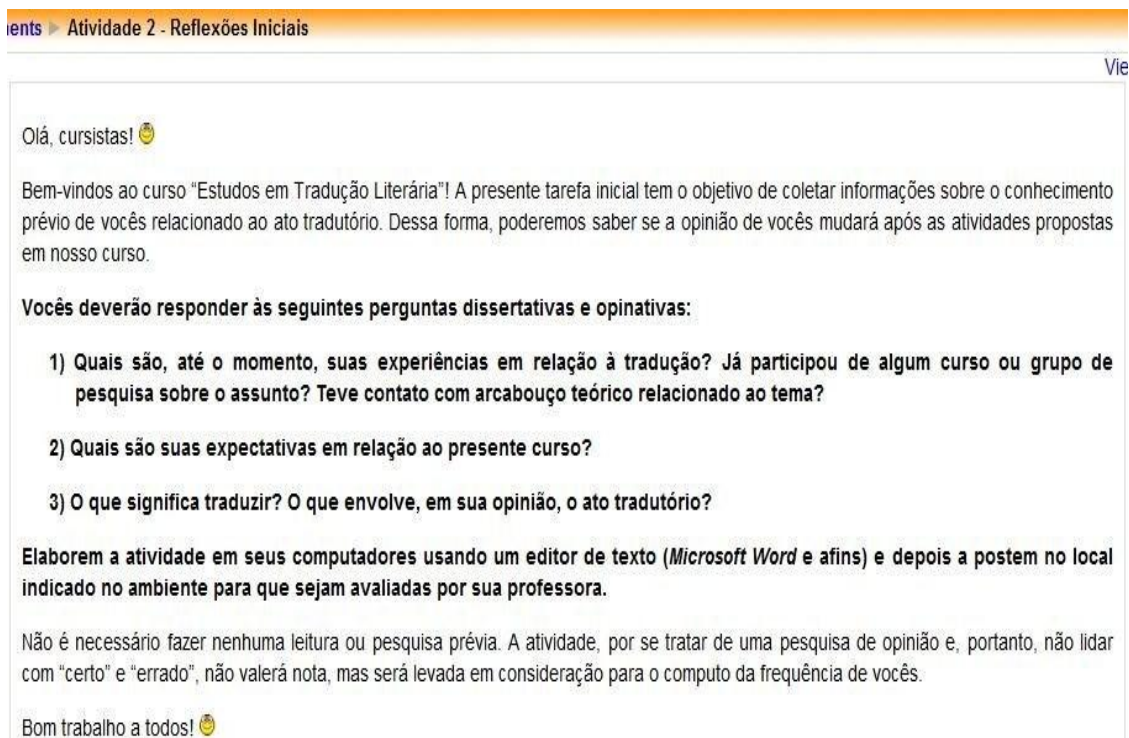
Da mesma forma, a Atividade 17, que envolve a avaliação final do curso, foi parcialmente modificada, pedindo aos cursistas que elaborassem um plano de aula. Essa questão será retomada durante a análise dos dados.

O terceiro capítulo tratou, então, da metodologia da pesquisa e da coleta de dados. Na próxima sessão será abordada a análise de dados e, como mencionado anteriormente, focaremos nas falas dos professores em serviço que participaram das atividades em EaD.

4 ANÁLISE DE DADOS

Como informado em item anterior, a análise dos dados foi conduzida a partir de apontamentos e observações feitos pela pesquisadora e pelos alunos-tradutores acerca do processo tradutório desenvolvido por cada um dos grupos. Nesse sentido, a pesquisa se insere no grupo de trabalhos qualitativos de cunho interpretativo, com o emprego de alguns recursos metodológicos quantitativos.

De acordo com Larsen-Freeman e Long (1991), o mais qualitativo item para coleta de dados seria a introspecção. Nesse caso, com a ajuda dos pesquisadores, os aprendizes devem fazer uma autoanálise de seus comportamentos no ensino e aprendizagem de línguas. A presente pesquisa utilizou-se desse método a partir de questionários abertos (adaptados ao público-alvo, cf. Figura 44 a seguir) aplicados antes e depois (introspecção e retrospecção) das atividades de tradução, para que fosse possível contrastar as crenças e percepções trazidas ou construídas previamente pelos participantes do curso de tradução para sabermos se essas se modificaram ou não.



ents ► Atividade 2 - Reflexões Iniciais

Vie

Olá, cursistas! 😊

Bem-vindos ao curso "Estudos em Tradução Literária"! A presente tarefa inicial tem o objetivo de coletar informações sobre o conhecimento prévio de vocês relacionado ao ato tradutório. Dessa forma, poderemos saber se a opinião de vocês mudará após as atividades propostas em nosso curso.

Vocês deverão responder às seguintes perguntas dissertativas e opinativas:

- 1) Quais são, até o momento, suas experiências em relação à tradução? Já participou de algum curso ou grupo de pesquisa sobre o assunto? Teve contato com arcabouço teórico relacionado ao tema?
- 2) Quais são suas expectativas em relação ao presente curso?
- 3) O que significa traduzir? O que envolve, em sua opinião, o ato tradutório?

Elaborem a atividade em seus computadores usando um editor de texto (*Microsoft Word* e afins) e depois a postem no local indicado no ambiente para que sejam avaliadas por sua professora.

Não é necessário fazer nenhuma leitura ou pesquisa prévia. A atividade, por se tratar de uma pesquisa de opinião e, portanto, não lidar com "certo" e "errado", não valerá nota, mas será levada em consideração para o computo da frequência de vocês.

Bom trabalho a todos! 😊

Figura 44. Exemplo de questionário – Atividade 2: Reflexões Iniciais – 2012

Tal instrumento foi escolhido para a obtenção dos dados também porque, segundo Jodelet (1997, p. 72, grifo nosso, tradução nossa⁸⁷), no que concerne às representações:

A abordagem social das representações lida com uma questão concreta, diretamente observável, embora a organização latente de seus elementos seja o tema de uma reconstrução por parte do pesquisador. (...) É tratada ou como campo estruturado ou como núcleo estruturante. No primeiro caso, identificam-se os componentes das representações (informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais e ideológicos, etc.). Esta análise dimensional é complementada pela investigação do princípio da coerência que estrutura os campos da representação: organizadores socioculturais, atitudes, modelos normativos ou ainda esquemas cognitivos. **Estes campos são geralmente coletados por métodos de pesquisa como questionário**, manutenção ou processamento de material verbal registrado nos documentos atestados.

Outro método apresentado por Larsen-Freeman e Long (1991) que ainda está bastante relacionado à metodologia qualitativa é a observação participante. Como o nome diz, os pesquisadores participam das atividades que estão estudando, fazendo anotações imediatamente posteriores sem uma hipótese específica em mente. A pesquisadora participou tanto do planejamento quanto da aplicação das atividades de tradução na tentativa de garantir que aspectos importantes da atividade não fossem perdidos em suas anotações posteriores.

A pesquisa fortalecedora de Cameron (1992) também esteve presente a partir do momento em que a pesquisadora buscou realizar um trabalho *sobre* as representações dos professores, *para* fornecer-lhes oportunidade de reflexão e formação continuada e *com* participação ativa dos docentes em fóruns de discussão e diários de processo, convidando-os ao pensamento crítico e às ponderações sobre abordagem em sala de aula de línguas, atribuindo-lhes posição de pesquisador.

Neste trecho, para finalização da tese, inseriremos a análise dos dados obtidos em um dos cursos oferecidos na modalidade EaD, na tentativa de verificar quais eram as representações desses professores no que diz respeito à tradução e também ao trabalho

⁸⁷ « L'approche sociale des représentations traite d'une matière concrète, directement observable, même si l'organisation latente de ses éléments fait l'objet d'une reconstruction de la part du chercheur. (...) Il est traité soit comme champ structuré, soit comme noyau structurant. Dans le premier cas on dégage les constituants des représentations (informations, images, croyances, valeurs, opinions, éléments culturels, idéologiques, etc.). Cette analyse dimensionnelle est complétée par la recherche du principe de cohérence structurant les champs de représentation : organisateurs socioculturels, attitudes, modèles normatifs ou encore schèmes cognitifs. Ces champs sont généralement recueillis par des méthodes d'enquête par questionnaire, entretien, ou traitement de matériel verbal consigné dans des documents attestés » (JODELET, 1997, p. 72) .

tradutório em sala de aula⁸⁸. O foco será o curso “Estudos em tradução literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas”, oferecido em 2014 via Portal dos Professores, conforme informado em item precedente da presente tese.

Como mencionado anteriormente, a primeira atividade de ambos os cursos consistia em um fórum de apresentação. Nesse fórum, os cursistas responderam às questões colocadas pela pesquisadora em formato de enquete, de forma que os membros do grupo tivessem a oportunidade de saber mais sobre seus colegas, de sua cidade natal aos seus interesses profissionais e acadêmicos, passando pelo nível de proficiência em língua inglesa.

Além disso, havia também o intuito de obter registros sobre o ato tradutório que poderiam dar pistas sobre as representações que tais professores carregavam. A pergunta ainda não foi direta, visto que tal enfoque apareceria apenas na segunda atividade do curso, mas a questão aplicada, a de número seis, foi essa:

Por que se interessou pelo presente curso?

Em item anterior, em que foi descrito o perfil dos participantes, já indicamos que as respostas para tal pergunta poderiam ser classificadas nas seguintes categorias (agora acompanhadas de exemplos de falas dos cursistas com grifos nossos):

Quadro 5. Interesse pelo curso – categorias e citações – 2014.

Interesse pessoal e profissional em práticas docentes e ensino/aprendizagem de línguas: 17/32	“Para ajudar a refletir na minha prática docente no ensino/aprendizagem de línguas” (RML_ETL_2014).
Interesse pessoal por tradução (literária): 06/32	“ Tive muito pouco contato com a tradução durante a graduação. Cheguei a assistir palestras sobre esse tema que me deixaram bastante curiosa. Também nunca utilizei propriamente a tradução nas minhas aulas. Achei que valeria a pena conhecer mais sobre esse assunto e achei interessante a proposta de aplicar a tradução literária nas aulas de língua estrangeira” (AFC ETL 2014).
Interesse pessoal em estudar e praticar a língua estrangeira: 03/32	“Considero que uma das minhas fragilidades de formação acadêmica é o inglês , portanto quero minimizá-la e acredito que o curso possa

⁸⁸ Como em outros trechos da tese onde há citações de textos elaborados por sujeitos da pesquisa, não faremos mudanças e correções para preservar a autenticidade dos relatos e opiniões. Os nomes foram omitidos para garantir o anonimato e o grupo é especificado pela sigla ETL e o ano de 2014.

	contribuir para tal” (DLG_ETL_2014).
Interesse profissional em tradução: 02/32	<p>“Gosto muito de inglês e tenho o desejo de conhecer cada vez mais esta língua. Almejo ser tradutora/intérprete um dia, e este curso veio dar um pontapé inicial neste sonho” (MXPP_ETL_2014).</p> <p>“Sou uma professora que aprendeu e ensina sem a técnica de tradução, porém percebo que para alguns alunos de certa idade, chamados os ‘boomers’ pela psicologia a tradução é a melhor técnica de suporte. Neste curso procuro conhecer melhor como é feita essa coesão para uma tradução adequada levando em conta a influência cultural” (TB_ETL_2014).</p> <p>“Todos os meus alunos adoram traduzir e atualmente gasto uma energia enorme para evitar que eles lancem mão dessa ferramenta o tempo todo, o curso me instiga por estar curiosa em saber se estou no caminho correto, se é que existe um” (JAFRM_ETL_2014).</p>
Interesse em atualização profissional: 02/32	“Porque preciso me atualizar e estar mais preparada para me dedicar ao trabalho. Sinto necessidade em aprender novas estratégias de ensino ” (MATS_ETL_2014).
Interesse pessoal em tradução (literária) e literatura: 01/32	“Antes de me decidir pela licenciatura, pensei em fazer tradução por amar literatura, filmes e idiomas . Parecia uma forma de unir o útil ao agradável. Esse curso é uma forma de realizar uma antiga paixão” (MBM_ETL_2014).
Interesse pessoal pelo estudo de literatura: 01/32	“E o interesse por este curso é porque amo literatura e fazendo este poderá ampliar meus conhecimentos e aprimorar-me nas reflexões , facilitando a transmissão para meus alunos” (RCA_ETL_2014).
Interesse pessoal no estudo de língua inglesa e horas de atividades extras para a graduação: 01/32	“Me interessei pelo curso porque sou apaixonada pela língua e aproveito todas as oportunidades que tenho para aprender mais um pouco. Também porque este curso vale como horas extras para a minha graduação” (IFCV_ETL_2014).

As declarações acima refletem e resumem o conteúdo das 32 respostas coletadas. Pelo que pudemos perceber, muitos dos professores que se interessaram pelo curso

não possuem um nível de proficiência muito elevado em língua inglesa. Isso se dá, neste grupo especificamente, pelos seguintes motivos⁸⁹:

- Licenciatura em português/inglês, mas dedicação maior ou exclusiva à língua portuguesa quando inseridos no mercado de trabalho;
- Licenciatura em português/inglês, mas pouco progresso na aprendizagem da língua estrangeira durante a graduação e já em serviço;
- Licenciatura em português/inglês, mas hiato na carreira e consequente perda de proficiência por falta de prática;
- Licenciatura em português/outras línguas, mas interesse pelo estudo de língua inglesa.

Ao mesmo tempo, muitos participantes manifestaram o interesse pela possibilidade de reflexão sobre as práticas docentes no ensino/aprendizagem de línguas e pela busca de novas estratégias de ensino como forma de aprimoramento ou atualização dos conhecimentos adquiridos durante o curso universitário.

Vemos aí possivelmente comprovada uma tendência: o professor, inserido na sociedade pós-moderna, tende a sentir-se como agente no processo investigativo acadêmico, mostrando uma abordagem reflexiva (cf. VIANA, 2007; GADOTTI, 1993; HOLMES, 1992) e focando em cursos de extensão que possam fomentar essa reflexão profissional. Exemplos diretos:

Procuro sempre me atualizar com os cursos oferecidos pela SEE ou por instituições coligadas a ela, pois é importante que todo profissional, seja ele de qual for a área, se mantenha atualizado e reflexione a sua prática pedagógica (RML_ETL_2014).

Para uma prática docente coerente com a realidade do educando é necessário que o mesmo esteja sempre em formação continuada, é através desses cursos que podemos refletir sobre a nossa prática e melhorá-la (ICC_ETL_2014).

Acredito na formação do professor pautada na educação continuada e na prática constante. Muito daquilo que se aprende em sala de aula acaba sendo pouco aplicado na prática docente. Quando o professor tem a oportunidade de estar continuamente capacitando-se, ele vivencia a aplicação da teoria na

⁸⁹ Tais afirmações podem ser feitas após compilação das respostas do questionário completo, que tratava, entre outros itens, do nível de proficiência e da área de atuação, como pode ser verificado no perfil dos alunos presente no terceiro capítulo dessa tese.

prática além de ter a oportunidade de troca de experiência com outros docentes. Ao refletir sobre o seu próprio fazer o professor pode continuar e progressivamente transformá-lo (FPGF_ETL_2014).

O interesse pelo curso em questão se deu, em muitos casos, além da busca constante por oportunidade de formação e reflexão, pelo gosto que tais professores têm por literatura e pela curiosidade no que tange ao uso da tradução em sala de aula, visto que em muitos dos cursos nos quais os participantes se formaram, não havia disciplinas que propusessem estudos tradutórios⁹⁰. Um(a) cursista chegou a se manifestar claramente nesse sentido, como se nota na citação a seguir:

Vejo que há falhas no ensino de graduação de nossas instituições, pois como sou formada em Letras não aprendi nada a respeito de tradução em meu curso o que acredito ser uma lástima, uma perda muito grande, respeito o curso de Letras-Tradutor, mas é necessário conscientizar os futuros professores de idiomas nas escolas o que fazer e saber despertar em seus alunos a sua busca e orientá-los, o que não ocorre hoje em dia e na verdade causam traumas que impossibilitam e bloqueiam a aprendizagem do idioma estrangeiro. Falo com toda certeza pois vivencio isso com meus alunos” (TB_ETL_2014).

É possível também notar que muitos dos professores consideram que a tradução é um assunto quase tabu em sala de aula de línguas e que seu uso deve ser evitado a todo custo. O *status* de tabu pode ser aqui empregado porque é um conceito que quase não se discute, a partir do momento em que foi, de certa forma, condenado por alguns estudiosos de métodos de pesquisa que se opunham aos preceitos do famigerado (para utilizar termo presente em Guimarães Rosa) Gramática e Tradução.

Segundo Azenha Junior (2006, p. 158-159):

(...) a tradução está por toda parte e, ao mesmo tempo, parece não estar em parte alguma. Ela está presente no dia-a-dia das pessoas desde tempos imemoriais, mas vem ocupando uma posição indiretamente proporcional à valorização da língua materna, apesar de, também historicamente, sempre ter estado intrinsecamente ligada à gênese das línguas. No plano institucional da Universidade, a situação não é diferente: a tradução é muito bem-vinda nos relatórios de atividades dos departamentos e dos programas de pós-graduação como fonte de renovação e ponte para a realidade do mercado de trabalho (...). Contudo, essa valorização encontra pouco respaldo – salvo raras exceções – nas grades curriculares dos diferentes níveis de formação,

⁹⁰ Lembramos que a própria pesquisadora teve contato com a tradução durante a graduação apenas devido a uma Iniciação Científica que surgiu a partir de um interesse manifesto pelo tema perante uma professora que desenvolvia um projeto de pesquisa nesse sentido, voltado para a vertente literária.

nas alíneas das agências de fomento e na aceitação, por parte da comunidade, dos trabalhos de grau que envolvem a tradução.

Após, então, esse primeiro contato com a bagagem de representações que os cursistas carregavam, o foco da reflexão passou a ser mais direto e, na Atividade 2, foi proposto um questionário aberto que contava com três perguntas:

1 - Quais são, até o momento, suas experiências em relação à tradução? Já participou de algum curso ou grupo de pesquisa sobre o assunto? Teve contato com arcabouço teórico relacionado ao tema?

2- Quais são suas expectativas em relação ao presente curso?

3- O que significa traduzir? O que envolve, em sua opinião, o ato tradutório?

Comentaremos, então, as respostas dadas para cada pergunta. Começaremos pelas experiências prévias dos cursistas com teoria e prática da tradução:

Quadro 6. Experiências prévias dos cursistas em relação ao ato tradutório – 2014.

<p>Participante típico(a): não possui experiência com tradução nem conhecimento teórico sobre o tema</p>	<p>“A minha relação com a experiência do ato tradutório é basicamente quase que nenhuma. Nunca participei de algum curso ou grupo de pesquisa, nem li materiais referentes ao tema. Sei que traduzir obras literárias por vezes é bem complicado, pois muitas vezes não se encontra correspondente semântico em uma outra língua. E isso é tudo” (AEF_ETL_2014).</p> <p>“Não, nunca participei de nenhum grupo de pesquisa sobre o assunto. Não tenho experiências em relação à tradução e desconheço teóricos que discutem o tema” (DLG_ETL_2014).</p> <p>“Minha experiência com tradução esta relacionada aos cursos de inglês que fiz e a atividades de leitura extracurricular. Nunca participei de um curso específico e nem tive contato com a o arcabouço teórico” (CCC_ETL_2014).</p>
<p>Participante típico(a): como aluno(a) no</p>	<p>“As experiências que tenho com a tradução são muito diversas - enquanto eu era aluna (EF e</p>

<p>ensino regular, usava a tradução em sala de aula provavelmente sem muita reflexão, apenas com o uso do dicionário. Como aluno(a) de escola de idiomas, percebia que tal uso era evitado.</p>	<p>EM), esse era o único recurso utilizado para a aprendizagem do Inglês; acredito que ele não tinha muito propósito, afinal só procurávamos palavras no dicionário e não utilizávamos nenhuma estratégia de leitura e estudo... Na escola de idiomas, ela era pouco utilizada (não se utilizava o Português para nada). Nunca participei de um grupo sobre o assunto e até agora não conheço nada teórico relacionado ao tema” (LAB ETL 2014).</p>
<p>Participante atípico(a): experiência com tradução e interpretação há vários anos e graduação/pós-graduação em tradução</p>	<p>“Atuo com tradutora e intérprete desde 1992, ano de minha formação em graduação. Raramente trabalho com tradução literária pois meus clientes são engenheiros e professores universitários portanto minha experiência é com tradução técnica. Em tradução, nunca participei de grupos de pesquisa. Mesmo tendo feito mestrado, meus grupos de pesquisa abordavam temas linguísticos, principalmente, análise do Discurso de linha francesa. A fundamentação teórica de minha pesquisa centrou-se na Análise de Discurso francesa a partir de suas fontes – Pêcheux e Foucault – principalmente nas leituras de Foucault (1987, 1992, 1998) sobre as práticas discursivas, práticas de subjetivação, sua concepção acerca do arquivo e técnicas de si; em Lévy (1996, 1999) e Lemos (2000, 2004) quanto ao ciberespaço; Hall (2002), Bauman (1998, 2001, 2007) e Baudrillard (1981, 1997, 2003) nas questões sobre identidade e contemporaneidade; Castells (1999) no que tange à comunicação; Coracini (2006, 2007), no que diz respeito ao impacto das novas tecnologias e à identidade do tradutor” (FPG F_ETL_2014).</p> <p>“Cursei Tradução como graduação e nela estudei os principais teóricos e textos relevantes da área. Ainda na faculdade, fiz um trabalho de iniciação científica sobre o conceito de erro na legendagem, em que conheci alguns teóricos da tradução audiovisual da época e me levou a um teste para prestar serviços para o The History Channel. Na pós-graduação dei continuidade a essa pesquisa, já trabalhando ativamente como legendadora. Assim, pude fazer um estudo de caso unindo prática e embasamento teórico, com foco na teoria da Desconstrução de Jacques Derrida. Trabalho com tradução, versão e revisão de vários tipos textuais. Meus clientes geralmente vêm por meio de indicação ou me encontram no meu blog profissional. Mesmo com todas as ferramentas de tradução e glossários online disponíveis, tenho uma vasta coleção de</p>

	dicionários e gramáticas, que me é de grande ajuda” (JSB_ETL_2014).
Participante atípico(a): resistência consciente e declarada ao trabalho com tradução em sala de aula	“Na verdade sou resistente a tradução, tenho uma experiência com inglês instrumental e gostaria de compreender como pode ser usado no ensino de um segundo idioma. Minha experiência mostra que a tradução pode atrapalhar a fluência no sentido de que o falante faz o mesmo movimento em duplicidade para se fazer entender” (JAFRM_ETL_2014).
Participante atípico(a): teve experiência com tradução em um disciplina da graduação	<p>“Tive experiência com tradução quando fiz minha graduação na disciplina de Prática de Ensino de Língua Inglesa. Não participei de nenhum grupo de pesquisa ou curso na área” (ICC_ETL_2014).</p> <p>“As minhas experiências foram durante a minha graduação em Letras” (FAA_ETL_2014).</p> <p>“Meu primeiro (e até agora principal contato com tradução literária se deu durante uma disciplina optativa na Universidade com o título de "Literatura ameríndia e escrita criativa". Nessa disciplina tivemos alguns contatos com exercícios de tradução que estavam diretamente relacionados aos de escrita, ou seja, a principal proposta era a tradução de diferentes gêneros e aplicava-se à escrita” (FJPB_ETL_2014).</p>
Participante atípico(a): trabalho em cursos de idiomas que envolvem tradução na aprendizagem	“Já trabalhei e trabalho com tradução particular, trabalho com curso de idiomas que envolve tradução na aprendizagem, porém nunca estudei nem pesquisei sobre o assunto. Utilizo minha própria prática docente e minha experiência com o idioma para realizar trabalhos, porém preciso de mais formação” (CRS_ETL_2014).
Participante atípico(a): trabalho	“Sinceramente apenas me aventurei com as traduções, por ter conhecimento do inglês e espanhol já fui procurada para fazer tradução de sites de empresas, de trabalhos acadêmicos, artigos para revistas de pessoas que publicam e não conhecem o idioma com precisão para fazer uma tradução, confesso ter tido muito trabalho para traduzir de acordo com que cada área lida com seus termos técnicos. Gostaria muito de trabalhar na área de tradução de filmes, livros mas sinceramente não sei nem como começar, e meu interesse é melhorar para poder oferecer esse serviço nesta escola de idiomas” (TB_ETL_2014).

Apesar de algumas poucas exceções, os cursistas inscritos, em sua maioria, não possuíam experiências práticas ou leituras teóricas sobre tradução ou sobre tradução literária. Pelas justificativas das respostas, cremos que os participantes que já trabalhavam de alguma forma com tradução, seja literária ou não, buscaram inscrever-se na atividade como forma de atualização e para que houvesse a oportunidade de discussão com colegas de área. Eles não são, portanto, professores do ensino regular.

Os professores do ensino regular, por sua vez, não tinham (quase nenhum) contato com os estudos tradutórios. Alguns cursistas declararam ter tido contato prévio com a temática durante a graduação, mas a grande maioria afirmou ser leiga no assunto quando levado em conta um conhecimento mais formal e demonstraram interesse no curso exatamente por isso.

Apenas um(a) cursista demonstrou resistência consciente e declarada ao trabalho com tradução em sala de aula. Os demais participantes, apesar de comentarem que o trabalho com tradução em sala é evitado, não chegaram a demonstrar um posicionamento senão aquele imposto por representações a eles apresentadas. O(a) cursista em questão pode estar movido(a) pelo mesmo tipo de representação, mas chega a justificar a sua resistência à tradução com experiências próprias.

Na segunda questão, ao especificarem quais seriam as suas expectativas em relação ao curso, podemos verificar na nuvem de palavras a seguir quais foram os termos mais citados pelos cursistas⁹¹:

⁹¹ A nuvem de palavras foi elaborada na ferramenta *online* gratuita Wordle (<http://www.wordle.net/>) a partir das 33 respostas que chegaram a ser postadas no AVA pelos cursistas.

“Gostaria de confirmar o que penso acerca da importância da tradução para a compreensão de outro idioma” (ACSV_ETL_2014).

“Não vou falar em expectativas, pois assim posso me surpreender” (MBM_ETL_2014).

“Pretendo conhecer diversos textos e sugestões de atividade que possa usar em minhas aulas” (SABLS_ETL_2014).

“Gostaria de compreender quando e como a ferramenta 'tradução' pode ser usada para efetivar o ensino de idiomas” (JAFRM_ETL_2014).

“As expectativas em relação ao curso são as melhores, espero aprender bastante e que o mesmo possa contribuir com a minha prática no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa” (ICC_ETL_2014).

“A minha expectativa quanto ao curso dá-se pelo fato de querer sempre saber mais sobre o assunto e buscar metodologias que facilitem e aprimorem cada vez mais o meu trabalho enquanto professor de uma língua estrangeira” (LM_ETL_2014).

“Como já disse, quero aprender muito e estou aberta para novas experiências. Por gostar muito do inglês, esta é uma oportunidade de aprendizagem ímpar” (MSV_ETL_2014).

“Minhas expectativas são de aprimoramento de minha própria prática como tradutora e conhecer atividades que posso desenvolver em sala de aula” (CCC_ETL_2014).

“Aprender a lidar com esta área que considero importante para a formação completa do educador” (EMJ_ETL_2014).

“Acredito que irá enriquecer e ampliar meus conhecimentos na língua inglesa e assim auxiliar na minha profissão docente e alcançar um maior domínio da língua” (MXPP_ETL_2014).

“Acredito que vamos compartilhar informações em relação a tradução literária e também trocar experiências significativas com os colegas e a tutora” (FAA_ETL_2014).

“Estou interessada e muito curiosa a respeito” (MGPS_ETL_2014).

“Ter embasamento teórico e trocar experiências com outros cursistas acerca do assunto tradução, aprofundar meus conhecimentos, expandir minha bibliografia para consulta, apropriar-me de algumas técnicas e entender melhor o mecanismo da tradução no processo de aprendizagem” (CRS_ETL_2014).

“Que traga uma metodologia explícita, que direcione o tema facilitador para o entendimento. Que no final o mesmo possa somar aos meus conhecimentos” (RCSA_ETL_2014).

“Penso que será muito útil, pois como professora enfrento muitos dilemas em relação à tradução como ferramenta pedagógica. Gostaria de esclarecer este ponto” (RML_ETL_2014).

“Como não tenho conhecimento específico em tradução, e o que faço não sei se correto, espero atingir meu objetivo através desse curso” (RAC_ETL_2014).

“Espero estudar sobre o tema (pois noto que a tradução é vista como algo inadequado dentro de um curso de idiomas, por exemplo), de forma que o conteúdo aqui apresentado me permita aprender mais e melhorar minha prática educativa” (LAB_ETL_2014).

“Espero aprender muitas coisas novas sobre a língua inglesa, sobretudo na área da tradução. Espero

melhorar meu currículo acadêmico, tocar experiências com pessoas diferentes” (IFCV_ETL_2014).

“Espero aprender bastante e que o curso me forneça subsídios para trabalhar em sala de aula” (MATS_ETL_2014).

“Espero ter contato com diferentes pontos de vista e experiências de professores que aplicam em sala alguma atividade relacionada à tradução” (JSB_ETL_2014).

“Minha pouca experiência com tradução sempre me deixou curiosa por conhecer um pouco mais sobre o tema. Achei a proposta do curso muito interessante, pois posso aprender mais sobre esse tema e ao mesmo tempo pensar em modos de aplicá-lo em sala de aula como mais um recurso interessante no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira” (AFC_ETL_2014).

“Espero poder participar do curso de maneira com que eu possa principalmente entrar um pouco mais no mundo da tradução, além de atribuir conhecimentos diferenciados ao meu currículo. Além disso, acredito que o desenrolar do curso será muito proveitoso em minha experiência como professor de língua estrangeira, de modo a me apresentar maneiras diferentes de observar o comportamento, tanto de meus alunos, quanto o meu mesmo, dentro da sala de aula” (FJPB_ETL_2014).

“São grandes, gostaria de aprender como o tradutor lida com o tempo para realizar o trabalho de tradução, gostaria também de me informar aonde encontro uma pós-graduação na área de língua espanhola também” (MRS_ETL_2014).

“Espero que me ajude a melhorar minhas aulas e ampliar minha visão quanto ao conceito de tradução” (MECT_ETL_2014).

“São das melhores ,pois é um curso que trata da minha necessidade de melhoramento como profissional portanto estou satisfeita em poder participar” (VPC_ETL_2014).

“Pretendo conhecer melhor sobre o assunto, ter a oportunidade de discutir e trocar experiências. Além de manter contato com o idioma, que depois de algum tempo começamos a esquecê-lo” (FCRF_ETL_2014).

“Aprender, me dedicar e enfrentar as barreiras do inglês” (MR_ETL_2014).

“Sumariamente, minhas expectativas quanto ao curso ‘Estudos em Tradução Literária’ condizem à ampliação de meus conhecimentos acerca das práticas tradutórias, a fim de que eu as possa aplicar aos diversos gêneros textuais advindos da Literatura, e que, conseqüentemente, eu tenha um instrumental basilar essencial a partir do qual me seja possível elucubrar quanto à imprescindibilidade da tradução tanto lato sensu quanto stricto sensu” (ATBTC_ETL_2014).

“Ampliar minha visão em relação ao tema e redefinir conceitos sobre” (CM_ETL_2014).

“Observar as orientações dos professores e de colegas que já trabalham nesta área para que eu cresça também e possa atingir meu objetivo em oferecer esse trabalho na minha cidade. Já pensei até em tradução juramentada” (TB_ETL_2014).

A terceira questão era, por fim, a mais importante no que diz respeito ao presente trabalho. Os cursistas deveriam definir, a partir de seu conhecimento prévio (em muitos casos, apenas embasado em representações sociais, visto que não havia experiência com arcabouço teórico), o que significa traduzir e o que envolve o ato tradutório.

Algumas categorias que indicariam representações sociais puderam ser identificadas nas 33 respostas postadas pelos participantes (em algumas havia até mesmo mais de uma definição, de forma que serão contadas duas vezes), como informado nos quadros que seguem. É válido ressaltar que alguns registros podem ser alocados em mais de uma categoria.

Quadro 8. Categoria A de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)

<u>Tradução como interpretação/leitura (13/33)</u>
<p>“Traduzir significa interpretar. Por isso temos traduções diferentes de textos de fontes iguais. Traduzir é muito mais que a troca de palavras de um idioma para o outro e envolve o conhecimento da cultura das línguas envolvidas e do assunto. Quando se trata de tradução literária, uma boa dose de ‘veia artística’ também é necessária” (FPGF_ETL_2014).</p>
<p>“Para mim o ato tradutório envolve uma imersão no texto, exige que o tradutor primeiro compreenda bem o que foi lido, vivencie essa experiência e depois tente traduzir isso em palavras e expressões que poderão dizer ao leitor toda a abrangência e profundidade do que foi lido” (AEF_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir significa dar sentido a um texto. O ato tradutório envolve análise contextual e análise do discurso tendo em vista que o locutor carrega suas representações” (DLG_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir significa transferir um texto de uma língua para outra, porém de forma a interpretá-lo. O ato tradutório envolve conhecimento da língua, cultura e interpretação do assunto do texto que será traduzido” (ICC_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir para mim é, fazer a interpretação de um texto ou palavra e possibilitar para o outro o entendimento e compreensão do que está sendo apresentado. Na minha opinião a tradução não precisa ser ao ‘pé da letra’, já que dependendo do idioma, não existe tradução para algumas palavras ou expressões” (MSV_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir pra mim é uma atividade que expressa a interpretação em relação ao significado de um texto em uma língua que resulta num novo texto sem fugir do sentido original. Há um famoso jogo de palavras em italiano que diz ‘Traduttore, Traditore’ (em português, ‘Tradutor, traidor’), pois todo tradutor teria de trair o texto original para conseguir reescrevê-lo na língua desejada” (MGPS_ETL_2014).</p>
<p>“Uma língua não é tradução da outra. Em minha concepção, traduzir significa entender o que foi dito ou escrito e tentar trazer para um outro idioma fazendo sentido, com o significado mais próximo de como faríamos ou falaríamos aqui. O ato de traduzir envolve compreender a língua de onde se vai traduzir, conhecer as suas expressões idiomáticas e estrutura e também ter acesso ao aspecto cultural global dos falantes daquele idioma” (CRS_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir abrange a interpretação de significados de um texto em uma língua. Em minha opinião este mecanismo é identificado por símbolos que deve ser organizados conforme as exigências da estrutura da língua” (RCSA_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir é um meio de entender o contexto do que se lê. Em minha opinião envolve mecanismos de compreensão complexos, pois é necessário compreender também o contexto”</p>

(RML_ETL_2014).

“**Traduzir é compreender o que está sendo transmitido.** O ato tradutório envolve estímulo e curiosidade” (MATS_ETL_2014).

“É expor uma mensagem de um determinado texto, utilizando várias questões pertinentes às **interpretações do texto estudado e analisado** transmitindo ao leitor o uso da língua” (VPC_ETL_2014).

“**Compreender, interpretar.** Transpor de uma língua para outra. Facilitar a comunicação entre as pessoas” (MR_ETL_2014).

“É trazer para o idioma receptor toda a ideia, sentimento, fator expresso que o texto no idioma estrangeiro tem, **para que o leitor do idioma receptor consiga interpretar, entender** de acordo com que o autor escreveu. Quando técnico digamos um desafio mais favorável, porém quando não sentimentos, imaginação do leitor pode ser transportada muito além daquilo que lê, então **a tradução tem que estar muito próxima da interpretação do autor**” (TB_ETL_2014).

O número de cursistas que expressaram, nesse momento inicial do curso, a ideia de tradução como interpretação/leitura (39%) foi, de certa forma, expressivo, se levarmos em consideração que a maioria dos participantes não teve acesso prévio a materiais teóricos sobre o tema. Essa representação pode ter sido construída a partir de experiências individuais ou coletivas de tradução literal de textos e músicas ou do uso do tradutor automático, que produzem muitas vezes textos sem sentido, o que nos leva a pensar que, sem a intromissão oportuna de um sujeito tradutor, que lerá o texto como organismo vivo e repleto de significados ocultos, o texto perde a coesão e coerência e passa a ser praticamente um amontoado de palavras soltas.

Quadro 9. Categoria B de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)

Tradução como criação artística/tradutor como autor (1/33)

“Traduzir significa interpretar. Por isso temos traduções diferentes de textos de fontes iguais. Traduzir é muito mais que a troca de palavras de um idioma para o outro e envolve o conhecimento da cultura das línguas envolvidas e do assunto. **Quando se trata de tradução literária, uma boa dose de ‘veia artística’ também é necessária**” (FPGF_ETL_2014).

Interessante notar, porém, que apenas um(a) cursista (3%) mencionou a faceta artística do trabalho do tradutor como segundo autor de uma obra literária diversa da original. Isso demonstra que, na representação social que a maioria possui a respeito do tradutor, a necessidade de saber elaborar um texto de caráter literário – ou seja: o tradutor que é poeta do

poeta – ainda não salta aos olhos. Então, há indícios da noção de dever de anonimato ou de discricção da parte de quem traduz.

Quadro 10. Categoria C de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)

<u>Tradução e o componente cultural (06/33)</u>
<p>“Traduzir significa interpretar. Por isso temos traduções diferentes de textos de fontes iguais. Traduzir é muito mais que a troca de palavras de um idioma para o outro e envolve o conhecimento da cultura das línguas envolvidas e do assunto. Quando se trata de tradução literária, uma boa dose de ‘veia artística’ também é necessária” (FPGF_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir significa transferir um texto de uma língua para outra, porém de forma a interpretá-lo. O ato tradutório envolve conhecimento da língua, cultura e interpretação do assunto do texto que será traduzido” (ICC_ETL_2014).</p>
<p>“Uma língua não é tradução da outra. Em minha concepção, traduzir significa entender o que foi dito ou escrito e tentar trazer para um outro idioma fazendo sentido, com o significado mais próximo de como faríamos ou falaríamos aqui. O ato de traduzir envolve compreender a língua de onde se vai traduzir, conhecer as suas expressões idiomáticas e estrutura e também ter acesso ao aspecto cultural global dos falantes daquele idioma” (CRS_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir para mim, hoje em dia, é trazer um entendimento generalizado do assunto em questão. Dar uma visão do que se trata para poder entender o que se busca ou se analisa. Na minha opinião, o ato tradutório envolve muito conhecimento/vivência com a língua. A cultura geral, também, poderá ajudar para uma resposta positiva” (RAC_ETL_2014).</p>
<p>“Traduzir significa repassar uma mensagem de uma língua à outra. Traduzir não é uma tarefa fácil, pois o sentido de uma palavra carrega questões culturais, afetivas e de ordem prática, por exemplo. Portanto, o tradutor não pode se valer apenas de um dicionário para realizar um trabalho de tradução, o qual requer também vários outros tipos de conhecimentos. Assim acontece também com um falante tentando entender uma língua estrangeira” (AFC_ETL_2014).</p>
<p>“Tradução, na minha concepção, é a arte de transformar um texto em algo que seja compreensível para a nossa cultura, lógico sem mudar a essência do texto original” (FCRF ETL 2014).</p>

Seis cursistas (18%) comentaram a faceta de alteridade cultural que o ato tradutório exige. Muitos desses participantes figuram também no primeiro quadro, visto que em suas falas atribuem características de interpretação à tradução. O senso de interpretação/leitura pode ter fomentado essa ideia: interpretar faz com que nos coloquemos no lugar do outro, praticando a alteridade, que é cultural em sua essência.

Quadro 11. Categoria D de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)

Tradução como busca pelo significado/logocentrista/positivista (18/33)

“**Traduzir é buscar o significado atribuído a uma expressão**, por quem a escreveu” (ACSV_ETL_2014).

“Entendo que tradução é **transformar um texto em L1 em L2**, mas fazendo as adequações semânticas e gramaticais necessárias” (MBM_ETL_2014).

“**Aproximar textos de um país específico para povos que falam outras línguas**” (SABLS_ETL_2014).

“Traduzir, ao meu ver, é trabalhar com **equivalência de idiomas** por exemplo: *pen-* caneta, ao invés do aprendiz associar ao objeto *pen* ele associa com outra palavra o 'sinônimo' em uma visão simplista como disse, dada ao meu pouco conhecimento acerca do assunto” (JAFRM_ETL_2014).

“Literalmente falando traduzir significa ‘transpor de uma língua para outra’, mas na prática traduzir é fazer se entender em uma outra língua, sem perder a essência do que se quis dizer. O ato tradutório envolve **conhecimento técnico** e prévio daquilo que se propõe traduzir” (LM_ETL_2014).

“Traduzir é tornar um enunciado de possível entendimento em outra língua da qual ela foi escrita. **Ele envolve conhecimento teórico e do léxico**” (CCC_ETL_2014).

“Primeiro o contato real com outra literatura dentro de seu próprio contexto e **o ato tradutório construído a partir de um olhar de especialista traduz uma fidelidade ao texto original** o que vem se perdendo com traduções tendenciosas colocadas na internet” (EMJ_ETL_2014).

“Traduzir é muito mais do que passar palavras de um idioma para o outro, é necessário **conhecimento da língua** para que a tradução ocorra de maneira que seja compreensível e haja entendimento” (MXPP_ETL_2014).

“Traduzir significa entender o texto e **transcrever para outra língua** e o ato tradutório é realizar a prática de traduzir” (FAA_ETL_2014).

“Traduzir abrange a interpretação de significados de um texto em uma língua. Em minha opinião este mecanismo é identificado por **símbolos que deve ser organizados conforme as exigências da estrutura da língua**” (RCSA_ETL_2014).

“Traduzir para mim, hoje em dia, é trazer um **entendimento generalizado do assunto** em questão. Dar uma visão do que se trata para poder entender o que se busca ou se analisa. Na minha opinião, o ato tradutório envolve muito **conhecimento / vivência com a língua**. A cultura geral, também, poderá ajudar para uma resposta positiva” (RAC_ETL_2014).

“Acredito que o ato de traduzir é **uma ação que nos permite passar uma frase, uma expressão para a língua materna, com o objetivo de entender o que ela significa**. Porém, este não é um ato ‘vazio’ - é **fundamental ter bons conhecimentos sobre os dois idiomas para que não ocorram problemas**” (LAB_ETL_2014).

“**Em minha opinião traduzir é passar as palavras de uma determinada língua para outra**. Acredito que esse ato é bastante complexo, pois existem muitas expressões que são próprias de uma língua e que possuem significado totalmente diferente em outra. O ato tradutório envolve um **conhecimento avançado sobre a língua traduzida e sobre a língua para a qual se vai traduzir**” (IFCV_ETL_2014).

“Para mim, traduzir é interpretar os signos de um texto em um idioma e produzir um novo texto em outro idioma. **É uma adaptação fiel para um público alvo**, em que o tradutor deve ter sensibilidade nas suas escolhas e **conhecimento técnico-gramatical para realizar um bom serviço**. O profissional deve também ser disciplinado para cumprir prazos de entrega, ter hábitos de leitura e estudo e conhecer profundamente sua língua materna” (JSB_ETL_2014).

“Acredito que traduzir seja o modo de **expressar as mesmas ideias e culturas em língua diferentes**” (MECT_ETL_2014).

“Compreender, interpretar. **Transpor de uma língua para outra**. Facilitar a comunicação entre as pessoas” (MR_ETL_2014).

“Pensando-se em termos etimológicos (os quais, aliás, muito me agradam), o substantivo ‘tradução’ proveio do Latim Clássico *traductio*, *traductionis*, cujo sentido próprio era o de ‘passagem de um ponto a outro’, ou ‘mudança de uma ordem ou classe social a outra’. Ademais, se pensarmos nessa ideia associando-a às figuras de linguagem, ou aos tropos, poderemos tomá-la qual sendo um tipo de ‘metáfora’ (ou, mesmo, de ‘metonímia’), de sorte que, nalgum momento - sempre dependente de um sustentáculo contextual -, haveria condições e (ou) necessidades para que se fizessem as requeridas **conversões semânticas, as quais proviessem dum lugar X e se dirigissem a outro lugar Y, a fim de satisfazerem-se quaisquer dos misteres comunicacionais pretendidos por variiegados interlocutores**. Em suma, **o ato tradutório, por ser uma espécie de ‘trasladação linguística’, circunda uma das áreas responsáveis pela busca da ‘verdade textual’**. E, nesse sentido, reputo ser a Tradutologia uma conspícua ramificação da Etimologia, ambas sendo, pois, indispensáveis para a ascensão antibabélica do conhecimento antrópico” (ATBTC_ETL_2014).

“Traduzir, na minha concepção, é **trazer ao nível de entendimento do sujeito interessado o que está em pauta** e o ato tradutório é a ação responsável em trazer a existência tal possibilidade” (CM_ETL_2014).

Conforme era esperado após o questionário de apresentação, a maioria dos cursistas (54%) entende a tradução como transferência de significados de uma língua para outra. Tal resultado revisita as representações apresentadas pelos alunos do Ensino Fundamental e pelos graduandos de Letras que participaram da ACIEPE: traduzir seria passar um texto de uma língua para outra. Como é possível notar nos trechos em negrito, essa mesma aceção, com algumas variações, foi utilizada mais de uma vez por indivíduos diferentes.

As últimas duas categorias não foram expressivas, obtendo apenas 3% cada uma:

Quadro 12. Categoria E de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)

<u>Tradução e o componente social (01/33)</u>
<p>“Acredito que a questão da tradução esteja relacionada a muitos outros elementos que podem ir além apenas da questão linguística. Vale lembrar que (pelo menos por enquanto) sinto que a tradução não pode ser isolada em apenas um viés de compreensão e efetivação, ou seja, creio que veremos o ato tradutório se realizando (e se baseando) tanto processos mais mecânicos e estruturais quanto em processos de cunho subjetivo e talvez até mesmo social” (FJPB_ETL_2015).</p>

Quadro 13. Categoria F de representações e respectivas falas dos cursistas (grifos nossos)

<u>Tradução como adaptação (01/33)</u>
<p>“Traduzir, não apesar passar um texto para uma outra língua, mas adaptá-la a nova língua, sem modificar o sentido da mesma. Na minha opinião traduzir, ou ato tradutório é um processo de reflexão e adaptação do idioma. Algumas palavras as vezes não são encontradas no idioma traduzido, por isto as vezes se deve adaptar o termo, sem interferir no contexto do texto” (MRS_ETL_2015).</p>

As questões e respostas expostas foram aplicadas e respondidas no início do curso, antes das propostas de atividades práticas, leituras e discussões teóricas em fóruns. Após esse primeiro momento, o curso seguiu os módulos e os temas especificados no capítulo metodológico da presente tese, dando a oportunidade aos cursistas de conhecerem novas definições e conceitos relacionados ao tema, e também, de certa forma, expondo-os a novas representações contidas nas falas da professora-tutora, nos textos teóricos, nos comentários dos colegas, nas figuras que ilustravam o AVA, etc.. Por fim, na última unidade, questionamentos foram feitos com o intuito de verificar se as impressões ou representações haviam sofrido alguma mudança após as experiências tradutórias.

A avaliação final, que figura no Módulo 8, serviu como ferramenta para os novos questionamentos e reflexões. A primeira pergunta era a seguinte:

Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

As 23 respostas enviadas foram também agrupadas em categorias, que são quase as mesmas usadas para as questões anteriores, porém precisamos complementar a caracterização de algumas delas.

Quadro 14. Categoria A de representações e respectivas falas dos cursistas no final do curso (grifos nossos)

<u>Tradução como interpretação/leitura (3/23)</u>
<p>“Quando iniciei este curso e respondi sobre o que acreditava envolver o ato tradutório, lembro me claramente que pensava ser a passagem de uma literatura em certo idioma para outro, com o domínio total de vocabulários correspondentes para que fosse respeitada a autenticidade do material. Após ter realizado as leituras e as tarefas vinculadas ao curso minha opinião saiu do plano superficial para um plano mais profundo. Hoje, ao responder sobre o ato tradutório afirmo que se trata de uma arte de transcrever um texto, uma poesia ou uma música seguindo os seus sentimentos, realizando as modificações necessárias para acompanhar a ideia inicial do autor, as funções da linguagem e os subsídios utilizados com toda criatividade e amor, preservando a essência, mesmo que se necessário, superando os limites de uma escrita e avançando na imaginação e na interpretação do contexto através da expressão da linguagem” (CM_ETL_2014).</p>
<p>“Acredito que meus conceitos sobre o ato tradutório, principalmente aplicado à tradução literária, foram ampliados. Continuo a ver a tradução como uma forma de interpretação e que traduzir é muito mais que a troca de palavras de um idioma para o outro e envolve o conhecimento da cultura das línguas envolvidas e do assunto. No início do curso eu pensava que a tradução literária necessitava de uma boa dose de ‘veia artística’, mas agora, penso em competência tradutória artística, ato de recriação, de transcrição. Quanto ao papel do tradutor, sempre o vi como autor da obra traduzida” (FPGF_ETL_2014).</p>
<p>“Fiquei encantada com os módulos, aprendi demais no decorrer do curso. Anteriormente a palavra tradução, ao meu ver, se relacionava ao sentido literal, no entanto, a bibliografia do curso ofereceu-nos outras lentes para visualizar qual é o papel do tradutor. Que não é um mero ‘transferidor’ de palavras de um idioma para o outro de maneira mecânica, e sim alguém que pensa, interpreta e infere a partir de seu conhecimento externo da cultura em que esse texto irá integrar para sua melhor compreensão” (JAM_ETL_2014).</p>

Nessa segunda etapa, o foco na tradução como interpretação diminuiu para 13%, visto que os cursistas passaram a comentar outros fatores que compõem o ato tradutório e que lhes chamaram atenção após as leituras e discussões teóricas.

A noção de tradução como criação artística e do tradutor como segundo autor foi uma acepção nova para vários dos cursistas, de forma que se tornou o ponto mais retomado durante a reflexão final, atingindo 78% de incidência nas falas, que anteriormente, em um grupo ainda maior de sujeitos, foi de 3%. O próximo quadro demonstra os números da categoria:

Quadro 15. Categoria B de representações e respectivas falas dos cursistas no final do curso (grifos nossos)

Tradução como criação artística/ nova obra literária/ reescrita/ recriação/ tradutor como autor (18/23)

“Acredito ter entrado no curso com a mente muito aberta com relação não somente ao ato tradutório em si, mas também ao papel do tradutor dentro desse contexto. Sendo assim, agora ao final do curso, mais maduro e um pouco mais consciente das particulares relações existentes entre obras, suas traduções e tradutores, creio que minha opinião não somente tenha se modificado, mas que tenha também passado por um processo de refinamento. Mais do que aquilo que pensei inicialmente, agora creio ser extremamente importante que **veja com olhos diferentes a tradução e o tradutor. Considero, portanto, o tradutor não somente como aquele capaz de trazer um contexto a um novo idioma, mas, através de suas ferramentas e processos também será autor, transgressor dos limites que estão no papel e personagem principal na arte de lapidar textos, obra e sentimentos**” (FJPB_ETL_2014).

“Acho que minha opinião não mudou, mas pude conhecer mais afundo outras perspectivas da tradução. **O tradutor exerce o trabalho de tradução sempre tentando equilibrar a liberdade de criação e a submissão à obra original.** Além disso, a função do tradutor e da própria tradução vai além de uma mera correspondência entre palavras, esse trabalho envolve preocupação em reproduzir o estilo do autor, forma, musicalidade, contexto etc. Ou seja, **a tradução é uma nova obra literária e não um mero texto que serve de apoio para se entender outro**” (ACC_ETL_2014).

“Quando iniciei o curso, tinha uma ideia muito vaga do que fosse a tradução, apesar de saber das dificuldades para se traduzir, não conhecia nem de longe a complexidade que envolve o ato tradutório, e não tinha em mente a **relação tão estreita entre o fazer tradução e o fazer literatura.** E neste sentido, pude conceber **a importância do papel do tradutor para o texto e para o leitor também, uma vez que tudo passa por ‘suas mãos’**, ou seja, suas experiências de vida e de leitura, seu conhecimento sobre a língua e por consequência sobre a cultura original em que o texto foi produzido” (AEF_ETL_2014).

“Inicialmente, quando comecei o curso, acreditava e comentei que o ato de traduzir significava, literalmente, pegar um texto, procurar as palavras apropriadas em dicionários da respectiva língua, e então ‘traduzir’. Hoje estou feliz por ter mudado de opinião, pois com o curso, e com as leituras percebi que traduzir é muito mais do que traduzir palavras, é buscar, e quase nunca conseguir, transmitir o sentimento expresso em cada palavra escrita. **Um tradutor é também um escritor**, pois a cada tradução o tradutor é condicionado a criar um texto, que chegue perto do original” (ACSV_ETL_2014).

“Quando iniciei este curso e respondi sobre o que acreditava envolver o ato tradutório, lembro-me claramente que pensava ser a passagem de uma literatura em certo idioma para outro, com o domínio total de vocabulários correspondentes para que fosse respeitada a autenticidade do material. Após ter realizado as leituras e as tarefas vinculadas ao curso minha opinião saiu do plano superficial para um plano mais profundo. Hoje, ao responder sobre o ato tradutório afirmo que se trata de uma arte de transcrever um texto, uma poesia ou uma música seguindo os seus sentimentos, realizando as modificações necessárias para acompanhar a ideia inicial do autor, as funções da linguagem e os subsídios utilizados com toda **criatividade** e amor, preservando a essência, mesmo que se necessário, superando os limites de uma escrita e avançando na imaginação e na interpretação do contexto através da expressão da linguagem” (CM_ETL_2014).

“Acredito que minha opinião ganhou um reforço teórico, agora entendo que **traduzir não é apenas decodificar algo que está escrito, mas reescrevê-lo na outra língua. Há de ser um escritor**

literário para se obter um bom resultado” (CCC_ETL_2014).

“A minha opinião mudou. Acrescento ao que já imaginava também o aspecto apontado por Britto e Pereira que apontam que na impossibilidade da tradução de textos literários há a necessidade da **recriação ou criação paralela**. Os textos são semantizados. Britto ainda faz um destaque bastante pertinente ao afirmar que a infidelidade semântica é inaceitável” (DLG_ETL_2014).

“A minha atual opinião sobre a tradução e o papel do tradutor é que **a tradução não é um trabalho técnico simplesmente, mas um trabalho de criação, uma recriação de um escritor “visitando” a obra de outro e o papel de tradutor é este o de transcriber, o de extrair do texto o melhor que ele pode oferecer e de possibilitar aos leitores o prazer de entender uma obra**” (EMJ_ETL_2014).

“Acredito que meus conceitos sobre o ato tradutório, principalmente aplicado à tradução literária, foram ampliados. Continuo a ver a tradução como uma forma de interpretação e que traduzir é muito mais que a troca de palavras de um idioma para o outro e envolve o conhecimento da cultura das línguas envolvidas e do assunto. No início do curso eu pensava que a tradução literária necessitava de uma boa dose de "veia artística", mas agora, penso em **competência tradutória artística, ato de recriação, de transcrição. Quanto ao papel do tradutor, sempre o vi como autor da obra traduzida**” (FPGF_ETL_2014).

“Através das leituras dos textos acredito que traduzir é ‘passar’ para a sua linguagem um termo desconhecido. A tradução pode ser simples ou complexa dependendo do nível do seu conhecimento em relação ao texto ou trecho. **Uma tradução não é a cópia do texto**, o texto inicial precisa ser compreendido para depois ser traduzido, pois a tradução de todas as palavras de um texto original muitas vezes não transmite clareza. **Acredito ser possível a tradução de poesias, mas dependerá muito do tradutor de ‘recriar’ toda a estrutura métrica da poesia**” (FAA_ETL_2014).

“Embora tivesse conhecimento da questão estética na literatura e do estilo de escrita do autor, inicialmente eu pensava que a tradução tinha que conservar muito a semelhança do vocabulário, mesmo entendendo que é difícil a tradução literal. **Me incomodou um tempo o fato de considerar o tradutor um autor, mas depois do curso compreendi, e com o texto de Moreira isso ficou mais claro, que a tradução é um processo criativo**” (FCRF_ETL_2014).

“Não, minha opinião continua a mesma, porém com mais conhecimento sobre o assunto. Quando fui perguntada sobre, respondi que o ato tradutório envolvia **a visão de mundo do tradutor** e conhecimento da cultura. Durante todo o curso isso esteve presente na tradução como também a **criatividade, conhecimento**. Sabendo também que o ato de traduzir não é simplesmente transferir de uma língua para outra, envolve muito mais, podendo fazer mudanças no decorrer do ato para um bom entendimento” (ICC_ETL_2014).

“Fiquei encantada com os módulos, aprendi demais no decorrer do curso. Anteriormente a palavra tradução, ao meu ver, se relacionava ao sentido literal, no entanto, a bibliografia do curso ofereceu-nos outras lentes para visualizar qual é o papel do tradutor. **Que não é um mero ‘transferidor’ de palavras de um idioma para o outro de maneira mecânica, e sim alguém que pensa, interpreta e infere a partir de seu conhecimento externo da cultura em que esse texto irá integrar para sua melhor compreensão**” (JAM_ETL_2014).

“Sim, pois as técnicas e as atividades apresentadas durante o curso me deram uma visão mais ampla sobre o assunto. Para mim a tradução é fazer com que o que está em outra língua seja compreendido considerando os aspectos particulares da língua. **O papel do tradutor é muito mais amplo do que simplesmente traduzir**” (LM_ETL_2014).

“Sim, pois apesar de acreditar que uma boa tradução não seria ‘ao pé da letra’, **aprendi que tradução é também criação, que o tradutor tem que usar sua criatividade** para poder transmitir a mesma

mensagem do autor do texto para a língua na qual está traduzindo-o. Então, para isso o tradutor tem que ter o conhecimento da língua, mas também ter a capacidade de repassar o conteúdo para a realidade da língua a qual está sendo traduzido, para que assim seja entendido pelo leitor, **de maneira que pareça que o texto foi escrito naquele idioma**” (MXPP_ETL_2014).

“Acredito que a minha opinião mudou sim, pois os textos escolhidos foram muito relevantes para o meu conhecimento. **O que mais me impressionou foi saber que um tradutor é um ator ou um grande artista que deve representar o autor do texto original**, que deve passar ao público a mesma mensagem e despertar as mesmas emoções, caso seja um texto literário” (MCTS_ETL_2014).

“Sim. Percebi a importância da tradução e que **o conhecimento do tradutor faz o diferencial para o texto traduzido. O papel do tradutor é fundamental para que a obra original traduzida em outros idiomas não perca sua essência**” (MR_ETL_2014).

“Meu ponto de vista mudou muito. Tinha uma noção errônea, pois o pouco que nesses nossos encontros percebi, que o ato tradutório não é, digamos, o que eu apresentava, como apenas fazer a adequação linguística, mas algo mais profundo. O tradutor além de ter o domínio da língua, tem que apresentar domínio em estruturas da escrita, no conhecimento da obra e do autor que a produziu. No geral, a tradução e o tradutor são atos mais elaborados e ou profundamente estudados para se obter um trabalho perfeito. Para concluir, cito Calvino: “... a tradução é um diálogo entre 2 idiomas que devem ser explorados pelo tradutor, para poder extrair a máxima **liberdade e criatividade possível**” (RAC_ETL_2014).

Verifica-se que as representações relacionadas ao trabalho do tradutor, que antes eram de discreta renúncia, de apagamento e de coadjuvante foram substituídas por noções de autoria e de criação. O tradutor não é mais um traidor relegado à obscuridade, ao que parece. Ele passa a ser um segundo autor, um coautor, cuja produção merece um *status* de arte.

A categoria seguinte demonstra que o contato com questões culturais em exercícios tradutórios permanece como parte das representações que os cursistas adquiriram e renovaram. Chamou-se atenção para a ligação inexorável entre língua e cultura e, portanto, a sua relevância na condução de uma tradução que se faça natural aos leitores da língua almejada:

Quadro 16. Categoria C de representações e respectivas falas dos cursistas no final do curso (grifos nossos)

Tradução e o componente cultural (5/23)

“Quando iniciei o curso, tinha uma ideia muito vaga do que fosse a tradução, apesar de saber das dificuldades para se traduzir, não conhecia nem de longe a complexidade que envolve o ato tradutório, e não tinha em mente a relação tão estreita entre o fazer tradução e o fazer literatura. E neste sentido, pude conceber a importância do papel do tradutor para o texto e para o leitor também, uma vez que tudo passa por ‘suas mãos’, ou seja, suas experiências de vida e de leitura, seu conhecimento sobre a língua e por consequência sobre a **cultura original em que o texto foi**

produzido” (AEF_ETL_2014).

“Acredito que meus conceitos sobre o ato tradutório, principalmente aplicado à tradução literária, foram ampliados. Continuo a ver a tradução como uma forma de interpretação e que traduzir é muito mais que a troca de palavras de um idioma para o outro e **envolve o conhecimento da cultura das línguas envolvidas e do assunto**. No início do curso eu pensava que a tradução literária necessitava de uma boa dose de "veia artística", mas agora, penso em competência tradutória artística, ato de recriação, de transcrição. Quanto ao papel do tradutor, sempre o vi como autor da obra traduzida” (FPGF_ETL_2014).

“Não, minha opinião continua a mesma, porém com mais conhecimento sobre o assunto. Quando fui perguntada sobre, respondi que o ato tradutório envolvia a visão de mundo do tradutor e **conhecimento da cultura**. Durante todo o curso isso esteve presente na tradução como também a criatividade, conhecimento. Sabendo também que o ato de traduzir não é simplesmente transferir de uma língua para outra, envolve muito mais, podendo fazer mudanças no decorrer do ato para um bom entendimento” (ICC_ETL_2014).

“Fiquei encantada com os módulos, aprendi demais no decorrer do curso. Anteriormente a palavra tradução, ao meu ver, se relacionava ao sentido literal, no entanto, a bibliografia do curso ofereceu-nos outras lentes para visualizar qual é o papel do tradutor. Que não é um mero ‘transferidor’ de palavras de um idioma para o outro de maneira mecânica, e sim alguém que pensa, interpreta e infere a partir de seu **conhecimento externo da cultura em que esse texto irá integrar para sua melhor compreensão**” (JAM_ETL_2014).

“O papel do tradutor é transmitir uma mensagem de uma língua para outra, pensando nos leitores que não tem conhecimento sobre essa primeira língua. Mas seu papel não é transcrever palavra por palavra, é transmitir ideias e sentimentos. Pensando nisso, ele precisa ter um grande conhecimento das línguas com as quais trabalha, não apenas a gramáticas, mas expressões idiomáticas específicas. **E deve conhecer a realidade cultural dos países, pois a língua é parte da cultura**. Tudo isso é necessário para transmitir as imagens do texto original. Não se trata de uma reescrita, mas de conferir ao texto original figuras que façam sentido para os leitores da língua dois” (MBM_ETL_2014).

“Após as leituras e atividades realizadas durante o período do curso, vejo a tradução hoje como **significados de algumas palavras sem mudar o objetivo do texto original**. E o papel do tradutor é deixar o amor revelar seu vocabulário de maneira simples e envolvente” (RCSA_ETL_2014).

Por fim, nenhuma das respostas nos soou ainda essencialmente logocentrista, por mais que se encontrem elementos positivistas em uma frase ou outra, então essa categoria não foi replicada. Três das respostas não puderam ser classificadas porque o conteúdo não construía uma posição clara frente à indagação:

Quadro 17. Falas não categorizadas dos cursistas no final do curso (grifos nossos)

Não categorizadas (3/23)

“Certamente minha visão e entendimento mudou. Este curso me fez olhar amplamente o que o processo tradutório envolve. Eu não fazia ideia de que poderíamos utilizar de diversas formas de tradução e que cada uma se adequa a um estilo de texto. Também faz parte do processo o estilo do tradutor que necessita estudar e especializar-se para o trabalho que mais lhe apraz, um exemplo disse sou eu mesma que não consigo me ver trabalhando com tradução poética, não gosto, não me sinto

preparada e confortável e certamente não faz parte da minha sensibilidade linguística” (TB_ETL_2014).

“Sim, pois não tinha pensado a tradução dentro de um mesmo idioma, nem que os autores originais aceitassem que seus textos fossem traduzidos com versões longe do original. Como a Rita Lee fez com a música dos Beatles, por exemplo” (SABLS_ETL_2014).

“Sim, minha opinião definitivamente mudou. Eu acreditava que a tradução apenas poderia ser feita de modo literal, respeitando exatamente a intenção do autor e a escolha das palavras dele. Após fazer o curso e as leituras indicadas, bem como as atividades, minha opinião mudou. Acredito que uma língua não seja tradução da outra, que os efeitos de sentido de cada idioma deve ser traduzido com palavras que os represente e faça sentido para a língua traduzida. Na poesia há muito mais a se considerar, como a métrica, a sonoridade, o ritmo, que não podem ser traduzidos” (CRS_ETL_2014).

Os alunos também foram indagados, na mesma avaliação final, quanto à influência das leituras teóricas para a construção de um novo conhecimento sobre tradução e tradução literária, mais especificamente. A pergunta era:

Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

O gráfico a seguir ilustra as respostas dadas pelos cursistas:



Gráfico 24. Leituras mais relevantes de acordo com os cursistas – 2014.

Enquanto cinco dos textos (Britto, Cintrão, Masini, Moreira e Pereira) receberam praticamente o mesmo número de citações, tendo relevância equilibrada para a turma, o material de Paz (1990) foi o mais votado. Talvez isso tenha se dado devido ao fato do texto ser a primeira leitura teórica do curso, já impactante por quebrar várias representações que os cursistas poderiam ter a respeito da tradução. Além disso, o autor é muito expressivo tanto na área de tradução quanto na de literatura. Outra possibilidade: o texto traça um histórico da tradução, fala de ato tradutório desde o aprendizado da fala da própria língua materna e, por fim, comenta a responsabilidade artística do tradutor (de poesia, no caso), tornando-se bastante abrangente e didático para os leitores.

Por fim, convidamos os cursistas a refletirem sobre esse novo conceito de tradução e as aulas de língua estrangeira no ensino fundamental e médio. Perguntamos se:

Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

O intuito era verificar se a representação a respeito do trabalho com tradução em sala de aula havia perdido o tom negativo e angariar argumentos que fortalecessem esse novo conceito.

Das 23 respostas postadas, 20 responderam afirmativamente ao primeiro questionamento e atestaram acreditar que a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula seria válida. Um(a) cursista foi reticente, um(a) não crê na validade desse tipo de atividade no contexto escolar atual e um(a) terceiro(a) não se ateve à indagação do enunciado em sua resposta.

Das 20 respostas positivas, podemos elencar as seguintes vantagens citadas:

Quadro 18. Pontos válidos citados pelos cursistas para o trabalho com tradução em sala

- “Aproximar o aluno da língua estrangeira em sala de aula”;
- “Familiaridade com a língua facilitada pela tradução”;
- “Entender que a tradução vai além de uma correspondência entre palavras,

que ela não carrega sozinha a compreensão de um material em língua estrangeira”;

- “Interagir com o texto, aprofundar-se em seu sentido, viver a experiência com o texto”;
- “Aprofundamento no texto como um todo, em pesquisas”;
- “Formação crítica dos alunos”;
- “Leitura significativa no idioma”;
- “Explorar a criatividade e a capacidade de ler e interpretar”;
- “O aluno(a) tem que ser consciente de que é um novo criador de um texto que poderá gerar emoção e conhecimento ao leitor”;
- “Desconstruir com algumas ideias que os alunos trazem sobre a tradução”;
- “Aproxima o aluno do mundo de opções que a tradução possui e efeitos de sentido que as palavras adquirem dentro de um idioma específico”;
- “Comunicação colocada em prática”;
- “Explorar a cultura”;
- “Contribuição de outra cultura”;
- “Apresenta ao aluno a vantagem de conhecer novos autores e suas obras que retratam outras realidades e outras maneiras de entender e interpretar a realidade da sociedade em que vivemos”;
- “Pensar em sua própria língua, cultura e conhecimento de mundo em comparação com a do outro”;
- “Enriqueceria os conhecimentos na língua, mas também incentivaria a criatividade dos alunos, o gosto pela escrita, o conhecimento de sua própria cultura”.
- “Trabalhar diversos gêneros textuais”;
- “Intertextualidade entre gêneros textuais”;
- “Exercícios estruturais”;
- “Análise de erros”;
- “Apresentar os erros comumente cometidos por traduções literais ou tradutores online”;
- “Aprendem mais vocabulário”;
- “A valorização de sentimentos agradáveis para a execução do trabalho, o estudo dos léxicos, gramáticas, sintaxes, obra e vida do autor e da literatura de sua época”;
- “Exercício de compreensão de significados”;

- “Produção textual”;
- “Como reproduzir a linguagem em outra mais próxima do cotidiano dos alunos”;
- “Ativa várias competências dos alunos”;
- “Se expressar com mais segurança em suas atividades”;
- “Faz os envolvidos no processo repensarem suas práticas”.

Falas de origem dos pontos listados (grifos nossos):

“Em minha opinião, se pensamos em metodologia, linguística aplicada ou qualquer outro nome que possa se dar para os processos incluídos no ensino-aprendizagem de uma nova língua, vários pontos são positivos e não devem ser deixados de lado. A transferência que pode ocorrer de uma língua a outra, **a análise de erros, os exercícios estruturais, a comunicação colocada em prática**, enfim, vários aspectos que possam ser considerados para uma aquisição positiva de uma língua: nesse ponto entra a questão da tradução, que também pode e deve ser abordada como uma das fases da aula. Exercícios envolvendo esse tipo de ação pode sim representar coisas positivas e que tragam bom desempenho ao aluno. O professor precisa apostar nesse tipo de abordagem na sala de aula e fazer suas experimentações, de modo a verificar o que se tornará mais ou menos positivo num processo de ensino” (FJPB_ETL_2014).

“Sim, o trabalho de tradução literária em sala de aula me parece bastante **rico para desconstruir com algumas ideias que os alunos trazem sobre a tradução**. Com um bom exercício de tradução, os alunos podem ser levados a **entender que a tradução vai além de uma correspondência entre palavras, que ela não carrega sozinha a compreensão de um material em língua estrangeira**, que ela necessita mais do que um dicionário etc. Além disso, **o trabalho de tradução faz com que os alunos quebrem a cabeça e assim aprendam mais vocabulário e pratiquem ainda mais o exercício de compreensão de significados**” (AFC_ETL_2014).

“Vejo como muito válida o trabalho com tradução em sala de aula pois isto poderia **aproximar o aluno da língua estrangeira em sala de aula**, há muita dificuldade e bloqueio entre alunos e textos estrangeiros no cotidiano das aulas, há medo, distanciamento. A tradução literária acaba por fascinar o estudante, dando-lhe oportunidade de conhecer a língua mas também **interagir com o texto, aprofundar-se em seu sentido, viver a experiência com o texto**” (AEF_ETL_2014).

“Além da imensa colaboração para **formação crítica dos alunos**, ao se propor que traduzam um texto, acredito que essa atividade enriqueceria muito, pois é possível **trabalhar diversos gêneros textuais, explorar a cultura, explorar a criatividade e a capacidade de ler e interpretar**” (ACSV_ETL_2014).

“Sim. Trabalhar com um texto como foi feito no curso, sem correção classificatória da produção (tradução), **aproxima o aluno do mundo de opções que a tradução possui**. Vai desde **apresentar os erros comumente cometidos por traduções literais ou tradutores online até os vários sentidos e efeitos de sentido que as palavras adquirem dentro de um idioma específico**. É proveitoso ter a experiência de trabalhar com idiomas e intencionalidades” (CRS_ETL_2014).

“Bem, diante de algumas novas ideias e reflexões, considero válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula se for acompanhada de todos os requisitos que para mim tornaram se fundamentais para o processo de tradução, tais como: **a valorização de sentimentos agradáveis para a execução do trabalho, o estudo dos léxicos, gramáticas, sintaxes, obra e vida do autor e da literatura de sua época. O aluno(a) tem que ser consciente de que é um novo criador de um**

texto que poderá gerar emoção e conhecimento ao leitor, bem como uma **leitura significativa no idioma compreensível**. Enfim, vantagens? Quando praticamos um aprendizado, articulamos o que já sabemos e temos a possibilidade de nos ampliarmos cognitivamente, aprimorando novas e antigas habilidades, aperfeiçoando conceitos e desenvolvendo práticas que estão sendo assimiladas” (CM_ETL_2014).

“Sim, porque esse tipo de atividade **ativa várias competências dos alunos**” (CCC_ETL_2014).

“Certamente a proposta é bem válida. Quebra paradigmas. **Faz os envolvidos no processo repensarem suas práticas** e modo de encarar a tradução de textos literários” (DLG_ETL_2014).

“Depois de ter feito este curso considero muito válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula, porque ela **apresenta ao aluno a vantagem de conhecer novos autores e suas obras que retratam outras realidades e outras maneiras de entender e interpretar a realidade da sociedade em que vivemos**” (EMJ_ETL_2014).

“Sim. É um **exercício de criatividade**, de tradução artística que foge da literalidade das palavras em prol do sentido” (FPGF_ETL_2014).

“Acredito que esse exercício traz aos alunos o contato e o estudo sobre outro idioma, **a contribuição de outra cultura**” (FAA_ETL_2014).

“Sim, sem dúvida. Conseguimos perceber que a tradução não deve ficar restrita ao sentido literal da palavra. Dessa forma o aluno consegue perceber que deve **compreender o contexto e usar a criatividade e um vocabulário condizente do leitor para que o texto seja compreendido fora de seu país de origem e muitas vezes até do tempo no qual foi escrito**” (FCRF_ETL_2014).

“Sim, além do trabalho de **aprofundamento no texto como um todo, em pesquisas**, o trabalho de tradução funcionaria **para desenvolver a habilidades crescimento do vocabulário, criatividade e conhecimento**” (ICC_ETL_2014).

“Com certeza, o trabalho de tradução literária deve ser sempre incentivado e praticado nas aulas não simplesmente como conteúdo, mas como algo prazeroso e que realmente faça sentido para o aluno. O maior benefício seria a **familiaridade com a língua facilitada pela tradução**” (LM_ETL_2014).

“Com certeza, é necessário primeiramente introduzir o que é realmente tradução, como deve ser feita, a importância da somatória do conhecimento da língua mais a criatividade do tradutor, a necessidade de traduzir elementos de acordo com a realidade cultural da língua a qual está sendo repassado o texto. Desta forma, o trabalho com tradução em sala de aula **enriqueceria os conhecimentos na língua, mas também incentivaria a criatividade dos alunos, o gosto pela escrita, o conhecimento de sua própria cultura**” (MXPP_ETL_2014).

“Com certeza sim. Nas aulas de língua portuguesa dá pra trabalhar, de uma forma mais fundamentada, com **intertextualidade entre gêneros textuais, análise de poesia** com questões referentes ao ‘que mensagem o autor quer passar’, **como reproduzir a linguagem em outra mais próxima do cotidiano dos alunos**, enfim... No momento de trabalhar sempre vou me lembrar de algo que aprendi no curso” (MTS_ETL_2014).

“Sim, pois acredito que com ele o aluno seja levado a **pensar em sua própria língua, cultura e conhecimento de mundo em comparação com a do outro**” (MBM_ETL_2014).

“Sim. A vantagem é que o educando passará a ampliar seu vocabulário e **se expressar com mais segurança em suas atividades**” (MR_ETL_2014).

“Com certeza será muito proveitoso em sala de aula. Eu escolheria trabalhar o texto original musica, com a tradução e a criação de uma nova tradução. Às vantagens para os educandos será inúmera, apesar de a aula ser lúdica, irá enriquecere-los **na produção textual, interpretação, vocabulário crítica gênero textual** etc.” (RCSA_ETL_2014).

“Nesse momento com um conhecimento melhorado sobre ato tradutório eu digo que trabalhar isso com nossos alunos é essencial, foi isso que me motivou fazer o curso, pois é necessário mostrar ao aluno que sua simples e ignorante tradução literal não é efetiva para sobreviver na atual situação do mundo onde o idioma inglês sempre foi e será o imperativo da abertura para o conhecimento. Aos alunos que trabalho hoje, mesmo sendo aulas individuais e particulares, envolvidos em seus diferente trabalhos e áreas profissionais diversas, colocarei que a tradução é importante ou não os proibirei de fazer uma tradução, mas os ensinarei como fazer, como entender seus contextos para seu próprio desenvolvimento. Vejo que há falhas no ensino de graduação de nossas instituições, pois como sou formada em Letras não aprendi nada a respeito de tradução em meu curso o que acredito ser uma lástima, uma perda muito grande, respeito o curso de Letras-Tradutor, mas é necessário conscientizar os futuros professores de idiomas nas escolas o que fazer e saber despertar em seus alunos a sua busca e orientá-los, o que não ocorre hoje em dia e na verdade causam traumas que impossibilitam e bloqueiam a aprendizagem do idioma estrangeiro. Falo com toda certeza pois vivencio isso com meus alunos” (TB_ETL_2014).

Os itens listados pelos cursistas como experiências válidas a partir do trabalho com tradução em sala de aula refletem questões fundamentais colocadas na proposta da presente tese: o ensino/aprendizagem de línguas deve levar em conta sua ligação inexorável com questões culturais, e tanto o aluno quanto o professor devem refletir sobre essa relação durante um processo intercultural de aprendizagem. Portanto, a tradução de canções e textos literários no ensino/aprendizagem de língua inglesa, por exemplo, poderia oferecer aos alunos a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas da língua estrangeira e portuguesa, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo e introduzindo-os ao pensamento crítico e ao trabalho criativo, além de possibilitar o contato com questões culturais dos países de língua inglesa a partir do estudo das letras de música e da literatura, ricas fontes de informação sobre questões socioculturais e históricas. Vale ressaltar que as conclusões dos cursistas foram próprias e elaboradas a partir da experiência como participante da atividade de extensão, já que não tiveram acesso direto aos fundamentos da tese de doutorado da professora-tutora.

Apenas para complementar e mostrar o outro lado da discussão, o(a) cursista que compartilhou algumas ressalvas disse o seguinte:

Naturalmente, isso vai depender muito do nível da classe, e a proposta da escola em questão. Atualmente vivemos em uma época de promessas bastante ambiciosas, como por exemplo que a criança termine o ensino

médio fluente, se esse é o objetivo central da escola torna-se incoerente incluir também os trabalhos de tradução literária, porém havendo tempo hábil é assaz importante que o educando tenha contato com o ato tradutório pois assim compreenderá um mundo que se encontra atrás daquela tradução X ou Y que ele lê (JAM_ETL_2014).

Por sua vez, o(a) único(a) participante a declarar que não vê viabilidade no trabalho com tradução em sala de aula, justificou a resposta da seguinte forma:

Não consigo ver o ato tradutório em sala de aula uma atividade produtiva. Hoje, a tecnologia fez com que nossos alunos se desinteressassem em perder tempo, para aprender estruturas, palavras e sentido em um texto, em língua não materna. Por ser uma juventude imediatista, eles não focam o aprendizado futuro, assim cada estrutura, palavra ou mesmo música traduzida, visando um aprendizado mais significativo, tornou-se um processo superficial. São raros os alunos que conseguem conectar uma estrutura e utilizá-la em outro momento. Deparo com certas resistências, que as denomino como Imediatista, pois só servem para aquele momento e após o seu uso e ou entendimento, não as utilizam mais. Dessa forma, seja a faixa etária que for, procuro mais fazê-los a se comunicar e subentender a estrutura da língua juntamente com o contexto, do que própria a tradução. (RAC_ETL_2014).

Ambos(as) citaram o contexto escolar como justificativa para a inviabilidade do trabalho com tradução em sala de aula. Não chegaram, então, a criticar o ato tradutório como ferramenta didática para o ensino/aprendizagem de línguas, mas as condições de trabalho que tornam propostas mais complexas ou audaciosas um tanto inviáveis.

Depois das questões sobre o ato tradutório e sua aplicabilidade em sala de aula, ainda havia uma questão na avaliação final que pedia, então, que os cursistas sugerissem planos de aula, os aplicassem em suas turmas quando havia a possibilidade e comentassem os resultados pretendidos e os atingidos. O enunciado dessa tarefa era o seguinte:

Como antecipado no Módulo 5, vocês deverão apresentar um plano de atividade ou de aula + reflexão sobre a tradução em suas aulas, podendo focar em:

- *Tradução intralingual (para quem está só com turmas de português);*
- *Interlingual (para quem prefere trabalhar com língua estrangeira);*
- *Intergêneros (passar um texto de um gênero textual para outro, como o nome diz, caso estejam com turmas de produção de texto).*

Os seguintes itens devem constar no plano de atividade ou de aula:

1. *Tema (título da aula, de acordo com seu conteúdo);*

2. *Objetivos;*
3. *Conteúdo (conteúdo programático a ser trabalhado);*
4. *Duração;*
5. *Recursos (materiais ou recursos tecnológicos necessários para aplicação da aula);*
6. *Metodologia (descrição dos passos para aplicação da atividade);*
7. *Resultados esperados (para quem não conseguiu aplicar a atividade) ou Avaliação (para quem aplicou a atividade em sala de aula).*

Das 23 atividades propostas, separamos dez e as inserimos como anexos da presente tese porque consideramos que tais planos de aula traziam alguma inovação em relação às sugestões postadas no AVA pela própria professora-tutora.

Para concluir, assim como na oferta de 2012, os cursistas foram convidados a refletir sobre a experiência de participação na atividade de extensão *online* via diário reflexivo. As questões eram as mesmas da aplicação anterior, e uma delas tratava da influência que o curso poderia ter em suas futuras atividades profissionais:

O que você leva dessa experiência para a sua vida profissional?

Utilizando novamente o recurso da nuvem de palavras, chegamos a essa configuração:



Figura 46. Nuvem de palavras – o que levamos do curso para a vida profissional?

Todos os cursistas expressaram opiniões positivas sobre o curso e indicaram que a experiência reflexiva sobre língua, cultura, tradução e literatura seria útil e aplicável em

suas carreiras docentes. Muitos se interessaram pelas concepções mais abrangentes de tradução, como colocadas por Jakobson (2008), e pela faceta intergêneros do exercício tradutório.

Dessa forma, após termos exposto falas dos cursistas em pontos específicos do processo da atividade de extensão, retomamos as perguntas norteadoras da pesquisa para verificarmos quais foram as respostas obtidas:

1. Que concepção professores em formação e em serviço revelam em relação à tradução? Eles consideram a tradução literária como escolha pedagógica para promover a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos alunos? Se não, após leituras e discussões teóricas, é possível que eles mudem de opinião?
2. A tradução literária poderia ser utilizada efetivamente em sala de aula? Como?

Quanto à primeira pergunta, como já afirmado anteriormente, foi possível verificar que muitos professores em serviço (alguns com anos de experiência) que se inscreveram no curso oferecido possuíam a mesma representação de tradução que os alunos de Ensino Fundamental e graduandos que participaram dos momentos iniciais da presente pesquisa: traduzir é passar um texto de uma língua para outra. Devido a essa noção de certa forma simplista e às representações construídas pela experiência discente em escolas regulares, escolas de idiomas e cursos de graduação, muitos professores não pensavam nas possibilidades do uso de tradução em sala de aula porque, de certa forma, pensavam ser uma prática condenada que, no final das contas, apenas tornava o aluno dependente do dicionário. Após as leituras, discussões e exercícios de prática propostos pelo curso, as opiniões se mostraram, todavia, bastante diferentes, e as representações dos cursistas passaram a incluir a questão da tradução como trabalho artístico que envolve muito mais que a passagem de significados de uma língua para outra.

Quanto à segunda pergunta, o uso da tradução literária (seja com textos escritos, imagens, músicas, vídeos, etc.) em sala de aula poderia ser empregado exatamente para fomentar a ideia da tradução como trabalho criativo, além de fornecer aos alunos o material para o desenvolvimento do pensamento crítico e para o conhecimento de outras culturas na prática da alteridade. O texto literário fornece oportunidades maiores de

encontrarmos nuances culturais, intertextualidades, jogo de palavras, possibilidades de interpretação e trabalho intergêneros.

É possível crer, enfim, que o curso atingiu seus objetivos na medida em que trouxe aos professores um novo horizonte para o uso da tradução como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas e para a formação geral do estudante como cidadão crítico e atuante no mundo globalizado.

Nas considerações finais, comentaremos as conclusões finais obtidas após o período de estudos teóricos, elaboração e aplicação dos cursos, escolha do recorte para análise, organização e análise dos dados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) o processo de 'reinserção e de realocação que a diferença cultural requer' não ter por objetivo a manutenção do status quo; mas se constitui numa dinâmica que faz de cada professor de língua um agente de mudança social (KRAMSCH, 2009, p. 130).

O lugar da tradução na formação em Letras é a peça que falta para completar um quadro em que teoria e prática, nas suas mais diversas configurações, interagem, estimulam a pesquisa autônoma e contribuem, assim, para a formação de uma reflexão crítica (AZENHA JUNIOR, 2006, p. 181).

A história que vivemos é uma escritura (...). Esta leitura é uma decifração, a tradução de uma tradução: jamais leremos o original. Toda versão é provisória: o texto muda sem cessar (embora talvez sempre diga o mesmo) (...). Toda tradução é uma criação, um texto novo... (PAZ, 1976, p. 241).

A partir da leitura do material teórico sobre tradução, tradução literária, representações sociais, ensino/aprendizagem de línguas e cultura e dos exemplos presentes na tradução comentada das obras de Katherine Mansfield e Alice Munro, além das atividades práticas e leituras teóricas propostas nos cursos na modalidade EaD, buscou-se apresentar aos leitores deste trabalho, da mesma forma que aos cursistas que participaram da atividade de extensão, as dificuldades e a importância da reflexão cultural e das escolhas do tradutor, fazendo do ato tradutório também um trabalho de teor artístico e literário, uma transcrição, e não uma mera transferência de significados imutáveis de uma língua para outra. É uma atividade que tem como base a essência e a produção de significados.

Por isso o tradutor, antes considerado pelos professores em serviço apenas um intermediário no ato tradutório, desempenhando papel secundário e inofensivo, passa a ser visto como um segundo autor, alguém que interpreta o texto "original" e nele, mesmo que inconscientemente, imprime suas perspectivas, sua visão de mundo, seu contexto histórico e social.

Em princípio podemos dizer que uma boa tradução decorre de uma boa interpretação, de uma boa leitura, e para que se torne um bom leitor, parece ser pertinente a qualquer pessoa, seja ela uma aspirante ao trabalho tradutório ou não, que conheça a cultura em que está inserido e também a cultura na qual se desenvolveu o autor lido. Talvez seja importante também se instruir sobre a biografia e bibliografia do autor com que se depara para

que se tenha uma ideia de seu contexto ideológico, histórico e social (contexto que não pode ser totalmente recuperado), embora essas não sejam necessariamente regras a serem seguidas, já que, como mencionado anteriormente, não existe regra ou receita para o ato tradutório.

Entendemos que, apesar de muitas traduções não serem acompanhadas de tantas notas como a de Ana Cristina Cesar (e aí estão envolvidas, por exemplo, até mesmo questões relativas ao mercado editorial, como economia de páginas ou de tempo) e as produzidas pela presente autora durante o projeto de Iniciação Científica, que os mesmos passos são seguidos e os mesmos percalços vencidos por todo tradutor de obras literárias.

Os exemplos apresentados são bastante singulares, mas servem exatamente como uma descrição do processo que muitas vezes se estabelece apenas nos bastidores, despercebido ao leitor padrão. Mesmo que “invisível” (e talvez por isso, segundo o que se comenta, pouco valorizado e mal remunerado) em uma leitura desavisada, é um trabalho, como esclarece e ilustra Cesar, que envolve pesquisa, investigação minuciosa, dúvida, conflitos internos, desafios, interpretações, leituras e mais leituras.

O texto produzido é, portanto, uma nova obra literária que carrega muito de seu tradutor consigo, muito de sua visão sobre o autor do texto original, seu entendimento de literatura em geral, seu conhecimento sobre os mecanismos da língua estrangeira e da sua língua materna, sua análise dos contextos culturais, sociais e históricos.

Há, como se pode notar nos dados apresentados, certo distanciamento dos professores de línguas no que concerne aos exercícios tradutórios. A fala de Campos (2013a, p. 17) acaba por concentrar os objetivos e a justificativa para o trabalho com os professores em serviço proposto neste projeto:

O problema da tradução criativa só se resolve, em casos ideais, a nosso ver, com o trabalho de equipe, juntando para um alvo comum linguistas e poetas iniciados na língua a ser traduzida. É preciso que a barreira entre artistas e professores de língua seja substituída por uma cooperação fértil, mas para esse fim é necessário que o artista (poeta ou prosador) tenha da tradução uma ideia correta, como labor altamente especializado, que requer uma dedicação amorosa e pertinaz, e que, de sua parte, o professor de língua tenha aquilo que Eliot chamou de “olho criativo”, isto é, não esteja bitolado por preconceitos acadêmicos, mas sim encontre na colaboração para a recriação de uma obra de arte verbal aquele júbilo particular que vem de uma beleza não para contemplação, mas de uma beleza para a ação e em ação (CAMPOS, 2013a, p. 17).

Aproveitamos, então, para resgatar os objetivos da presente pesquisa:

- Investigar que concepção professores em formação e em serviço têm em relação à tradução. Verificar se consideram a tradução literária como escolha pedagógica para promover a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos alunos. Analisar se, após leituras e discussões teóricas, é possível que eles mudem de opinião em relação ao trabalho com tradução em suas salas de aula;
- Analisar de que forma a tradução literária poderia ser utilizada em sala de aula.

Após o longo trabalho de desenvolvimento de todas as etapas do presente trabalho, é possível considerar como cumprido o primeiro objetivo, visto que os dados obtidos via questionários abertos e diário reflexivo trouxeram indícios que revelaram quais eram as concepções (que, depois da leitura de Moscovici (1997; 2013) e Jodelet (1997), identificamos como representações sociais) que os professores em serviço carregavam a respeito do ato tradutório e do trabalho com tradução em sala de aula.

Da mesma forma, concluiu-se, após a aplicação do curso a distância, que leituras teóricas, atividades práticas e discussões coletivas contribuíram para que as representações anteriores – tradução literal, tradutor como coadjuvante e ato tradutório como assunto tabu na área de ensino/aprendizagem de línguas – fossem revistas em prol de uma noção de tradução mais livre, que favorece o trabalho criativo, crítico e a alteridade cultural.

Quanto ao uso da tradução literária em sala de aula, como também demonstrado em quadro anterior, ressalta-se o fato dos professores em serviço terem compartilhado, após o processo formativo do curso, várias competências que podem ser trabalhadas a partir da tradução, desde o enriquecimento de vocabulário até o trabalho com produção textual. Tal objetivo também teria sido alcançado, então.

Em suma, a análise dos dados nos conduz à conclusão de que muitos professores baseiam-se numa visão logocêntrica/positivista de tradução e que isso acontece devido às representações que tais docentes carregam. Essas representações são construídas a partir da interação social (inclui-se aqui, além da comunicação verbal, mídia, literatura, textos acadêmicos, material didático, Internet, etc.) e se deslocam de um indivíduo para outro do grupo. Por esse caráter dinâmico e volátil que se pode conferir às representações sociais, é certamente difícil atestar como foi formada e de onde vem a representação de tradução manifestada inicialmente pelos professores em serviço. Dessa forma, o que podemos fazer é formular hipóteses: o professor, por falta de contato formal com o conteúdo na ocasião de sua

formação universitária ou pela carência de fontes variadas, pode ainda guardar a representação que adquiriu quando estudante. A representação pode até mesmo ser uma consequência de experiências escolares desmotivadoras, como atividades de tradução maçantes, sem propósito algum além do uso mecânico do dicionário. Quando licenciando, ele pode ter ouvido de seus professores que o trabalho com tradução em sala de aula era superficial e simplista, fazendo com que os estudantes ficassem dependentes da consulta ao dicionário bilíngue.

A mídia também pode contribuir para essa representação. Em propagandas de algumas escolas, a tradução, então apresentada como literal, ganha contornos cômicos e passa a representar o fracasso nas tentativas de comunicação em uma língua estrangeira. Na Internet, os tradutores automáticos são cada vez mais procurados e há usuários que confiam piamente na ferramenta, a ponto de acreditar que um texto feito no Google Tradutor, por exemplo, não precisa de revisão⁹².

Como últimas ponderações, podemos dizer que os objetivos foram completados não única e simplesmente porque as representações dos professores em serviço apresentaram mudanças (afinal, elas sempre mudam e o curso ofereceu muito material que poderia influenciá-los nesse sentido), mas porque o curso forneceu aos professores a oportunidade de reflexão sobre suas práticas docentes por meio da discussão a respeito da tradução inserida, depois de praticamente banida, no meio escolar.

Acreditamos que uma visão mais fechada do ato tradutório, a tradução literal, não colabora para uma reflexão epilinguística e metalinguística mais móvel e dinâmica da linguagem, visto que não fomenta a reflexão ao buscar a reprodução de significados, um trabalho quase mecânico. Na tradução literal, o dicionário pode ser considerado a ferramenta mais importante, enquanto que na tradução como transcrição, a fonte principal seria o próprio tradutor (e toda a sua bagagem de conhecimento).

Pretendemos, então, oferecer aos professores uma visão mais livre e criativa de tradução que pudesse ser mais fértil no sentido de possibilitar e fomentar a comparação entre línguas (culturas), entre estruturas linguísticas, mobilizando, com isso, a consciência metalinguística. Por isso a tradução inserida no ensino/aprendizagem de línguas deve ser vista como uma ferramenta que, ao invés de prender, liberta: ela fornece a oportunidade de

⁹² Uma ressalva: é justo dar certo crédito que essa ferramenta, que vem sendo aperfeiçoada nos últimos anos e hoje já possui um grau satisfatório de eficiência, mas ainda necessita de revisão e adequação dos textos produzidos.

conhecimento e interação com o outro, de reflexão crítica e produção criativa tão necessária à formação dos estudantes como futuros cidadãos do mundo.

Portanto, cremos ser muito interessante a proposta da inserção de disciplinas de tradução e tradução literária, ou estudos de tradução, nos cursos de licenciatura em Letras, de forma a criar novas perspectivas quanto ao trabalho conjunto de ensino/aprendizagem da língua materna e estrangeira a partir da reflexão e comparação entre léxico, estruturas e elementos culturais.

Por fim, de um modo geral, além dos objetivos recém-comentados, a intenção foi contribuir para a disseminação das práticas de leitura de vários gêneros textuais, para a valorização do trabalho de tradução e do tradutor, para o processo formativo reflexivo de professores em serviço e para que a área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira e língua materna se expanda ainda mais, buscando melhores panoramas para o ensino/aprendizagem de línguas no Brasil.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J. C. *Alguns significados do ensino comunicativo de línguas*. Campinas: UNICAMP/Mimeo, 1991.

ALMEIDA FILHO, J. C. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes Editores, 1993.

ALMEIDA FILHO, J. C. Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (Org.). *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora UnB, 2002.

ALMEIDA FILHO, J. C. *Linguística aplicada – Ensino de línguas e comunicação*. Campinas: Pontes Editores, 2009a.

ALMEIDA FILHO, J. C. Análise de abordagem como elemento fundador de autoconhecimento e mudança para o professor de língua estrangeira. In: _____ (Org.). *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes Editores, 2009b.

ALONSO, M.; ALEGRETTI, S. M. de M. Introduzindo a pesquisa na formação de professores a distância. In: VALENTE, J. A.; PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M. E. B. de. *Educação a distância via internet*. São Paulo: Avercamp, 2003, p. 163-174.

ALVARENGA, M. B. Configuração da abordagem de ensinar de um professor com reconhecido nível teórico em linguística aplicada. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org.). *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

ALVES-BEZERRA, W. Da tradução como criação e como crítica: rumo à caracterização de um Quiroga brasileiro. *Olhar*. Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. Ano 11. Número 20 (Jan-Jul/2009). São Carlos: UFSCar, 2009.

ANTOLOGIA da Rã. *Caqui* – Revista Brasileira de Haikai. Disponível em: <http://www.kakinet.com/caqui/furuike.shtml>. Acesso em: 16 jun. 2011.

ARROJO, R (Org.). *O Signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992, p. 67-70.

ARROJO, R. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editorial, 1993.

ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Editora Ática, 2002.

ASCHER, N. Augusto de Campos – percurso poético. *Revista e*, SESC, São Paulo, n. 10, ano 17, p. 39-41, abr. 2011.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, 5.1 (v.5, n.1). São Paulo: Humanitas, 1998, p.99-128.

AZENHA JUNIOR, J. O lugar da tradução na formação em Letras: algumas reflexões. *Cadernos de Tradução* (UFSC), v. 17, p. 157-188, 2006.

BARBOSA, L. M. de A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. *Filologia e Linguística Portuguesa*, no. 10-11, p. 31-41, 2009.

BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R; BLANCO, M. *O mercado de trabalho para professores no Brasil*.

Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200106325.pdf>. Acesso em: 18 set. 2014.

BASSO, E. A. *A construção social das competências necessárias ao professor de língua estrangeira: entre o real e o ideal, um curso de Letras em estudo*. 2001. 336f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

BENJAMIN, W. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: BRANCO, L. C. (org.). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 66-81. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/atarefadotradutor-site.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2013.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 2005, p. 284-293.

BERMAN, A. *A tradução e a letra – ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em: 19 dez. 2014.

BRITTO, P. H. Som, ritmo, sentido: a arte de traduzir poesia. Sobre cultura. *Revista Ciência Hoje*. Março, 2012.

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. New Jersey: Prentice Hall, 2001.

BYRAM, M.; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. *Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers*. Disponível em: http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/source/guide_dimintercult_en.pdf. Acesso em: 07 jun. 2011.

CAMERON, D. et al. *Researching language: issues of power and method*. London and New York: Routledge, 1992.

CAMPOS, H. de. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Org.). *Haroldo de Campos – transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013a, p. 1-18.

CAMPOS, H. Tradução: fantasia e fingimento. In: TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Org.). *Haroldo de Campos – transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013b, p. 27-36.

CAMPOS, H. Tradução e reconfiguração: o tradutor como transfigidor. In: TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Org.). *Haroldo de Campos – transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013c, p. 109-130.

CARROLL, L. *Alice's adventures in Wonderland*. Disponível em: www.alice-in-wonderland.net. Acesso em: 20 ago. 2011.

CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Clélia Regina Ramos. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>. Acesso em: 20 ago. 2011.

CESAR, A. C. *Crítica e tradução*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CINTRÃO, H. P. Gilberto Gil e Haroldo de Campos: in(con)fluências, transcrição da canção. *Revista de Letras*, São Paulo, v.47, n.1, p.129-153, jan./jun. 2007.

CLAUS, M. M. K. *A formação da competência teórica do professor de língua estrangeira: O que revelam os estágios*. 2005. 135 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CORACINI, M. J. Discurso sobre tradução: aspectos da configuração identitária do tradutor. In: _____. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade – línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 165-182.

DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. Apresentação. In: _____. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, P. (Org.). *Tradução, a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.

DICKENS, C. *Oliver Twist*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/730>. Acesso em: 10 abril 2011.

DICKENS, C. *Oliver Twist*. Tradução de Machado de Assis. Disponível em: <http://www.superdownloads.com.br/download/185/oliver-twist-machado-de-assis/>. Acesso em: 10 abril 2011.

DOISE, W. Attitudes et représentations sociales. In: JODELET, D. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 5a. édition, p. 240-258.

ECO, U. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, M. Provérbios modernizados. In: _____. *Lições de um ignorante*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1967.

FRANCO, M. L. *Análise de conteúdo*. Brasília: Liber Livro, 2005.

GADOTTI, M. Conclusão: desafios da educação pós-moderna. In: _____. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 37-100.

GILLY, M. Les représentations sociales dans le champ éducatif. In: JODELET, D. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 5a. édition, p. 383-406.

GIMENEZ, T. “*Eles comem cornflakes, nós comemos pão com manteiga*”: espaços para reflexão sobre cultura na aula de língua estrangeira. 2008. Disponível em: http://people.ufpr.br/~marizalmeida/celem_11/arquivos/UNIDADE%201%20%20Cornflakes_GIMENEZ.pdf. Acesso em: 19 dez. 2014.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, A. de F. *A voz da mulher no contexto tradutório: análise da tradução de “Bliss”, de Katherine Mansfield, para o português, por Ana Cristina Cesar*. 2006. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2006.

GRIGOLETTO, M. A constituição do sentido em teorias de leitura e a perspectiva desconstrutivista. In: ARROJO, R. (Org.). *O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992, p.93-97.

GUERINI, A.; BARBOSA, T. V. R. (Org.). *Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

HARRÉ, R. Grammaire et lexiques, vecteurs des représentations sociales. In: JODELET, D. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 5a. édition, p. 147-169.

HOLMES, J. Research and the postmodern condition. In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. *Linguística aplicada: da aplicação de linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: Educ, 1992.

HURST, N. R. Ways and means of evaluating cultural content in coursebooks. In: BIZARRO, R. (Org.). *A escola e a diversidade cultural: multiculturalismo, interculturalismo e educação*. Porto: Areal Editores, 2006.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In : _____ (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 5a. édition, p. 47-78.

KANEKO-MARQUES, S. M. *Desenvolvimento de competências de professores de língua inglesa por meio de diários dialogados de aprendizagem*. 2007. 131 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

KEATS, J. *La belle dame sans merci*. Disponível em: <http://www.bartleby.com/126/55.html>. Acesso em: 25 mar. 2011.

KELLY, D. Planning and writing objectives/outcomes. In: _____. *A Handbook for Translator Trainers. A guide to reflective practice*. Manchester: St. Jerome, 2005. p. 20-41.

KRAMSCH, C. O componente cultural na linguística aplicada. Tradução de Lúcia Maria de Assunção Barbosa. In: *CONTEXTURAS – Ensino Crítico de Língua Inglesa*. São José do Rio Preto: APLIESP, 2009, no. 15, p.115.

KUHN, D. C. e S. *A tradução da prosa poética: "Bliss" de Katherine Mansfield em português*. Tese de Doutorado. 2003. 154f. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, São Paulo, 2003.

KUMARAVADIVELU, B. The postmethod condition: (E)merging strategies for second/foreign language teaching. *TESOL Quarterly*, vol. 28, No. 1 (Spring, 1994), p. 27-48.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. Second language acquisition research methodology. In: _____. *An introduction to second language acquisition research*. London, New York: Longman, 1991.

LEFEVERE, A. On the refraction of texts. In: SPARIOSU, M (ed.). *Mimesis in contemporary theory*. Vol. 1 - The literary and philosophical debate. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

LEFEVERE, A. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. New York: Routledge, 1992.

MACHADO, E. Formação de professores e educação a distância: um debate sobre a prática reflexiva no contexto de emancipação. In: VALENTE, J. A.; BUSTAMANTE, S. B. V. (Org.). *Educação a distância – prática e formação do profissional reflexivo*. São Paulo: Avercamp, 2009, p. 109-127.

MACIAS, D.; BENET, S. R.; REYNOSO, M. D. *Reevaluating the use of translation in the language classroom*. 2009. Disponível em: <http://www.uees.edu.ec/pdfs/webzine/REEVALUATING-THE-USE-OF-TRANSLATION-IN-THE-LANGUAGE-CLASSROOM-Sept-09.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2014.

MANSFIELD, K. Bliss. In: CESAR, A. C. *Crítica e tradução*. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 297-309.

MARTINS, M. S. C. Ethos, gêneros e questões identitárias. In: *D.E.L.T.A - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 23:1. São Paulo: EDUC, 2007, p. 27-43.

MARTINS, M. S. C. Ethos e estilo em textos produzidos na esfera acadêmica. In: SERRANI, S. (Org.). *Letramento, discurso e trabalho docente: uma homenagem a Angela Kleiman*. São Paulo: Ed. Hedra/Edidade, 2010.

MASINI, A. C. S. *Poesia e tradução: O papel e a importância da métrica regular na poesia; a tradução da poesia metrificada*. 2002. Disponível em: http://www.casadacultura.org/Literatura/Poesia/Poesia_Poetica_Verso_Artigos/Poesia_e_traducacao_palestra.html. Acesso em: 26 ago. 2014.

MILTON, J. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MOITA LOPES, L. P. da. Adaptando a validade teórica do conceito de interlíngua. In: _____. *Oficina de linguística aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 113-124.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: _____. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MOREIRA, M. E. R. Questões de tradução em Jorge Luis Borges e Italo Calvino. *ALEA*, v.11, no. 2, julho-dezembro 2009, p. 249-263.

MOSCOVICI, S. Des représentations collectives aux représentations sociales. In : JODELET, D. (Org.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, 5a. édition, p.79-103.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 10ª. edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

NIDA, E. Principles of correspondence. In: VENUTI, L. (Ed.). *The translation studies reader*. London: Routledge, 2000.

NITRINI, S. *Literatura comparada - História, Teoria e Crítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, L. P. Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes. *Linguagem e Ensino*. Vol. 3, No. 2, p. 49-59, 2000.

OTTONI, P. O papel da linguística e a relação teoria e prática no ensino da tradução. *TradTerm*, 4.1 (v.4, n.1). São Paulo: Humanitas, 1997, p.125-139.

OTTONI, P. *Tradução, a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.

PAZ, O. *O labirinto da solidão e post-scriptum*. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

- PAZ, O. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona, España: Tusquets Editores, 1990.
- PEREIRA, C. M. de C. *Transcrição: a tradução em jogo*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno06-15.html>. Acesso em: 01 abr. 2012.
- PERINI, M. A. Sobre língua, linguagem e linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. *ReVEL*. Vol. 8, n. 14, 2010. ISSN 1678-8931. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_perini.pdf. Acesso em: 03 mar. 2014.
- PIZZI, M. C. B. *O gênero conto em Lives of Girls and Women: o labirinto de vozes em "Heirs of the Living Body"*. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2007.
- PIZZI, M. C. B.; ROZENFELD, C. C. de F. Leitura, interpretação e transcrição: concepções do ato tradutório entre estudiosos da filosofia alemã. *EntreLínguas*. Araraquara, v.1, n.1, p.147-172, jan./jun. 2015.
- POE, E. A. *The black cat*. Disponível em: http://www.ibiblio.org/ebooks/Poe/Black_Cat.pdf. Acesso em: 13 mar. 2011.
- POE, E. A. *The purloined letter*. Disponível em: <http://xroads.virginia.edu/~hyper/poe/purloine.html>. Acesso em: 11 mar. 2014.
- PORTAL DOS PROFESSORES. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.portaldosprofessores.ufscar.br/quemSomos.jsp>. Acesso em: 19 set. 2014.
- PRABHU, N. S. There is no Best Method – Why? *TESOL Quarterly*, vol. 24, no. 2 (Summer, 1990), p. 161-176.
- PRADO, M. E. B. B.; ALMEIDA, M. E. B. de. Formação de educadores: fundamentos reflexivos para o contexto da educação a distância. In: VALENTE, J. A.; BUSTAMANTE, S. B. V. (Org.). *Educação a distância – prática e formação do profissional reflexivo*. São Paulo: Avercamp, 2009, p. 65-82.
- PYM, A. Redefining translation competence in an electronic age. In defense of a minimalist approach. *Meta*, v. 48 (4), p. 482-496, 2003. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/2003/v48/n4/008533ar.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012.
- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. Method: Approach, Design and Procedure. *TESOL Quarterly*, vol. 16, no. 2 (June, 1982), p. 153-168.
- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. *Approaches and methods in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Disponível em: <http://www.livrosgratis.net/download/167/Grande-Sertao—Veredas.html>. Acesso em: 10 set. 2011.

ROSA, J. G. *The Devil to pay in the backlands*. Translated by James L. Taylor and Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1963.

ROSA, J. G. *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

ROSA, J. G. *Gran sertón: veredas*. Disponível em: http://www.elpais.com/elpaismedia/ultima_hora/media/200912/19/cultura/20091219elpepicul_2_Pes_PDF.pdf. Acesso em: 10 set. 2011.

ROUXEL, A. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. Tradução de Neide Luzia de Rezende. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SÁ, L. F. F. Por uma topologia da tradução ou por re-constelações tipológicas. *Cadernos de tradução*. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Núcleo de Tradução - n.º 4 (1999), Florianópolis, 1996, p. 58-85.

SANTOS, C. B. dos. *Um assunto puxa o outro: a representação da coerência textual na formação do alfabetizador*. 2005. 169f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas, SP: UNICAMP, 2005.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (Org.). *Pesquisa educacional: qualidade-quantidade*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 07-110.

SCHILLER, P. Alteridade e resistência. *Revista e*, SESC, São Paulo, n. 10, ano 17, p. 37-39, abril 2011.

SELIGMANN-SILVA, M. *O local da diferença*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SHREVE, G. M. Cognition and evolution of translation competence. In: DANKS, J. H.; SHREVE, G. M.; FOUNTAINS, S. B.; McBEATH, M. K. (Org.). *Cognitive process in translation and interpreting*. Thousand Oaks: Sage, 1997. p. 120-136.

SZYMANSKI, H; ALMEIDA, L. R. de; PRANDINI, R. C. A. R. Perspectivas para a análise de entrevistas. In: _____. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Org.). *Haroldo de Campos – transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

TICKS, L. K. *(Re) configuração identitária de uma professora de língua inglesa por meio da pesquisa colaborativa*. 2008. Disponível em: http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/artigo08_2/luciane.pdf. Acesso em: 11 mar. 2014.

VENUTI, L. Translation, community, utopia. In: _____. (Ed.). *The translation studies reader*. London: Routledge, 2000.

VIANA, N. Pesquisa-ação e ensino/aprendizagem de língua estrangeira: das implicações educacionais e sócio-políticas ao percurso metodológico de investigação. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. da (Org.). *Linguística aplicada – Múltiplos olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2007.

VIEIRA, J. R. Duas leituras sobre “A tarefa do tradutor” de Walter Benjamin. *Cadernos de Tradução*. vol. 1. no. 1. UFSC, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5079/4540>. Acesso em: 20 set. 2014.

WHITMAN, W. *Sometimes with the one I love*. Disponível em : <http://www.bartleby.com/142/68.html>. Acesso em: 02 abr. 2011.

APÊNDICES e ANEXOS

Apêndice 1 – ACIEPE: Termo de consentimento	198
Apêndice 2 – ACIEPE: Questionário – Reflexões Iniciais	199
Apêndice 3 – ACIEPE: Avaliação Parcial	200
Apêndice 4 – ACIEPE: Avaliação Final	202
Apêndice 5 – MOODLE_2012: Inscrição	204
Apêndice 6 – MOODLE_2012: Cartaz de divulgação	206
Apêndice 7 – MOODLE_2012: Mapa de atividades	207
Apêndice 8 – MOODLE_2012: Reflexões iniciais (questionário)	210
Apêndice 9 – MOODLE_2012: Reflexões finais (diário)	211
Apêndice 10 – MOODLE_2012: Avaliação final	212
Apêndice 11 – MOODLE_2014: Inscrição	216
Apêndice 12 – MOODLE_2014: Divulgação	218
Apêndice 13 – MOODLE_2014: Avaliação final	219
Apêndice 14 - Tradução comentada de trechos do livro <i>Meu Vô Apolinário</i> , de Daniel Munduruku: reflexões sobre o ato tradutório e a literatura ameríndia	221
Anexo 1 – Reprodução do parecer final do Comitê de Ética	226
Anexo 2 - Levantamento de trabalhos acadêmicos que possuem algum elemento em comum com a presente tese	227
Anexo 3 – MOODLE_2012: fórum de apresentação	237
Anexo 4 – MOODLE_2014: fórum de apresentação	245
Anexo 5 – MOODLE_2014: questões iniciais da avaliação final	258
Anexo 6 – MOODLE_2014: atividades elaboradas por cursistas	271

APÊNDICE 1 – ACIEPE: TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Aos alunos universitários)

Venho convidá-lo(a), _____, a participar da pesquisa "A tradução literária como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas: uma interface entre as disciplinas de inglês e português". Você foi selecionado por estar regularmente matriculado no curso de _____ da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e por ter manifestado interesse em participar do grupo de estudos tradutórios oferecido como atividade extracurricular. Sua participação não é obrigatória. Assim sendo, a qualquer momento você pode desistir de sua participação e retirar seu consentimento referente ao desenvolvimento desta pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador, com seu curso de graduação ou com a própria universidade.

Os principais objetivos do presente projeto de pesquisa são:

- Investigar se e de que forma o trabalho de tradução literária promove a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos alunos;
- Analisar de que forma a tradução literária poderia ser utilizada em sala de aula;
- Contribuir para que a área de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira e Língua Materna possa expandir-se ainda mais, buscando melhores panoramas no ensino/aprendizagem de línguas no Brasil.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a questionários abertos (aplicados pela pesquisadora) que ocorrerão em período de aula e em participar dos encontros do grupo de estudos tradutórios. O teor das perguntas e as gravações em áudio se restringirão única e exclusivamente à participação em sala de aula nas mencionadas atividades.

Os riscos com relação a sua participação nesta pesquisa são mínimos, visto que as atividades serão única e exclusivamente de caráter pedagógico e adaptadas para o público-alvo ao qual serão dirigidas. Vale ressaltar que consideramos que haja riscos mínimos porque, dentro do processo de ensino-aprendizagem, são pressupostas mudanças mesmo que sutis de comportamento dos sujeitos envolvidos. No caso deste projeto, esperamos que os sujeitos modifiquem a relação que tinham anteriormente com a língua estrangeira. Não haverá, assim, qualquer risco a sua saúde. Além disso, você estará aprofundando-se em sua formação acadêmica e contribuindo para a busca por melhorias nas aulas de língua inglesa e portuguesa.

As informações e as gravações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo total sobre sua participação nesta. Os dados serão divulgados, mas não será possível identificar sua participação ou sua identidade, pois, em nenhum momento seu nome será solicitado, visto que nos comprometemos a criar nomes fictícios que não permitam sua identificação nas divulgações.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua a qualquer momento.

 Maria Claudia Bontempi Pizzi
 Alameda Joaquim José da Silva Xavier, no. 180
 CEP: 13.567-710 São Carlos-SP
 Tel: (16) 91771292
 e-mail: mclaudiapizzi@yahoo.com.br

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br.

São Carlos, ___/___/2011.

 Assinatura do pai/mãe ou responsável

 Assinatura do(a) coordenador(a) da atividade extracurricular

APÊNDICE 2 – ACIEPE: QUESTIONÁRIO – REFLEXÕES INICIAS

*Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Atividade Curricular de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão - ACIEPE*

ACIEPE: “Letramentos Múltiplos: Tradução Literária”

Docente: Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

Data: 16/03/2011

Reflexões Inicias

- 1- a) Quais são, até o momento, suas experiências em relação à tradução? Já participou de algum curso ou grupo de pesquisa sobre o assunto? Teve contato com arcabouço teórico relacionado ao tema?
- b) Quais são suas expectativas sobre a presente ACIEPE?

- 2- O que envolve, em sua opinião, o ato tradutório?

APÊNDICE 3 – ACIEPE: AVALIAÇÃO PARCIAL



Universidade Federal de São Carlos
 Centro de Educação e Ciências Humanas
 Atividade Curricular de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão - ACIEPE

ACIEPE: “Letramentos Múltiplos: Tradução Literária”

Docente: Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

Data: 11/05/2011

Atividade Avaliativa Intermediária

- 1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso, perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as aulas, leituras e exercícios tradutórios, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução?
- 2) Em *Traducción: Literatura y Literalidad*, Octavio Paz escreve que
 - a. “*Los descubrimientos de la antropología y la lingüística no condenan la traducción, sino cierta idea ingenua de la traducción. (...) No digo que la traducción literal sea imposible, sino que no es una traducción*” (1990, p.13). Como o autor explica essa definição? Você concorda com ele? Comente.
 - b. “*muchos poetas modernos afirman que la poesía es intraducible*” (1990, p. 15). O autor concorda com tal afirmação? Qual é a posição de Paz? E você, qual é a sua opinião a respeito?
- 3) Rosemary Arrojo, em “A tradução como paradigma dos intercâmbios intralingüísticos” afirma que “Erwin Theodor, por exemplo, chega a reconhecer que um processo de tradução pode ocorrer mesmo dentro de um mesmo sistema lingüístico” (1993, p. 53). Paz também escreve sobre o assunto. Comente.
- 4) Em “Exercícios de Tradução”, sexto capítulo de seu livro **Oficina de Tradução**, Arrojo comenta *Seven-sided poem*, o **Poema de Sete Faces** de Carlos Drummond de Andrade traduzido por Elizabeth Bishop. Escolha **uma** das opções abaixo (a **ou** b) e faça o mesmo tipo de exercício:

<p>a. Garota De Ipanema - Antônio Carlos Jobim / Vinícius de Moraes Olha que coisa mais linda Mais cheia de graça É ela menina Que vem e que passa Seu doce balanço, a caminho do mar Moça do corpo dourado Do sol de Ipanema O seu balançado é mais que um poema É a coisa mais linda que eu já vi passar Ah, porque estou tão sozinho Ah, porque tudo é tão triste Ah, a beleza que existe A beleza que não é só minha Que também passa sozinha Ah, se ela soubesse Que quando ela passa O mundo inteirinho se enche de graça E fica mais lindo Por causa do amor [Bis]</p>	<p>The girl from Ipanema – Jobim / V. de Moraes / Norman Gimbel Tall and tan and young and lovely The girl from Ipanema goes walking And when she passes, each one she passes goes "a-a-ah!" When she walks she's like a samba that Swings so cool and sways so gentle, That when she passes, each one she passes goes "a-a-ah!" Oh, but I watch her so sadly How can I tell her I love her? Yes, I would give my heart gladly But each day when she walks to the sea She looks straight ahead not at me Tall and tan and young and lovely The girl from Ipanema goes walking And when she passes I smile, but she doesn't see She just doesn't see No she doesn't see</p>
--	--

b. **The Raven**, by E. A. Poe

Once upon a midnight dreary,
while I pondered, weak and
weary,
Over many a quaint and curious
volume of forgotten lore,
While I nodded, nearly napping,
suddenly there came a tapping,
As of someone gently rapping,
rapping at my chamber door.
"Tis some visitor," I muttered,
"tapping at my chamber door;
Only this, and nothing more."

O Corvo, por E. A. Poe (trad.
de Fernando Pessoa)
Numa meia-noite agreste,
quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de
ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o
que parecia
O som de alguém que batia
levemente a meus umbrais.
"Uma visita", eu me disse, "está
batendo a meus umbrais.
É só isto, e nada mais."

O Corvo, por E. A. Poe (trad.
de Machado de Assis)
Em certo dia, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caíndo de sono e exausto de
fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina agora
morta,
la pensando, quando ouvi à
porta
Do meu quarto um soar
devagarinho,
E disse estas palavras tais:
"É alguém que me bate à porta
de mansinho;
Há de ser isso e nada mais"

- 5) O trecho abaixo foi retirado de **Oliver Twist**, de Charles Dickens. Traduza-o e comente suas escolhas tradutórias:

Chapter I

Treats of the place where Oliver Twist was born, and of the circumstances attending his birth.

Among other public buildings in a certain town, which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which I will assign no fictitious name, there is one anciently common to most towns, great or small: to wit, a workhouse; and in this workhouse was born; on a day and date which I need not trouble myself to repeat, in as much as it can be of no possible consequence to the reader, in this stage of the business at all events; the item of mortality whose name is prefixed to the head of this chapter.

Referências:

ARROJO, R. Exercícios de Tradução. **Oficina de Tradução** - A Teoria na Prática. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. A Tradução como Paradigma dos Intercâmbios Intralingüísticos. In: _____. **Tradução, Desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, pp.51-69.

DICKENS, C. **Oliver Twist**. Disponível em: <http://www.online-literature.com/dickens/olivertwist/2/>. Acesso em: 09 maio 2011.

JOBIM, A. C.; MORAES, V. de. **Garota de Ipanema**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/tom-jobim/20018/>. Acesso em: 09 maio 2011.

_____. **The Girl from Ipanema**. Versão de Norman Gimbel. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/tom-jobim/646525/>. Acesso em: 09 maio 2011.

PAZ, O. **Traducción: Literatura y Literalidad**. Barcelona, España: Tusquets Editores, 1990.

POE, E. A. **The Raven**. Inclui traduções de Fernando Pessoa e Machão de Assis. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/7237446/The-Raven-O-Corvo-O-Corvo>. Acesso em: 09 maio 2011.

APÊNDICE 4 – ACIEPE: AVALIAÇÃO FINAL



Universidade Federal de São Carlos
 Centro de Educação e Ciências Humanas
 Atividade Curricular de Integração, Ensino, Pesquisa e Extensão - ACIEPE

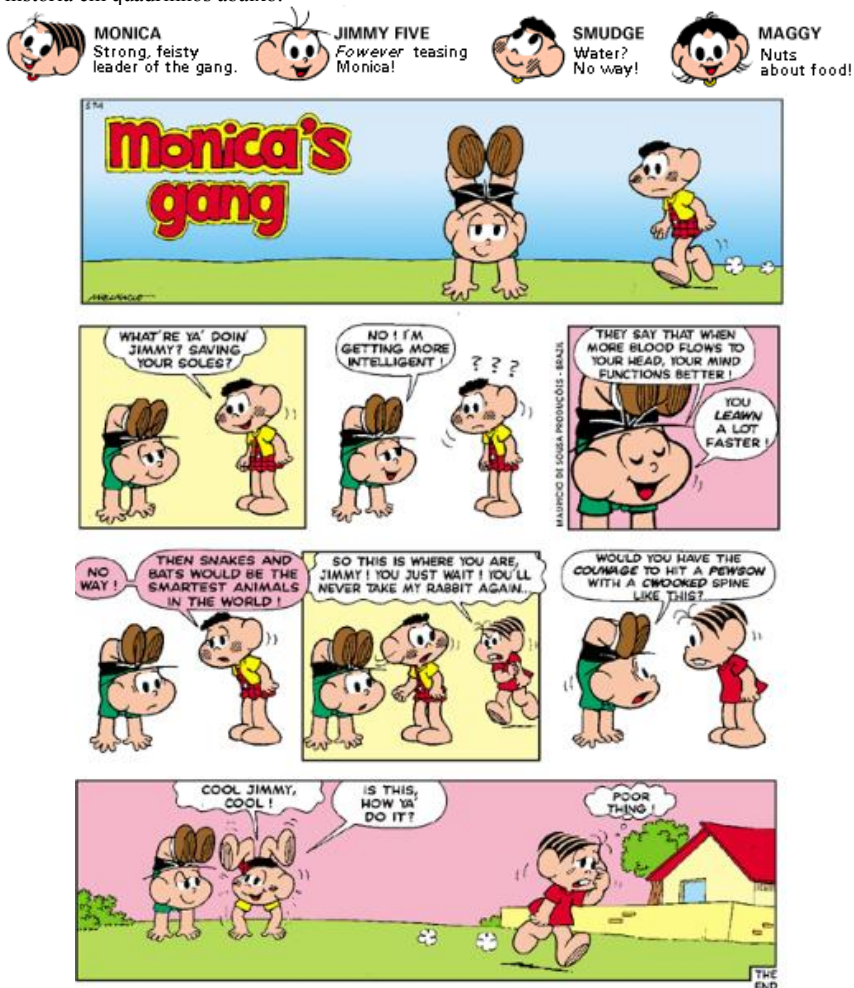
ACIEPE: “Letramentos Múltiplos: Tradução Literária”

Docente: Profª. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

Data: 15/06/2011

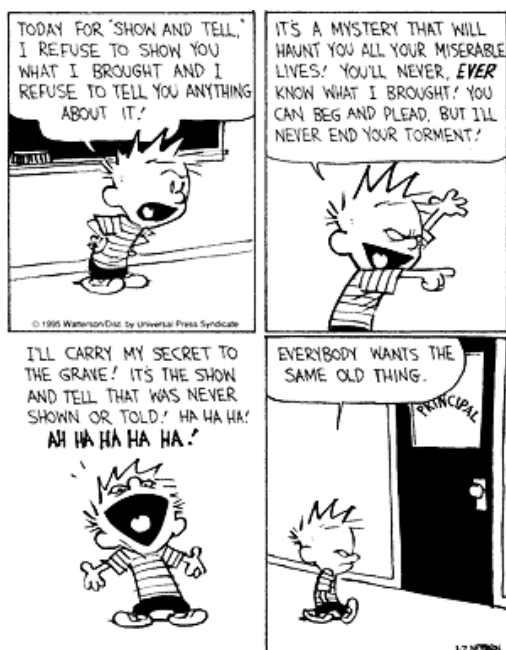
Atividade Avaliativa Final

- 6) De acordo com as questões discutidas durante o curso e com a palestra “O ofício da tradução literária-desafios e dissabores cotidianos em perspectiva comparada”, ministrada pelo Prof. Dr. Wilson Alves-Bezerra, cite situações que o tradutor pode enfrentar durante o processo de tradução literária.
- 7) Dos textos teóricos (Derrida, Paz e Arrojo) trabalhados na disciplina, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.
- 8) Levando em consideração o que foi trabalhado durante a ACIEPE, você, futuro professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria e como você o trabalharia em suas aulas?
- 9) Leia a história em quadrinhos abaixo:



A **Turma da Mônica** também conta com revistas em espanhol e em inglês. Comente, a partir do texto acima, as adaptações feitas para a publicação em língua inglesa.

- 10) Traduza a seguinte tira de **Calvin e Haroldo** (*Calvin and Hobbes*, de Bill Watterson) e comente suas escolhas tradutórias:



Referências:

SOUSA, M. de. **Monica's Gang**. Disponível em: <http://www.monica.com.br/ingles/index.htm>. Acesso em: 13 junho 2011.

WATTERSON, B. **Calvin and Hobbes**.

Disponível em: http://animeyume.com/blog_images/calvin_and_hobbes11.gif. Acesso em: 13 junho 2011.

APÊNDICE 5 – MOODLE_2012: INSCRIÇÃO

Atividade de Extensão – “Estudos em Tradução Literária” Ficha de Inscrição

OBS: A presente ficha deve ser preenchida, assinada, digitalizada (escaneada) e enviada para grupo.lettra@gmail.com.br para efetivação da inscrição.

Nome Completo: _____
Endereço: _____ **n°:** _____
Complemento: _____ **Cidade:** _____
Estado: _____ **CEP:** _____ **Fone: ()** _____
Idade: Data de nascimento: ____/____/____ **Naturalidade:** _____
E-mail: _____ **RG:** _____

Sexo:

<input type="checkbox"/>	1. Masculino
<input type="checkbox"/>	2. Feminino

Estado civil:

<input type="checkbox"/>	1. Solteiro (a)
<input type="checkbox"/>	2. Casado, mora com companheiro (a)
<input type="checkbox"/>	3. Separado (a), divorciado (a), viúvo (a)

Se professor, informe seu grau de atuação... e a disciplina que leciona:

<input type="checkbox"/>	1. Ensino Fundamental I (1ª a 4ª série)	<input type="checkbox"/>	1. Língua Portuguesa
<input type="checkbox"/>	2. Ensino Fundamental II (5ª a 8ª série)	<input type="checkbox"/>	2. Língua Inglesa
<input type="checkbox"/>	3. Ensino Médio		
<input type="checkbox"/>	4. Ensino Superior		
<input type="checkbox"/>	5. EJA (segmento I)		
<input type="checkbox"/>	6. EJA (segmento II)		
<input type="checkbox"/>	7. Escola ou Centro de Idiomas		

Nível de escolaridade...

e de proficiência em Língua Inglesa:

<input type="checkbox"/>	1. Ensino Médio Completo	<input type="checkbox"/>	1. Básico
<input type="checkbox"/>	2. Ensino Superior Incompleto	<input type="checkbox"/>	2. Pré-intermediário
<input type="checkbox"/>	3. Ensino Superior Completo	<input type="checkbox"/>	3. Intermediário
<input type="checkbox"/>	4. Pós-graduação - Especialização	<input type="checkbox"/>	4. Intermediário Superior
<input type="checkbox"/>	5. Pós-graduação - Mestrado	<input type="checkbox"/>	5. Avançado
<input type="checkbox"/>	6. Pós-graduação - Doutorado	<input type="checkbox"/>	6. Pós-Avançado (exemplo: possui o CPE)

Curso de Formação:

<input type="checkbox"/>	1. Magistério/Ensino Médio
<input type="checkbox"/>	2. Letras
<input type="checkbox"/>	3. Letras (Tradução)
<input type="checkbox"/>	4. Linguística
<input type="checkbox"/>	5. Pedagogia
<input type="checkbox"/>	6. Outros

Onde cursou a maior parte dos estudos:

<input type="checkbox"/>	1. Ensino público
<input type="checkbox"/>	2. Ensino privado

Termo de consentimento livre e esclarecido

Ao me inscrever na Atividade de Extensão “Estudos em Tradução Literária”, declaro estar ciente de que os conteúdos das discussões e atividades das quais participarei poderão ser utilizados como dados para a pesquisa da Profa. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (sob a orientação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins). Estou ciente de que as informações obtidas através desta atividade serão confidenciais e o sigilo total sobre minha participação nesta me foi garantido pelas pesquisadoras. Portanto, caso os dados sejam divulgados, não será possível identificar minha participação ou minha identidade, pois, em nenhum momento meu nome será solicitado, visto que as pesquisadoras se comprometem a criar nomes fictícios para as divulgações.


Nome do participante: _____

Data: ____/____/____

Assinatura do participante: _____

APÊNDICE 6 – MOODLE_2012: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO

Estudos em Tradução Literária

Curso virtual via plataforma  moodle

De 10 de abril a 05 de junho de 2012

A atividade de extensão "Estudos em Tradução Literária" oferecida pelo Departamento de Letras sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins é destinada a professores de inglês e/ou português do Ensino Fundamental e Médio e demais interessados na temática da tradução literária. As atividades, divididas em 8 módulos, serão desenvolvidas à distância via Plataforma Moodle de abril a junho de 2012, com a carga-horária total de 32 horas (dedicação de aproximadamente 4 horas semanais). A tradução de canções e textos literários se justifica porque oferece a possibilidade de reflexão sobre o léxico e as estruturas das línguas materna e estrangeira, além de propiciar o debate sobre questões culturais.

Inscrições de 23 de março a 06 de abril de 2012 – 25 vagas*

Os interessados deverão enviar um e-mail para grupo.leetra@gmail.com para que recebam o formulário de inscrição.

* Professores da rede pública terão prioridade, mas as vagas que sobram poderão ser ocupadas por alunos de cursos de graduação ou outros interessados. **Haverá emissão de certificado.**

APÊNDICE 7 – MOODLE_2012: MAPA DE ATIVIDADES

MAPA DE ATIVIDADES DA ATIVIDADE DE EXTENSÃO Curso: ESTUDOS EM TRADUÇÃO LITERÁRIA (ETL)

Professora: Profa. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi

Ementa: A atividade de extensão "Estudos em Tradução Literária" oferecida pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e desenvolvido pela Profa. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins é destinada a professores de inglês e/ou português do Ensino Fundamental e Médio e demais interessados na temática da tradução literária. A tradução de canções e textos literários se justifica academicamente porque oferece a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas das línguas materna e estrangeira, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo dos cursistas, introduzindo-os ao trabalho criativo, além de propiciar o debate sobre questões culturais. Outro fator que justifica a implementação da atividade no que diz respeito à sua relevância social, é a oportunidade que os professores participantes terão para discutir as formas como tais temas poderiam ser trabalhados em suas salas de aula.

Objetivos Gerais: O principal objetivo da presente atividade de extensão é promover a reflexão sobre a língua estrangeira estudada e, ao mesmo tempo, sobre a própria língua materna dos cursistas a partir de textos literários diversos. Dessa forma, os professores participantes poderão refletir sobre suas próprias práticas, sobre a forma como lidam com a tradução em suas salas de aula.

Data: 10/04 a 05/06/2012

Carga Horária Total prevista: 32 horas

Unidades/ Datas ou Período	Carga horária (em horas)	Tema (e subtemas)	Objetivos específicos	Atividades teóricas e Material de Estudo (recursos/formato)	Atividades práticas/avaliativas (ferramentas do Moodle)
Módulo Introdutório 10 a 17/04	4	<i>First Steps</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o arquivo Tutorial Moodle - Curso "Estudos em Tradução Literária" (ETL) postado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA); • Ler o texto Apresentação e Cronograma do curso; • Atualizar o perfil de usuário, seguindo as orientações do tutorial; • Se necessário, tirar dúvidas iniciais no Fórum de Dúvidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • First Steps (Texto informativo) • Tutorial Moodle - Curso "Estudos em Tradução Literária" (ETL) (PDF) • Apresentação - Profa. Maria Claudia B. Pizzi (PDF) <p>Fórum de Notícias (Fórum) Fórum de Dúvidas (Geral) (Fórum) Cafeteria (Fórum) Dicas de Leitura - Textos sobre Tradução (Fórum) Chat</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não há atividades avaliativas nesse módulo introdutório.
Módulo 1 13 a 17/04	4	<i>Getting to know each other & First thoughts about translation</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Participar de um fórum de apresentação para que todos os cursistas se conheçam melhor; • Responder a algumas questões iniciais sobre tradução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 1 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 1 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 1 – Fórum de Apresentação (Fórum) • Atividade 2 – Reflexões Iniciais (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 2 17 a 24/04	4	<i>On translation and the role of the</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir questões referentes à tradução e ao trabalho do tradutor; • Realizar primeiro exercício 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 2 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 3 – Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Octavio Paz) (Fórum)

		<i>translator</i>	de tradução.	<ul style="list-style-type: none"> • Texto para Atividade 3 – Octavio Paz (espanhol) (PDF) • Texto para Atividade 3 – Octavio Paz (inglês) (PDF) <p>—————</p> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 2 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 4 – Exercício de Tradução (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 3 24/04 a 01/05	4	<i>Translator as an author</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre o papel do tradutor: autor ou não?; • Realizar exercício de tradução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 3 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 6 – Paulo Henriques Britto (ler apenas trecho grifado em amarelo) (PDF) • Texto para Atividade 6 – Cristina M. de Castro Pereira (PDF) • Texto para Atividade 7 – Millôr Fernandes (PDF) <p>—————</p> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 3 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 5 – Fórum de discussão: “Traduzir-se” de Ferreira Gullar e o papel do tradutor (Fórum) – Contém <i>links</i> para vídeo e poema • Atividade 6 – Leitura e comentários sobre textos teóricos (Britto e Pereira) (tarefa – envio de arquivo) • Atividade 7 – Exercício de Tradução (Fórum)
Módulo 4 01 a 08/05	4	<i>Workshop 1: Songs</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir o trabalho de versões de músicas; • Revisar/reelaborar uma tradução literal feita para a internet. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 4 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 9 – Heloísa Pezza Cintrão (PDF) <p>—————</p> <p>Fórum de Dúvidas - Unidade 4 (Fórum)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 8 – Stevie Wonder por Gilberto Gil e Adilson Ramos (tarefa – envio de arquivo) - Contém <i>links</i> para vídeos e letras • Atividade 9 – Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Heloísa Pezza Cintrão) (Fórum) • Atividade 10 – Exercício de Tradução (tarefa – envio de arquivo) - Contém <i>links</i> para sites
Módulo 5 08 a 15/05	4	<i>Workshop 2: Poems</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a tradução de poemas; • Escolher entre a tradução de um poema ou a análise de traduções já publicadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 5 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 11 – Rosemary Arrojo (PDF) 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 11 – Leitura e discussão de texto teórico em fórum (Rosemary Arrojo) (Fórum) • Atividade 12 – Exercício de Análise ou de Prática de Tradução

				Fórum de Dúvidas - Unidade 5 (Fórum)	(tarefa – envio de arquivo)
Módulo 6 15 a 22/05	4	<i>Workshop 3: Narratives I</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a tradução de narrativas; • Realizar um exercício de tradução. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 6 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 14 – E. A. Poe (PDF) • Texto para Atividade 14 – J. L. Borges (PDF) <hr/> Fórum de Dúvidas - Unidade 6 (Fórum)	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 13– Leitura e comentários sobre texto teórico (Moreira) (tarefa – envio de arquivo) - Contém <i>link</i> para a revista online onde se encontra o texto teórico • Atividade 14 – Exercício de Tradução (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 7 22 a 29/05	4	<i>Workshop 4: Narratives II</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a tradução de narrativas; • Realizar um exercício de tradução comentada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 7 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) • Texto para Atividade 15 – Grande Sertão: Veredas (PDF) • Texto para Atividade 15 – The Devil to Pay in the Backlands (PDF) • Texto para Atividade 15 – Gran Sertón: Veredas (PDF) <hr/> Fórum de Dúvidas - Unidade 7 (Fórum)	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 15– Leitura e comentários sobre “Grande Sertão: Veredas” e traduções (Fórum) • Atividade 16 – Exercício de Tradução Comentada (tarefa – envio de arquivo)
Módulo 8 29/05 a 05/06	4	<i>Final comments</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar avaliação final; • Postar impressões sobre o curso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Unidade 8 – Comentários Iniciais (Texto Informativo) + Êxtase (Bliss): trechos da tradução comentada de A. C. Cesar (PDF) • Arquivo para Atividade 17 – Avaliação Final (PDF) • Comentários Finais e Agradecimentos (Texto Informativo) <hr/> Fórum de Dúvidas - Unidade 8 (Fórum)	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade 17 – Avaliação Final (tarefa – envio de arquivo) • Atividade 18 – Diário: impressões sobre o curso (Diário)

APÊNDICE 8 – MOODLE_2012: REFLEXÕES INICIAIS (QUESTIONÁRIO)

Olá, cursistas! 😊

Bem-vindos ao curso “Estudos em Tradução Literária”! A presente tarefa inicial tem o objetivo de coletar informações sobre o conhecimento prévio de vocês relacionado ao ato tradutório. Dessa forma, poderemos saber se a opinião de vocês mudará após as atividades propostas em nosso curso.

Vocês deverão responder às seguintes perguntas dissertativas e opinativas:

- 1) Quais são, até o momento, suas experiências em relação à tradução? Já participou de algum curso ou grupo de pesquisa sobre o assunto? Teve contato com arcabouço teórico relacionado ao tema?**
- 2) Quais são suas expectativas em relação ao presente curso?**
- 3) O que significa traduzir? O que envolve, em sua opinião, o ato tradutório?**

Elaborem a atividade em seus computadores usando um editor de texto (*Microsoft Word* e afins) e depois a postem no local indicado no ambiente para que sejam avaliadas por sua professora.

Não é necessário fazer nenhuma leitura ou pesquisa prévia. A atividade, por se tratar de uma pesquisa de opinião e, portanto, não lidar com “certo” e “errado”, não valerá nota, mas será levada em consideração para o compute da frequência de vocês.

Bom trabalho a todos! 😊

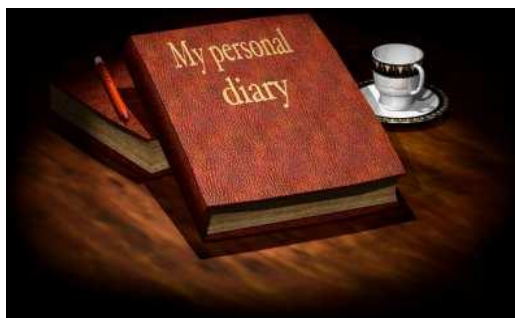
Obrigada pela atenção,

Profa. Maria Claudia

APÊNDICE 9 – MOODLE_2012: REFLEXÕES FINAIS (DIÁRIO)**Olá, cursistas**

Usaremos a **ferramenta Diário/Journal para a Atividade 18**, a última de nosso curso. **Vocês deverão fazer uma postagem** (que é privada, portanto apenas vocês e a professora responsável terão acesso ao conteúdo) **comentando os seguintes aspectos do curso:**

- 1) **Duração do curso;**
- 2) **Carga de atividades (carga-horária semanal);**
- 3) **Leituras teóricas;**
- 4) **Tarefas práticas;**
- 5) **Organização do curso e do ambiente virtual de aprendizagem (AVA);**
- 6) **Atuação da Professora;**
- 7) **Impressões gerais sobre o curso.**



Suas colocações nos ajudarão a avaliar a qualidade da presente Atividade de Extensão e a corrigir possíveis falhas em próximas ofertas.

Agradeço muito a atenção de todos vocês mais uma vez,

Maria Claudia 😊

APÊNDICE 10 – MOODLE_2012: AVALIAÇÃO FINAL



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas - Departamento de Letras
Pró-Reitora de Extensão

Atividade de Extensão: “Estudos em Tradução Literária” (01/2012)

Profa. Ms. Maria Cláudia Bontempi Pizzi (orientação: Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins)

Atividade Avaliativa Final

- 1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante as unidades, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?
- 2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Arrojo e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.
- 3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria e como você o trabalharia em suas aulas?
- 4) Em “Exercícios de Tradução”, sexto capítulo de seu livro **Oficina de Tradução**, Arrojo comenta *Seven-sided poem*, o **Poema de Sete Faces** de Carlos Drummond de Andrade traduzido por Elizabeth Bishop. Faça o mesmo tipo de exercício com:

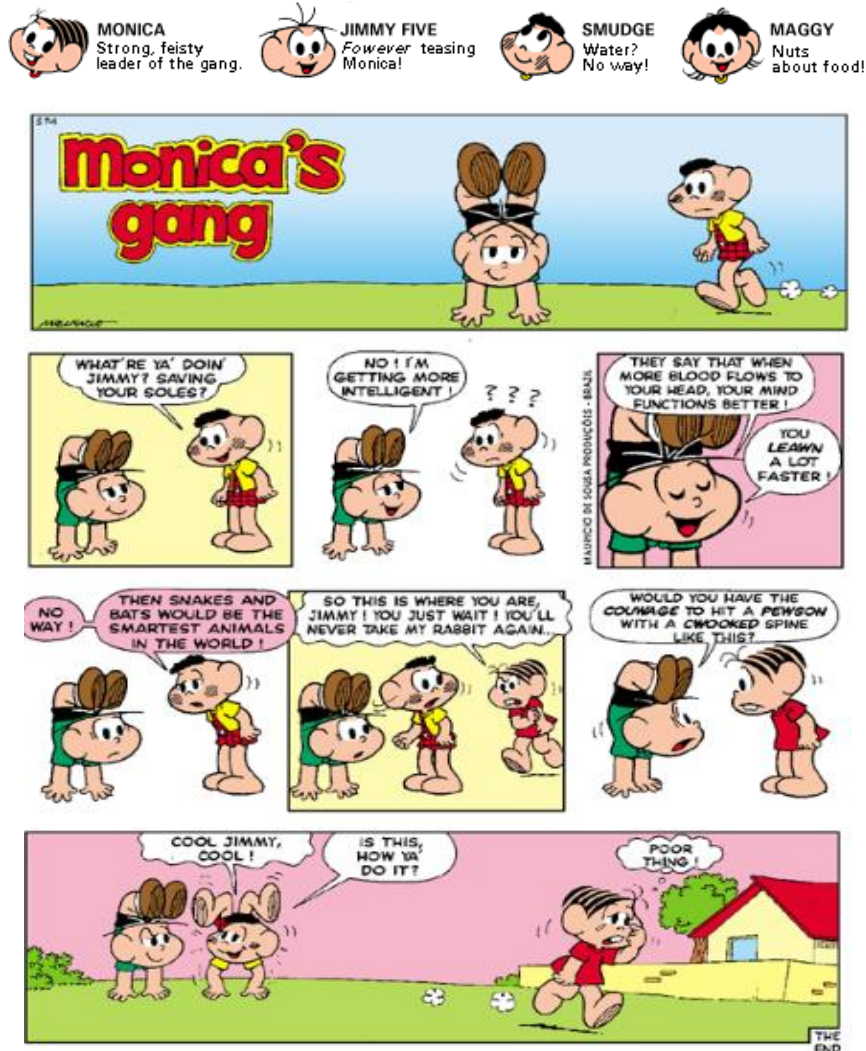
Garota De Ipanema - Antônio Carlos Jobim / Vinícius de Moraes

Olha que coisa mais linda
 Mais cheia de graça
 É ela menina
 Que vem e que passa
 Seu doce balanço, a caminho do mar
 Moça do corpo dourado
 Do sol de Ipanema
 O seu balançado é mais que um poema
 É a coisa mais linda que eu já vi passar
 Ah, porque estou tão sozinho
 Ah, porque tudo é tão triste
 Ah, a beleza que existe
 A beleza que não é só minha
 Que também passa sozinha
 Ah, se ela soubesse
 Que quando ela passa
 O mundo inteirinho se enche de graça
 E fica mais lindo
 Por causa do amor [Bis]

The girl from Ipanema – Jobim / V. de Moraes / Norman Gimbel

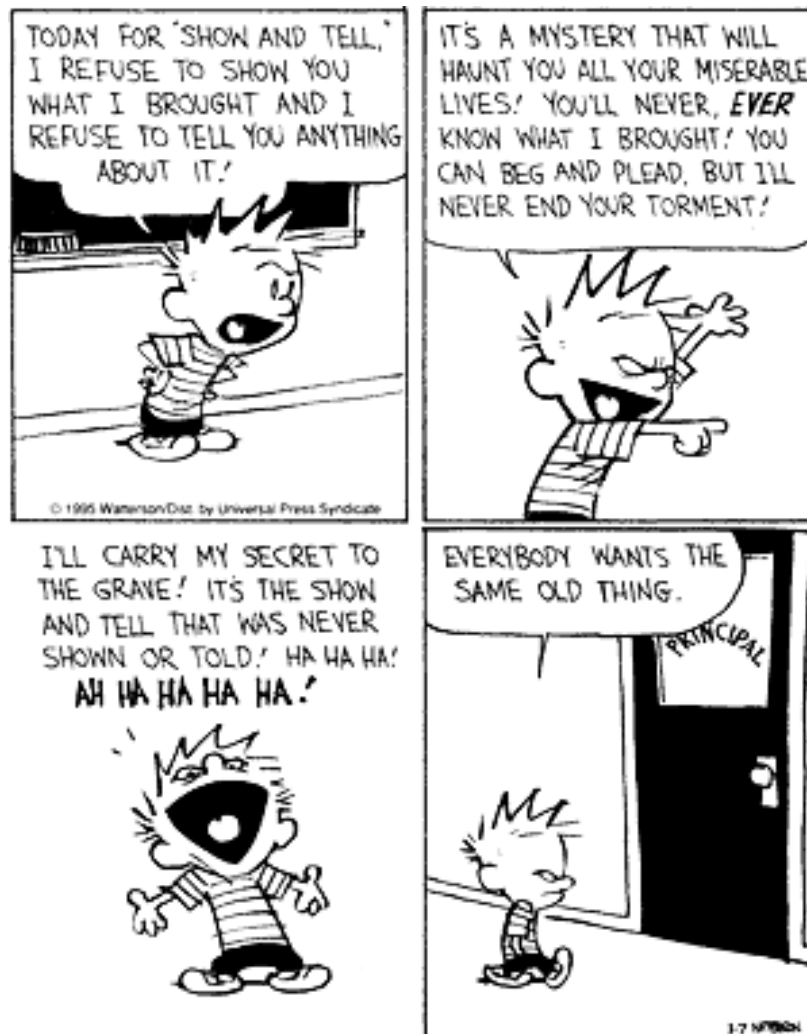
Tall and tan and young and lovely
 The girl from Ipanema goes walking
 And when she passes, each one she passes goes "a-a-ah!"
 When she walks she's like a samba that
 Swings so cool and sways so gentle,
 That when she passes, each one she passes goes "a-a-ah!"
 Oh, but I watch her so sadly
 How can I tell her I love her?
 Yes, I would give my heart gladly
 But each day when she walks to the sea
 She looks straight ahead not at me
 Tall and tan and young and lovely
 The girl from Ipanema goes walking
 And when she passes I smile, but she doesn't see
 She just doesn't see
 No she doesn't see

5) Leia a história em quadrinhos abaixo:



A **Turma da Mônica** também conta com revistas em espanhol e em inglês. Comente, a partir do texto acima, as adaptações feitas para a publicação em língua inglesa.

- 6) Traduza a seguinte tira de **Calvin e Haroldo** (*Calvin and Hobbes*, de Bill Watterson) e comente suas escolhas tradutórias:



Have a nice test!



Referências:

ARROJO, R. Exercícios de Tradução. **Oficina de Tradução** - A Teoria na Prática. São Paulo: Editora Ática, 2002.

JOBIM, A. C.; MORAES, V. de. **Garota de Ipanema**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/tom-jobim/20018/>. Acesso em: 09 maio 2011.

_____. **The Girl from Ipanema**. Versão de Norman Gimbel. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/tom-jobim/646525/>. Acesso em: 09 maio 2011.

SOUSA, M. de. **Monica's Gang**. Disponível em: <http://www.monica.com.br/ingles/index.htm>. Acesso em: 13 junho 2011.

WATTERSON, B. **Calvin and Hobbes**.

Disponível em: http://animeyume.com/blog_images/calvin_and_hobbes11.gif. Acesso em: 13 junho 2011.

APÊNDICE 11 – MOODLE_2014: INSCRIÇÃO



Atividade de extensão – “Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas”

Importante: O presente documento deve ser preenchido via computador ou à mão (nesse caso, há necessidade de digitalização) e postado novamente no sistema do Portal dos Professores para efetivação da intenção de inscrição.

Questionário de Inscrição

Dados pessoais

Nome completo: _____
 Endereço: _____ n°: _____
 Complemento: _____ Cidade: _____
 Estado: _____ CEP: _____ Fone: (____) _____
 Idade: _____ Data de nascimento: ____/____/____ Naturalidade: _____
 E-mail: _____ RG: _____ CPF: _____

Sexo:

<input type="checkbox"/>	1. Masculino
<input type="checkbox"/>	2. Feminino

Estado civil:

<input type="checkbox"/>	1. Solteiro(a)
<input type="checkbox"/>	2. Casado, mora com companheiro(a)
<input type="checkbox"/>	3. Separado(a), divorciado(a), viúvo(a)

Dados sobre formação

Assinale seu grau de escolaridade...

<input type="checkbox"/>	1. Ensino Médio Completo	<input type="checkbox"/>	1. Básico
<input type="checkbox"/>	2. Ensino Superior Incompleto	<input type="checkbox"/>	2. Pré-intermediário
<input type="checkbox"/>	3. Ensino Superior Completo	<input type="checkbox"/>	3. Intermediário
<input type="checkbox"/>	4. Pós-graduação - Especialização	<input type="checkbox"/>	4. Intermediário Superior
<input type="checkbox"/>	5. Pós-graduação - Mestrado	<input type="checkbox"/>	5. Avançado
<input type="checkbox"/>	6. Pós-graduação - Doutorado	<input type="checkbox"/>	6. Proficiente (exemplo: possui o CPE)

...e de proficiência em Língua Inglesa:

Curso de formação:

<input type="checkbox"/>	1. Magistério/Ensino Médio
<input type="checkbox"/>	2. Letras (Português/Inglês)
<input type="checkbox"/>	3. Letras (Português/Outro)
<input type="checkbox"/>	4. Letras (Tradução)
<input type="checkbox"/>	5. Linguística

Onde cursou (especificar local):

<input type="checkbox"/>	1. Instituição pública:
<input type="checkbox"/>	2. Instituição privada:
Ano de ingresso: _____	
Ano de conclusão: _____	

	6. Pedagogia
	7. Outros

Dados profissionais

Tempo de experiência docente:

Informe seu grau de atuação como professor(a)... ..e a disciplina que leciona:

	1. Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)	1. Língua Portuguesa
	2. Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) * Ano em que está atuando: _____	2. Língua Inglesa
	3. Ensino Médio	
	4. Ensino Superior	
	5. EJA (segmento I)	
	6. EJA (segmento II)	
	7. Escola ou Centro de Idiomas	

Período em que atua: () matutino () vespertino

Escola em que atua: () pública () privada

Localização da escola: () central () periférica

Demais questões sobre a formação¹

1 - Escreva um pouco sobre sua **trajetória como aluno**. Não há necessidade de seguir um roteiro, apenas conte alguns fatos que você considera importantes para a sua formação, desde os anos iniciais até o curso superior. Esses fatos podem ser, por exemplo, sobre as escolas que estudou, professores que teve (como ensinavam, como se relacionavam com os alunos e demais professores da escola, formas de avaliação que utilizavam, características pessoais marcantes, etc.), disciplinas que mais gostava, etc..

2 - Escreva um pouco sobre sua **formação inicial para a docência**, destacando aspectos do curso que você se recorda e considera marcantes na sua formação, como: disciplinas cursadas, leituras teóricas, estágio, etc..

3 - Destaque as aprendizagens sobre ser professor que a formação inicial lhe proporcionou. Da mesma forma, cite as aprendizagens sobre ser professor que a formação inicial **não** lhe proporcionou e que você acha que deveria ter proporcionado.

4 - Além do curso de formação superior, você fez outros cursos relacionados à carreira docente que foram relevantes para sua atuação profissional? Qual? Quando? Onde? Por quê?

Obrigada pelo tempo dedicado ao preenchimento do presente questionário! Seus dados serão analisados pela equipe responsável pelo curso e você receberá uma resposta sobre sua inscrição via e-mail.

Atenciosamente,
Prof. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi e Prof. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins

¹ Essas questões foram inspiradas nos questionários de seleção dos cursos de extensão a distância “Professores iniciantes e casos de ensino” e “Casos de Ensino e Teorização de Práticas Pedagógicas – Professores Alfabetizadores”, oferecidos pela UFSCar.

← → ↻ ↑

www.leetra.ufscar.br/cakephp/pages/view_eventoleetra_001

Curso de extensão: "Estudos em Tradução Literária"

Carga horária: 32 horas

Período de inscrição: 03/07/2014 - 07/07/2014 inscrições encerradas

Período de realização: 28/07/2014 - 28/09/2014

Número de vagas: 30

Professores responsáveis: Maria Claudia Bontempi Pizzi, Maria Sílvia Cintra Martins e Felipe José Pichinelli Bertto

A atividade de extensão "Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas" oferecida pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e desenvolvido pela Profa. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins destina 30 vagas a professores de inglês e/ou português do Ensino Fundamental (que atuem do 7o. ao 9o. ano) e Médio. As atividades, divididas em Módulo Introdutório + 8 módulos, serão desenvolvidas à distância via plataforma de aprendizado virtual Moodle do Portal dos Professores da UFSCar no período de julho a setembro de 2014, com a carga-horária total de 32 horas (dedicação de aproximadamente 4 horas semanais). A tradução de canções e textos literários se justifica porque oferece a possibilidade de reflexão sobre o léxico e as estruturas das línguas materna e estrangeira, além de propiciar o debate sobre questões culturais.

Gostei, quero me inscrever!

As inscrições estão encerradas.

LEETRA
UFSCar

Área privativa

Quem Somos ▾

Cursos & Eventos


PNAIC ▾

LEETRA Indígena ▾

Biblioteca

Contato

Documentos



APÊNDICE 13 – MOODLE_2014: AVALIAÇÃO FINAL



*Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas - Departamento de Letras
Pró-Reitora de Extensão*

Atividade de Extensão: “Estudos em Tradução Literária: reflexões sobre o ato tradutório como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas” (02/2014)

Profa. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi (orientação: Profa. Dra. Maria Sílvia Cintra Martins)



Atividade Avaliativa Final

- 1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?
- 2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.
- 3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?
- 4) Como antecipado no Módulo 5, vocês deverão apresentar um **plano de atividade ou de aula + reflexão sobre a tradução** em suas aulas, podendo focar em:
 - **Tradução intralingual** (para quem está só com turmas de português);

- **Interlingual** (para quem prefere trabalhar com língua estrangeira);
- **Intergêneros** (passar um texto de um gênero textual para outro, como o nome diz, caso estejam com turmas de produção de texto).

Os seguintes itens devem constar no plano de atividade ou de aula:

1. Tema (título da aula, de acordo com seu conteúdo);
2. Objetivos;
3. Conteúdo (conteúdo programático a ser trabalhado);
4. Duração;
5. Recursos (materiais ou recursos tecnológicos necessários para aplicação da aula);
6. Metodologia (descrição dos passos para aplicação da atividade);
7. Resultados esperados (para quem não conseguiu aplicar a atividade) ou Avaliação (para quem aplicou a atividade em sala de aula).

Bom trabalho a todos!



Referências:

Modelo de plano de aula adaptado de: <http://www.ensinar-aprender.com.br/2013/01/modelo-de-plano-de-aulaexemplo.html>. Acesso em: 15 set. 2014.

APÊNDICE 14 - TRADUÇÃO COMENTADA DE TRECHOS DO LIVRO *MEU VÔ APOLINÁRIO*², DE DANIEL MUNDURUKU: REFLEXÕES SOBRE O ATO TRADUTÓRIO E A LITERATURA AMERÍNDIA

Gosto muito de contar histórias. Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com a areia do fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Ai elas se mostram. (MUNDURUKU, 2009, p. 7)

A partir da leitura do material teórico e do trabalho prático relacionado à tradução comentada do livro *Meu vô Apolinário*, buscou-se conhecer mais a fundo as dificuldades e a importância do tradutor e do ato tradutório e também destacar e enfatizar o trabalho literário de Daniel Munduruku e, por consequência, de seus colegas escritores indígenas.

A familiarização com o trabalho ficcional de Daniel Munduruku, com o meio em que viveu sua infância (e sobre o qual escreveu, refletindo-o na ambientalização de sua produção literária) e a leitura de outros textos pertencentes à literatura ameríndia foram de extrema importância para que a tradução comentada iniciasse a sua concretização.

A tradução de trechos do livro *Meu vô Apolinário* aqui apresentada envolve um primeiro esboço. Durante essa primeira incursão pelo texto de Munduruku, a tradutora se deparou com uma riqueza de menções a comidas típicas, seres da floresta e tradições indígenas que não é de conhecimento da maioria dos leitores de outros países e poderiam gerar notas bastante elaboradas. Seriam necessárias entrevistas com o autor e pesquisa aprofundada sobre elementos culturais do povo Munduruku e de etnias indígenas em geral. Por isso, aqui tratamos apenas de um rascunho que deverá ser revisitado várias vezes pela tradutora em busca das melhores escolhas tradutórias.

Segue, portanto, a tradução do sumário, da introdução e dos dois primeiros capítulos (como há outras notas no trabalho, as notas não se iniciam no número 1):

*My Grandpa*³ *Apolinário*
Diving⁴ into the river of (my) memory

Summary
Introduction
Anger about being an Indian
Maracanã
Crisis in the city
Grandpa Apolinário
The wisdom of the river
The flight of the birds
Apolinário joins the Great River
Author's words
Illustrator's words
Glossary

I really enjoy telling stories. Stories live within us, deep in our hearts. They remain quiet on a corner. They are like sand in the bottom of the river: they are there, calm and peaceful, and they only lose that calmness when someone revolves them. Then, they show themselves.

² MUNDURUKU, D. *Meu vô Apolinário*: um mergulho no rio da (minha) memória. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

³ Daniel Munduruku is telling us a story about his grandfather. In Portuguese, “grandfather” is “avô”. However, Daniel used an informal, affectionate term: “vô”, which could be translated as “grandad”, grandaddy”, “grandpa”, “gramps” or just “pa”. For this translation I’ve chosen “grandpa” in order to keep the affectionate and informal tone, as well as maintaining the meaning of a wise, older person (“grand”).

⁴ The “-ing” contributes to the image of movement that “river” and “memory” convey.

There are stories that we invent and create in our minds, out of imagination or inspiration by a spirit that wants us to offer them to someone else. They might be funny, romantic or sad stories. Stories help the people who read them in a way I haven't figured out yet. All I know is that they touch deep inside and that is why people like them.

And there are histories – yes, the ones written with H – that really happen and are part of us, our lives. Situations that made us know about ourselves, or facts that made us laugh, or cry, or simply think. But they are always strong because they are imprinted in our personalities, our way of being and acting in the world.

The story I'm going to tell you isn't about me. Actually, it is about me, but not about who I am today – as I'm not the same as yesterday. It is about the person I became during the few years I spent with my grandfather, an old Indian that used to sit in squatting position to tell us the stories about the ancestral spirits that he affectionately called grandparents or guardians.

Actually, I don't know that much about my grandfather because I seldom saw him. Nevertheless, this short time we spent together influenced my life deeply, as it shaped my Indian memory, heart and body. I even think that, by telling stories about him, I'm rescuing my people's history. It makes me more enthusiastic, it makes me accept the condition that I didn't ask God for, but He gave it to me for some reason.

And that is my aim with this little book: sharing a little bit of my story, the story of my people and of my ancestral grandfather that made me understand the wisdom that exists in every thing and that made me realize we aren't born to be on the ground all the time. We are born with wings to fly in many directions, sometimes even without moving.

Anger about being an Indian

We don't ask to be born, we simply are. Some are born rich, others are born poor; some are born white, others are born black; some are born in a very cold country, others are born in warm lands. In the end, we don't have much of an option. The fact is that, when we realize it, we're already born. I was born an Indian. But I wasn't born like all Indians are. I wasn't born in a village surrounded by bush and a river where people can almost fish using their bare hands because of the limpid water. I wasn't born inside a Munduruku Uk'a⁵. I was born in the city. I think it was in a hospital. And I was born in a city where most of the people look like Indians: in Belém do Pará⁶.

I was born there because my parents lived there. My father is an Indian and lived in a village, as I would do myself later. I was the first child of my family to be born in the city. Before me, four girls and two boys had already been born (one of the boys I never met) outside the city. After me, three more boys came. It was bliss.

My parents had gone to Belém looking for a way of feeding so many mouths, as living in the village wasn't so easy at that time and they dreamed with the city. That's why my father learned how to be a carpenter. He was, and still is, a great master in this job. My first memories – besides an earthquake I've witnessed when I was four – are of my father hammering, sawing and talking about the properties of wood (actually, I think he was talking about the spirit of the trees, but I don't remember it so well). Anyway, my father was a great craftsman and it was because of his skill that he could feed so many children during so much time.

We've always lived in the outskirts of Belém. Our maloca⁷ wasn't really ours and we had to move to other houses and neighborhoods several times. Those were hard times. My brothers and sisters had to work in the city in order to help with the expenses. I myself sold candies, paçocas⁸, shopping bags, peanuts, chopp (it's juice poured in plastic bags and frozen, similar to popsicles). I happily did it. I was a child that liked doing different things.

⁵ Uk'a is a Munduruku word that means "house" (author's note).

⁶ Belém is a city in the North region of Brazil. It is the capital city of Pará state.

⁷ A big communal house in which several families live. It is also a popular term for talking about the place where you live (author's note).

⁸ Paçoca is a Brazilian typical food with indigenous origins. There are different recipes. It can be made with manioc flour and jerky. There is also a candy with the same name that is made with peanut.

There was only one thing I disliked: being called an Indian. No. Anything but that! For my despair, I was born with an Indian face, Indian hair (despite being a little blond), Indian height. When I started elementary school, it was chaos. Everybody would say: “Look at the Indian that arrived in our school”. Soon, my first classmates gave me the nickname of Aritana⁹. Needless to say, it made me very angry and it was one of the main reasons for street fights in this period of my history – and there were many of them. I fought a lot and, obviously, I was beaten a lot as well.

And why didn't I like to be called an Indian? Because of the ideas and images related to this word. Calling someone an Indian meant classifying the person as inferior, savage, lazy. And, as I already told you, I was a hardworking person who was proud of helping my parents and my siblings. But it was an honor that nobody took into consideration. I got very sad because my work wasn't acknowledged. For my classmates, all that mattered was my appearance... and not what I was and what I did.

There was only one place that could make me happy. Two places, by the way. One of them was the backyard of our house, as there was a huge area where I played with my friends. It was there that I trained my ears to listen to the conversations of the owls and toads. It was there that I took refuge when I wanted to be alone and think about the knowledge I was acquiring, about the first books I was reading. There I started playing football in our improvised fields. There was, however, another wonderful place I insisted on visiting. But to this place I couldn't go by myself. I had to be taken there because it was far from the city. It was our family village in Maracanã.

Maracanã

Maracanã is the name of a very beautiful bird that sings gorgeous melodies during dawn and nightfall. It is also the name of an indigenous people that was decimated along the history and that left almost no trace of its passage on the planet. All we know about it is part of the memory of some neighbor peoples that tell us about its saga and sorrow. On the area where the Maracanã village used to be, a city with the same name was built. Our village was located in the limits of this city and was called Terra Alta¹⁰ because of its geographic location. It was there that I spent the best years of my life. I'll tell some stories that might even make people jealous of my childhood.

The first memory I carry with me is the darkness of the night. The nights were very dark and all the light came from the fires lit in front of the houses and the few oil lamps, a novelty to us. We used to sit in front of our relative's houses and stay there for hours, listening to stories told by the elders of the village. Some of the stories were horrifying and made us scared when we listened to them. They were stories about the forest beings that enjoyed playing tricks on humans. These creatures would appear once in a while in order to frighten the little children. They were *saci-pererê*¹¹, *matintaperera*¹², *curupira*¹³, *boitatá*¹⁴ and others. The old women told the story in such an enchanted way that they sounded true and everybody would be so scared that sometimes we would be afraid of

⁹ The title of a Brazilian soap opera. The main character was called Aritana and was played by Carlos Alberto Ricelli, an actor in his first television role. It was only after I grew up that I felt proud about being called Aritana, because this is the name of a great leader of the Yawalapiti people from Xingu National Park in Brazil (author's note).

¹⁰ Terra Alta means High Land.

¹¹ *Saci-pererê* is often portrayed as a one-legged black youngster. He wears a magic red cap and red shorts. He also smokes a pipe. He appears and disappears magically, usually in the middle of dust devils. He is a prankster and, in some parts of Brazil, this character is also considered dangerous. It is said that he grants wishes to anyone that is able to capture him or steal his cap.

¹² *Matintaperera* is described, in the North region of Brazil, as an old lady that becomes an obscure bird during the night. This bird alights on the walls or roofs of houses and utters a sound that is similar to a whistle until the owner gives up and promises something (cigarettes, coffee, fish, etc.) if it stops the irritating noise. On the next day, the old lady visits the house to get what was promised. If nothing is given, a disgrace might happen to that family because of the broken promise.

¹³ *Curupira* is an entity of the forest. It is portrayed as red-haired boy or dwarf and its feet are turned backwards in order to make hunters and travelers confused and protect the forest and the animals.

¹⁴ *Boitatá* is a huge snake of fire that protects the forest and the bushes from the ones that burn them.

getting up to go home. Our fantasy was fed and visited by these small – and true – beings that were presented to us by the rhythmic voices of our grandmothers.

There I used to sleep in a hammock (as everybody else, by the way). They were hanged in the big poles that surrounded the houses. When there were too many hammocks in a maloca, the children usually slept with their older siblings so that there was room for everyone. I remember I'd always sing a traditional pray with my brother. It was a pray about a nature being that protected us while we slept. This is a very sweet memory. My brother would always be mad at me in the early morning, of course. Reason? He was soaking wet because I'd pee on him, as I was usually afraid of going outside during the night all by myself.

As soon as the sun rose, we'd bathe in the igarapé¹⁵. Then, we'd eat a delicious manioc and banana porridge with tapioca flour and beiju¹⁶. When we went to the plantation area, we'd leave early and walk for more than three hours to get there. We, the boys, used to go ahead to protect the group. Well, actually we'd play, like all children like doing.

On the plantation area, I enjoyed chasing the ants. They're interesting because they work all the time. I saw all of them coming and going to undetermined places, a great mess. Some of them carried huge leaves on their backs, while other ones seemed to keep watch over what they were doing. Sometimes, they stopped and chitchatted for a while. I used to imagine the conversation:

“Hello, my relative, how are you doing? Is this leaf heavy? Do you want some help?”

“Yes, it is a little heavy, but I guess I can manage taking it home. Do you think it will rain today?”

“I don't think so. The weather is stable. But we'd better hurry, just in case.”

“Well said! Let's go.”

“Bye!”

I tried to chase them wherever possible, but they'd always go out of my sight. I used to quit observing the ants only when my mother called me to do some chore. I confess my life was very good at the village, far away from the conflicts of the big city and...from the nicknames my classmates gave me.

Sometimes, it was hard to believe in the things that happened to us. I remember once, when we got lost in the middle of the forest. I was playing with my pals in a place where we could still see the women working on the plantation. Tawé, who went further into the bush, called us to check on a different spoor he'd found. It was the trail of an animal we'd never seen before. It looked like a human foot, but it was small and had seven toes. The footprints on the ground would point everywhere, so it was difficult to know where that “thing” went. We were a little charmed by that and followed a group of footprints into the forest. We're afraid, but we'd motivate each other to keep on going after the animal. And there we went: we walked, walked, walked and the footprints would get deeper; so we deduced we're about to find out what that “thing” was.

Time flew while we went into the forest. It was getting dark and our only worry was seeing the animal with the different footprint. If we were lucky, we'd be able to catch it and take it to the village.

We realized we were too distant from the women when we heard the hooting of the owl announcing the nightfall. This seemed to have broken the charm. Koru whimpered. I held his hand, but we didn't stop following the footprints. The more we walked, the closer we felt. Suddenly, we heard a strong and weird laugh. It wasn't human. We stopped so that we could listen to it better. The silence was deep. We talked, trying to decide what to do. We all knew we were lost. We left no signs and the footprints mysteriously disappeared. We saw nothing in front of us, or behind us.

Arô began to cry. We calmed him down. We stopped under a huge tree. There was no use trying to go back. We're really lost and only in the morning we'd be able to return or wait for the adults to reach us.

In the silence of the night we could hear all kinds of forest noises: far away, the growl of a jaguar; the bright eyes of the owl were closer; once in a while we'd feel the flight of the birds that

¹⁵ A Tupi word that means “path of the water”, as it is a narrow canal in which the water of a great river flows (author's note).

¹⁶ Beiju is a kind of pancake made with tapioca flour and filled with different ingredients, like coconut and cheese.

were fussy because of our presence. Fear joined us. I walked around the tree that lodged us and found a plant that my father said to be magic, as it would make us invisible and odorless if we spread it all over our bodies. It was a way of keeping the animals away.

I picked the plant and squashed it with a rock until it was pasty. I spit on it and rubbed it on the bodies of my friends: Tawé, Koru, Arô, Kaxi, Kabá and Tonhõ. We made a shelter with tucum¹⁷ straw to protect us in case it rained. Then, we chewed sleeping herb and got closer from each other to warm ourselves.

We woke up before the sun did because of some shouts we heard far away. The adults were searching for us. We got up very fast. Tawé climbed the tree to shake its branches so that the adults noticed our presence. He shook the tree and we shouted. Then, we were silent. The cry we heard afterwards gave us the impression the adults were walking on the opposite direction.

We decided to walk following the direction where the sun is born. It would take us to the big Tapajós River. We knew we should look for an igarapé if we got lost: it would take us to a large river and it would be easier to know where we were. That's what we did, then. It didn't take long for us to find the igarapé and look for the river. When we'd already walked a lot, we heard the shouts again in front of us. The warriors were coming. We shouted too and soon they found us. When they made sure we're all ok, they hugged us and celebrated, praising us for the courage and smartness we showed when we faced the spirits of the night. They also took the opportunity of reprimanding us for getting away from our mothers.

At night, the old pajé¹⁸ of our village told us we were very lucky; he told us the responsible for our disorientation was curupira, the spirit that walks backwards, with its magical footprints. Curupira deceives the ill-advised people, attracting them into the forest in order to leave them at the mercy of the spirits that eat at night. And he even laughs at his trick.

When I grew up a little and was eight years old, my uncle took me to catch crabs in the mangrove. It was a party for me and my little friends. It was a kind of initiation ritual. It was a sign of growing up, becoming men, and having some responsibility in the nourishment of our village. It was only after this age that the adults would let us catch mangrove crabs.

The mangrove was far away from the village. We had to walk six hours in the forest to get there. It is worth saying that the mangrove is the mud that covers the trees when the tide is low. It is there that the crabs live. Every time a crab senses danger, it digs a hole in the mud and escapes. The crab catchers have to stretch their arms to reach them. When they are lucky, they're able to pick the crab with their hands. Sometimes they come to surface hanging on a finger, as they pinch the aggressor with their claws to defend themselves. It is very painful.

Obviously, we had no experience and we just carried the paneiro, a kind of basket with big holes in which the adults put the prey. We'd spend the whole day "fishing" crabs and we only headed back to the village when it was getting dark and everybody was waiting for us to prepare a delicious dinner with the animals we brought.

¹⁷ Tucum is a species of palm tree from the Amazon forest.

¹⁸ Pajé is the chief of the indigenous village. He is the responsible for keeping the culture, history and traditions of the villages alive.

ANEXO 1 – REPRODUÇÃO DO PARECER FINAL DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil

Fones: (016) 3351-8028 Fax (016) 3351-8025 Telex 162369 - SCUF - BR

cephumanos@power.ufscar.br

<http://www.propq.ufscar.br>

Parecer N^o. 413/2011

Título do projeto: A tradução literária como ferramenta para o ensino/aprendizagem de línguas: uma interface entre as disciplinas de inglês e português

Área de conhecimento: 8.00 - Linguísticas, Letras e Artes / 8.01 - Linguística

Pesquisador Responsável: MARIA CLAUDIA BONTEMPI PIZZI

Orientador: MARIA SÍLVIA CINTRA MARTINS

CAAE: 0139.0.135.000-11 **Processo número:** 23112.001975/2011-69 **Grupo:** III

Conclusão

As pendências apontadas no Parecer n353/2011 foram satisfatoriamente resolvidas. **Projeto aprovado.** Atende as exigências contidas na Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

Normas a serem seguidas

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).
- O sujeito de pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE– apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador responsável deverá da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE– apondo sua assinatura na última página do referido Termo.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item III.2.e).
- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente dentro de 1 (um) ano a partir desta dada e ao término do estudo.
São Carlos, 18 de novembro de 2011.

Prof. Dr. Daniel Vendruscolo
Coordenador do CEP/UFSCar

ANEXO 2 - LEVANTAMENTO DE TRABALHOS ACADÊMICOS QUE POSSUEM ALGUM ELEMENTO EM COMUM COM A PRESENTE TESE¹⁹:

Quadro 1 - Trabalhos que relacionam a literatura com o ensino/aprendizagem de LE

Título	Autor	Resumo	Disponível em:	Acesso em:
1- A literatura nas diversas metodologias de ensino de LE (2011)	Frank da Silva Gonçalves (CEFET-MG)	Propomos, neste artigo, uma visão, tanto diacrônica quanto sincrônica, do emprego de textos literários no ensino/aprendizagem de francês como língua estrangeira (FLE) através das metodologias de ensino de línguas. Nosso objetivo é informar ao professor sobre as perspectivas metodológicas de ensino de línguas, ressaltando o papel atribuído à literatura desde a metodologia tradicional até a perspectiva acional.	http://periodicos.unifesp.br/ojs-2.2/index.php/caminhoslinguistica/artic/view/1220/952	08/02/2014
2- Os aspectos culturais e contextuais na aprendizagem de inglês através de textos literários adaptados: as experiências dos estudantes (2011)	Kaciana Fernandes Alonso (UFMG)	Este trabalho apresenta experiências de três estudantes que aprendem língua inglesa (LI) por meio de clássicos literários adaptados a seus níveis de conhecimento. A taxonomia das experiências de aprendizagem de inglês, proposta por Miccoli (2007c) foi o ponto de partida para a identificação e categorização das experiências vivenciadas na aprendizagem com clássicos adaptados. A natureza dessa experiência foi documentada em nove entrevistas realizadas com três estudantes de inglês que cursaram aulas particulares, cujo principal recurso didático foi o uso de clássicos da Literatura Inglesa, com atividades de produção e compreensão oral e escrita, relacionadas às histórias narradas. Na análise dos dados, a variedade de experiências relatadas pelos participantes de natureza cognitiva, afetiva e social, entremeadas por experiências pessoais, contextuais, conceituais e futuras, revelou como a aprendizagem acontece, conferindo aos clássicos adaptados o papel de facilitadores para aprendizagem. Além de proporcionar motivação, se revelaram um recurso capaz de promover benefícios atribuídos ao uso de textos literários autênticos em sala de aula de línguas, conforme McKay (2001), Ur (1996), Lazar (1993), Duff e Maley (1990), Collie e Slater (1992) e Moody (1972). Dentre esses benefícios estão integração e desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas, contextualização de estruturas gramaticais e itens lexicais, consciência linguística dos estudantes, interação negociada em sala de aula e conhecimento do contexto cultural no qual a língua inglesa se insere. Tais benefícios estão em	HTTP://www.alab.org.br/images/stories/alab/CBLA/ANALIS/temas/17_02.pdf	08/02/2014

¹⁹ Os resumos foram reproduzidos na íntegra e sem correções, conforme apresentados nas fontes citadas.

		consonância com princípios para o ensino de LE, conforme orientam Kumaravadivelu (2006), Rod Ellis (2005) e Brown (2001).		
3- O texto literário na aula de língua inglesa: diferentes abordagens (2010)	Andrew Yan Solano Marinho (UFRN)	O uso de textos literários na sala de aula de línguas é uma problemática bastante discutida no contexto de ensino-aprendizagem. Essa discussão torna-se ainda mais relevante quando se procura trabalhar em níveis linguísticos supra-segmentais nessas línguas. Nesse entendimento buscamos fazer um panorama entre as recorrentes concepções metodológicas acerca do assunto, a fim de que seja possível evidenciar as intenções de cada abordagem, para que se almeje traçar finalidades pedagógicas a partir das mesmas. Destacamos na nossa discussão os métodos de Gramática-Tradução, Histórico-reflexivo e Contextual-cultural, como formas de abordar a habilidade de leitura. Para este trabalho tomamos como base teórica Kramersch (1996, 2001, 2003), Lasen-Freeman (2002) e Cosson (2006), entre outros.	http://www.ccsa.ufrn.br/6sel/anais/public/papers/gt5-07.pdf	08/02/2014
4 -Literatura e(m) ensino de língua estrangeira (2010)	Fernanda Mota (UFBA)	Este artigo traz reflexões sobre o uso de textos literários no ensino de língua estrangeira tanto em cursos de idiomas, quanto em escolas ou mesmo em universidades. Um objetivo subjacente a essas reflexões é articular duas áreas do saber: a linguística e os estudos literários, denotando quão profícuo pode ser o diálogo entre elas em prol de uma aprendizagem e, por extensão, de um ensino mais significativo da língua estrangeira, em especial, da língua inglesa, que foi enfocada neste artigo.	http://periodicos.uetsb.br/index.php/foleo/article/view/39/277	08/02/2014
5- Língua e literatura: uma parceria de sucesso no mundo das letras (2008)	Marcela Iochem Valente e Rosane de Sena Pinheiro (UERJ e UCAM)	Este artigo tem por objetivo apresentar os benefícios e utilidades do uso da literatura no ensino de língua estrangeira, mais especificamente de língua inglesa. Veremos aqui que a literatura pode ser um item facilitador no processo de aquisição e aprimoramento da língua estrangeira e que o uso apropriado da mesma pode tornar as aulas de língua muito mais agradáveis. Este trabalho também oferece algumas sugestões sobre como escolher textos literários adequados a diferentes níveis de alunos e traz algumas ideias do que se pode ensinar através deles. Desejamos, a partir desse trabalho, incentivar a utilização da literatura no ensino de línguas e mostrar aos professores algumas possibilidades para que seus alunos apreciem textos literários e desenvolvam o prazer pela leitura.	http://www.facevv.edu.br/Revista/01/L%C3%8DNGUA%20E%20LITERATURA%20UMA%20PARCERIA%20DE%20SUCESSO%20NO%20MUNDO%20DAS%20LETRAS.pdf	08/02/2014
6 -Língua inglesa:	Munira H.	O curso de Inglês, com apenas três	http://www.scielo.b	08/02/201

tempo de colheita (1994)	Mutran (FFLCH/USP)	professores — Kenneth Buthlay, Kera Stevens e João Fonseca —, apresentava forte tendência para a literatura, desde o início. Os alunos já entravam na universidade com bom conhecimento de língua, reforçado depois pela leitura e discussão de textos literários. Além disso, a conversação ficava por conta dos coquetéis de sexta-feira na Cultura Inglesa, organizados para que os alunos pudessem conhecer <i>native speakers</i> (geralmente sócios do Clube Inglês ou pessoas trabalhando em firmas inglesas no Brasil). Naquele tempo era tudo em pequena escala: o corpo docente, o número de alunos, a biblioteca composta de doações, a salinha do 4º andar, onde a <i>máquina de escrever, uma, Roy ai, modelo Quiet de Luxe, nº 2.380.076</i> , e uma <i>estante de aço modelo Securit medindo 2,40 m de altura, 2,76 de largura, dividida em três seções</i> adquiridas em 1952, eram peças importantes. Contrastando com tais recursos, as exigências de qualidade eram amplas. No Anuário de 1937-1938 um professor de História comenta que "é indispensável que se exija no futuro que o aluno que pretenda especializar-se na história da civilização americana conheça todas as línguas do continente"; acrescenta, com certa justeza, que "o francês e o espanhol não oferecem obstáculos ao aluno brasileiro, mas em geral são poucos os que têm conhecimentos suficientes de Inglês"	r/scielo.php?pid=S0103-40141994000300064&script=sci_arttext	4
--------------------------	--------------------	--	---	---

Quadro 2 - Trabalhos que relacionam a tradução com o ensino/aprendizagem de LE

Título	Autor	Resumo	Disponível em:	Acesso em:
1-A tradução como instrumento para (re)discutir a prática do ensino de LE (2011)	Noêmia Guimarães Soares e Sergio Romanelli (UFSC)	O presente trabalho tem o intuito de apresentar e discutir algumas ideias referentes ao binômio tradução e ensino/aprendizagem de LE, no sentido de valorizar a aproximação entre esses dois temas. Tal ideia surgiu a partir de uma densa reflexão sobre a experiência realizada no âmbito de uma disciplina denominada Tradução e aprendizagem de línguas estrangeiras, ministrada pelos autores deste artigo, na Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC. Assim, tendo-se a tradução como centro da discussão, e com base em teóricos tais como Atkinson (1993), Malmkjaer (1998) e Balboni (2002), foram retomados e redimensionados assuntos importantes referentes à prática efetiva dos alunos-professores de ensino de LE, como noções de língua e tradução, relação entre professor e aprendiz, lugar do aprendiz no	http://www.alab.org.br/images/stories/alab/CBLA/ANAIS/temas/30_02.pdf	08/02/2014

		ensino (suas expectativas), relação entre LM e LE, uso de dicionários, tipologias textuais, entre outros. Para os alunos, egressos de cursos de Letras Estrangeiras, a retomada de questões referentes ao ensino/aprendizagem de LE foi de vital importância, já que muitos deles, depois de sua primeira formação, não haviam tido a oportunidade de revisitar teoricamente e rediscutir sua prática, já como professores formados. Além disso, a troca de experiências em torno dos temas tradução e ensino de línguas foi muito enriquecedora tanto para os alunos como para os professores da disciplina, pois havia em sala experiências muito diversificadas: alunos e professores de diversas línguas estrangeiras diferentes, ensino público, ensino particular, cursos privados de línguas, experiências com nível iniciante, médio e avançado, entre outros.		
2- O retorno do que nunca foi: o papel da tradução e a aprendizagem do inglês como língua estrangeira. (2003)	Rosângela Lopes Toledo Checchia (UnB)	A tradução tem sido tabu no ensino de línguas desde que os adeptos do método direto resolveram bani-la da sala de aula, culpando-a por tolher a expressão do aluno na língua estrangeira, principalmente na fala. No entanto, existem fortes indícios de que a mesma nunca deixou inteiramente de ser utilizada tanto por professores como por aprendizes de uma outra língua, seja de forma declarada ou velada. O objetivo deste estudo foi analisar o seu papel no ensino do inglês como língua estrangeira no Brasil. A metodologia adotada foi a de pesquisa-docência, do tipo etnográfica, qualitativa, tendo sido observados diferentes ambientes de ensino onde a atividade foi inserida. Além disso, foram analisadas gravações de aulas, entrevistas filmadas, questionários, depoimentos escritos, trabalhos de alunos e notas de campo. Os resultados mostram que, mesmo quando ainda empregada nos moldes antigos, a tradução traz vários benefícios para o ensino e aprendizagem do inglês no Brasil. Com base no potencial identificado, apresentamos sugestões de como reintroduzir essa quinta habilidade linguística, explorando-a de forma diferente, já que faz parte do cotidiano do aluno.	http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem12/C12051.doc	08/02/2014
3- Traduzir para comunicar: a tradução como componente comunicativo no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira. (2008)	Ana Paula Alves Torres Costa (UnB)	O objetivo deste estudo é investigar a tradução como ato comunicativo e habilidade linguística integrada às quatro habilidades tradicionais (ouvir, falar, ler e escrever) e aos preceitos da Abordagem Comunicativa. A pesquisa foi realizada em um Centro de Línguas, escola pública de línguas do DF, com emprego de pesquisa qualitativa etnográfica com apoio de dados quantitativos. O levantamento de dados se	http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3683/1/2008_AnaPaulaAlvesTorresCosta.pdf	08/02/2014

		<p>deu por meio da pesquisa-docência, gravação de aulas, notas de campo, relatórios, depoimentos orais, questionários, transcrições de aulas e entrevistas. No estudo, um grupo de 40 aprendizes, com pelo menos seis anos de estudo de inglês como língua estrangeira, participaram de um projeto denominado Projeto de Tradução, por um período de 11 semanas. Analisamos as atitudes dos aprendizes relativas à tradução e sua relevância no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras, e cotejamos isso com as opiniões de três professores do curso regular dos sujeitos de pesquisa acerca do uso de tradução em sala de aula. Os resultados mostram que os alunos reconhecem a tradução como habilidade integrada a e integradora das demais, seus benefícios e seu potencial comunicativo, tornando o aprendizado de língua estrangeira mais significativo e motivador, sem contrariar a filosofia que caracteriza a AC. Os professores tendem a negligenciar seu uso, embora a aceitem como habilidade linguística no ensino de LE.</p>		
4- Un nuevo enfoque de la traducción em la enseñanza comunicativa de las lenguas (2004)	Carmen Cuéllar Lázaro (Universidad de Valladolid)	<p>El papel que se le ha otorgado a la traducción en la enseñanza de lenguas ha ido variando a lo largo de la historia de la Didáctica de las Lenguas Extranjeras. Los métodos tradicionales de enseñanza de lenguas, los llamados métodos pasivos, tomaban como modelo la metodología empleada para la enseñanza de las lenguas clásicas, y otorgaban un papel fundamental a la traducción. El objetivo no era la comunicación en esa lengua, sino el llegar al significado del texto, generalmente literario, mediante el análisis de los distintos aspectos gramaticales ejercitados con la traducción. Posteriormente, con los métodos directos, la lengua materna desaparece del proceso de enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera, y se excluye cualquier actividad relacionada con la traducción. En la actualidad, algunos profesores plantean la rehabilitación de la traducción en la Didáctica de las Lenguas Extranjeras en el marco de la enseñanza comunicativa.</p>	http://blogs.uva.es/hermeneus/hermeneus/06/arti02_06.pdf	08/02/2014
5- Translation as a Learning Method in English Language Teaching (2012)	Inga Dagilienė Kaunas (University of Technology, Lithuania)	<p>The present paper focuses on the use of translation in helping learners to acquire, develop and strengthen their knowledge and competence in the English language. Translation integrated into the language learning practice along with generally used learning activities, such as reading, listening, writing, and vocabulary development could be defined as a “pedagogical tool”, considering that its</p>	http://www.kalbos.ktu.lt/index.php/KStud/article/download/1469/2164	08/02/2014

		<p>purpose is to teach a language. Translation activities make students communicate both ways: into and from the foreign language. While translating students are incited to notice differences in structure and vocabulary, to strengthen grammatical competence, to shape their own way of thinking and to correct common mistakes that could otherwise remain unnoticed. Students can make the best out of their learning, if they are encouraged to use translation skills properly. Translation activities are used in the advanced English learning programmes at Kaunas University of Technology (KTU). This paper is based on a brief theoretical literature overview, analysis of the activities in the language classroom and analysis of the results of the survey. The findings of the survey suggest that translation is a good tool in the English language learning course aimed at enhancement of students' foreign language skills.</p>		
<p>6- A tradução no ensino de línguas: vocabulário, gramática, pragmática ou consciência cultural? (2011)</p>	<p>Ruth Bohunovsky (UFPR)</p>	<p>A partir de uma leitura crítica de trabalhos acadêmicos do contexto brasileiro que versam sobre as possíveis vantagens e desvantagens do uso da tradução no ensino de línguas estrangeiras, discutimos diversos usos do termo tradução nesse âmbito, atualmente. num primeiro momento, concentramos nossa atenção em aspectos predominantemente metodológicos. Propomos uma possível divisão em quatro usos metodológicos da tradução no ensino de línguas estrangeiras. Depois, procuramos argumentar que vários trabalhos que abordam a questão da tradução no contexto de ensino de línguas estrangeiras deixam de fazer uma reflexão teórica aprofundada sobre essa atividade e, conseqüentemente, fundamentam sua argumentação num conceito de tradução enraizado no senso comum - e questionado há décadas por diversos estudiosos do assunto. Finalmente, sugerimos um diálogo mais intenso entre a área do ensino de línguas estrangeiras e os estudos da tradução.</p>	<p>http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132011000100012&script=sci_arttext</p>	<p>08/02/2014</p>
<p>7 - A tradução no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras a distância: o curso de letras-espanhol da UFSC (2012)</p>	<p>Annye Cristiny Tessaro (UFSC)</p>	<p>A tradução como técnica didática, aceita e utilizada no Renascimento, foi em seguida criticada e abolida pelas metodologias de ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira. Com a introdução da Abordagem Comunicativa, teóricos, como Atkinson (1993), Pedrosa (2006), Ladmiral (2010) e Balboni (2011), defensores da tradução como técnica didática, vislumbraram a possibilidade de retorno dessa técnica nas aulas de Língua Estrangeira sugerindo atividades que levassem o estudante a refletir sobre esta</p>	<p>http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Annye_Cristiny_Tessaro_-_Dissertacao.pdf</p>	<p>04/03/2014</p>


		<p>língua em uso e as diferenças socioculturais impregnadas em cada língua, que vão além da simples transferência linguística. Nesta dissertação defende-se a tradução como técnica didática e investiga-se a aceitabilidade dos professores em relação à técnica e à sua inserção nas disciplinas de Língua Estrangeira tendo como estudo de caso o Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol, na modalidade a distância, da Universidade Federal de Santa Catarina. Para tanto, foram observadas as atividades disponibilizadas no livro-texto e no Ambiente Virtual de Ensino-Aprendizagem (AVEA) das disciplinas de Língua Estrangeira e aplicados um questionário aos professores que ministraram tais disciplinas e, também, uma entrevista com a professora da disciplina de Estudos da Tradução do mesmo curso. Deste estudo depreendeu-se que, em 64% das disciplinas investigadas, há ocorrência de atividades tradutórias que vão desde as mais simples, como a tradução de palavras, até as mais elaboradas, como a tradução de contos e extratos jornalísticos; que, nas disciplinas teóricas de Estudos da Tradução, há preocupação em apresentar a tradução como técnica didática para os estudantes, estes que serão os futuros professores de Línguas Estrangeiras, contribuindo para uma quebra de paradigma que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) contribuem para a elaboração de atividades mais motivantes e interativas ao estimularem os estudantes já acostumados com o uso dos meios digitais.</p>		
8-Reevaluating the use of translation in the language classroom (2009)	David Macias; Sara R. Benet; Dean Monica D. Reynoso College of International Studies Universidad de Especialidad es Espíritu Santo--UEES Guayaquil (Ecuador)	The grammar-translation method has been consigned to oblivion, particularly in our field. In fact, with a strong focus on the direct method and the communicative approach, the use of the L1 by the student and translation exercises (into and from the foreign language) are avoided in the foreign language classroom. However, it is precisely these exercises that allow the language learner, especially in advanced stages of the acquisition/learning process, to improve language granularity, both at the lexical and grammatical level. Likewise, translation and interpretation exercises can serve to bring the student to a deeper understanding of the target language and culture, given that he/she must fully dominate linguistic elements (grammar and vocabulary) and non-linguistic elements (contexts, jokes, proverbs). The purpose of this paper is to reveal the value of translation/interpretation as an interesting tool in the teaching and learning of a	http://www.uees.edu.ec/pdfs/webzine/REEVALUATING-THE-USE-OF-TRANSLATION-IN-THE-LANGUAGE-CLASSROOM-Sept-09.pdf	04/11/2014

		foreign language.		
9-Translation in Second Language Learning and Teaching. Series: Intercultural Studies and Foreign Language Learning - Volume 3	Arnd Witte; Theo Harden; Alessandra Ramos de Oliveira Harden (eds.)	<p>The articles in this volume are the proceedings of a conference on 'Translation in Second Language Teaching and Learning' that took place at the National University of Ireland, Maynooth, in March 2008. The papers delivered at the conference, the subsequent discussions in Maynooth and the articles in this volume have clearly demonstrated that, after some decades of marginalising or even excluding translation from second/foreign language methodologies and classroom practices, the time is ripe for a re-evaluation of the benefits translation can bring to the process of learning a second language and its cultural context. Translation exercises are interpreted as processes of negotiation, as constitutive acts for identities and (inter-)actions, based on increasingly emerging 'third spaces' between the dominant conceptualisations, values, norms, beliefs, rules, traditions and discourses of the languages and cultures involved. The enterprise of translating between languages, cultures, individuals, societies and discourses thus assumes a central place of relevance for anyone involved in the complex project of interculturality, including, and foremost, foreign language learners.</p> <p>Contents: Arnd Witte/Theo Harden/Alessandra Ramos de Oliveira Harden: Introduction - Elke Hentschel: Translation as an Inevitable Part of Foreign Language Acquisition - Heidi Zojer: The Methodological Potential of Translation in Second Language Acquisition: Re-evaluating Translation as a Teaching Tool - Claus Gnutzmann: Translation as Language Awareness: Overburdening or Enriching the Foreign Language Classroom? - Arnd Witte: From Translating to Translation in Foreign Language Learning - Lisa Stiefel: Translation as a Means to Intercultural Communicative Competence - Theo Harden: Accessing Conceptual Metaphors through Translation - Michael Märlein: Improving Syntactical Skills through Translation? Making L2 Word Order Visible in the L1 through Word-by-Word Translations - Graham Howells: Learning, Translating and Teaching Language: Cultural Resonance, Individual Research and the Contribution of Information Technology - Neide Ferreira Gaspar: Translation as a Fifth Skill in EFL Classes at Secondary School Level - Boguslawa Whyatt: Translating as a Way of Improving Language Control in the Mind of an L2</p>	http://www.peterlang.com/index.cfm?event=cmp.ccc.seitenstruktur.detailseiten&seitentyp=series&pk=1541&concordid=ISFLL	04/11/2014

		<p>Learner: Assets, Requirements and Challenges of Translation Tasks - Jeanne Van Dyk: Language Learning through Sight Translation - Rossa O’Muireartaigh: Terminology as an Aid to Enhancing Reading Skills - Laura Incalcaterra McLoughlin: Inter-semiotic Translation in Foreign Language Acquisition: The Case of Subtitles - Kar Yue Chan: Teaching Poetry Translation to Undergraduate Students in Hong Kong - Kathleen Thorpe: <I>Zwischen Tür und Angel </I>- Metaphoric Speech and Literary Translation in Second Language Teaching and Learning - Lillian DePaula: Translation as a Learning Well for Teaching - Vera Helena Gomes Wielewicki: Literary Translation and Foreign Language Teacher Education in Brazil: A Possible Path for an Inclusive Education - Harald Weydt: Reading Books with Translations: Getting over the Reading Barrier - Anna Fochi: Talking of Cultural Translation Criticism - Lucía Pintado Gutiérrez: A Full Irish Breakfast: Interlanguage Perspective, Intercultural Perspective, or Both? Translation and Second Language Teaching - Valerie Pellatt: Translation as a Reading Comprehension Test: Schemata and the Role of the ‘Write it Down Protocol’ - Alessandra Ramos De Oliveira Harden: The Rules of the Game: Translation as a Privileged Learning Resource - Simone Schroth: ‘You can say «you» to me’ - The Concept of ‘du’ vs. ‘Sie’ in Language-learning Material - Nobuko Tahara: Translation Difficulties of Anaphoric Nouns and Nominalisations.</p>		
<p>10-Traduttologia e semiotica generativa</p> <p>Per un nuovo approccio interdisciplinare</p> <p>Series: European Semiotics / Sémiotiques Européennes - Volume 13</p>	<p>Rovena Troqe</p>	<p>Nel presente lavoro di ricerca intendiamo perciò muoverci in una prospettiva plurima ma sistematica, in parte storica, ma elettivamente tematica. Vedremo come lo studio della traduzione si limiti, prima degli anni ‘70, a riflessioni episodiche che ritagliano le questioni traduttive in modo dualistico e ciclico. Tali questioni sono riassumibili in binomi oppositivi che riguardano la pratica e le strategie traduttive (traduzione libera e traduzione fedele), il materiale tradotto (testi letterario-religiosi, considerati come testi alti in opposizione ai testi bassi, ovvero i testi tecnici), i criteri che presiedono a una buona traduzione (senso o forma), e la finalità traduttiva intesa come modalità di interazione io-altro (tradurre assecondando le proprie strutture linguistiche e culturali, o tradurre nel rispetto delle strutture linguistiche e culturali dell’altro). E infine la questione dell’equivalenza del testo tradotto rispetto</p>	<p>http://www.peterlang.com/index.cfm?event=cmp.ccc.seitenstruktur.detailseiten&seitentyp=produkt&pk=79109&concordeid=431469</p>	<p>04-11-2014</p>

		al testo originale, nozione che non ha mai smesso di preoccupare i traduttori di ieri e di oggi e che si rivela essenziale nella definizione del concetto di traduzione.		
11- <i>Boule de Suif</i> de Guy de Maupassant: transformação e permanência na adaptação de Paulo Mendes Campos para jovens leitores (2008)	Marisa Bispo dos Santos (UnB)	Estudos demonstram que parte significativa da literatura infanto-juvenil comercializada no Brasil é constituída de adaptações de clássicos da literatura universal. Atualmente dezenas de editoras veiculam coleções de adaptações para a audiência infanto-juvenil, uma das mais expressivas é a Scipione, no segmento da série Reencontro. A editora garante que uma das diretrizes principais do projeto editorial da série é manter a qualidade literária dos textos de partida nas adaptações. O objetivo deste trabalho foi examinar a coerência dessa diretriz na tradução e adaptação de <i>Boule de Suif</i> de Guy de Maupassant realizada por Paulo Mendes Campos, ou seja, examinar até que ponto a obra corresponde às expectativas de qualidade literária contidas no projeto de tradução e adaptação da série Reencontro. Em busca da resposta, realizou-se um estudo comparativo entre o texto de partida <i>Boule de Suif</i> e sua adaptação <i>Bola de Sebo</i> . Estudo que teve como aporte construtos teóricos da tradução literária relacionados à abordagem crítica e à repressão da tradução, considerando autores como Even-Johan, Gideon Toury e André Lefevere. Foram considerados, ainda, os trabalhos do teórico da tradução Antoine Berman e do teórico da literatura Mikhail Bakhtin. O primeiro oferece uma metodologia de análise comparativa, o segundo, o modelo conceitual com sua abordagem semiótica.	http://bdt.d.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3434	04/11/2014
12 – O lugar da tradução na formação em Letras: algumas reflexões (2006)	João Azenha Junior (USP)	A relação entre a tradução e o ensino de línguas estrangeiras, apesar de historicamente fundamentada, tem sido sombreada mais recentemente pela adoção de métodos comunicativos no ensino de línguas modernas. Contrariando essa tendência excludente, este trabalho defende a hipótese de que a prática de tradução realizada no interior da grade curricular da formação em Letras, representa um ponto privilegiado, em que teoria e prática, em suas mais variadas formas, interação, estimulam a pesquisa autônoma e contribuem para a formação do pensamento crítico. A discussão desse tema é ilustrada neste artigo por exemplos extraídos do trabalho com estudantes do Curso de Especialização em Tradução (língua alemã) da Universidade de São Paulo. Palavras-chave: ensino de tradução, ensino de língua estrangeira, teoria e prática de tradução.	http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4925481.pdf	04/11/2014

ANEXO 3 – MOODLE_2012: FÓRUM DE APRESENTAÇÃO

	<p>Atividade 1 - Fórum de Apresentação by Maria Claudia Pizzi - segunda, 2 abril 2012, 03:14</p>
	<p>Olá, pessoal! 😊 Como vão todos? Espero que estejam animados para esse curso que estamos iniciando! Vou, então, começar a conversa me apresentando a vocês. Como eu disse, o faremos em forma de enquete. Vamos lá:</p> <p>1- Como prefere ser chamado(a)? Vocês podem me chamar de Maria Claudia ou apenas de Claudia.</p> <p>2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e ainda moro em São Carlos-SP.</p> <p>3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela UNESP de Araraquara. Também cursei meu mestrado por lá, na área de Estudos Literários. Hoje sou doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (trabalho com ensino/aprendizagem de línguas).</p> <p>4- Atuação profissional: Já atuei em escolas de idiomas, em escolas infantis, em escolas de ensino fundamental e médio e em uma universidade particular. Sou tutora desde 2009. Sempre trabalhei com língua inglesa ou literatura. No momento, estou me dedicando à tutoria virtual e ao doutorado.</p> <p>5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês por vários anos em escolas de idiomas (e na universidade) antes de me tornar professora e tenho o CPE (certificado de Cambridge). Também tenho certo conhecimento de italiano e francês, mas o nível seria intermediário.</p> <p>6- Por que se interessou pelo presente curso? Durante minha Iniciação Científica trabalhei com tradução literária e achei uma experiência tão rica e gratificante que quis trazer essa reflexão para o meu doutorado. Estou oferecendo o curso para professores para que possamos refletir juntos sobre a tradução literária aplicado ao ensino/aprendizagem de línguas.</p> <p>É isso, por enquanto. Espero a resposta de vocês, ok? Obrigada! Profa. Maria Claudia</p> <p style="text-align: right;">Edit Delete Reply</p>
	<p>Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação by - sexta, 13 abril 2012, 10:15</p> <p>Bom dia turma! 😊 Estou muito animada com o início de nosso curso! Aqui vai a minha apresentação:</p> <p>1- Como prefere ser chamado(a)?</p> <p>2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e moro aqui mesmo em São Carlos-SP.</p> <p>3- Formação acadêmica (graduação): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela UFSCar aqui em São Carlos. Atualmente estou cursando Pedagogia por EaD também na UFSCar. Ainda não fiz Pós graduação mas pretendo fazer.</p> <p>4- Atuação profissional: Sempre atuei em escolas públicas de ensino fundamental e médio e hoje também atuo numa escola de ensino profissionalizante.</p> <p>5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Sempre me interessei pelo ensino de línguas. Estudei inglês em escolas de idiomas ao mesmo tempo em que estava cursando Letras na universidade, pois até então só havia tido aulas de inglês no ensino fundamental e médio e senti muita dificuldade em acompanhar as aulas de inglês do curso universitário. Também tenho conhecimento básico de italiano e francês e nível avançado de espanhol.</p> <p>6- Por que se interessou pelo presente curso? Sempre me interessei pelo estudo de línguas e tradução literária e esse curso chamou minha atenção.</p> <p>Essa sou eu! 😊 Abraços</p> <p style="text-align: right;">Show parent Edit Split Delete Reply</p>

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sexta, 13 abril 2012, 11:10

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Campinas, mas sempre morei em São Carlos.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Sou formada em Letras (Português/Alemão) pela UNESP de Araraquara, e reingressei esse ano na universidade para fazer também a habilitação em Inglês.

4- Atuação profissional: Trabalho como professora de alemão em escola de idiomas.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudo inglês desde os 8 anos na escola, mas nunca fiz aulas em escolas de idiomas. Na universidade fiz um ano de francês, mas me apaixonei mesmo foi pelo alemão. Desde que comecei a estudar esse idioma tenho feito outros cursos além das aulas na faculdade, como os promovidos pela APPA (Associação Paulista de Professores de Alemão) para alunos da Unesp, curso de férias no Instituto Goethe em São Paulo, e em 2011 estive por 6 meses na Alemanha, onde fiz cursos de alemão até o nível C1. Em 2012 voltei à universidade para terminar a habilitação em inglês, de que já havia feito as matérias relativas ao primeiro ano. Agora estou fazendo simultaneamente as matérias de segundo e terceiro ano.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Durante a graduação fiz um estágio departamental na área de tradução, e minha monografia de conclusão de curso foi em tradução literária. Gostei muito da experiência, e quero me aprofundar mais na área, agora também com inglês.

Apesar de trabalhoso e cansativo muitas vezes, acho fascinante o exercício de tradução. É algo como contar um segredo a alguém, iluminar o que estava escondido no escuro, encontrar um segredo e dividir com todos os amigos, montar um quebra-cabeça (bom, essa última comparação vale pelo menos para o caso do alemão, hehe, para o inglês não sei ainda).

Bom, acho que é isso =)

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sexta, 13 abril 2012, 01:54

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: São Carlos

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/ Espanhol) Pela Unesp Araraquara. Estou planejando mestrado em Literatura para o ano que vem, ainda estou desenvolvendo meu futuro projeto.

4- Atuação profissional: Há um ano leciono Português e Espanhol na rede estadual de Ensino, como professora eventual.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei seis anos de inglês no CCAA S. Carlos.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Sempre me interessei pela área de tradução literária, acho que poderei aprender muitas coisas interessantes.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sexta, 13 abril 2012, 02:53

1- Como prefere ser chamado(a)?:

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Solânea (PB), e, desde o ano 2011, resido em São Carlos (SP), havendo morado, entre os anos 1983 e 2010, em São Paulo (SP).

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Estou concluindo minha Graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Letras - iniciada, na USP (São Paulo), em Português e Latim, e concluinte, na UNESP (Araraquara), em Português, Latim e Italiano.

4- Atuação profissional: Professor Efetivo de Língua Portuguesa em Escola e Cursinho Pré-Vestibular, em São Carlos, e Professor Monitor de Língua Portuguesa em Cursinho Pré-Vestibular na mesma cidade.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Confesso que nunca estudei Inglês de modo disciplinar, isto é, em Escola de Idiomas ou na Universidade, porquanto,

apesar de eu apreciar bastante essa língua, isso não haver sido suficiente para que eu, sistematicamente, a cursasse - como o fiz, por exemplo, com o Latim e o Italiano. Não obstante, estudei-a, anos atrás, autodidaticamente, e, vez ou outra, retomo alguns de seus fundamentais conhecimentos.

6- Por que se interessou pelo presente curso?: Interessei-me por este Curso porque, como estudante de Letras (e, logo, amante de tudo o que a elas se refere), muitíssimo me interessam as questões tradutológicas em todos os seus níveis - fonético, morfológico, sintático, semântico, semiótico, literário etc. Ademais, os saberes e fazeres respeitantes à tradução - conforme creio - perpassam todos os âmbitos concernentes às sociedades humanas, as quais, "tão somente" por sua existência, demandam, de maneira cotidiana, novas técnicas e compreensões as quais sirvam de alicerce para a inteligibilidade comunicacional - quer oral, quer escrita, quer, ainda, gestual - em se tratando, à guisa de exemplo, da linguagem de sinais, a qual, como sabemos, lida com tantos signos quantas são as línguas em que está inserida tal linguagem. Em suma, muito me fascinam as questões correlativas à tradutologia. Logo, isso - por si só - bastar-me-ia para conduzir-me a um importante Curso como este.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sexta, 13 abril 2012, 04:11

Olá, Cláudia e colegas de curso!

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em São Paulo, capital, fui morar em Campinas aos 4 anos, e, ao ingressar na UFSCar em 2009, vim morar aqui em São Carlos-SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Graduanda, cursando o 4º ano de Licenciatura em Letras (Inglês-Português) na UFSCar.

4- Atuação profissional: Sou estagiária há um ano na Editora da Universidade Federal de São Carlos (EdUFSCar), e atuo como revisora de textos. Fiz estágio também na Sead (Secretaria de Ensino a Distância) como integrante da equipe do material impresso, também revisando textos.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês em escola de idiomas por 7 anos e agora faço Licenciatura em Letras, habilitação Inglês-Português.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Acho tradução uma área muito interessante e rica, além de gostar muito de literatura, e acredito que seja um complemento muito interessante tanto para a minha formação acadêmica quanto para o meu trabalho como revisora de textos.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sexta, 13 abril 2012, 04:41

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nascida em Araraquara, moro há 4 anos em SCarlos.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Direito na Uniara, Letras na Unesp FCLAr..

4- Atuação profissional: Peb II na E. E. Adail, em Água Vermelha.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): 2 anos no Yazigi durante o Ensino Médio, mais os estudos em Língua e Literatura inglesa e alemã durante a faculdade.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Enriquecer o conhecimento, praticar e trocar ideias. Caso contrário a gente "enferruja".

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sexta, 13 abril 2012, 06:15

Apresentação

1- Como prefere ser chamado(a)? .

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Leme-SP, atualmente moro em São Carlos-SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Graduação: Química (UFSCar - São

Carlos), Mestrado e Doutorado: Ciência e Engenharia de Materiais (USP-São Carlos).

4- Atuação profissional: Escolas de Ensino Fundamental e Médio.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês por alguns anos com professores particulares.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Me interesse por literatura e gostaria de saber mais sobre o processo de tradução.

Abraços

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by [Maria Claudia Pizzi](#) - sexta, 13 abril 2012, 06:55

Postagem da cursista

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e moro em São Carlos-SP.

3- Formação acadêmica (graduação): Fiz magistério no CEFAM, me formei em Letras (Português/Inglês) pela FADISC em São Carlos e fiz especialização em Educação infantil e a escola de 9 anos na FEDERAL.

4- Atuação profissional: Sempre atuei em escolas particulares de educação infantil e ensino fundamental.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei em escola de línguas mas sempre parava na metade do curso, então voltei algumas vezes para o mesmo nível. Atuei durante 3 anos como professora de inglês em uma escola particular, trabalhando com crianças de 3 anos até o 5º ano do ensino fundamental.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Por gostar muito de literatura e inglês.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sábado, 14 abril 2012, 09:08

Olá pessoas!

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e resido em São Carlos há 27 anos.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Ainda não possuo graduação.

4- Atuação profissional: Já trabalhei em diversas áreas como indústria têxtil, metalúrgica e comércio, entretanto, há aproximadamente cinco anos sou funcionário público. Atuo em uma escola de Ensino Fundamental Ciclo-I, dando suporte as ações da comunidade escolar na função de Agente de Organização Escolar.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês, quando era adolescente, em uma escola aqui em São Carlos e também sempre curti Blues e Rock chegando a tocar gaita em uma banda.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Em todos os lugares onde trabalhei, sempre me foi útil o conhecimento da língua e sempre utilizei em várias situações de trabalho. Tomei conhecimento do curso através da secretaria da escola em que trabalho. Percebi que interessados também poderiam se inscrever e isso me despertou interesse, uma vez que, pretendo cursar letras na UFSCAR no próximo ano. Fico pensando se será possível eu fazer o caminho inverso, quanto aos estudos, se comparado com todos colegas até então.

Abraço a todos.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - sábado, 14 abril 2012, 04:11

Olá

peçoal!

Ai vão as minhas respostas:

1. Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: nasci em Presidente Venceslau (interior de São Paulo, longe, muito longe), mas resido em São Carlos desde 2005, quando comecei a graduação na UFSCar.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Sou graduada em Letras – Português e Inglês pela UFSCar, mestranda em Teoria Literária e Literatura Comparada na

FFLCH/USP e também faço a complementação de curso em Espanhol, na Letras UFSCar

4- Atuação profissional: Já atuei como professora de Literatura e Língua Portuguesa e Inglesa nos níveis fundamental, médio e curso pré-vestibular, mas, no momento, me dedico apenas ao mestrado.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês na Educação Básica, como a maioria dos colegas e, na graduação, fiz aulas em escola de idiomas para acompanhar melhor o nível exigido pela faculdade, mas confesso que tenho muitas dúvidas nessa língua e passo apertado para escrever um *abstract*!! No momento, estudo espanhol na complementação de curso da Federal e faço aulas de francês na Aliança Francesa, uma língua que tenho gostado muito.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Além de gostar muito de literatura, no meu mestrado, li alguns textos teóricos sobre a tradução literária, que levantavam a questão por um viés mais filosófico, da impossibilidade de se traduzir totalmente uma obra literária, ainda mais quando se trata de poesia, por exemplo. Achei muito interessante! E penso que, por meio do curso, posso refletir um pouco sobre essas impossibilidades. Além disso, como professora de inglês, seria bom dar uma desenferrujada no *background knowledge*.

Até mais e bom curso para todos! 😊

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - domingo, 15 abril 2012, 01:31

Ola Pessoal!

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: *Sou de São João da Boa Vista, mas moro em Sertãozinho .*

3- Formação acadêmica (graduação e pós): *Graduação em Letras pela Barão de Mauá. E Diploma em Marketing, Advertising, Sales e Public Relations pela Dublin Business School.*

4- Atuação profissional: *Professora de Inglês no EFII e coordenadora e professora de Inglês em escola de idiomas.*

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): *Desde da Faculdade estudando em escolas de idiomas, após a faculdade fiz um Intercâmbio para Dublin acabei gostando muito da experiência e morei por quatro anos.*

6- Por que se interessou pelo presente curso? *Na faculdade minhas matérias favoritas eram Literatura Inglesa e Tradução e a junção dois dois me chamou muita atenção! E também penso no mestrado, mas ainda não decidi meu projeto pretendo com o curso, ter algumas idéias.*

Obrigada!

Abraços!

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - domingo, 15 abril 2012, 04:48

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: *Nasci e moro em São Carlos*

3- Formação acadêmica (graduação e pós): *Me formei em licenciatura plena em Pedagogia pela UFSCar, fiz especialização em Ética, valores e Saúde na educação com ênfase em epilepsia pela USP*

4- Atuação profissional: *Já trabalhei em uma escola bilingue daqui de São Carlos, também atuei como professora particular bilingue e atualmente trabalho como professora na prefeitura municipal de São Carlos na EMEB Maria Ermantina, com um quinto ano (antiga quarta -serie)*

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): *Quando fiz quinze anos minha mãe me matriculou na Cultura Inglesa e por lá fiquei por mais de cinco anos. Agora estou parada, mas pretendo voltar quando tiver mais condições de pagar pelo curso.*

6- Por que se interessou pelo presente curso? *Desde que comecei a estudar inglês, eu me apaixonei pela língua, e desde então não perco meus "vínculos" com ingles, seja tentando traduzir músicas, seriados, filmes e gosto sempre de estar me atualizando nos estudos da língua. Acredito que para não perder a fluência temos que estar sempre em contato com a língua. E esse curso me interessou por unir tudo o que eu gosto na língua*

inglesa.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - domingo, 15 abril 2012, 05:57

1- Como prefere ser chamado(a)?
 2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Sou de São Luís (Ludovicense)/MA. Moro em São Carlos no momento.
 3- Formação acadêmica (graduação e pós): Vim em 2000 para Araraquara/SP, com o intuito de cursar uma Pós-Graduação em Letras (Mestrado). Minha primeira graduação foi em letras na UfMA (Maranhão); Terminei uma especialização e uma graduação em Pedagogia no ano passado.Ufa!Correria!
 4- Atuação profissional: Sou professora da rede municipal de São Carlos/SP. Atualmente, eu estou no cargo de coordenadora do Projeto em Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação em São Carlos.Já ministrei aulas no ensino superior público (UFSCar) e privado (UNICEP) e no cursinho COC.
 5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei Língua Inglesa (Britânica) na Faculdades de Letras e no cursinho ICBEU estudei até o nível intermediário. Trabalhei com o ensino da língua inglesa na EJA e no ensino fundamental,mas creio que preciso ter uma retomada no estudo de novo para falar fluentemente.Fiz um ano de Italiano e agora estou focado na língua francesa que pretendo me aprofundar por motivos profissionais.
 6- Por que se interessou pelo presente curso? Pelas propostas do curso e para dar essa retomada tanto na língua inglesa,bem como na literatura.
 Obrigada pela oportunidade e está sendo um prazer participar do curso.Desculpe-me pela demora no acesso.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - domingo, 15 abril 2012, 10:25

1- Como prefere ser chamado(a)?
2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Piracicaba mas moro em Araraquara
3- Formação acadêmica (graduação e pós): Estou cursando Letras (Português/Inglês) na UNESP de Araraquara.
4- Atuação profissional: sou funcionária pública.
5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): fiz ingles e italiano no primeiro ano de graduação, mas optei pelo ingles. Tenho contato com a lingua desde os 7 anos mas nunca tive a experiencia de ensinar outras linguas.
6- Por que se interessou pelo presente curso? porque gosto muito da literatura inglesa, e este curso foi uma oportunidade de estar em contato com a literatura e de aperfeiçoar meu ingles.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - segunda, 16 abril 2012, 10:47

1- Como prefere ser chamado(a)?
2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Sou de Sertãozinho, mas atualmente resido em São Carlos-SP.
3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Espanhol) pela Faculdade de Sertãozinho. Também fiz Especialização em Oralidade da Língua Espanhola em Jaboticabal-SP. Atualmente faço disciplina como aluna especial na UFSCAR.
4- Atuação profissional: Já trabalhei em escolas de idiomas, em escolas de ensino fundamental e médio. Atualmente sou professora de espanhol no Centro de Ensino de Línguas, projeto da Secretaria de Educação de São Paulo que funciona em São Carlos.
5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei espanhol por vários anos em escolas de idiomas, e também na faculdade. Tenho algum conhecimento em inglês, mas não sou fluente no idioma.
6- Por que se interessou pelo presente curso? Me interessei pelo curso, porque trabalho com tradução de textos técnicos, mas nunca havia feito nenhum estudo específico para a área de tradução.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - segunda, 16 abril 2012, 01:40

Boa tarde a todos! Tudo bem?

Aqui vai a minha apresentação:

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Campinas/SP, mas já morei em Natal/RN, Campo Grande/MS e atualmente moro em Araraquara/SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Estou no terceiro ano de Letras da UNESP Araraquara. faço a habilitação em inglês. Depois de me formar no final de 2013, pretendo fazer a minha segunda graduação, em Jornalismo, e quem sabe uma pós na área de tradução em Rio Preto.

4- Atuação profissional: Nunca lecionei, mas estou fazendo um processo seletivo para dar aulas de inglês na Wizard. Nas férias de dezembro/janeiro trabalhei numa editora como revisora.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudo inglês desde os 12 anos. Além de 'estudar' por conta própria, com filmes e seriados sem legenda, fiz inglês na Cultura Inglesa e na In Touch, ambas escolas de Campinas. Fora o inglês, tenho muita vontade de aprender francês, italiano e árabe.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Uma das poucas áreas que me interessam de verdade em Letras é a área da tradução. É uma área que futuramente pretendo atuar.

Espero poder aprender muito neste curso!!!

Muito obrigada.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - segunda, 16 abril 2012, 02:34

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Itajubá, sul de Minas Gerais, moro em São Carlos-SP há mais de 20 anos.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Formada em Magistério e em Letras (Português/Inglês) pela FADISC, São Carlos –SP.

4- Atuação profissional: Trabalho uma Cooperativa Educacional e na Secretaria da Educação. Já atuei como professora na Educação Infantil e Ensino Fundamental, atualmente trabalho com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Não domino a língua inglesa e nem outros idiomas.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Por gostar de literatura.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - terça, 17 abril 2012, 11:04

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Sou natural de Batatais, mas cresci em Ribeirão Preto e atualmente moro em São Carlos.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me graduei em Pedagogia e estou cursando Letras (Português/ Inglês) pela UFSCar.

4- Atuação profissional: Já atuei no ensino fundamental e agora estou atuando na educação infantil na rede municipal de ensino.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei o idioma por algum tempo, convivi com nativos e participei de trabalhos voluntários de ensino da língua inglesa. E agora também estou estudando o ensino da língua no curso de Letras.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Esta sempre foi uma área de grande interesse e também foi o que estimulou meu aprendizado da língua inglesa. Acredito que este curso acrescentará muito.

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

by - domingo, 22 abril 2012, 01:25

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e moro em São Carlos-SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Sou formada em Letras (Português/Inglês) pela UNESP de Araraquara e em Pedagogia pela UFSCar

4- Atuação profissional: Já atuei em escolas de idiomas, em escolas de ensino fundamental e médio e em cursos técnicos. No momento, acumulo cargos no Estado como professora de Inglês e leciono Português na rede particular de ensino.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês por vários anos em escolas de idiomas (e na universidade) antes de me tornar professora. Também tenho conhecimento básico de italiano e há cerca de 2 meses estou estudando espanhol.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Porque acho muito interessante o processo de tradução e tudo o que ele envolve.

Obrigada!

[Show parent](#) | [Edit](#) | [Split](#) | [Delete](#) | [Reply](#)

ANEXO 4 – MOODLE_2014: FÓRUM DE APRESENTAÇÃO



Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por Maria Claudia Bontempi Pizzi - quarta, 23 julho 2014, 11:27

Olá, pessoal! 😊

O Fórum é uma das ferramentas de interação assíncrona que o Moodle nos oferece. Portanto, vamos aproveitá-la para nos apresentarmos aos nossos colegas. Cada um poderia falar um pouco de sua vida pessoal e profissional para que possamos trocar experiências nessa caminhada que faremos juntos.

Pensei que poderíamos postar nossas mensagens em forma de enquete. O que acham? Leiam a primeira postagem, onde me apresento a vocês, e sigam o modelo, respondendo às mesmas perguntas que respondi.

A participação não valerá nota, mas entra no cálculo de frequência.

Muito obrigada pela atenção e bom trabalho a todos!

Profa. Maria Claudia 😊

[Editar](#) | [Responder](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por Maria Claudia Bontempi Pizzi - quarta, 23 julho 2014, 11:29

Olá, pessoal! 😊

Como vão todos? Espero que estejam animados para esse curso que estamos iniciando!

Vou, então, começar a conversa me apresentando a vocês. Como eu disse, o faremos em forma de enquete. Vamos lá:

1- Como prefere ser chamado(a)? Vocês podem me chamar de Maria Claudia ou apenas de Claudia.

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e ainda moro em São Carlos-SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela UNESP de Araraquara. Também cursei meu mestrado por lá, na área de Estudos Literários. Hoje sou doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (trabalho com ensino/aprendizagem de línguas).

4- Atuação profissional: Já atuei em escolas de idiomas, em escolas infantis, em escolas de ensino fundamental e médio e em uma universidade particular. Sou tutora desde 2009. Sempre trabalhei com língua inglesa ou literatura. No momento, estou me dedicando à tutoria virtual e ao doutorado.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês por vários anos em escolas de idiomas (e na universidade) antes de me tornar professora e tenho o CPE (certificado de Cambridge). Também tenho certo conhecimento de italiano e francês, mas o nível seria intermediário.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Durante minha Iniciação Científica trabalhei com tradução literária e achei uma experiência tão rica e gratificante que quis trazer essa reflexão para o meu doutorado. Estou oferecendo o curso para professores para que possamos refletir juntos sobre a tradução literária aplicado ao ensino/aprendizagem de línguas.

É isso, por enquanto. Espero a resposta de vocês, ok?

Obrigada!

Profa. Maria Claudia

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quarta, 30 julho 2014, 14:21

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Franca, interior de São Paulo. Morei em São Paulo, capital, por 15 anos e atualmente retornei para minha cidade natal.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Mestrado em Lingüística pela Universidade de Franca (2009) com a dissertação "O sujeito tradutor e intérprete nas redes digitais de socialização"; Pós-Graduação Lato-sensu em Gramática da Língua Inglesa pelo Instituto Santanaense de Ensino Superior (1996); Graduação em Letras: Tradutor e Intérprete pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas (1992).

4- Atuação profissional: Leciono no ensino superior desde 1994. Nos cursos de tradução ministro as disciplinas de teoria e prática de tradução e interpretação. Nas engenharias ministro as disciplinas de comunicação e expressão além de inglês instrumental. Atualmente estou na UNIFRAN (Universidade de Franca) mas já trabalhei na UNINOVE, UNIBAN e UNISANTANA.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês em escolas de ensino de idioma desde a minha adolescência até a conclusão do curso superior em letras-tradução- interpretação.

6- Por que se interessou pelo presente curso? A maioria dos cursos que fiz sobre tradução tinham o foco na formação do profissional tradutor e agora tenho a oportunidade de compartilhar conhecimentos com professores-tradutores. Acredito que será muito interessante!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quarta, 30 julho 2014, 20:19

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Belo Jardim -PE e moro em Osasco- Grande São Paulo.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela Faculdades Integradas Hebraico Brasileiras Renascença. Também cursei uma pós em Latu Sensu em Docência em Língua Inglesa pela W-Pós. Hoje sou graduanda do curso de Pedagogia pela PUC-SP, num programa do governo federal chamado PARFOR.

4- Atuação profissional: Só atuei em escolas da rede pública como professora de língua estrangeira.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês por 2 anos em escolas de idiomas (e na universidade)depois de me tornar professora. Treino muito a prática quando visito minha mãe na Suíça e falo com meu padrasto que fala fluentemente o inglês.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Para ajudar a refletir na minha prática docente no ensino/aprendizagem de línguas.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 07:40

1-Como você prefere ser chamado?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente. Nasci em Fortaleza - Ceará e moro em São Paulo - SP

3- Formação Acadêmica (graduação e pós) Estudei na Universidade São Francisco em São Paulo e fiz a pós EAD Unicamp.

4- Atuação profissional: Trabalho na rede estadual desde 1994 estou na mesma escola há 12 anos, sempre participo dos cursos oferecidos pela SEE, Pouco trabalhei com a Língua Inglesa em sala de aula, por isso procuro constantemente me atualizar para não perder de vista o Inglês da minha formação.

5-Experiência com língua inglesa (ou outros idioma) : Tenho pouco experiência com a língua inglesa, mas gostaria de me aprimorar.

6- Por que se interessou pelo presente curso: Com a finalidade de me aprimorar.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 11:03

Hello, my friends! 😊

1. Como prefere se chamado(a)?

2. Cidade de origem e cidade em que reside atualmente? Nasci na cidade de Caratinga MG, passei toda minha infância e juventude na cidade de Ipatinga MG e moro atualmente em Santana do Paraíso, Minas Gerais.

3. Formação Acadêmica (graduação e pós): sou formada em Letras (Português/Inglês), pela UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos de Ipatinga MG. Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UCAM - Universidade Cândido Mendes RJ. Pós-graduada em Práticas Pedagógicas pela UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto MG. Hoje estou iniciando uma Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela UnB/UaB - Universidade de Brasília.

4. Atuação Profissional: iniciei o meu trabalho docente em escola de educação infantil, atuei 15 anos como alfabetizadora na Rede Particular, atualmente sou professora de Português e Inglês da Rede Pública Municipal e Estadual nas séries do Ensino Fundamental e Médio.

5. Experiência com a Língua Inglesa: (ou outros idiomas): Estudei inglês instrumental em escolas de idiomas (e na Universidade). Tenho um conhecimento em Espanhol (curso básico).

6. Por que se interessou pelo presente curso? Quero aprender, pois o mesmo contribuirá para minha prática docente.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 16:29

1 - Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em São Paulo SP, atualmente moro em Limeira SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Sou graduada em Letras (Português/Inglês) pela UNIP. Cursei mestrado em Linguística, especificamente em Semântica, na UFSCar. Atualmente curso pós graduação em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade na UNIFEI.

4- Atuação profissional: Iniciei a carreira como monitora em Escolas de Idiomas, em 1997 abri uma filial da Disal em Limeira quando conheci diversos autores de livros de ensino de idioma aprendi muitas metodologias, porém vivia dividida entre lecionar e administrar meu próprio negócio em 2005 optei por lecionar, trabalhei em muitos institutos de idiomas, e escolas particulares onde lecionei inglês do infantil ao Ensino Médio.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Durante minha adolescência estudei na Cultura Inglesa Cambuí em Campinas SP, em 1997 fiz minha primeira viagem internacional para estudar fui para Londres- Inglaterra onde prestei o PET e FCE, em 2005 fui para Toronto- Canada onde me preparei e prestei o CAE. Atualmente faço trabalho em casa, tenho uma sala de aula, leciono para 45 alunos (aulas em dupla ou individual) com diferentes idades e objetivos.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Todos os meus alunos adoram traduzir e atualmente gasto uma energia enorme para evitar que eles lancem mão dessa ferramenta o tempo todo, o curso me instiga por estar curiosa em saber se estou no caminho correto, se é que existe um. Abraços!!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sexta, 1 agosto 2014, 17:34

1-Como prefere ser chamada:

2-Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Eu nasci, cresci e moro em São Paulo.

3-Formação Acadêmica: Sou formada em Letras, bacharelado e licenciatura na USP e cursei Pedagogia- Administração e Supervisão Escolar na UNINOVE.

4-Atuação profissional: Sou professora de português na Rede Municipal de Ensino, modalidade EJA e estou aposentada por tempo de serviço na Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo.

5-Experiência com língua inglesa ou outros idiomas: Muitas vezes comecei cursos de inglês e parei no meio por sobrecarga de trabalho, durante a faculdade tive que traduzir muitos textos e no calor da situação fazia o necessário.

6-Por que se interessou pelo curso: Porque é muito importante para a nossa formação enquanto leitores e educadores a ferramenta da tradução.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sexta, 1 agosto 2014, 23:43

Hello Claudia and friends

1-Como prefere ser chamada ?

2- Cidade de Origem e cidade que reside : Sou de São Paulo, nascida e residente até hoje

3- Formação Acadêmica : Sou graduada em Letras (Port/ Inglês) pela Faculdade Oswaldo Cruz (particular), concluída em 2000.

4- Atuação profissional : Já trabalhei em escola particular, com crianças, em escola de idiomas e Hotéis. Hoje, trabalho em escola pública estadual nas séries fundamental II e médio

5- Experiência com língua inglesa : Estudei na Cultura Inglesa , aproximadamente por 04 anos, após ingressei na faculdade. Ao término da Faculdade, fiz um intercâmbio em Londres, para melhorar a vivência.

6- Por que se interessou pelo presente curso ? Bem, como tenho uma formação antiga e retornei a área de educação recentemente, sinto a necessidade de se reciclar e também o tema foi convidativo.
HUGS

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sábado, 2 agosto 2014, 22:17

2- Nasci em São Paulo, mas atualmente moro em Jaú.

3- Sou graduada em Letras e fiz especialização em Psicopedagogia. Iniciei o mestrado em Semiótica da Língua Portuguesa, porém parei temporariamente.

4- Atuo como professora há 18 anos e sou muito feliz em exercer esta missão.

5- Aperfeiçoei-me no CCAA e hoje leciono aos meu baixinhos.

6- Desenvolvo um projeto chamado New Stars que envolve a tradução literária e acredito ser de extrema importância o presente curso.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - domingo, 3 agosto 2014, 14:04

Olá, pessoal! 😊

Como estão todos?

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Jacinto/ MG e moro em Campinas/ SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Braz Cubas em Mogi das Cruzes/SP, também fiz Geografia pela UNIMES (Universidade Metropolitana de Santos).

4- Atuação profissional: Atuei somente na rede pública de ensino: Secretaria de Estado da Educação e Prefeitura Municipal de Campinas. Iniciei no magistério em 2012. No momento sou professora de português no 6º ano e em todos os termos da EJA do ensino fundamental e professora de inglês nos 4º e 5º anos.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês na faculdade e fiz um curso em uma escola de idiomas, mas preciso estudar mais.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Porque preciso me atualizar e estar mais preparada para me dedicar ao trabalho. Sinto necessidade em aprender novas estratégias de ensino.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - segunda, 4 agosto 2014, 10:57

Olá a todos!

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Sou de Araras, mas atualmente moro em São Carlos.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): sou recém formada em Letras Português/Espanhol pela Ufscar.

4- Atuação profissional: trabalho como professora de espanhol em uma escola de idiomas e no projeto do Estado de São Paulo CEL - Centro de Estudos de Línguas, ambos em São Carlos.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): tenho pouco experiência com o inglês, estudo em escola de idiomas faz um ano e meio. Já com o espanhol estudei durante toda a graduação até me tornar professora.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Tive muito pouco contato com a tradução durante a graduação. Cheguei a assistir palestras sobre esse tema que me deixaram bastante curiosa. Também nunca utilizei propriamente a tradução nas minhas aulas. Achei que valeria a pena conhecer mais sobre esse assunto e achei interessante a proposta de aplicar a tradução literária nas aulas de língua estrangeira.

Estou animada com a proposta do curso!

Obrigada!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - segunda, 4 agosto 2014, 16:19

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Pirassununga e moro em São Carlos a cinco anos.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): *Estou concluindo a graduação em Letras - com ênfase em português e espanhol na Ufscar.*

4- Atuação profissional: Trabalhei inicialmente como professor em projetos de extensão e posteriormente no PIBID (iniciação à docência) por aproximadamente 4 anos. Nesse projeto atuei como professor de português e espanhol. Atualmente trabalho numa escola de línguas em São Carlos como professor de inglês a dois anos.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Embora tenha feito o curso de espanhol na universidade, tenho maior intimidade e facilidade com o inglês. Estudei inglês por diversos anos em uma escola de língua e minha maior experiência com a língua tem sido em sala de aula, como professor, ultimamente.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Por oferecer uma proposta muito interessante e que pode ser amplamente relacionada ao meu trabalho, e por fazer um gancho interessante com as pesquisas do meu TCC.

Grande abraço a todos!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - terça, 5 agosto 2014, 12:01

Olá, pessoal!

1-Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em São Paulo e moro em Guariba, cidade da minha família.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela Universidade do Oeste Paulista, cursei meu mestrado na Unesp de Presidente Prudente em Educação.

- 4- Atuação profissional: Leciono português e inglês para o Ensino Fundamental e Médio.
- 5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Será um desafio, porque possuo muita dificuldade com língua estrangeira. Fiz cursos em escolas de idiomas, mas tenho certa resistência rsrsrs.
- 6- Por que se interessou pelo presente curso? Faço parte de um grupo que estuda as obras de H. C. Andersen e trabalho com estética da recepção. Espero que o curso possa ampliar meus "horizontes de expectativas"
- Bj

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sábado, 9 agosto 2014, 20:37

Boa noite !

Como prefere ser chamado(a)?

Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e moro em Ipatinga MG.

Formação acadêmica (graduação e pós): Estou cursando o 8º período de letras na UNB.

Atuação profissional: Atuo como monitora no programa Mais Educação em minha cidade. Ministro aulas de produção textual e estou encarregada de escrever um jornal escolar com meus alunos.

Nunca atuei como professora de língua inglesa.

Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Cursei dois bimestres de inglês instrumental na faculdade, fiz um curso no SENAC e estudo sozinha. Também fiz um curso de espanhol pelo Pronatec.

Por que se interessou pelo presente curso? Me interessei pelo curso porque sou apaixonada pela língua e aproveito todas as oportunidades que tenho para aprender mais um pouco. Também porque este curso vale como horas extras para a minha graduação.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sexta, 5 setembro 2014, 19:36

1.Como prefere ser chamado:

2.Cidade de origem: Mogi Mirim / Cidade atual: Mogi Guaçu - SP

3. Formação acadêmica (graduação e pós): Graduação: 1ª Administração de Empresas e Comercio Exterior; 2ª Letras Português/Inglês. Pós: Língua e Linguagem.

4.Atuação Profissional: Já lecionei na área Administrativa em cursos técnicos Inglês instrumental bem como na área de Marketing; Fui professora na educação fundamental e média com o idioma inglês. Trabalhei em várias escolas de inglês nas cidades ao redor e agora leciono e coordeno a Accentu Idiomas uma escola de idiomas focada no público empresarial.

5.Experiência com inglês e outros idiomas: Iniciei meus estudos de idiomas com o espanhol, me formei pelo instituto Cervantes, passei para inglês e vivi nos EUA por um ano somente estudando. Depois passei para o alemão e também vivi na Alemanha a estudo por um ano, mas este idioma eu ainda não tenho certificado internacional, este ficara para o futuro pois o trabalho ainda me consome, rsss.

6.Porque se interessou pelo presente curso? Sou uma professora que aprendeu e ensina sem a técnica de tradução, porém percebo que para alguns alunos de certa idade, chamados os "boomers" pela psicologia a tradução é a melhor técnica de suporte. Neste curso procuro conhecer melhor como é feita essa coesão para uma tradução adequada levando em conta a influencia cultural.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quarta, 30 julho 2014, 17:58

Olá a todos!!

1-Como prefere ser chamada?

2-Cidade de origem e cidade que reside atualmente? Eu nasci na cidade de Rinópolis, interior de São Paulo, mas atualmente resido na cidade de Quintana, também aqui no interior, foi aqui que me criei.

3- Formação acadêmica(graduação e pós): Me formei em Letras Português/ Inglês no ano de 2008, pela Fadap- Fap, e cursei especialização em Literatura e Ensino, pela Faculdades Faccat, curso que concluí recentemente.

4- Atuação Profissional: Iniciei minha carreira em 2009 participando de um projeto de Língua Inglesa para crianças do Ensino Fundamental - Ciclo I, na escola municipal de minha cidade. Fui professora auxiliar de Língua Portuguesa em 2012, e em 2013 assumi cargo na Rede Estadual de Ensino, de Língua Portuguesa. Atualmente trabalho na Escola Estadual Altino Arantes, na cidade onde resido, e onde leciono Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

5- Experiência com a Língua Inglesa (ou outros Idiomas): Durante a graduação dei início a minha aprendizagem de Língua inglesa, a qual não pode ser aprofundada como era necessário, porém serviu para que eu desse os primeiros passos. Hoje curso Inglês também em uma escola de idiomas, na qual ainda há muito para aprender,

6- Por que se interessou pelo presente curso? Me interessei pelo curso de extensão em ato tradutório porque entendo que tudo o que puder contribuir para melhorar a qualidade das aulas que ministro nessa disciplina será de grande ajuda.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quarta, 30 julho 2014, 18:19

Olá. Boa noite!

1-Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: nasci e resido em Sorocaba - SP

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Cursei Letras Português e Inglês, Pedagogia, Mestrado em Educação e atualmente curso Doutorado em Educação.

4- Atuação profissional: Docente de Língua Portuguesa e componentes do currículo da formação docente e administrativa educacional: (Didática, Gestão Educacional, Currículo e Cultura, etc), Coordenadora do Curso de Letras Português e Inglês da Universidade de Sorocaba e Supervisora de Ensino da Rede Pública Estadual.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Utilizo mais para leitura, pois na minha trajetória acadêmica e profissional me distanciei da língua inglesa.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Considero que uma das minhas fragilidades de formação acadêmica é o inglês, portanto quero minimizá-la e acredito que o curso possa contribuir para tal.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quarta, 30 julho 2014, 18:23

Ansiosaparacomeçar

1-Como prefere ser chamada?

2-Cidade de origem e cidade que reside atualmente? Eu nasci, cresci e vivo em Penápolis, interior de S. Paulo.

3- Formação acadêmica(graduação e pós): Sou jornalista formada, Pedagoga e Licenciada em Língua Portuguesa.

4- Atuação Profissional: Sou professora da rede municipal de ensino fundamental I, leciono para o quarto ano, e também sou professora da rede estadual. Neste ano trabalho com ensino médio; português e literatura.

5- Experiência com a Língua Inglesa (ou outros Idiomas): Sempre amei a língua inglesa, estudei sempre autonomamente, fiz curso por um tempo, e atualmente treino conversação com uma amiga americana, que mora há 10 anos no Brasil.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Interessei-me pelo curso, porque sempre acreditei que a tradução é uma excelente forma de aprendizado de outro idioma, e foi bem assim que aprendi inglês.

PS.: Posso demorar a escrever, pois sou mamãe recente, minha filhinha tem 11 dias...mas escrevo....beijo a todos e um ótimo trabalho para nós! 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quarta, 30 julho 2014, 19:51

Olá a todos

1-Como prefere ser chamada?

2-Cidade de origem e cidade que reside atualmente? Nasci, cresci e vivo em Araraquara.

3- Formação acadêmica(graduação e pós) Sou formada em Letras, Português e Inglês, pela UFSCar e me formei ano passado. (bom filho a casa torna). Fiz uma especialização em educação especial voltada para surdos e venho fazendo todos os cursos oferecidos pelo estado para investir em minha formação continuada.

:4- Atuação Profissional: Atualmente sou professora de Inglês no Estado. Atuo com ensino fundamental e no CEL de Araraquara.

5- Experiência com a Língua Inglesa (ou outros Idiomas): Estou Inglês desde pequena e estou aprendendo Francês.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Antes de me decidir pela licenciatura, pensei em fazer tradução por amar literatura, filmes e idiomas. Parecia uma forma de unir o útil ao agradável. Esse curso é uma forma de realizar uma antiga paixão.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quarta, 30 julho 2014, 21:56

Boa noite pessoal, tudo bem? :)

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e cresci em Itu, interior de SP. Moro aqui ainda, mas estou em processo de mudança para uma cidade próxima daqui, Salto-SP, por conta do meu casamento.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português – Inglês) no Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio em 2008. Tenho uma pós em Psicopedagogia, graduação em Pedagogia e curso uma outra pós em Gestão e Implantação da Educação à Distância.

4- Atuação profissional: Atualmente trabalho como professora da rede estadual de ensino com as disciplinas de Inglês (Ensino Médio) e Português (Ensino Fundamental) na cidade de Salto. Já trabalhei com o Ensino Fundamental I lecionando Inglês pela Prefeitura de Itu.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Comecei a estudar Inglês aos 11 anos em uma escola de idiomas daqui de Itu, e me apaixonei. Optei pela faculdade de Letras para continuar estudando, coisa que sempre gostei.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Gostaria de discutir com outros professores e interessados sobre o ensino do Inglês e da tradução para a aprendizagem do idioma, a fim de adquirir novos conhecimentos e aprimorar minha prática como professora.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 00:37

Olá 😊

1-Como prefere ser chamada?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente? Nasci em Itapetinga (BA) e resido em Guarulhos - São Paulo

3-Formação Acadêmica (Graduação e Pós) Sou formada em Letras- Português/Inglês, e Pós Graduada em Educação.

4- Atuação Profissional? Atualmente leciono inglês na Rede Estadual - 7o. ao 9o.Anos e Professora de Educação Básica na Rede Municipal de Guarulhos.

5-Experiência com Língua Inglesa (ou outros idiomas) - Lecionei inglês na rede particular de ensino de 2004 a 2013 - para o EF I , EFII e MÉDIO.Ministrei aulas particulares de inglês e fiz o curso para professores de língua inglesa na Cultura Inglesa.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Para aperfeiçoar minhas práticas em sala e oportunizar a troca de experiência e vivência com colegas da área.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 12:06

1-Como prefere ser chamado?**2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente?** Nasci em Taubaté e resido na mesma cidade há 50 e poucos anos...(kkkkkkk)**3-Formação Acadêmica (Graduação e Pós)** Sou formado em Letras- Português/Inglês, e Pós Graduado em Gestão Escolar.**4- Atuação Profissional?** Leciono Inglês na Rede Estadual - Ensino Médio e Português nos 6º Anos na Rede Municipal de Taubaté, mas atualmente exerço a função de Coordenador Pedagógico na rede municipal.**5-Experiência com Língua Inglesa (ou outros idiomas)** - Lecionei inglês na rede particular por alguns anos EFII e na rede estadual para o MÉDIO atualmente. Fiz o curso para professores de língua inglesa na CCAA e conversação no CCBEU ambos na minha cidade.**6- Por que se interessou pelo presente curso?** Para aperfeiçoar minhas práticas em sala e oportunizar e contribuir com colegas da área com trocas de experiências e até mesmo atividades.[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)**Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação**

por - quinta, 31 julho 2014, 14:11

Olá a todos!!!**1- Como prefere ser chamado(a)?****2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente:** Nasci e ainda moro em Osasco-SP.**3- Formação acadêmica (graduação e pós):** Sou formada em Letras pela UNIFIEO com habilitação em língua inglesa. Tenho mestrado em literatura brasileira pela PUC-SP e pós-graduação em: Gestão Escolar, Língua Portuguesa, Educação Infantil e Planejamento, Implantação e Gestão de EaD.**4- Atuação profissional:** Sempre atuei como professora, na maior parte do tempo como regente de língua portuguesa, mas também dei aulas de inglês e espanhol, na rede pública e privada. Atualmente leciono língua portuguesa e sou professora orientadora da sala de leitura pela prefeitura de São Paulo.**5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas):** Estudei inglês por vários anos em escolas de idiomas (e na universidade) Também tenho certo conhecimento de espanhol e francês.**6- Por que se interessou pelo presente curso?** Gosto muito da língua inglesa e o trabalho em sala de aula é um foco que me chamou atenção para este curso.

Bom estudo para todos nós!!!

BJs 😊

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)**Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação**

por - quinta, 31 julho 2014, 20:00

Olá, professora e colegas!

Estou contente por poder participar deste curso e quero aproveitar ao máximo todo o conhecimento que este nos trará.

1- Como prefere ser chamado(a)?**2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente:** Nasci em São Paulo, mas moro em Jaú, interior de S.P. há 15 anos.**3- Formação acadêmica (graduação e pós):** Fiz Magistério (antiga escola CEFAM). Formei-me em Letras (Português/Inglês) pela Faculdades Integradas de Jaú. Pós graduação em Métodos e Técnicas de Ensino, à distância pela UTFPR. Atualmente estou cursando Pedagogia à distância pela UFSCar.**4- Atuação profissional:** Já atuei em escolas particulares e municipais como professora de educação infantil, monitora de criança com necessidades especiais e também professora de inglês. Atualmente sou PEB II - Inglês da rede municipal de ensino de Jaú, atuando na Educação Infantil.**5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas):** Estudei inglês desde pequena na escola. Fiz alguns anos em escolas de idiomas e após a graduação fiz mais de 3 anos de aulas particulares. Fiquei um tempo sem estudar o idioma e portanto "enferrujei", retornei esse ano na escola Yázigi de minha cidade, para retomar os estudos.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Gosto muito de inglês e tenho o desejo de conhecer cada vez mais esta língua. Almejo ser tradutora/intérprete um dia, e este curso veio dar um pontapé inicial neste sonho.
Abraços! Bom estudo a todos nós!
Marcela

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 20:54

Olá, pessoal!

Como vão todos?

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Candido Mota e moro em Palmital.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela UNIP, matemática pela UNIMES e pedagogia pela UNINOVE. Tenho pós graduação em deficiência intelectual e psicopedagogia institucional e clínica.

4- Atuação profissional: Já trabalhei como professora na rede estadual e atualmente sou professora efetiva da rede municipal e da APAE.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês quando cursei letras.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Sempre gostei desde faculdade da tradução literária e acredito que será uma experiência gratificante
Obrigada!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 20:55

Boa noite!!

Minha formação Letras (Inglês/português) pela Unisantana São Paulo - SP

Fiz pós graduação (literatura/língua/ portuguesa) pela faculdade Oswaldo Cruz

Atualmente leciono inglês Fund I e Fund II na Prefeitura de São Paulo e português no Estado.

Fiquei interessada pelo curso, pois quero atualizar meu conhecimento e ampliar o vocabulário.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - quinta, 31 julho 2014, 23:52

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em São Paulo, mas vivi a maior parte da vida em Marília. Agora estou de mudança para Londrina, PR.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Tradução na Fundação Eurípides Soares da Rocha - Univem, em Marília, e fiz especialização em Língua Inglesa na UEL.

4- Atuação profissional: Logo que me formei, comecei a lecionar na mesma universidade particular em que estudei. Também dei aula no Ensino Fundamental II, Médio e cursinho, sempre atuando como tradutora, revisora e legendadora em paralelo.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Comecei a estudar inglês ainda adolescente em escolas de idiomas. Na faculdade estudei espanhol, mas tenho apenas uma noção da língua, não trabalho com esse idioma. Como tradutora de alguns canais pagos, meu contato com a língua é diário, e também lecionei português para estrangeiros.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Por ser tradutora, me interessa saber e discutir o uso da prática em sala de aula, pois há 7 anos ensino somente Português em cursos superiores, e não mais inglês. Agora voltarei a lecionar inglês e certamente este curso será uma renovação de ânimos, de experiências... sempre há o que aprender, sempre!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sexta, 1 agosto 2014, 09:34

Minha cidade de origem é Prado/Bahia, atualmente estou residindo em São Paulinho Município de Itamaraju/Bahia. Minha formação é em letras/inglês pela universidade Uniube em Uberaba/Minas Gerais e pós graduada no ensino de português pelo instituto Pró Saber Finom de Feira de Santana/Bahia. Estou atuando no ensino fundamental II de 6º ao 9º ano com a matéria de português e na língua inglesa só o básico que aprendi na faculdade. O ano passado trabalhei com 6º e 7º ano , foi uma boa experiência. E o interesse por este curso é porque amo literatura e fazendo este poderá, ampliar meus conhecimentos e aprimorar-me nas reflexões, facilitando a transmissão para meus alunos.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sexta, 1 agosto 2014, 17:08

Ola pessoal!

Sou formada em Letras, Pos graduada em Midias Educacionas, e alguns cursos de extensao.Professora a mais de 25 anos, trabalho na EEFM Gov. Adauto Bezerra-Jardim-CE. Estou ssuper interessada em participar desse curso, conhecer pessoas novas, fazer novas amizades.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - sexta, 1 agosto 2014, 17:37

Hi everyone! How are you? Y hope everyone is ok!

Sou professor de línguas inglesa e portuguesa, atuo nas redes pública e particular e também em cursos livres de idiomas. Gosto de ler, viajar, cinema e fazer amigos!

1- Como gosto de ser chamado:

2- Cidade de origem e de atuação: Sou natural de Tambaú, SP. Moro atualmente em Campinas, SP, mas trabalho em Hortolândia, SP.

3- Formação acadêmica: Graduei-me em Letras pela FEOB de São João da Boa Vista, SP. Cursei mestrado em linguística como aluno especial na UFAL - Universidade Federal de Alagoas, curso este que tive de abandonar por motivos de saúde na família e tendo que regressar ao interior de São Paulo. Sou também formado em pedagogia e pós-graduado em Educação a Distância, com ênfase em Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar.

4- Atuação profissional: Sempre atuei em escolas particulares lecionando inglês. Em 2011 ingressei na rede estadual com inglês e comecei a lecionar também português na rede particular. Sempre dei aulas em cursos de idiomas e aulas particulares a interessados.

5- Experiência com a língua inglesa: Estudei inglês desde criança na escola FISK, onde me tornei monitor ainda muito cedo. Atuei nas redes CCAA, Wizard, CNA, IBL - Instituto Brasileiro de Línguas. Fui monitor na FEOB durante minha graduação e tenho o certificado Trinity of London - Advanced level.

6- Interesse no curso: Trabalho e trabalhei com diversas metodologias, umas que utilizam tradução no aprendizado e outras não. Costumo mesclar muito atividades e procuro entender como os alunos aprendem e lidam com a tradução no cotidiano. Tenho várias perguntas a serem respondidas, como: qual estágio é necessária a tradução? etc. Tradução literária também atrai minha atenção. Sou profissional ativo na área e busco sempre aprender e aprimorar meus conhecimentos, instrumentos e métodos.

A todos, muito obrigado pela leitura e espero que possamos interagir de maneira a acrescentar muito em formações colaborativas!

Forte Abraço!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)



Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - segunda, 4 agosto 2014, 18:14

Olá, a todos os alunos do curso.

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e ainda moro em São Carlos-SP.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Espanhol) pela UFSCar.

4- Atuação profissional: Atualmente ministro aulas de espanhol (em escolas de idiomas), e dou aulas de português em escolas particulares e públicas de São Carlos.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Sou fluente em espanhol, fiz também algum tempo aulas de inglês, tenho mais facilidade com a leitura do idioma, do que com a fala e escrita.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Realizei alguns trabalhos de tradução com a língua espanhola, apesar de ter tido muito pouco contato com a tradução durante a graduação. Achei interessante a proposta de aplicar a tradução literária nas aulas de língua estrangeira, desta forma também me forçaria mais a retomar os meus estudos de inglês.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por i - segunda, 4 agosto 2014, 21:45

Olá pessoal e professora!

Segue a minha apresentação! 😊

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci e moro em São Carlos

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Me formei em Letras (Português/Inglês) pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos).

4- Atuação profissional: Já trabalhei em vários lugares, como, escolas de idiomas, escolas de ensino fundamental e médio, em uma universidade particular, no IF (Instituto Federal de São Carlos) e na UFSCar. Sou tutora no curso de EAD. Atualmente, sou professora em duas instituições particulares.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês em escolas de idiomas e na universidade.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Amo tudo o que está relacionado ao ensino-aprendizagem de línguas e acredito q este curso venha complementar meus conhecimentos na área. Beijós!!!!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - terça, 5 agosto 2014, 22:02

Boa noite a todos!

1- Como prefere ser chamado(a)?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Pindaí BA - e moro em Serra do Ramalho- BA.

3- Formação acadêmica (graduação e pós): Formada em Licenciatura em Letras curso realizado pela FTC (Faculdade Tecnologia e Ciências), com Pós-graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade Católica de Anápolis.

4- Atuação profissional: Professora do Ensino Fundamental II .

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Estudei inglês no Ensino médio e na faculdade. Minha experiência foi de um ano com inglês no 6º ano . Trabalho com língua portuguesa.

6- Por que se interessou pelo presente curso? .

Sabe-se da necessidade de estarmos nos capacitando para melhor desempenha nossa função e por isso, gosto de ampliar meus conhecimentos e trocar experiências com outros profissionais da área para assim atender melhor os educandos, sendo o principal objetivo de minha participação.

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

Re: Atividade 1 - Fórum de Apresentação

por - segunda, 11 agosto 2014, 00:59

1- Como prefere ser chamado?

2- Cidade de origem e cidade em que reside atualmente: Nasci em Solânea (PB). Há três anos e sete meses, assisto em São Carlos (SP).

3- Formação acadêmica: Bacharelado em Letras (Português e Latim) na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, campus de São Paulo (FFLCH-USP), entre os anos 2004 e 2010. Licenciatura em Letras (Português) na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara (FCL-UNESP) desde o ano 2012. Monitor de Literatura Portuguesa no Departamento de Literatura da Universidade Estadual Paulista (FCL-UNESP), de abril a dezembro do ano 2013, e de maio a outubro do ano 2014 (nestúltimo caso, como membro da Comissão Organizadora do Curso de Extensão Universitária "A Geração de Orpheu: entre o espanto de existir e a busca de renovação da Poesia Portuguesa"). Pesquisador Bolsista de Iniciação Científica em Estudos Literários sob o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de agosto do ano 2012 a agosto do ano 2014.

4- Atuação profissional: Docente de Língua Portuguesa (Gramática, Interpretação, Redação e Literaturas de Língua Portuguesa) em três escolas da rede particular de ensino de São Carlos.

5- Experiência com língua inglesa (ou outros idiomas): Desde o ano 2012 - com oscilações -, hei frequentado o Curso de Inglês, ofertado pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no programa "My English Online", do qual já auferi certificações até o Nível 3, de maneira que, hodiernamente, falta-me cursar apenas os níveis quarto e quinto, a fim de concluir esse curso. Ademais, no ano 2010, quando ainda me graduava na Universidade de São Paulo (USP), participei, durante dois semestres, do Curso de Extensão Universitária "Italiano no Campus" (níveis I e II). No ano 2012, frequentei dois semestres da disciplina "Língua Espanhola" na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Em suma, como minha formação acadêmica é correlata ao Latim, procuro aperfeiçoar minhas técnicas tradutórias quanto a essa língua à medida que o posso.

6- Por que se interessou pelo presente curso? Interessei-me pelos "Estudos em Tradução Literária" porque, além de apreciar grandemente a língua inglesa (na qual, apesar disso, não tenho proficiência alguma), amo a área de Estudos Literários, da qual sou pesquisador, na UNESP, há dois anos, e é por estúltimo motivo que, indubitavelmente, sei que o excelente Curso, que ora se nos oferece, ajudar-me-á deveras na ampliação de minhas capacidades cognitivas respeitantes à aprendizagem não só da língua inglesa, mas também de quaisquer outros idiomas vernaculares que eu me proponha, futuramente, estudar.

"Post Scriptum": destarte, benquista Professora M.a Maria Cláudia Bontempi Pizzi, sou-lhe imensuravelmente grato pela oportunidade que você me ora concede qual partícipe deste precioso e bem-vindo curso, mercê do qual minha carreira acadêmico-profissional ampliar-se-á vastamente!

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Excluir](#) | [Responder](#)

ANEXO 5 – MOODLE_2014: QUESTÕES INICIAIS DA AVALIAÇÃO FINAL

Questionário Final

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Acredito ter entrado no curso com a mente muito aberta com relação não somente ao ato tradutório em si, mas também ao papel do tradutor dentro desse contexto. Sendo assim, agora ao final do curso, mais maduro e um pouco mais consciente das particulares relações existentes entre obras, suas traduções e tradutores, creio que minha opinião não somente tenha se modificado, mas que tenha também passado por um processo de refinamento.

Mais do que aquilo que pensei inicialmente, agora creio ser extremamente importante que veja com olhos diferentes a tradução e o tradutor. Considero, portanto, o tradutor não somente como aquele capaz de trazer um contexto a um novo idioma, mas, através de suas ferramentas e processos também será autor, transgressor dos limites que estão no papel e personagem principal na arte de lapidar textos, obra e sentimentos.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Quando penso em tradução tenho em minha mente principalmente Octavio Paz e seus trabalhos muito importantes para conclusões a respeito da tradução. Através dele é que pude observar questões como: a originalidade do texto, a essência que pode ser atribuída a uma determinada linguagem, a relação existente entre o não verbal e a capacidade que uma tradução pode apresentar de tornar-se uma invenção capaz de culminar num texto único e muitos outros pontos importantes e muito significativos nesse meu caminhar inicial pelo mundo da tradução.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Em minha opinião, se pensamos em metodologia, linguística aplicada ou qualquer outro nome que possa se dar para os processos incluídos no ensino-aprendizagem de uma nova língua, vários pontos são positivos e não devem ser deixados de lado. A transferência que pode ocorrer de uma língua a outra, a análise de erros, os exercícios estruturais, a comunicação colocada em prática, enfim, vários aspectos que possam ser considerados para uma aquisição positiva de uma língua: nesse ponto entra a questão da tradução, que também pode e deve ser abordada como uma das fases da aula. Exercícios envolvendo esse tipo de ação pode sim representar coisas positivas e que tragam bom desempenho ao aluno. O professor precisa apostar nesse tipo de abordagem na sala de aula e fazer suas experimentações, de modo a verificar o que se tornará mais ou menos positivo num processo de ensino.

Atividade avaliativa final

1) Acho que minha opinião não mudou, mas pude conhecer mais afundo outras perspectivas da tradução. O tradutor exerce o trabalho de tradução sempre tentando equilibrar a liberdade de criação e a submissão à obra original. Além disso, a função do tradutor e da própria tradução vai além de uma mera correspondência entre palavras, esse trabalho envolve preocupação em reproduzir o estilo do autor, forma, musicalidade, contexto etc. Ou seja, a tradução é uma nova obra literária e não um mero texto que serve de apoio para se entender outro.

2) Gostei muito do texto de Britto e do texto de Pereira, pois ambos falam das inevitáveis lacunas que toda tradução apresenta e que estas podem ser preenchidas com a liberdade de criação do tradutor, com o seu papel de transcriador em prol de reproduzir também os efeitos e a estética da obra original.

3) Sim, o trabalho de tradução literária em sala de aula me parece bastante rico para desconstruir com algumas ideias que os alunos trazem sobre a tradução. Com um bom exercício de tradução, os alunos podem ser levados a entender que a tradução vai além de uma correspondência entre palavras, que ela

não carrega sozinha a compreensão de um material em língua estrangeira, que ela necessita mais do que um dicionário etc. Além disso, o trabalho de tradução faz com que os alunos quebrem a cabeça e assim aprendam mais vocabulário e pratiquem ainda mais o exercício de compreensão de significados.

Atividade Final

1-Quando iniciei o curso, tinha uma ideia muito vaga do que fosse a tradução, apesar de saber das dificuldades para se traduzir, não conhecia nem de longe a complexidade que envolve o ato tradutório, e não tinha em mente a relação tão estreita entre o fazer tradução e o fazer literatura. E neste sentido, pude conceber a importância do papel do tradutor para o texto e para o leitor também, uma vez que tudo passa por “suas mãos”, ou seja, suas experiências de vida e de leitura, seu conhecimento sobre a língua e por consequência sobre a cultura original em que o texto foi produzido.

2- o texto que mais útil, para um aprofundamento sobre o ato tradutório foi o texto de Octavio Paz, pois sendo o primeiro me fez refletir, e meio que me tirou do senso comum, falou também da humanização, a experiência, a criatividade do ato tradutório e da impossibilidade de se traduzir poesia.

3- vejo como muito válida o trabalho com tradução em sala de aula pois isto poderia aproximar o aluno da língua estrangeira em sala de aula, há muita dificuldade e bloqueio entre alunos e textos estrangeiros no cotidiano das aulas, há medo, distanciamento. A tradução literária acaba por fascinar o estudante, dando-lhe oportunidade de conhecer a língua mas também interagir com o texto, aprofundar-se em seu sentido, viver a experiência com o texto.

Atividade 17 - Avaliação Final

- Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Inicialmente, quando comecei o curso, acreditava e comentei que o ato de traduzir significava, literalmente, pegar um texto, procurar as palavras apropriadas em dicionários da respectiva língua, e então “traduzir”. Hoje estou feliz por ter mudado de opinião, pois com o curso, e com as leituras percebi que traduzir é muito mais do que traduzir palavras, é buscar, e quase nunca conseguir, transmitir o sentimento expresso em cada palavra escrita. Um tradutor é também um escritor, pois a cada tradução o tradutor é condicionado a criar um texto, que chegue perto do original.

- Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Para mim, as maiores reflexões acerca do ato de traduzir vieram após a leitura do texto de Moreira, que trouxe dois importantes autores e suas considerações sobre traduzir. Quando ele cita Calvino, dizendo que “A tradução será sempre uma aproximação, um texto outro que dialoga com aquele original e com os dois idiomas em questão”, aproxima-se da concepção que criei do ato de traduzir, o qual comentei acima: o tradutor é também um novo escritor.

- Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Além da imensa colaboração para formação crítica dos alunos, ao se propor que traduzam um texto, acredito que essa atividade enriqueceria muito, pois é possível trabalhar diversos gêneros textuais, explorar a cultura, explorar a criatividade e a capacidade de ler e interpretar.

1 - Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Sim, minha opinião definitivamente mudou. Eu acreditava que a tradução apenas poderia ser feita de modo literal, respeitando exatamente a intenção do autor e a escolha das palavras dele. Após fazer o curso e as leituras indicadas, bem como as atividades, minha opinião mudou. Acredito que uma língua não seja tradução da outra, que os efeitos de sentido de cada idioma deve ser traduzido com palavras que os represente e faça sentido para a língua traduzida. Na poesia há muito mais a se considerar, como a métrica, a sonoridade, o ritmo, que não podem ser traduzidos.

2- Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Foi o texto de Octavio Paz, logo no módulo 2. Ele trouxe toda a concepção de tradução inicial que foi amplamente discutida nos módulos seguintes. A partir do texto dele abri os olhos para a intencionalidade do tradutor que pode e deve aparecer. No final do texto dele ainda aborda-se a poesia. Ótimo texto.

3- Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Sim. Trabalhar com um texto como foi feito no curso, sem correção classificatória da produção (tradução), aproxima o aluno do mundo de opções que a tradução possui. Vai desde apresentar os erros comumente cometidos por traduções literais ou tradutores online até os vários sentidos e efeitos de sentido que as palavras adquirem dentro de um idioma específico. É proveitoso ter a experiência de trabalhar com idiomas e intencionalidades.

Atividade Avaliativa Final

1)Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Quando iniciei este curso e respondi sobre o que acreditava envolver o ato tradutório, lembro-me claramente que pensava ser a passagem de uma literatura em certo idioma para outro, com o domínio total de vocabulários correspondentes para que fosse respeitada a autenticidade do material. Após ter realizado as leituras e as tarefas vinculadas ao curso minha opinião saiu do plano superficial para um plano mais profundo. Hoje, ao responder sobre o ato tradutório afirmo que se trata de uma arte de transcrever um texto, uma poesia ou uma música seguindo os seus sentimentos, realizando as modificações necessárias para acompanhar a ideia inicial do autor, as funções da linguagem e os

subsídios utilizados com toda criatividade e amor, preservando a essência, mesmo que se necessário, superando os limites de uma escrita e avançando na imaginação e na interpretação do contexto através da expressão da linguagem.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Considerações que levo deste curso para constantes reflexões estão entre o ponto de partida de Masini para a tradução que ressalta o amor como subsídio para este trabalho, suas referências conscientes e ferramentas como dicionários, o estudo dos léxicos, gramáticas, sintaxes e a poética, incluindo também o estudo da obra e vida do autor e da literatura de sua época. Já em relação a Britto, a tradução como uma forma de reescrita: tendo em mente que traduzir é reescrever um texto numa língua diferente, com o objetivo de produzir um texto que possa substituir o original, para aqueles que desconhecem o idioma em que ele foi escrito. O tradutor é, pois, um tipo específico de autor. Diante destas conclusões de pessoas tão renomadas nas funções que lhes cabem, resta acrescentar que traduzir não é apenas um ato sistemático de conhecimento idiomático, mas um pacote que inicia pelo sentimento que lhe envolve, o domínio linguístico, gramatical e histórico das relações do trabalho em questão. Contudo, volto-me a estas estratégias citadas quando me deparar com uma tradução mínima que seja para atingir a amplitude na satisfação de uma realização.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Bem, diante de algumas novas ideias e reflexões, considero válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula se for acompanhada de todos os requisitos que para mim tornaram se fundamentais para o processo de tradução, tais como: a valorização de sentimentos agradáveis para a execução do trabalho, o estudo dos léxicos, gramáticas, sintaxes, obra e vida do autor e da literatura de sua época. O aluno(a) tem que ser consciente de que é um novo criador de um texto que poderá gerar emoção e conhecimento ao leitor, bem como uma leitura significativa no idioma compreensível. Enfim, vantagens? Quando praticamos um aprendizado, articulamos o que já sabemos e temos a possibilidade de nos ampliarmos cognitivamente, aprimorando novas e antigas habilidades, aperfeiçoando conceitos e desenvolvendo práticas que estão sendo assimiladas.

Atividade Avaliativa Final

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Acredito que minha opinião ganhou um reforço teórico, agora entendo que traduzir não é apenas decodificar algo que está escrito, mas reescrevê-lo na outra língua. Há de ser um escritor literário para se obter um bom resultado.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

O texto que mais gostei foi o da Heloísa Pezza Cintrão, achei muito claro e instrutivo, fez observações sobre o Gilberto Gil que eu desconhecia, me estimulou para fazer a tradução da música que foi solicitada como exercício. As relações que ela estabeleceu com as teorias de Haroldo de Campos foram assertivas e instrutivas.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Sim, porque esse tipo de atividade ativa várias competências dos alunos.

Atividade Avaliativa Final

Respostas:

A minha opinião mudou. Acrescento ao que já imaginava também o aspecto apontado por Britto e Pereria que apontam que na impossibilidade da tradução de textos literários há a necessidade da recriação ou criação paralela. Os textos são semantizados. Britto ainda faz um destaque bastante pertinente ao afirmar que a infidelidade semântica é inaceitável.

As ideias de Paz me fizeram refletir a respeito do que o autor registrou: tradução, "implica uma transformação do original", que jamais reaparece na outra língua. O destaque a respeito da poesia afirmando que ela é intraduzível também me fez refletir. A culminância do meu repensar emergiu do que afirmou Paz em relação ao tradutor, segundo ele tal profissional deve "compor um poema análogo ao original", pois o poema traduzido é sua transmutação.

Certamente a proposta é bem válida. Quebra paradigmas Faz os envolvidos no processo repensarem suas práticas e modo de encarar a tradução de textos literários.

Atividade 17- Avaliação Final

Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

1) Após as leituras e os exercícios tradutórios realizados durante o curso, o meu olhar não mudou, ele foi construído, a partir da proposta oferecida pela tutora, porque eu não reconhecia enquanto professora de português, que enquanto eu trabalho com interpretação de textos, estou traduzindo autores e ideias então estou trabalhando com traduções e isto é sensacional.

A minha atual opinião sobre a tradução e o papel do tradutor é que a tradução não é um trabalho técnico simplesmente, mas um trabalho de criação, uma recriação de um escritor "visitando" a obra de outro e o papel de tradutor é este o de transcriar, o de extrair do texto o melhor que ele pode oferecer e de possibilitar aos leitores o prazer de entender uma obra.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Todo o material disponibilizado para o curso foi muito importante, e é muito útil tanto para aprimorar a minha formação pessoal quanto para melhorar o meu trabalho em sala de aula, mas eu gostei muito do texto de Pereira pois esclareceu bem o papel do tradutor visto por um determinado ponto de vista que envolve a liberdade de criação que o tradutor tem ao debruçar-se sobre uma obra.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Depois de ter feito este curso considero muito válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula, porque ela apresenta ao aluno a vantagem de conhecer novos autores e suas obras que retratam outras realidades e outras maneiras de entender e interpretar a realidade da sociedade em que vivemos.

Avaliação Final

- Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?
Acredito que meus conceitos sobre o ato tradutório, principalmente aplicado à tradução literária, foram ampliados. Continuo a ver a tradução como uma forma de interpretação e que traduzir é muito mais que a troca de palavras de um idioma para o outro e envolve o conhecimento da cultura das línguas envolvidas e do assunto. No início do curso eu pensava que a tradução literária necessitava de uma boa dose de "veia artística", mas agora, penso em competência tradutória artística, ato de recriação, de transcrição. Quanto ao papel do tradutor, sempre o vi como autor da obra traduzida.
- Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.
Adorei o texto da Cintrão pois consegui perceber a real possibilidade de tradução de textos poéticos, além de ser muito divertida a possibilidade de tradução de músicas.
- Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?
Sim. É um exercício de criatividade, de tradução artística que foge da literalidade das palavras em prol do sentido.

Atividade Avaliativa Final

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Através das leituras dos textos acredito que traduzir é “passar” para a sua linguagem um termo desconhecido. A tradução pode ser simples ou complexa dependendo do nível do seu conhecimento em relação ao texto ou trecho.

Uma tradução não é a cópia do texto, conforme afirma a Ana Estela, o texto inicial precisa ser compreendido para depois ser traduzido, pois a tradução de todas as palavras de um texto original muitas vezes não transmite clareza.

Acredito ser possível a tradução de poesias, mas dependerá muito do tradutor de “recriar” toda a estrutura métrica da poesia.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Todos os textos teóricos trouxeram a sua contribuição sobre o ato tradutório. A tradução tem sido tema de reflexão por parte de inúmeros estudiosos, que discutem suas possibilidades e limites, suas consequências e desdobramentos nos campos literário e poético.

Percebe-se Moreira aponta situações específicas em que a tradução aparece como procedimento e tema ficcional nas obras de Borges, pois ele utiliza a reflexão e a ficção. Borges coloca em pauta a

relação profunda entre língua e cultura, cujos ecos se desdobram no pensamento da tradução e as dificuldades de traduzir são inúmeras, e a tradução só "é possível porque se pode recriar a obra, tomar o texto como pretexto".

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Acredito que esse exercício traz aos alunos o contato e o estudo sobre outro idioma, a contribuição de outra cultura.

1) Embora tivesse conhecimento da questão estética na literatura e do estilo de escrita do autor, inicialmente eu pensava que a tradução tinha que conservar muito a semelhança do vocabulário, mesmo entendendo que é difícil a tradução literal. Me incomodou um tempo o fato de considerar o tradutor um autor, mas depois do curso compreendi, e com o texto de Moreira isso ficou mais claro, que a tradução é um processo criativo.

2) Todos os textos foram importantes. O que achei que mais se contradisse foi o do Masini e foi o que me incomodou um pouco. Todos os outros textos me levaram à reflexão sobre o ato tradutório. Mas o que me agradou mais, e que casou com o que foi discutido durante todo o curso foi o artigo de Moreira.

3) Sim, sem dúvida. Conseguimos perceber que a tradução não deve ficar restrita ao sentido literal da palavra. Dessa forma o alunos consegue perceber que deve compreender o contexto e usar a criatividade e um vocabulário condizente do leitor para que o texto seja compreendido fora de seu país de origem e muitas vezes até do tempo no qual foi escrito.

Atividade Avaliativa Final

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Não, minha opinião continua a mesma, porém com mais conhecimento sobre o assunto. Quando fui perguntada sobre, respondi que o ato tradutório envolvia a visão de mundo do tradutor e conhecimento da cultura. Durante todo o curso isso esteve presente na tradução como também a criatividade, conhecimento. Sabendo também que o ato de traduzir não é simplesmente transferir de uma língua para outra, envolve muito mais, podendo fazer mudanças no decorrer do ato para um bom entendimento.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Conhecer a teoria desses dois autores foi de fundamental importância para o ensino/aprendizagem. O texto de Paz Britto viaja pela história da tradução, compondo o ato de traduzir poema ele diz:

O ponto de partida do tradutor não é a linguagem em movimento, matéria-prima do poeta, mas a linguagem fixa do poema. Linguagem congelada, mas perfeitamente viva. Mostrando que o tradutor irá operar com poema conforme sua vontade. Sabendo traduzir poesia é muito complexo.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Sim, além do trabalho de aprofundamento no texto como um todo, em pesquisas, o trabalho de tradução funcionaria para desenvolver a habilidades crescimento do vocabulário, criatividade e conhecimento.

Atividade Avaliativa Final

- 1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Fiquei encantada com os módulos, aprendi demais no decorrer do curso. Anteriormente a palavra tradução, ao meu ver, se relacionava ao sentido literal, no entanto, a bibliografia do curso ofereceu-nos outras lentes para visualizar qual é o papel do tradutor. Que não é um mero ‘transferidor’ de palavras de um idioma para o outro de maneira mecânica, e sim alguém que pensa, interpreta e infere a partir de seu conhecimento externo da cultura em que esse texto irá integrar para sua melhor compreensão.

- 2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Cada um a seu modo enriqueceu nosso arcabouço teórico. O texto de Paz já a princípio nos choca com a frase ‘Aprender a falar é aprender a traduzir’ sinceramente naquele momento pensei esse curso não é pra mim, no entanto a cada linha Paz foi destrinchando essa proposição e conclui com ‘O ideal da tradução...consiste em produzir por meios diferentes efeitos diferentes analógicos. (...)’ e isso foi sendo confirmado por todos os demais autores ora na música, ora na poesia, ora no conto, no poema e o ápice se deu no texto de Masini quando Bandeira traduz um poema do português para o português. Fechando com chave de ouro Moreira discute o ato tradutório na literatura clássica e reafirma a não homogeneidade e neutralidade do sentido da/na palavra, dando força ao heterogêneo da linguagem.

- 3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Naturalmente, isso vai depender muito do nível da classe, e a proposta da escola em questão. Atualmente vivemos em uma época de promessas bastante ambiciosas, como por exemplo que a criança termine o ensino médio fluente, se esse é o objetivo central da escola torna-se incoerente incluir também os trabalhos de tradução literária, porém havendo tempo hábil é assaz importante que o educando tenha contato com o ato tradutório pois assim compreenderá um mundo que se encontra atrás daquela tradução X ou Y que ele lê.

MÓDULO 8 - ATIVIDADE FINAL

- Sim, pois as técnicas e as atividades apresentadas durante o curso me deram uma visão mais ampla sobre o assunto.

Para mim a tradução é fazer com que o que está em outra língua seja compreendido considerando as aspectos particulares da língua. O papel do tradutor é muito mais amplo do que simplesmente traduzir.

- Todos os textos lidos foram de grande valia e enriqueceram muito o nosso trabalho, mas o texto de Octávio da Paz superou permitindo uma visão ampla do que é tradução e o papel do tradutor.
- Com certeza, o trabalho de tradução literária deve ser sempre incentivado e praticado nas aulas não simplesmente como conteúdo, mas como algo prazeroso e que realmente faça sentido para o aluno. O maior benefício seria a familiaridade com a língua facilitada pela tradução.

Atividade Avaliativa Final

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Sim, pois apesar de acreditar que uma boa tradução não seria “ao pé da letra”, aprendi que tradução é também criação, que o tradutor tem que usar sua criatividade para poder transmitir a mesma mensagem do autor do texto para a língua na qual está traduzindo-o. Então, para isso o tradutor tem que ter o conhecimento da língua, mas também ter a capacidade de repassar o conteúdo para a realidade da língua a qual está sendo traduzido, para que assim seja entendido pelo leitor, de maneira que pareça que o texto foi escrito naquele idioma.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Particularmente não foi um só, mas três, que a meu ver foram complementares para o entendimento do ato tradutório, os textos de Paz, Britto e Pereira. O texto de Paz foi realmente o pontapé inicial para compreender a tradução em si e sua correspondência com o texto original; o de Britto veio exemplificar como realizar esta correspondência; e o de Pereira realmente trouxe o conceito chave de tradução como criação e a importância da criatividade para tal tarefa.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Com certeza, é necessário primeiramente introduzir o que é realmente tradução, como deve ser feita, a importância da somatória do conhecimento da língua mais a criatividade do tradutor, a necessidade de traduzir elementos de acordo com a realidade cultural da língua a qual está sendo repassado o texto. Desta forma, o trabalho com tradução em sala de aula enriqueceria os conhecimentos na língua, mas também incentivaria a criatividade dos alunos, o gosto pela escrita, o conhecimento de sua própria cultura.

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Acredito que a minha opinião mudou sim, pois os textos escolhidos foram muito relevantes para o meu conhecimento. O que mais me impressionou foi saber que um tradutor é um ator ou um grande artista que deve representar o autor do texto original, que deve passar ao público a mesma mensagem e despertar as mesmas emoções, caso seja um texto literário.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Todos os textos foram bons, pena que o meu cérebro não está treinado a guardar todas as informações que tenho contato, mas o que me deixou com um ar de que entendo um pouco de tradução foi o texto de Paz ao afirmar que existem muitas línguas, mas o sentido é único e cada língua é uma visão de mundo, nenhum texto é inteiramente original, o tradutor o reformula; Muito interessante foi o texto de Britto ao afirmar que o ofício do tradutor é semelhante ao do ator, que imite as peculiaridades do autor original, dizer a mesma coisa que ele diz na linguagem traduzida. Foi fantástico o exemplo do poema 108 de Emily Dickinson, quando Britto mostra com clareza como ficaria uma tradução totalmente literal sem levar em consideração as características do texto, no caso poema. E pra finalizar afirma “A tradução de poesia é a tradução literária elevada à máxima potência.”

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Com certeza sim. Nas aulas de língua portuguesa dá pra trabalhar, de uma forma mais fundamentada, com intertextualidade entre gêneros textuais, análise de poesia com questões referentes ao ‘que mensagem o autor quer passar’, como reproduzir a linguagem em outra mais próxima do cotidiano dos alunos, enfim... No momento de trabalhar sempre vou me lembrar de algo que aprendi no curso.

Atividade Avaliativa Final

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

O papel do tradutor é transmitir uma mensagem de uma língua para outra, pensando nos leitores que não tem conhecimento sobre essa primeira língua. Mas seu papel não é transcrever palavra por palavra, é transmitir ideias e sentimentos. Pensando nisso, ele precisa ter um grande conhecimento das línguas com as quais trabalha, não apenas a gramáticas, mas expressões idiomáticas específicas. É deve conhecer a realidade cultural dos países, pois a língua é parte da cultura. Tudo isso é necessário para transmitir as imagens do texto original. Não se trata de uma reescrita, mas de conferir ao texto original figuras que façam sentido para os leitores da língua dois.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Diria que o de Paz, pois foi um dos textos que usei para contrapor o que já sabia sobre tradução com o que aprendi depois.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Sim, pois acredito que com ele o aluno seja levado a pensar em sua própria língua, cultura e conhecimento de mundo em comparação com a do outro.

ATIVIDADE AVALIATIVA FINAL

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Sim. Percebi a importância da tradução e que o conhecimento do tradutor faz o diferencial para o texto traduzido. O papel do tradutor é fundamental para que a obra original traduzida em outros idiomas não perca sua essência.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Gostei muito do texto GILBERTO GIL E HAROLDO DE CAMPOS: IN(CON)FLUÊNCIAS, TRANSCRIÇÃO DA CANÇÃO de Heloísa Pezza CINTRÃO, pois a autora nos mostrou de forma clara e objetiva como trabalhamos. A tradução literária é um subtipo da tradução escrita, uma modalidade simples quanto ao meio. No entanto, pode ser abordada do ponto de vista da tradução subordinada, no caso de textos literários ou fragmentos de textos literários marcados pela função poética da linguagem, o que acontece acentuadamente no caso da tradução de poesia. A tradução de um poema, sempre que se queira que o texto-meta mantenha as características estruturais desse gênero literário, pode ser profundamente influenciada por elementos icônicos, como a espacialização típica dos poemas concretos, ou, mais comumente, por elementos sonoros trabalhados na própria materialidade da linguagem verbal, como rimas, aliterações, métrica.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Sim. A vantagem é que o educando passará a ampliar seu vocabulário e se expressar com mais segurança em suas atividades.

ATIV - 17

- Atividade Avaliação Final :

Questionário :

- Após a leitura e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou ? Qual é a sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor.

RESP : Meu ponto de vista mudou muito. Tinha uma noção errônea, pois o pouco que nesses nossos encontros percebi , que o ato tradutório não é, digamos, o que eu apresentava , como apenas fazer a adequação linguística, mas algo mais profundo. O tradutor além de ter o domínio da língua, tem que apresentar domínio em estruturas da escrita , no conhecimento da obra e do autor que a produziu.

No geral, a tradução e o tradutor são atos mais elaborados e ou profundamente estudados para se obter um trabalho perfeito.

Para concluir, cito Calvino : “... a tradução é um diálogo entre 2 idiomas que devem ser explorados pelo tradutor, para poder extrair a máxima liberdade e criatividade possível.”

- Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório?

RESP : Não vejo o mais útil, pois todos se completaram. Vejo o autor que mais atingiu-me com suas explicações e talvez o mais direto, que soube trabalhar e mostrar as diferenças existente entre o ato tradutório e a tradução simplesmente dita. Para mim foi Paz, pois segundo ele : “ ... a tradução é uma função especializada da literatura , uma vez que considera a tradução uma operação literária.”

Ao lê-lo, percebi que todo processo tradutório, o qual eu estava acostumada a fazê-lo, era errôneo. Ele me fez repensar sobre o ato tradutório e no decorrer do processo de aprendizagem, os esclarecimentos começaram a se desvendar. Assim, hoje, vejo a necessidade de um estudo mais aprofundado dessa técnica, para poder executá-la com mais especialidade.

Concluiu-se que antes de executar uma tradução, deve-se conhecer todos os aspectos, da obra e autor, para não fugir do original. Segundo Paz :” ... nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução.”

- Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professora de língua vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula ? Se sim , que vantagens você acredita que tal exercício traria ?

RESP : Não consigo ver o ato tradutório em sala de aula uma atividade produtiva. Hoje, a tecnologia fez com que nossos alunos se desinteressassem em perder tempo , para aprender estruturas, palavras e sentido em um texto , em língua não materna. Por ser uma juventude imediatista, eles não focam o aprendizado futuro, assim cada estrutura, palavra ou mesmo musica traduzida, visando um aprendizado mais significativo, tornou-se um processo superficial.

São raros os alunos que conseguem conectar uma estrutura e utilizá-la em outro momento. Deparo com certas resistências, que as denomino como Imediatista, pois só servem para aquele momento e após o seu uso e ou entendimento, não as utilizam mais.

Dessa forma, seja a faixa etária que for, procuro mais fazê-los a se comunicar e subentender a estrutura da língua juntamente com o contexto, do que própria a tradução.

Atividade 17

1 - Após as leituras e atividades realizadas durante o período do curso, vejo a tradução hoje como significados de algumas palavras sem mudar o objetivo do texto original. E o papel do tradutor é deixar o amor revelar seu vocabulário de maneira simples e envolvente.

2 – O texto de Octavio Paz e André Masine foi muito proveitoso para meu entendimento sobre tradução e o papel do tradutor. Quando eles esclarecem a objetividade da construção da tradução, e diz que um tradutor precisa transmitir amor e da leveza para suas traduções.

3 – Com certeza será muito proveitoso em sala de aula. Eu escolheria trabalhar o texto original musica, com a tradução e a criação de uma nova tradução. Às vantagens para os educandos será inúmera, apesar de a aula ser lúdica, irá enriquecer-los na produção textual, interpretação, vocabulário critica gênero textual etc.

Atividade Avaliativa Final

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Sim, pois não tinha pensado a tradução dentro de um mesmo idioma, nem que os autores originais aceitassem que seus textos fossem traduzidos com versões longe do original. Como a Rita Lee fez com a música dos Beatles, por exemplo.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Todos contribuíram para meu aprendizado, pois os textos se completam em afirmar que a tradução é uma reescrita do texto, e que o tradutor é também um autor daquele texto, precisa ser um escritor para traduzir.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Não tinha tratado a tradução intralingual como tradução, já tinha abordado esse tema como uma atividade intertextual ou mesmo como variedade linguística.

1) Em nosso primeiro questionário, aplicado no início do curso (Atividade 2), perguntamos o que você acreditava envolver o ato tradutório. Após as leituras e exercícios tradutórios realizados durante os módulos, você acredita que sua opinião mudou? Qual é sua atual opinião sobre a tradução e sobre o papel do tradutor?

Certamente minha visão e entendimento mudou. Este curso me fez olhar amplamente o que o processo tradutório envolve. Eu não fazia ideia de que poderíamos utilizar de diversas formas de tradução e que cada uma se adequa a um estilo de texto. Também faz parte do processo o estilo do tradutor que necessita estudar e especializar-se para o trabalho que mais lhe apraz, um exemplo disse sou eu mesma que não consigo me ver trabalhando com tradução poética, não gosto, não me sinto preparada e confortável e certamente não faz parte da minha sensibilidade linguística.

2) Dos textos teóricos (Paz, Britto, Pereira, Cintrão, Masini e Moreira) trabalhados no curso, qual lhe foi mais útil para um melhor entendimento do ato tradutório? Comente.

Os textos de Pereira e Cintrão me despertou a curiosidade e afeição por um estilo de tradução que trabalhei e as vezes aplico no meu trabalho diário. A transcrição é algo que mostra a criatividade e posso interpretar e colocar ao leitor o sentimento do autor original, mas para isso é necessário o conhecimento da cultura e da região do autor, seu estilo, e ao reproduzir é necessário fazer a mesma coisa, pois se for uma tradução para o Brasil devemos considerar a região e seu estilo para que a tradução seja efetiva.

3) Levando em consideração o que foi trabalhado durante o curso, você, professor de língua portuguesa e/ou estrangeira, vê como válida a aplicação do trabalho de tradução literária em sala de aula? Se sim, que vantagens você acredita que tal exercício traria?

Nesse momento com um conhecimento melhorado sobre ato tradutório eu digo que trabalhar isso com nossos alunos é essencial, foi isso que me motivou fazer o curso, pois é necessário mostrar ao aluno que sua simples e ignorante tradução literal não é efetiva para sobreviver na atual situação do mundo onde o idioma inglês sempre foi e será o imperativo da abertura para o conhecimento. Aos alunos que trabalho hoje, mesmo sendo aulas individuais e particulares, envolvidos em seus diferentes trabalhos e áreas profissionais diversas, colocarei que a tradução é importante ou não os proibirei de fazer uma tradução, mas os ensinarei como fazer, como entender seus contextos para seu próprio desenvolvimento.

Vejo que há falhas no ensino de graduação de nossas instituições, pois como sou formada em Letras não aprendi nada a respeito de tradução em meu curso o que acredito ser uma lástima, uma perda muito grande, respeito o curso de Letras-Tradutor, mas é necessário conscientizar os futuros professores de idiomas nas escolas o que fazer e saber despertar em seus alunos a sua busca e orientá-los, o que não ocorre hoje em dia e na verdade causam traumas que impossibilitam e bloqueiam a aprendizagem do idioma estrangeiro. Falo com toda certeza pois vivencio isso com meus alunos.

Agradeço por aceitar minha participação, mesmo que toda atrasada, pois encontrei nestes textos muita liberdade para aplicar no meu trabalho a tradução e certamente farei mais pesquisas para melhorar minha performance em sala de aula.

Obrigada Profa. Ms. Maria Claudia Bontempi Pizzi e Profa. Dra. Maria Silvia Cintra Martins.

ANEXO 6 – MOODLE_2014: ATIVIDADES ELABORADAS POR CURSISTAS

AULA 1 – AFC ETL 2014

Plano de Aula + Reflexão

- 1. Tema:** Dificuldades de Comunicação
- 2. Objetivos:** refletir sobre a comunicação humana nos dias atuais; revisar itens da língua espanhola relacionados a esse tema; exercício e reflexão sobre a tradução.
- 3. Conteúdo:** discussão sobre o tema da comunicação humana; revisão – saudações, adjetivos para caracterizar uma pessoa e expressões idiomáticas; exercício de tradução.
- 4. Duração:** 7 aulas de 50 min.
- 5. Recursos:** material fotocopiado, projetor multimídia e caixas de som (para exibir o vídeo), computadores com internet (youtube, dicionários online), lousa.
- 6. Metodologia:**

El Columpio



Director: Álvaro Fernández Armero
 Actores: Ariadna Gil, Coque Malla
 Productor: Nacho Cano
 Guión: Álvaro Fernández Armero
 Duración: 8 m.
 Fotografía: Antonio Cuevas
 Música: Coque Malla
 Premios: Goya 1993 - Mejor Cortometraje de Ficción

Duração: 8 min.

Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=ZoEOXu1_hy4 >

(Antes de ver o vídeo) **1-** Mira esta imagen y contesta oralmente:

- ¿Dónde están los personajes? ¿Qué hacen allí?
- ¿Cuál crees que es el tema de este corto?

(Durante a exibição do vídeo) **2-** Vamos a ver la película sin sonido (hasta el minuto 5) fijándonos en los gestos de los personajes, sus miradas, movimientos, ademanes...

- ¿En qué crees que están pensando?
- ¿Se dicen algo? ¿Por qué?

En internet podemos leer algunas opiniones de espectadores sobre este corto. Por ejemplo, estos son parte de los comentarios de un joven español. Leedlo y tratad de responder a las preguntas en parejas: ...los protagonistas... van a coger el metro solos, como casi siempre, cuando se cruzan sus miradas, un solo segundo, después apartan la vista rápidamente (lo normal) y empiezan a comerse la cabeza cada uno por su lado...

Yo no puedo saber lo que piensan las chicas en estas situaciones de flirteo, de tú me miras, yo sonrío y disimulo, pero sí que sé lo que pienso yo, y prácticamente todo lo que yo he podido llegar a pensar alguna vez está reflejado en las ideas que se cruzan por la cabeza de Coque, me impresionó muchísimo oír mis propios pensamientos de la boca de otro.

<http://www.dooyoo.es/peliculas/columpio-el/195429/>

- ¿Te has encontrado alguna vez en una situación semejante?
- ¿Qué piensas si ves a un/a chico/a que te gusta?
- ¿Te atreves a decírselo? ¿Por qué?
- ¿Crees que el metro es un buen lugar para ligar? ¿Qué otros lugares eso puede pasar a uno? (Aquí o profesor pode aproveitar para revisar vocabulário de meios de transporte e comparar os transportes das grandes e pequenas cidades).

3- Antes de ver la película con sonido vamos a revisar estas expresiones: (-él, +ella)

1. - Estoy **harto** + Estoy **hasta las narices**
2. - tías **bordes**
3. - tíos **babosos**
4. - tengo muy **mala leche**
5. + se estará **poniendo morada**
6. - ¿dónde **coño** se esconde?
7. + pensará que son **chorradas**
8. - me está **poniendo como una moto**
9. + es un **flechazo**
10. - Cómo somos los tíos, siempre **salidos**
11. - con este **empalme**
12. - ¡Qué **putada!**
13. - + Encima **quedo como una imbécil**
14. - Este cabrón no piensa **darse por aludido**
15. + Te quiero **llevar al huerto**
16. + ¡**Venga!**

En parejas, intentad encontrar la definición que corresponde a cada expresión:

- A. estúpideces, tonterías
- B. reconocer que se refiere a él
- C. amor repentino
- D. excitados sexualmente
- E. gozando de placer
- F. excitando
- G. lujuriosos
- H. excitación sexual (vulgar)
- I. interjección para dar ánimo o prisa
- J. muy cansado
- K. conseguir que accedas a mis deseos
- L. hago el ridículo
- M. faena, jugada (acción injusta y dañina)
- N. exclamación que indica enfado (vulgar)
- O. mal intencionadas
- P. mala intención, mal humor

4- Vemos hasta el minuto 5 (con audio). En parejas, contestad a las siguientes preguntas:

- ¿De qué se queja el chico? ¿Y la chica?
- ¿Qué piensa cada uno del otro?
- ¿Por qué no pueden comunicarse?
- ¿Quién dice “Si al menos me mirase”?
- ¿Por qué no se miran?
- ¿Para qué enciende ella el cigarrillo?
- ¿Qué piensan de sí mismos? ¿Por qué?
- ¿Qué quieren decir con “se acabó” y “se va a enterar”?

5- En un solo minuto los protagonistas se confiesan todo lo que sienten (poner hasta el minuto 6). Hemos recogido sus pensamientos pero la secretaria no ha podido transcribir todo. Intenta ayudarla completando los huecos que le han quedado mientras ves el video y compruébalo con tu compañero.

- + ¡Qué horror! ¡Qué horror! ¡Qué vergüenza!... Y ¡qué bien huele!
- + Es lo que me faltaba. _____ que me va a dar algo.
- ¡Qué pelo! ¡Qué culo! ¡Qué ojos! ¡Qué todo!
- + ¡Vete, vete, vete!
- Voy a hablar, voy a hablar, pero ¿qué digo?
- + Soy frígida, soy frígida. No siento nada, no siento nada.
- A ver..., ¿qué tal?, ¿cómo te llamas?, ¿hacia dónde vas?
- + Me llamo Maite y te quiero llevar al huerto.
- Desde que te vi _____ que eras la mujer de mi vida.
- + ¿Sabes que me gusta tu forma de andar?
- ¿Roncas por la noche?
- + Suelo leer en la cama y uso pijama de _____.
- Me gusta desayunar cereales con leche.
- + Siempre _____ ser bailarina aunque ahora soy secretaria.
- Odio a la gente que se pone chándal los domingos.
- + Todas mis bragas son _____. ¿Usas calzoncillos largos?
- ¿Conoces la teoría del chorreón?
- + Los _____ me dan alergia.
- ¿Cómo llamaremos a nuestro hijo?
- ¡Mierda! _____ que venir ahora.

Ahora respondemos a las preguntas:

- ¿Qué es lo que quieren decirse en realidad? ¿Por qué no lo hacen?
- ¿Cómo crees que va a terminar el corto? Discútelo con tu compañero.

6- Ahora vamos a ver el corto hasta el final.

- “¿Pero qué más quieres que te diga?” ¿Por qué no se enteran de lo que siente el otro?
- ¿Crees que al final logran comunicarse sus sentimientos? ¿Por qué?
- ¿Cómo se despiden? ¿Cuáles son sus últimas palabras?
- ¿Qué crees que pasaría si no se hubieran cruzado?
- Este cortometraje es de la década de 90 y reproduce una situación cotidiana a partir de aquel tiempo. Si esta situación estuviera contextualizada en la actualidad, ¿crees que la tecnología para comunicarse que tenemos hoy ayudaría a los protagonistas? ¿Cómo?

(Después de ver o vídeo) **7-** Los protagonistas:

De todos los adjetivos que aparecen en el corto elige los que mejor le vayan a cada personaje (los ponemos en femenino pero valen para los dos):

cínica, borde, babosa, alegre, guapa, cerda, solitaria, romántica, segura, atractiva, buena, con personalidad, imbécil, cabrona, gilipollas, estúpida, cobarde, autista, subnormal, reprimida, pajillera, vergonzosa.

Añade tú otros adjetivos de forma que quede mejor definido el carácter de cada uno: (puedes consultar el diccionario)

Él es:

Ella es:

8- Otro final:

- ¿Te ha gustado el final del corto?
- ¿Cómo lo terminarías tú?

9- La crítica:

Además de la que vimos al principio, en Internet podemos encontrar críticas de otros espectadores. Por ejemplo:

Es un corto que resume lo que un corto debería ser. Poco más de 8 minutos excelentes, con buenas ideas visuales en un escenario cerrado, aprovechándolo al máximo, y con dos personajes que se cruzan, se encuentran y se desencuentran, haciendo que la idea principal de la historia, ese encuentro, se transforme, como en toda buena historia, en un “algo más”, en una nueva vuelta de tuerca al tema de las, siempre difíciles, relaciones personales.

<http://web.mac.com/joerace/iWeb/Sitio%20web/Blog/D2D963C9-5CAD-422A-84F1-1DA305D75AD3.html>

Un encuentro casual de dos jóvenes en una estación de metro da lugar a una historia de amor. ¿Será ella la mujer de sus sueños? ¿Será él el hombre de su vida? ¿Tiene el tiempo freno y marcha atrás?

Recuerdo que hace mucho tiempo vi este corto en Canal + y me hizo muchísima gracia, un corto breve pero intenso, que habla de esos encuentros inesperados que hemos tenido todos alguna que otra vez y que parece que van a ser “la repanocha” y luego, como todo en la vida se quedan “en agua de borrajas”.

Interpretado de manera excepcional por Ariadna Gil y Coche Malla... Y ganador del Goya al mejor corto en el año 1992.

http://stipty76.blogspot.com/2004_09_01_archive.html

Ahora escribe tu opinión sobre este corto en youtube. Puedes además comentar la opinión de otros.

* Esse plano de aula foi elaborado a partir da adaptação do material “**El corto en la clase de E/LE: dos propuestas de explotación didáctica de cortos “Problemas de comunicación”**” de Luis Pérez Tobarra, disponível em: <http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2007_10/2007_redELE_10_06Perez.pdf?documentId=0901e72b80df307a>

10- La traducción

Ahora van a recibir el guión del corto (disponible em: <http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2007_10/2007_redELE_10_06Perez.pdf?documentId=0901e72b80df307a>, o sea, su transcripción para que hagan una primera traducción al portugués (en grupos). Después, con la ayuda de un ordenador y un programa específico, tienen que hacer el subtítulo del corto y ponerlo en el video. Hay que poner atención en el tiempo que la frase puede aparecer en la pantalla, el espacio que va a ocupar en la pantalla y en la sincronía del texto con el sonido del habla de los personajes.

Después habrá la exhibición de todos los cortos con sus respectivos subtítulos. Ahora vamos a comentar:

- ¿Cuál creen que fue la mejor traducción? ¿Por qué?
- ¿Cuáles fueron las mayores dificultades?
- ¿La traducción al pie de la letra realmente funciona?
- ¿Qué les ayudó más: la creatividad o el diccionario?
- ¿Les ha gustado la experiencia de la traducción?
- ¿El subtítulo puede llevar a la comprensión total de una película? ¿Por qué?

7. Resultados esperados: espera-se que os alunos consigam compreender um curta metragem e opinar sobre ele (oralmente e por escrito) sem a necessidade de traduções legendadas ou de qualquer tipo ao mesmo tempo que colocam em prática a língua estrangeira. Espera-se também que os alunos vejam a tradução desde uma perspectiva diferente: que ela não é responsável pela compreensão total do material em língua estrangeira, que ela necessita mais do que um dicionário, que não é possível uma tradução exata etc.

AULA 2 – CRS ETL 2014

Componente curricular: Língua Portuguesa

Turma / Período: 7º Ano

Vigência: outubro/2014 – duração de 20 aulas de 50 minutos cada.

Modalidade: Intergêneros

Tema: Uma conversa a dois – a entrevista

Objetivos / Expectativas: Argumentar a respeito de um ponto de vista oralmente ou por escrito; expor conhecimentos por meio da oralidade, observando os contextos de produção e considerando os níveis de maior ou menor grau de formalidade; observar, refletir, reconhecer e aplicar as marcas linguísticas que compõem o gênero textual em estudo; rescrever próprio texto transpondo-o de um gênero para outro respeitando as características de cada gênero.

Desenvolvimento da prática docente (conteúdos, estratégias, procedimentos, materiais)

Será trabalhado o gênero entrevista, tanto em sua forma escrita quanto oral. O objetivo é que o aluno reflita sobre a constituição deste gênero nessas manifestações. Os alunos entrevistarão funcionários e/ou colegas na escola como atividade diagnóstica e será marcada atividade na biblioteca para pesquisas em revistas sobre o tema e socialização tanto do produzido quanto das características do gênero. Os procedimentos metodológicos serão sempre trabalhados, identificando os conhecimentos já adquiridos pelos alunos nos anos anteriores de língua portuguesa e trabalhando o passo a passo do material, através de textos e conceituações junto aos alunos: verbos e tempos verbais.

Em roda de conversa, os alunos serão levados a se expressarem de maneira ordenada de forma a organizar os pensamentos, trabalhar a oralidade e aceitar a divergência de opiniões. É também um momento de se trabalhar argumentação, quando um aluno defende sua tese perante o outro com base fundamentada. Vídeos de entrevista serão exibidos para que os alunos se familiarizem com características semelhantes entre os gêneros oral e escrito.

Após leitura de textos variados, será apresentada aos alunos a atividade de rescrita dos textos. Com a entrevista escrita como diagnóstica e rescrita da mesma após socialização, os alunos deverão transformar esta entrevista em um poema. Para tanto serão trabalhadas as características de poema; os procedimentos metodológicos serão também novamente trabalhados (roda de conversa, identificação de conhecimentos prévios etc) e após a leitura de vários poemas em data show e vídeos de declamações, os alunos produzirão um poema tendo por base a entrevista realizada e os dados do entrevistado.

Estratégias Avaliativas / Resultados esperados

As avaliações serão diagnósticas, acumulativas e prevalecerão os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, em todas as atividades desenvolvidas. Os alunos serão avaliados através de auto avaliação com feedback individuais, em atividades que expressem a prática oral, pesquisas, pontualidade e cumprimento de deveres de casa e socialização em rodas de conversa. Tudo será previamente combinado com os alunos. Avaliar-se-á constantemente o desenvolvimento das habilidades e competências de ambas as partes (professor e aluno), através do registro das dificuldades e avanços, para facilitar as intervenções, quando necessárias. O resultado esperado é que o aluno consiga transpor de um gênero para outro os dados do entrevistado, respeitando as características de cada gênero (entrevista para poesia)

AULA 3 – FPGF ETL 2014

1. Tema
Análise Comparativa – Garota de Ipanema e The Girl from Ipanema.
2. Objetivos
Refletir sobre a crença da “intraduzibilidade de textos poéticos” com base no conceito de transcrição de Haroldo de Campos.
3. Conteúdo
 - Letra e áudio da música Garota de Ipanema (<http://www.kboing.com.br/tom-jobim/1-90019/>)
 - Letra e áudio da música The Girl from Ipanema (<http://www.kboing.com.br/searchmusic.php?q=The%20Girl%20from%20Ipanema%20&tb=musica>) ou (<https://www.youtube.com/watch?v=NldPFVKYmiw>)
 - Texto teórico: Gilberto Gil e Haroldo de Campos: In(Con)Fluências, Transcrição da Canção de Heloísa Pezza CINTRÃO (<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/490/684>).
 - Pesquisa contextual: pesquisar os autores da música em português (Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes), pesquisar o tradutor da música em inglês (Norman Gimbel) e o contexto de criação tanto da música original quanto da música traduzida
 - Análise comparativa: Com base na leitura de Cintrão e no conceito de transcrição de Campos, faça uma análise sobre a versão da música The Girl from Ipanema.
4. Duração
4 aulas semanais com duração de 50 min cada aula.
5. Recursos
Recurso audiovisual (notebook, canhão de projeção e caixa de som); Xerox da música original e traduzida.
6. Metodologia
Aula 1 – Discussão do texto teórico de Heloísa Pezza CINTRÃO que deverá ser lido previamente (em casa);
Aula 2 – Contextualização sobre os autores da letra original e do tradutor bem como do contexto de criação de ambas as letras;
Aula 3 - Apresentação dos vídeos (áudio e imagem) da música original e traduzida; discussão sobre o conteúdo da música original;
Aula 4 – Discussão sobre a análise comparativa entre original e tradução por meio do conceito de Campos sobre Transcrição.
7. Avaliação
A atividade foi aplicada na aula de Versão da Língua Inglesa III para o terceiro ano do curso de Tradutor Intérprete. Houve uma quebra de expectativa dos alunos quando foi proposto trabalhar com tradução literária, uma vez que a aula é de tradução técnica. A proposta foi bem aceita pelos alunos. A justificativa para a atividade foi a apresentação de um novo conceito de tradução – a Transcrição. A metodologia utilizada para a aula de tradução literária seguiu a mesma utilizada nas aulas de tradução técnica: leitura de texto teórico aplicado em uma prática de tradução. Os alunos trouxeram inúmeros conceitos sobre tradução literária de aulas anteriores (de outros professores) mas desconheciam o conceito de transcrição de Campos. Os comentários sobre a tradução da música foram bastante produtivos e alguns alunos se propuseram a analisar a letra em inglês por meio dos Procedimentos Técnicos de Tradução de Heloísa Barbosa. Eles comentaram desde a ausência de rimas até o maior número de palavras do texto traduzido em relação ao original. Também levantaram alguns procedimentos como literalidade (no título), acréscimo (palavra tall não existe no original), a interjeição a-a-ah! para substituir a melodia marrrr e passarr, o uso de um empréstimo (samba no texto traduzido). A conclusão geral dos alunos foi que a única possibilidade para a tradução de letras de música a serem cantadas é a “Tradução Criativa” ou “Transcrição”. Para concluirmos o

conceito, propus a tradução do poema em versos de Jean de La Fontaine baseado na fábula em prosa de Esopo, A Raposa e as Uvas, apresentada na atividade 12.

The Fox and the Grapes

La Fontaine

A fox, almost with hunger dying,
Some grapes on a trellis spying,
To all appearance ripe, clad in
Their tempting russet skin,
Most gladly would have eat them;
But since he could not get them,
So far above his reach the vine—
"They're sour," he said; "such grapes as these,
The dogs may eat them if they please!"
Did he not better than to whine?

AULA 4 – FJPB ETL 2014

Plano de atividade

Foco: interlingual; trânsito entre a língua inglesa e a língua portuguesa;

Tema da aula: diferentes tipos de ato tradutório (literário e tradutor-autor);

Objetivos: Que o aluno seja capaz de se expressar por meio da tradução e que saiba perceber os principais aspectos incluídos num processo tradutório. Além disso, visa-se que o aluno adquira novos vocabulários enquanto efetua o trabalho tradutório;

Conteúdo: Clothing vocabulary, fashion;

Duração: aproximadamente 120 minutos;

Recursos: Televisão ou projetor para apresentação de PPT e cópias da atividade para os alunos;

Metodologia: O tema da aula será relacionado à moda.

1. Primeiramente, como forma de aquecimento (warm up) o professor deve mostrar aos alunos via Power Point algumas peças de vestuário encontradas no texto a ser lido posteriormente; neste caso: jeans, t-shirt, dress, suit, tie, shorts, shirt, shoes. Neste momento há também a possibilidade de treino de vocabulário através de repetição e discussões rápidas do tipo: "What do you prefer, dress or jeans?", "Do you sometimes wear shorts?", "Do you prefer comfortable shoes or heels?". Seria interessante fazer uma boa escolha das figuras, para gerar interesse por parte dos alunos, ou seja, deve se escolher roupas e calçado que sejam capazes de chamar a atenção dos alunos, tanto meninas quanto meninas, para que: além da repetição e compreensão do vocabulário, estes tenham interesse em participar da atividade inicial. **(30 minutos)**

2. Em seguida o professor entrega aos alunos uma folha com as atividades programadas para aquela aula. Nesta folha haverá: figuras representando o vocabulário visto no início da aula, o

texto a ser traduzido e linhas em branco para que os alunos possam realizar a atividade proposta. **(10 minutos)**

3. Ao entregar a folha, o professor pedirá para que os alunos, em duplas ou trios, façam uma leitura inicial do texto, observando a presença no vocabulário apresentado, tirando possíveis dúvidas a respeito de novas palavras e etc. **(20 minutos)**

4. Em seguida será colocado em prática o exercício de tradução. Os alunos devem traduzir o texto mantendo o máximo possível a originalidade do texto. **(30 minutos)**

5. Na segunda parte do exercício de tradução deve-se fazer uma reescrita da tradução, ou seja, enquanto no primeiro no momento os alunos deveriam manter a originalidade daquilo que foi dito, no segundo eles podem adaptar a tradução à sua própria realidade, dessa maneira os alunos perceberão mais de uma possibilidade no ato de traduzir: tanto a tradução mais voltada a fatores literários quanto o papel do tradutor como autor serão colocados em prática. Como finalização cada aluno apresenta à turma o segundo texto. **(30 minutos)**

Resultados: Espera-se, portanto que os alunos se identifiquem com a temática proposta, vejam possibilidades diferentes de tradução e expressem opiniões próprias. Dessa maneira não há que se engessar em apenas uma base de trabalho e visa-se uma aproximação geral dos alunos com o tema e o trabalho efetuado.

AULA 5 – ICC ETL 2014

1. Tema (título da aula, de acordo com seu conteúdo);

Biography

2. Objetivos;

Conhecer o gênero textual biografia;

Desenvolver a habilidade de construção de autobiografia a partir do gênero biografia;

Ampliar vocabulário;

Identificar (fazendo uso de skimming) o tema geral do texto e estabelecer alguns aspectos de suas condições de produção (o gênero a que pertence, função sócio-comunicativa, finalidade, suporte, autor, data e local de publicação).

3. Conteúdo (conteúdo programático a ser trabalhado);

Leitura e interpretação.

4. Duração: 3 aulas

5. Recursos (materiais ou recursos tecnológicos necessários para aplicação da aula):

Folha xerografada com o texto;

Lápis, borracha e caderno.

6. Metodologia (descrição dos passos para aplicação da atividade):

6.1 Levar para sala o texto em inglês (Biography the Oscar Wilde);

6.2 Ler o texto com os alunos, fazendo a tradução para língua portuguesa;

6.3 utilizar o dicionário para palavras desconhecidas;

- 6.4 Resolver a atividade de sobre Oscar Wilde;
- 6.5 Depois eles deverão construir sua autobiografia em português;
- 6.6 Vivenciar a leitura dos textos produzidos pelos alunos.

7. Resultados esperados (para quem não conseguiu aplicar a atividade) ou Avaliação (para quem aplicou a atividade em sala de aula).

Ampliar o vocabulário;
Desenvolver a habilidade de traduzir e produzir biografia.
Reconhecer o gênero textual de biografia.

AULA 6 – LM ETL 2014

PLANO DE AULA

1- TEMA: COMEMORATIVE DATES

2- OBJETIVOS:

- 2.1- Levar o aluno a conhecer as datas comemorativas em Inglês;
- 2.2- Estabelecer uma relação de afinidades entre as datas em português e inglês;
- 2.3- Despertar no aluno o interesse pelas datas comemorativas nas duas línguas.

3- CONTEÚDO:

- 3.1- Explorar as datas comemorativas através de textos que enfoquem o assunto;
- 3.2- Vivência das datas comemorativas a partir da realidade do aluno;

4- DURAÇÃO:

O referido projeto envolverá aproximadamente 08 (oito) aulas.

5- RECURSOS:

- 5.1- Uso de cadernos, lápis, canetas, cartões, jornais, revistas, colas , tesouras, etc...

6- METODOLOGIA:

- 6.1- Textos introdutórios sobre o assunto;
- 6.2- Elaboração de calendários de datas comemorativa mensal ou anual;
- 6.3- Montagem de painéis com as respectivas datas comemorativas.

7- RESULTADOS ESPERADOS

Após o desenvolvimento das atividades espera-se que o aluno:

- 7.1- Estabeleça as diferenças e semelhanças entre as datas comemorativas dos países de línguas diferentes;
- 7.2- Elabore um calendário pessoal com datas comemorativas pessoais.

QUADRO DAS PRINCIPAIS DATS COMEMORATIVAS EM INGLÊS:

January: New Year; Happy new year; Ano Novo (01)

February: Carnaval – Valentine’s Day (14)

March: Easter (23) – Woman Internacional Day (08)

April: Dia do descobrimento do Brasil (22) – Dia Mundial da Saúde (07)

May: Mother’s Day (2º domingo)

June: Father’s Day (americano – 15)

July: Independence Day (04)

August: Father's Day (brasileiro – 2º domingo)

September: Independência do Brasil (07) – Dia Internacional para a preservação da camada de ozônio (16)

October: Dia do professor (15) – Dia mundial da alimentação (16)

November: Thanksgiving; Ação de graças (4ª segunda-feira) – Proclamação da República (15)

December: Christmas Day; Natal (25)

AULA 7 – MBM ETL 2014

1. *Tema*

Conto de fadas e suas adaptações

2. *Objetivos;*

Trabalhar a comparação entre o conto de fadas em português e em inglês; traduzir um conto de fadas, produzindo uma paródia do mesmo.

3. *Conteúdo (conteúdo programático a ser trabalhado);*

Simple past, vocabulário de conto de fadas.

4. *Duração;*

6 aulas

5. *Recursos (materiais ou recursos tecnológicos necessários para aplicação da aula);*

Computadores com internet, contos de fadas, papel, lápis, borracha, dicionário, tradutor.

6. *Metodologia (descrição dos passos para aplicação da atividade);*

1º Passo – Após a explicação das atividades para os alunos, iremos a sala de informática para pesquisar os contos de fadas em inglês. Cada um poderá escolher o conto de preferência.

2º Passo – Localizaremos no texto os personagens e ações principais.

3º Passo – Com a ajuda do dicionário e do tradutor, traduziremos o texto para o português.

4º Passo – Baseado na tradução feita pelos próprios alunos, devem produzir uma paródia da história e apresenta-la em forma de painel para a turma.

7. *Resultados esperados*

Espera-se que os alunos realizem em um primeiro momento uma tradução literal, prestando atenção ao uso dos tempos verbais em português e em inglês. Em seguida, ao produzir sua própria versão, insiram marcas de linguagem características do português.

AULA 8 – MR ETL 2014

PLANO DE ATIVIDADE

1. Título da aula

A Intertextualidade em vários gêneros textuais
 Gêneros discursivos e textuais: narrativo, argumentativo e descritivo.

2. Objetivos

Identificar a interpenetração entre os gêneros textuais;
 evidenciar a função comunicativa de um gênero em outro;
 reconhecer as distinções de estrutura dos gêneros relacionada ao conteúdo;
 reconhecer a mescla de gêneros (hibridismo) como múltiplas possibilidades de compreensão e produção textual;
 produzir textos de um gênero a partir de outro.
 Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno
 Habilidades básicas de leitura e escrita.
 Conhecimento básico sobre gêneros textuais.

3. Conteúdo (conteúdo programático a ser trabalhado);

Para iniciar a aula é necessário que os alunos já tenham uma noção do que é um gênero textual, as funções comunicativas que cada um pode desempenhar, e conheçam exemplos variados desses gêneros.

Para facilitar a lembrança, abaixo está transcrita uma pequena definição do que é gênero, com alguns exemplos.

GÊNEROS TEXTUAIS

1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc. (MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade)

4. Duração

4 aulas de 50 minutos

5. Recursos utilizados:

Internet, Moviemaker, PowerPoint, DVD, Retro-projetor, câmera digital, aparelho de som, fotocopiadora e mídia impressa.

6. Metodologia (descrição dos passos para aplicação da atividade);

Pesquisa do seguinte poema de Manuel Bandeira:

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava

[no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se jogou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado

(BANDEIRA, Manuel. Libertinagem, 1930)

<http://www.revista.agulha.nom.br/manuelbandeira04.html#poema>

(1) após a busca do poema, ler com os educandos;

(2) definição para os gêneros poema e notícia e peça que todos leiam oralmente:

Poema: composição poética em versos, de tamanho muito variado.

Notícia: relato ou narrativa de fatos, acontecimentos, informações, recentes ou atuais, do cotidiano, ocorridos na cidade, no campo, no país, no mundo, os quais têm grande importância para a

comunidade e o público leitor, ouvinte ou espectador. Esses fatos são, pois, veiculados em jornal, revista, rádio, televisão, internet... (...) deve informar quem fez o que, a quem, quando, onde, por que e para que (...)

(COSTA, Sérgio Roberto. Dicionário de gêneros textuais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008)

Como visto nas definições os educandos poderão concluir, mesmo que de modo bem simplificado, que a notícia tem como função informar sobre o acontecimento de um fato verídico, seus atores, o local, a data, o motivo etc. Já o poema não tem compromisso com a realidade (chamar a atenção dos alunos para as distinções entre a linguagem literária e a não-literária), e carrega em si uma função estética (forma, sons, significados) que faz com que seja apreciado como arte.

Por esse motivo, sabemos que o texto de Manuel Bandeira, apesar de trazer os elementos básicos informados em uma notícia, é fictício, isto é, construído como pano de fundo para os objetivos estéticos da composição do gênero poético. Tanto é assim, que o título já indica essa intertextualidade intergêneros: "Poema tirado de uma notícia de jornal": é um poema, mas com uma narrativa semelhante à notícia e apresenta a característica estrutural mais marcante do poema, segundo a definição acima, o verso; além de possuir uma linguagem não-objetiva, mas subjetiva, que sugere múltiplas interpretações.

Para que os educandos percebam essas distinções das funções e estruturas dos gêneros:

(3) peça para que escrevam uma notícia baseada nas informações colhidas no poema. É importante que devam especificar alguns dados que estão indefinidos no texto de Bandeira como data, título da notícia, motivo para a morte do homem etc.

O resultado da atividade deverá ser semelhante ao do exemplo abaixo produzido por um aluno de Ensino Fundamental. Lembrar que a ordem das informações e o estilo da redação podem variar, mas os dados básicos não devem ser suprimidos

Notícias frescas - 15/09/2001

Feirante suicida-se na Lagoa

João Marcos Martins de Almeida Campos, mais conhecido como João Gostoso, carregador de feira-livre, morreu afogado, ontem, depois de atirar-se na Lagoa Rodrigo de Freitas. O homem de 45 anos morava no morro da Babilônia num barracão sem número. Testemunhas disseram que após divertir-se no bar Vinte de Novembro, onde bebeu, cantou e dançou, João Gostoso disse que iria se matar. Os mais íntimos relatam que o motivo teria sido uma traição amorosa.

7. Avaliação

A avaliação deve basear-se na compreensão do aluno sobre a hibridização dos gêneros, avaliada oralmente na troca de idéias e nas produções escritas sugeridas durante as aulas.

AULA 9 – SABLS ETL 2014

- Tradução intralingual (para quem está só com turmas de português);

1. Tema: A formalidade e a informalidade dos textos.

2. Objetivos; Construir no aluno o uso estético da linguagem, fazer entender que é pela linguagem que é possível reconhecer o mundo cultural. Ler e interpretar variados gêneros, Expressar-se criativamente aceitando e respeitando as diferenças das falas.

3. Conteúdo: Movimento modernista, constatando a ideia vivida por seus autores que era contestar as formas tradicionais de artes, rompendo com a estética e ampliando os horizontes. Textos : Canção do Exílio, Canção do Exílio do Murilo Mendes, Canção do Exílio Facilitada, Um beijo de Olavo Bilac,

4. **Duração**; 2h/a

5. **Recursos** : xerox dos textos e folhas de caderno.

6. **Metodologia**:

1º passo: Os alunos já tinha estudado o período modernista, visto um vídeo, e praticado com atividades do livro didático. Ler a Xerox onde havia um parágrafo que explicava o que é tradução intralingual, e ler os exemplos nos texto que havia sido traduzido pelo modernista com relação ao texto de Gonçalves Dias: Canção do Exílio.

2º passo: Ler os textos de Olavo Bilac: Um Beijo, e o funk de Tati Quebra Barraco: Me beija na Boca. (aproveitando a onda do Beijinho no Ombro)

3º passo: Traduzir os textos lidos para uma linguagem modernista, apesar do texto da Tati ser bastante atual sofre discriminação pelo vocabulário empregado, então é necessário mudar o estilo, podendo até ser um estilo formal.

7. Avaliação :

A atividade for bem aceita pelos alunos, eles foram bastante criativos, todos entenderam a proposta e traduziram às obras, alguns mudaram só a linguagem do Olavo Bilac e mantiveram a formação dos versos, outros transformaram em versos livres mantendo a temática. Sobre o texto da Tati todos concordaram (entre eles), que a linguagem não era apropriada e que deveria ser mudada.

AULA 10 – TB ETL 2014

PLANO DE AULA

1. TEMA

Solicitar ao aluno um texto sobre a Compreensao do quadrinho da Turma da Mônica, não exigir uma tradução, deixar os alunos optarem pela melhor forma que lhes convém.

2. OBJETIVOS:

- Compreensão do texto em inglês;
- Mostrar as dificuldades em traduzir a real mensagem do autor;
- Trabalhar a criatividade;
- Trabalhar a atenção, confiança e quebrar o preconceito com o inglês;

3. CONTEÚDOS

- Habilidade de criação
- Expressões
- Som
- Vocabulário

4. DURAÇÃO

A duração da aula será de 50 minutos.

5. RECURSOS

Lousa, cópias da pagina da revistinha, dicionários.

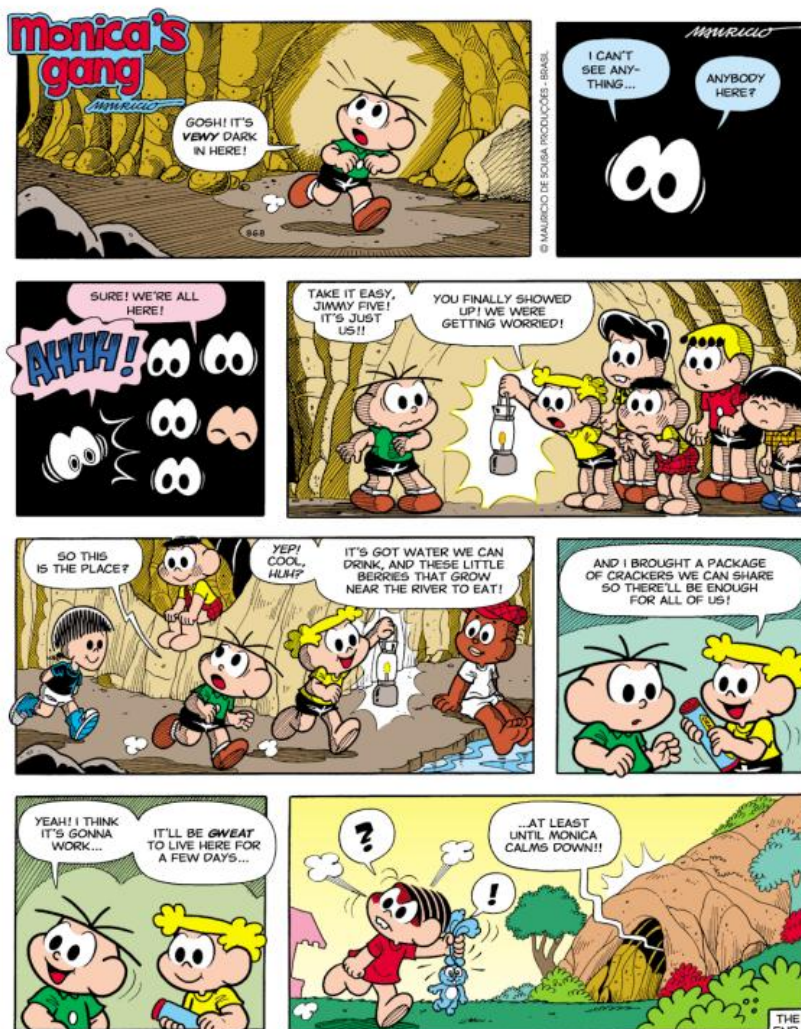
6. METODOLOGIA

Expor aos alunos que e necessário que escrevam a compreensão dos quadrinhos, podendo fazer através de um texto ou uma tradução.

7. AVALIAÇÃO

Observar como cada um entregou sua tradução, que método utilizou, e se notaram detalhes ente eles.

AULA APLICADA A UMA PARTICULAR DE INGLES



TRADUÇÃO DA ALUNA VS
Realizada em 13/09/2014

De: VS

Enviada: segunda-feira, 15 de setembro de 2014 22:41:27

Para: TB

1 anexo (476,5 KB)

Turma da Monica teacher.docx Exibir online

Hello teacher,
Fiz a atividade!
Espero que goste
Bjs!

Turma da Mônica:

Cebolinha entra apressadamente numa caverna, reclamando:

—Nossa! Está muito escuro aqui!

—Eu não consigo enxergar nada!

— Há alguém aí?

Outras crianças aparecem, gritando juntos:

—haaaaa! Claro que estamos aqui!

E Xaveco com uma lanterna na mão continua:

— Fique calmo Cebolinha, você finalmente nos encontrou, estávamos ficando preocupados.

E Cebolinha completa...

—Então é este o lugar?

Xaveco responde:

— É sim, tem água para beber e é onde os ursos comem...

—E eu trouxe um pacote de bolachas, acho que é suficiente para todos nós.

Cebolinha pensativo declara:

—Sim! Acho que vai funcionar... dá pra gente se manter aqui por alguns dias...

Enquanto isso, lá fora, Mônica como sempre, furiosa e com seu coelho na mão, olha para todos os lados à procura dos amigos.

E Cebolinha finaliza...

— OU PELO MENOS ATÉ A MONICA SE ACALMAR

KKKKKKKKK

COMENTÁRIOS DE TB

A aluna sem conhecimento algum da área de tradução como nós que estamos estudando agora, trabalhou com a tradução criativa. Ela reproduziu o diálogo de acordo com a estrutura da língua portuguesa, inseriu palavras para que pudesse ser possível e na tradução coloca características que vivenciamos no dia-a-dia como o exemplos dos ursos dentro de cavernas; comentar sobre a Mônica, uma personagem que passa a maior parte de sua atuação nas histórias furiosa, somente leitores conhecedores deste quadrinho conseguem demonstrar essa verdade, essas são características que ela utilizou numa transcrição, de seu conhecimento junto ao texto original para o leitor da língua portuguesa.

Vejo que ela apenas não se preocupou em trazer de volta ao português a característica da troca silábica que o Cebolinha faz entre as consoantes L por R, explicita até mesmo em inglês, onde o autor o faz com W por R.